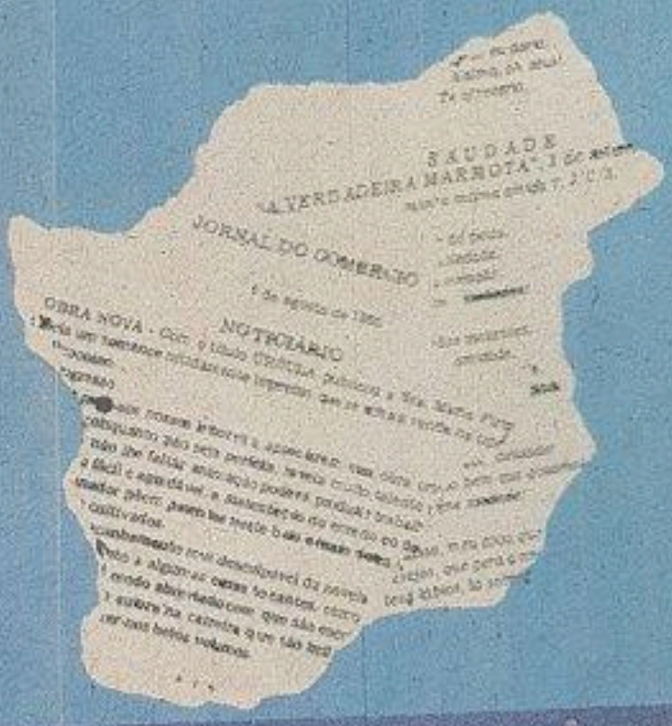
Apreciações críticas à

Apresentação

NASCIMENTO
MORAIS
FILHO



MARIA FIRMINA

FRAGMENTOS DE UMA VIDA

Apreciações críticas no

à

s

Apresentação

MARIA FIRMINA DOS REIS

COM O APOIO DO

5

GOVERNADOR

Nunes Freire

Haley Freire, esposa do Sr. Oswaldo Nunes Freire, governador do Estado, cortando o bolo de Maria Firmina dos Reis, colocado na Praça do Panteon em 11 de 11 de 1975

Ministro das Comunicações

Quandt de Oliveira

Poder Legislativo do Estado

do Maranhão

Câmara Municipal de São Luís

Prefeitura de São Luís

Instituto Histórico e Geográfico

do Maranhão

... E ela que, durante a Vida, foi história e fêz história, sòmente agora entra para a História!...

NASCIMENTO MORAIS FILHO

A Comemoração do Sesquicentenário do Nascimento de MARIA FIRMINA DOS REIS - a mais expressiva figura feminina maranhense - é um tributo que honra o Povo do Maranhão.

- A Glorificação da Mulher Maranhense na Memória daquela que, no Passado, era apontada como modelo que as suas comprovincianas deveriam imitar, e, que no Presente, evocamos como paradigma que devem suas conterrâneas tomar, não só no cultivo da Inteligência, mas também na prática do Feminismo que Maria Firmina encarnou: - não o Falso Feminismo - o destrutivo - que quer criar a Mulher inimiga do Homem, mas o Verdadeiro Feminismo - o construtivo - que reivindica para a Mulher - Meeira Natural do Homem - as responsabilidades da Vida e na Vida - na construção de uma Nova Sociedade - de uma Nova Humanidade.

Assim, vemo-la despretensiosa, mas convicta, editando livro: O PRIMEIRO LIVRO PUBLICADO POR UMA MULHER MARANHENSE, e ainda um ROMANCE - gênero literário mal visto - (leitura perniciosa - por mais inocente) - por uma sociedade que impunha à mulher aquela sufocante educação portuguesa que Francisco Manuel de Melo, notável clássico seiscentista, prescrevia em "Carta de Guia de Casados", sentencioso: "O melhor livro é a almofada e o bastidor"!... E mais... um romance onde humanava ao negro numa sociedade de senhores e de escravos!

Os criptónimos - "Por uma Maranhense" - da literatura novel (1859) com romance e - "M.F.R." - com uma poesia (1860) com os quais assina, porém, logo desaparecem para dar lugar, definitivamente, ao nome - MARIA FIRMINA DOS REIS - são, a nosso ver, mais proteção que modéstia, embora fosse praxe no século passado e comum ainda nas duas primeiras décadas deste.

Sua entrada oficial na Literatura foi recepcionada pela Imprensa Maranhense, porta-voz dos luminares da intelectualidade de nossa terra com palavras de entusiasmo e estímulo à estreante, que, rompendo a cadeia dos preconceitos sociais que segregava a mulher da vida intelectual, vinha contribuir com suas forças, seus sonhos e ideais para a criação da Literatura Maranhense, para a presença maranhense na formação da Literatura Brasileira - ainda em nossos dias o embrião de uma vida em laboriosa gestação.

Duas individualidades femininas deram outras dimensões à Mulher Maranhense: D. ANA JANSEN E MARIA FIRMINA DOS REIS.

Com elas a Mulher Maranhense deixa de ser apenas a "Senhora Prendada" dos salões, que a Escola educou, não para a Vida, e sim para o Casamento, ou mais certo, para Governanta, de cujo enxoval, no entanto, a Instrução não era peça obrigatória, mesmo nas famílias mais grã-finas.

Com D. Ana (Donana) Jansen e Maria Firmina dos Reis a Mulher Maranhense toma consciência de si - do que pode e do que é capaz - além do trinómio doméstico: ESPOSA - MÃE - MESTRA.

Donana Jansen deu-lhe Personalidade Política, Maria Firmina dos Reis deu-lhe Personalidade Literária.

Dilas grandes líderes: Donana Jansen, senhora de um Império Económico que tinha São Luís por capital; Maria Firmina dos Reis, senhora de um Reino Encantado que tinha por sede Guimarães.

Ambas sobrevivem... A primeira, em forma de visão, metamorfoseada pelos seus inimigos em estórias de assombração, corre mundo... A segunda, esquecida do mundo, fixou-se na figura humana, que as lembranças carinhosas de sua família vimaranense conservaram para a História!...

Contudo, ambas as duas deram nova Personalidade Pública à Mulher Maranhense.

A forte e excepcional individualidade de Maria Firmina dos Reis não deixaria que soldasse seu nome apenas à denominação honorífica de PRIMEIRA PERSONALIDADE LITERÁRIA FEMININA DO MARANHÃO.

Se, em 1847, na mocidade, é a ÚNICA APROVADA num concurso estadual para uma Cadeira de Instrução Primária, na Vila de Guimarães, na velhice, em 1880, conquistaria o PRIMEIRO LUGAR na História da Educação Brasileira, na Província do Maranhão, tornando a "Mestra Régia", como a chamavam, e a chamam os vimaranenses, quando a ela se referem, uma Personalidade Educacional.

Aos 55 (cincoenta e cinco) anos de idade funda uma escola em Guimarães. Uma escola de primeiras letras que apenas trazia, mais do que muitas a reputação consagrada do seu nome?

Não.

- Não era somente uma escola a mais... Era mais!...

- ERA UMA AULA MISTA! E AINDA GRATUITA!

- UMA REVOLUÇÃO SOCIAL PELA EDUCAÇÃO E UMA REVOLUÇÃO EDUCACIONAL PELO ENSINO O SEU PIONEIRISMO SUBVERSIVO DE 1880!

E também a MÃO, que, providencial, surgia para proteger os desamparados e levantar os caídos!...

Assim, antecipando-se aos homens, privou-os da palma desta conquista por sua audaciosa iniciativa de Precipitar o Futuro!...

Emolduremos agora essa extraordinária figura humana com um episódio de sua mocidade, quando contava vinte e dois anos de idade

Querendo seus familiares que fosse de palanquim receber o seu título de nomeação, recusou-se irrevogável, verberando:

"NEGRO NÃO É ANIMAL PARA SE ANDAR MONTADO NELE!"

E foi a pé!

Se Maria Firmina dos Reis é de São Luís - pelo berço - é de Guimarães pela vivência, tradição e sepultura. Faleceu aos 92 anos de idade - pobre e cega! Ela que, durante a vida, enriqueceu tanta gente e deu luz a tanto cego!...

MARIA FIRMINA DOS REIS...

Descobrimo-la, casualmente, em 1973, ao procurar nos bolorentos jornais do século XIX, na Biblioteca "Benedito Leite", textos natalinos de autores maranhenses para nossa obra "Esperando a Missa do Galo"

Embora participasse ativamente da vida intelectual maranhense publicando livros ou colaborando quer em jornais e revistas literárias quer em antologia - "Parnaso Maranhense" - cujos nomes foram relacionados, em nota, sem exceção, por Sílvio Romero, na sua "História da Literatura Brasileira", registrada no "cartório intelectual" de Sacramento Blake - o "Dicionário Bibliográfico Brasileiro" - com surpreendentes informações, quase todas ratificadas por nossa pesquisa, Maria Firmina dos Reis, lida e aplaudida no seu tempo, foi como que por amnésia coletiva totalmente esquecida: o nome e a obra!...

Este caso não é o primeiro nem será o último... Alguns, não sabemos se mais felizes, são conhecidos, apenas, de nome!... De outros são conhecidos, embora aqui, sem prejuízo para a cultura, sòmente, a obra!...

- Que é que há?

Responde o grande mestre Afrânio Coutinho na sua notabilíssima "A Literatura no Brasil", nesses três itens, radiografando o mistério.

Ausência de Tradição... Vive a literatura brasileira num dilema: uma tradição anti-tradicional que luta por formar-se, abrir caminho e consolidar-se, e outra reacionária, que defende um passado morto, sem significação para nós. Mas, devido àquela negação de continuidade, há uma periódica desintegração das tentativas de criação de tradições, que não resistem e degeneram em movimentos frustrados. Em vez daquele equilíbrio pendular da lei da permanência e da mudança, o que se verifica entre nós é a antropofagia das gerações: cada nova geração, marcada pelo cepticismo e pelo iconoclastismo, em vez de procurar formar-se, só tem uma diretriz, a destruição da que a antecedeu conforme o mito da sobera-

nia da geração presente, a que corresponde a uma êxtase da realização artística e da acuidade crítica, sòmente possíveis num clima de continuidade.

Alienação do Escritor. Divorciado de uma tradição, o homem de letras sente-se separado dos predecessores, que ignora, da sociedade, que desconhece, ou dos seus pares, a quê não presta atenção. É um desterrado em sua própria terra. É marca indelével de nossa vida intelectual, a completa desatenção do escritor ao trabalho dos outros escritores, passados ou contemporâneos. Resultam o isolamento e o marginalismo em vida, e o esquecimento rápido com a morte, como se se construísse sobre a areia. E resulta a impressão de que as obras são feitas de espuma, desaparecendo com o tempo.

Divórcio com o Povo. O que há de dramático nesse isolamento é que ele encerra um equívoco. Apesar desse desprezo entre os escritores, a literatura é produzida na intenção deles. É literatura requintada, feita por uma classe para o divertimento dessa mesma classe, levando-se em conta o enorme abismo que separa elite e povo no Brasil, elite cultivada e dona da vida, povo distante, analfabeto e deserdado. Esse povo jamais foi atingido pela literatura, destinada a um público reduzido, de classe. E arremata assim este item: "O divórcio com o público resultou em uma literatura a que falta o público."

A esta profunda análise, já por si suficiente, acrescentamos essa revelação, válida, pelo menos para a nossa terra, que fará estarrecer a todos, e, ao mesmo tempo, um depoimento para o Presente e para a Posteridade.

As edições dos livros dos literatos maranhenses, que vivem em São Luís, - raros não são de poesia - em regra geral são de trezentos exemplares, poucos atingem quinhentos, raros alcançam mil e, além desta excepcional tiragem - poesia ou prosa - é loteria...

Se em nossos dias é assim, imaginemos, sem esforço, no século passado, quando as edições eram feitas para atender a um quase inexistente mercado consumidor! "Aborto de sorte", portanto, encontrar dos nossos "distantes e velhos confrades" o exemplar de um livro, explicando-se, assim as lacunas impreenchíveis na documentação para o estudo histórico de nossa literatura. Essa lição do passado é uma realidade sinistra, que como a espada de Dâmocles, pesa sobre a cabeça de cada um, ameaçando-nos de que seremos, como aqueles "velhos confrades", tão cheios de si como nós outros, "ilustres desconhecidos para as gerações futuras; como eles o são para nós, se não começarmos a reunir através de já laboriosa pesquisa o documentário que são nossas "geniais" produções intelectuais.

Os nossos Mortos continuam vivos, quando lhe cultuamos a Memória.

Mas, se a difusão desta pesquisa, agora, revestida de solenidade cívica, é uma homenagem à Mulher Maranhense, na Memória de Maria Firmina dos Reis, desta esquecida, ou, talvez mais certo, ignorada conterrânea, neste Ano Internacional da Mulher, é também o toque de rebate para o estudo, de profundidade, através dos textos, da literatura maranhense.

Este volume, que enfeixa os fragmentos das criações - publicadas e inéditas - de nossa primeira literata, é uma SEPARATA do INVENTÁRIO DA LITERATURA MARANHENSE - 1822 a 1922 - através da Imprensa - obras de arqueologia literária - cujo 1º volume - ROMANCISTAS MARANHESES - daremos à luz, ainda no ano próximo, se houver o integral apoio do Governo do Estado, juntamente com o 1º volume do CANCIONEIRO GERAL DO MARANHÃO (folquelore: 2.800 trovas líricas - sem nome dos trovadores - colhidas na imprensa no mesmo período) que já deveria ter sido publicado ano passado.

Obra de equipe que estamos realizando só, esta iniciativa que tomamos (e que deveria também ser empreendida, se ainda não, em cada Estado) sem a qual jamais teremos uma nítida visão histórica da literatura maranhense - uma visão em três dimensões: profundidade - altura - extensão.

Falar-se, portanto, agora, em revisão, é um contra-senso!... É revisão sem visão... pois claro é que só se revê o que se viu... ou falar-se em evolução sem o conhecimento do movimento progressivo...

- Ninguém conhece a literatura maranhense, nem "por ouvir dizer"! Só depois do levantamento sistemático do documentário, que revelará criações de nomes esquecidos ou ignorados ou anônimos, que teremos a primeira história da literatura maranhense, a sua primeira visão de conjunto, e o material para a primeira tentativa de estudar-lhe a evolução.

Esta obra é de pesquisa.

A pesquisa é a pedra fundamental do conhecimento.

Em pesquisa vale tudo - até o negativo, ou noutras palavras: tudo é positivo. Por isto toda pesquisa é válida.

Não falamos de "curiosidades", mas de trabalho sistemático, criativo, inspirador: obra fonte.

Sem pesquisa a História é Estória, mas sem Interpretação Crítica, o documento não tem vida, o Passado é morto. Assim, História não é só documento e História não é só interpretação. História é documento e interpretação: um completando o outro. Mas pesquisar sem difundir...

De que serve para a cultura a divulgação do nome do autor sem a difusão de sua obra? Que adianta também ler-se sobre uma obra da qual não se conhece mais do que fragmentos, quando muito, que ilustram teses de exegetas e análise de críticos?

De Sousândrade, por exemplo, tão exaltado em nossos dias, e que começa a ser estudado em terras brasileiras e estrangeiras, quem lhe conhece a obra?

Privilégio de meia dúzia de iniciados, se tanto, está muito falado, e muito e muito mais desconhecido: Guardado sob sete chaves, transformou-se em peça de raridade bibliográfica!...

O essencial, portanto, é a obra, que é uma individualidade humana - com seus defeitos e virtudes - vivendo ao livre com o povo - de qualquer forma e em qualquer meio - enquanto hálito tiver.

Ninguém "mortaliza" ou imortaliza uma obra.

Cada um de nós é um crítico ao seu modo - com erudição ou sem - e a crítica, que é relativa no tempo e no espaço, é apenas uma análise que pode ser útil e é inútil, sem o conhecimento da obra analisada.

Por mais clarividente, ninguém jamais poderá ver tudo; por mais sábio, jamais estará certo em tudo; por mais sensível, jamais sentirá tudo, e por todos!

Decepcionamos-nos, não raras vezes, com nós mesmos quando travamos conhecimento com uma obra sobre a qual opináramos - a favor ou contra - porque nos louváramos na crítica de outrem, por abalizado, ou nos inspirar simpatia ou confiança, esquecidos de que ele também tem o seu modo de ver e sentir!...

crítico literário gosto de sentir.

Quando, conscientemente, elogiamos uma obra, o que, inconscientemente, estamos exaltando, é o nosso gosto - o nosso modo de ver e sentir - projetado na obra por nós aclamada e da qual psicologicamente, somos, por conseguinte, co-autores. Por este motivo é comum travarem-se verdadeiras "guerras santas" entre devotos do mesmo santo... porque, o "milagre" que para esse é o "melhor" ou "maior", para aquele é o "menor" ou o "pior"!...

Mas a pesquisa não só conscientiza, também recupera emoções perdidas... O povo é o indivíduo coletivo... E recordar é viver... Que sensações de outros tempos... de emoções idas e vividas.. ao manusearmos as folhas de jornais de ontem!...

A obra de arte não é material de estudo anatômico: é vida.

Domício Proença Filho

A literatura, di-lo Domício Proença Filho no valioso "Estilos de Épocas na Literatura" pode se caracterizar como sendo esta identidade a tempo e anespacial entre o homem de uma época e o homem de todas as épocas. E neste sentido cada leitor é um recriador de emoções, e através da literatura restauramos emocionalmente todo o passado".

Ezra Pound

No seu "abc de literatura", o mestre Ezra Pound ensina: "A literatura não existe no vácuo. Os escritores, como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência COMO ESCRITORES.

Apreciações críticos no

Kenneth Burke

Essa é a sua principal utilidade. Todas as demais são relativas e temporárias e só podem ser avaliadas de acordo com o ponto de vista particular de cada um".

Assim, por exemplo, sobre a "exortação ao artista de que "se ocupe da vida". A respeito de tão controvertido tema escreve Kenneth Burke, um dos notáveis teóricos do "new criticism" norte-americano, movimento de renovação dos estudos literários, e de suas figuras eminentes, é perturbadora, particularmente porque é difícil entender como ele poderia ocupar-se de outra coisa. Quando aplicada a romances, tal palavra de ordem parece significar que o artista deve dar-nos personagens que pareçam "reais", deve mostrá-las a fazer coisas que pareçam "naturais", e deve narrar sua história num estilo simples, fluente, que não estorve o leitor e lhe permita acompanhá-lo sem se dar conta dele. Contudo, por mais vigorosamente que os críticos insistam em que essas devem ser as características do romance, não são elas as características da poesia lírica, não sendo, portanto, sempre essenciais ao processo de "ocupar-se da vida". O fato é que a boa parte da melhor literatura do mundo faltam as personagens "ao vivo", as ações naturais e a maneira "coloquial" que a pessoa pode encontrar, ou pensa que pode encontrar, mesmo nas obras de ficção inferiores do século XIX. Até esse ponto, todavia, podemos parecer estar justificados de interpretar a exortação a "ocupar-se da vida" como uma exortação a preservar certas convenções da prosa de ficção do século XIX."

"Outros críticos querem dar a entender, pela frase "ocupar-se", que o artista deve tratar dos "problemas" do seu tempo. Temos, assim, um crítico proletário que nunca feche os olhos às disputas trabalhistas, às condições das favelas, aos desmandos políticos, etc"

"Outrossim, com a exortação à literatura para que "se ocupe da vida", queremos amiúde dizer que a literatura deve ser popular. Porque é óbvio que, se um livro absorve um leitor, ele "se ocupou da vida", no que respeita a tal leitor, embora todo o restante da Humanidade possa achá-lo trivial e pouco convincente. Por conseguinte, se, sabendo que um livro absorveu, no presente ou no passado, alguns leitores, insistirmos em que ele não se ocupa da vida, devemos então querer dizer que ele deveria absorver mais leitores."

E, depois de discorrer brilhante e magistralmente, conclui o verbete "Arte e Vida": "pode-se dizer com propriedade, que o mais "irreal" livro do mundo "se ocupa da vida" se consegue absorver um leitor (isto é, se se trata de um "poema circunstancial" para uma espécie específica de situação que aconteça caracterizar a própria vida ou estágio de vida do leitor). devemos contudo passar por cima do fato, diz mais adiante, que, por "artificial" que semelhante estilo possa ser, o sentimento que lhe está subjacente, o amor da cerimônia que simboliza, é "natural" e "es-

esta estudo

quanto qualquer outra emoção. "(Teoria da Forma Literária editora Cultrix, 1969)

Maria Firmina dos Reis cumpriu como pôde, dentro de suas limitações naturais e das impostas pelo meio, a sua "função social" - mas o bastante para marcar sua presença e se tornar uma figura de importância na VIDA MARANHENSE - como escritora e como mestra.

A esquematização da sua posição histórica na literatura (faz até lembrar concurso de títulos...) que, apenas no âmbito nacional admitimos possível correção, provado por algum elemento novo ou não ao alcance de nossa pesquisa, evidencia a sua participação na vida literária nacional.

Embora em termo de literatura regional (englobando nesta denominação os estados nortistas e nordestinos, pelo seu intenso intercâmbio com a nossa terra) Maria Firmina dos Reis cumpriu sua função social não só divulgando suas criações, mas também contribuindo para as letras brasileiras, ora sugerindo novos temas aos grandes, ora abordando com originalidade assunto explorado.

E a crítica, que chega a ser até para muitos, tal a ênfase que lhe dão, mais importante do que a própria obra criticada adverte José Veríssimo, "não tem o direito de prescrever ao artista, nem os assuntos, nem como o deve tratar. Como a inspiração, a composição há de ser livre. À crítica só assiste o direito de examinar se, escolhido este ou aquele assunto e tal ou tal forma de tratar, o escritor o realizou segundo um critério de beleza, que, podendo sofrer variações infinitas, se conserva no fundo sempre o mesmo."

Sobre o lugar da crítica

Se nos perguntarem a nós quais os momentos mais emocionantes de nossa viagem pelo "desconhecido firminiano," não saberemos, pois cada emoção faz esquecer a emoção anterior... Todos, no entanto, foram lances sensacionais!... E sê-lo-ão ainda, se, por acaso, for encontrada. aqui ou em qualquer lugar, alguma produção de nossa conterrânea.

Mas o não haver encontrado o seu livro de poesias, embora, de certo, algumas reunidas neste volume, com o nome de "Cantos à Beira-Mar", numa alusão ao título do livro, é sofrimento...

O pesquisador é - e deve ser - um insatisfeito, porque ele é um criador de novos mundos e um recriador de humanidades...

Embora em pesquisa uma coisa não compense outra, pois o pesquisador não é um resignado, uma surpresa viria, por momento, consolar-nos das lacunas do documentário: UM ÁLBUM!... O "livro da alma" de Maria Firmina dos Reis!... - A pesquisa ganhou alma!...

Sobre o álbum

Contudo esta alma veio torturar-nos...

O presente que recebemos tornou-se mais um castigo que um prêmio... O álbum quase diário são também fragmentos!... Fragmentos de sua al-

ma!... Porém, mesmo assim, essa feliz infelicidade é rara: ler o livro dos "sentimentos íntimos" de uma mulher... E do século XIX!... E também de uma escritora!... O livro de uma alma que faz hoje para nós cento e cincoenta anos de nascimento!

Talvez seja esse álbum, embora fragmentado, o primeiro livro íntimo de uma mulher brasileira a ser publicado!

Ah! se encontrassemos ainda mais fragmentos desses "livros da alma"!... Talvez pudéssemos extrair deles uma autêntica e original "história íntima" da vida brasileira ou da família e, em particular, da mulher brasileira, com valiosos subsídios psicológicos, sociológicos, históricos (e mais... como podemos observar por esses "restos imortais" do álbum de nossas conterrâneas) para o estudo da sociedade brasileira no século passado!

E...

Apreciações críticas na Imprensa ok

à

s

em

ler

APRECIAÇÕES CRÍTICAS

(Já consultados!)

Síntese bibliográfica à

JORNAL DO COMÉRCIO

NOTICIÁRIO

OBRA NOVA - Com o título ÚRSULA publicou a Sra. Maria Firmina dos Reis um romance ultimamente impresso que se acha à venda na tipografia do Progresso.

Convidamos aos nossos leitores a apreciarem essa obra original maranhense, que, conquanto não seja perfeita, revela muito talento na autora, e mostra que se não lhe faltar animação poderá produzir trabalhos de maior mérito. O estilo fácil e agradável, a sustentação do enredo e o desfecho natural e impressionador põem patentes neste belo ensaio dotes que devem ser cuidadosamente cultivados.

É pena que o acanhamento mui desculpável da novela escrita não desse todo o desenvolvimento a algumas cenas tocantes, como as das escravidão, que tanto pecam pelo modo abreviado com que são escritas.

A não desanimar a autora na carreira que tão brilhantemente ensaiou, poderá para o futuro, dar-nos belos volumes.

4 de agosto de 1860

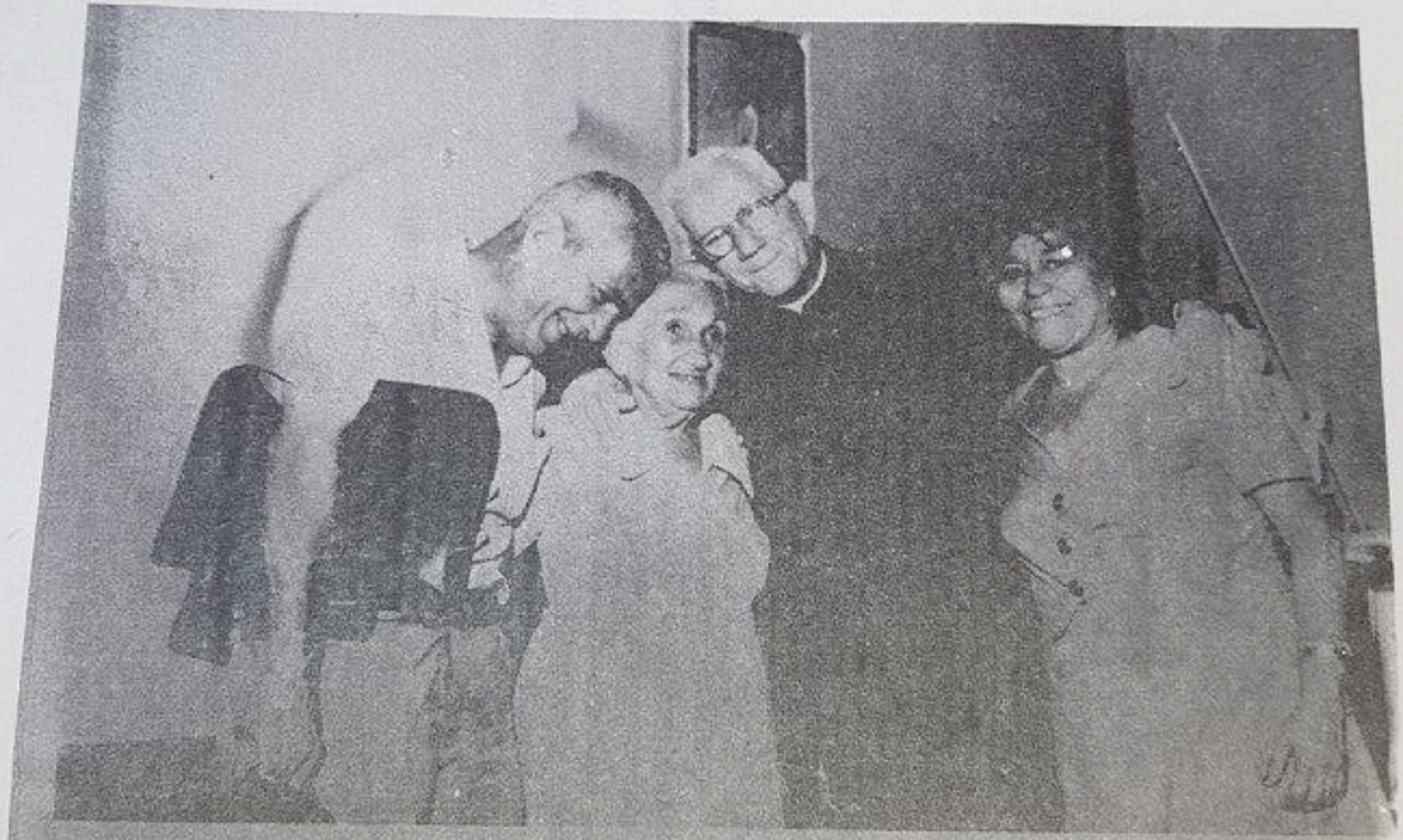
"A MODERAÇÃO"

"Crônica Semanária"

ÚRSULA - Acha-se à venda na Tipografia do **Progresso**, este romance original brasileiro, producão da exma. sra. D. **Maria** Firmina dos Reis, professora pública em Guimaráes.

Saudamos a nossa comprovinciana pelo seu **ensaio, que** revela de sua parte bastante ilustração: e, com mais vagar emitiremos a nossa opinião, que desde já afiançamos não será desfavorável à nossa distinta comprovinciana.

11 de agosto de 1860.



Entrevista com Dona Nhazinha Goulart - vê-se nesta foto a entrevistada entre Nascimento Morais Filho e o Monsenhor Estrela e também a Senhora Alice Nogueira, que coordenou o movimento feminino responsável pelas festividades do Sesquicentenário de Nascimento de Maria Firmina, em Guimarães.

A AUTORA DE ÚRSULA

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Raro é ver o belo sexo entregar-se a trabalhos do espírito, e deixando os prazeres fáceis do salão propor-se aos afás das lides literárias.

Quando, porém, esse ente, que forma o encanto da nossa peregrinação na vida, se dedica às contemplações do espírito, surge uma Roland, uma Stael, uma Sand, uma H. Stowe, que vale cada uma delas mais do que bons escritores; porque reúne à graça do estilo, vivas e animadas imagens, deliciosos quadros, e esse sentimento delicado que só o sexo amável sabe exprimir.

Se é, pois, cousa peregrina ver na Europa, ou na América do Norte, uma mulher, que, rompendo o círculo de ferro traçado pela educação acanhada que lhe damos, nós os homens, e indo por diante de preconceitos, apresentar-se no mundo, servindo-se da pena e tomar assento nos lugares mais proeminentes do banquete da inteligência, mais grato e singular é ainda ter de apreciar um talento formoso, e dotado de muitas imaginações, despontado no nosso céu do Brasil, onde a mulher não tem quase educação literária, onde a sociedade dos homens de letras é quase nula.

O aparecimento do romance "ÚRSULA" na literatura pátria foi um acontecimento festejado por todo o jornalismo, e pelos nossos homens de letras, não como por indulgência, mas como homenagem rendida a uma obra de mérito.

Em verdade que o é esse livro, que se apresentou sem nome de autora, modestamente e ainda sem apregoadores.

As suas descrições são tão naturais e poéticas, que arrebatam; o enredo tão intrincado que prende a atenção e os sentidos do leitor; o diálogo é animado e fácil; os caracteres estão bem desenhados - como o de Túlio, do Comendador, de Tancredo e Úrsula.

Sua autora, D. Maria Firmina dos Reis, professora de português na vila Guimarães, revelou um grande talento literário, porquanto com poucos

e acanhadísimos estudos, ainda menos leitura do que há de bom e grandioso na literatura francesa e inglesa, o que fez, deve-o a si, a seu fértil e prodigioso engenho, e a mais ninguém.

A nossa comprovinciana não é só romancista, também conversa com as musas.

Oferecemos hoje aos nossos leitores algumas de suas produções, que vêm dar todo o brilho e realce à nossa "Marmota", que ufana-se de poder contar doravante com tão distinta colaboradora, que servirá por certo de incentivo às nossas belas, que talvez com o exemplo, cobrem ânimo, e se atrevam a cultivar tanto talento, que anda acaso por aí oculto.

A poesia é dom do céu, e a ninguém dotou mais largamente a divindade do que ao ente delicado, caprichoso e sentimental - a mulher.

O belo sexo não deve viver segredado de tão sublime arte - os encantos e ornatos do espírito são sua partilha; - tome a senda que lhe abre com tão bons auspícios, rodeada de aplausos merecidos, D. Maria Firmina dos Reis, e siga-lhe os brilhantes vôos.

13 de maio de 1861

JARDIM DOS MARANHENSES

(MARANHÃO, 29 de setembro)

Com o presente número finaliza-se o terceiro bimestre deste jornal que, graças a Deus e à boa vontade dos Srs. assinantes, - conta com oito meses de existência!

Seríamos apelidados de indiferentes, e com muita razão, se, dando esta notícia, não consignássemos aqui o nosso voto de eterna gratidão àqueles que, não só concorreram com as suas assinaturas, como também aos que honraram as páginas do JARDIM com suas produções literárias.

A todos em geral novamente suplicamos continuem a prestar sua valiosa proteção a prol deste jornal, que em nada tem desmentido o seu programa; e cujas páginas, como dantes, continuam à disposição daqueles que quiserem honrá-las com seus escritos.

Um motivo mui poderoso obriga-nos ainda a fazer esta súplica, digna por certo de ser atendida.

Existe em nosso poder, com destino a ser publicado no nosso jornal um belíssimo e interessante ROMANCE, primoroso trabalho da nossa distinta comprovinciana, a Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública da Vila de Guimaráes; cuja publicidade tencionamos dar princípio do nº 25 em diante.

Garantimos ao público a beleza da obra; e pedimos-lhe a sua benévola atenção. A pena da Exma. Sr. D. Maria Firmina dos Reis já é entre nós conhecida; e convém muito animá-la, a não desistir da empresa encetada.

Esperamos, pois à vista das razões expendidas, que as nossas súplicas sejam atendidas; afiançando que continuaremos defendendo o belo e amável sexo - quando injustamente for agredido.

Salus et pax.

(30 de setembro de 1861, nº 24 - ano I.)

Autógrafo com a assinatura de Maria Firmina dos Reis

A IMPRENSA

Folhetim - VII

SAPHIR

Os versos de Maria Firmina dos Reis indicam uma imaginação cheia de vivacidade da parte da autora; muita leitura e gosto, e do doce perfume dos sentimentos saídos do coração sem ensaio nem afetação.

De há muito que todos conhecem os talentos e a habilidade da autora de Úrsula, assim não causou estranheza as poesias que mandou para o Parnaso.

19 de outubro de 1861

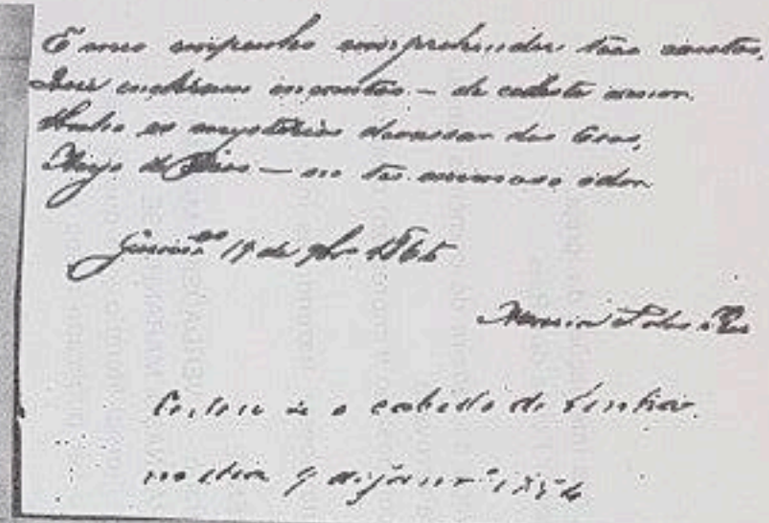
SÍNTESE BIBLIOGRÁFICA

Cantos à Beira Mar

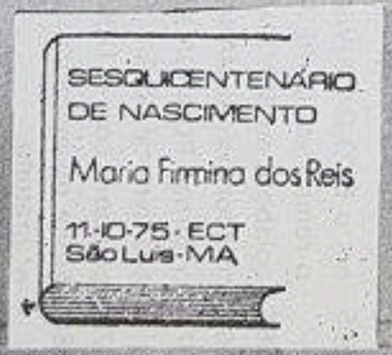
1825 - nasceu : 11 (onze) de 10 (dez)
cidade : São Luis - Maranhão
local : bairro de São Pantaleão, nas imediações da igreja.
pais : João Pedro Esteves e Leonor Felipa dos Reis

1847 - disputa com duas concorrentes a vaga da cadeira de primeiras letras da cidade de Guimarães, e é a única aprovada.
1859 - edita (ou se encontra adiantada a composição e impressão) o seu romance ÚRSULA
1860 - em A IMPRENSA colabora com uma poesia, trazendo as iniciais de seu nome: M. F. R.
1861 - colabora no PUBLICADOR MARANHENSE.
colabora assiduamente no jornal literário - A VERDADEIRA MARMOTA.
colabora na antologia poética - PARNASO MARANHENSE.
em O JARDIM DAS MARANHENSES - jornal literário - do qual é também assídua colaboradora, começa a ser publicado o seu romance - GUPEVA.
1862 - continua a colaborar com o jornal a VERDADEIRA MARMOTA.
1863 - colabora no jornal PORTO LIVRE, republicando GUPEVA.
colabora no ALMANAQUE DAS LEMBRANÇAS BRASILEIRAS.
1865 - em o ECO DA JUVENTUDE - jornal literário - além de poesias, publica o romancete GUPEVA, mais uma vez.
1867 - colabora no SEMANÁRIO MARANHENSE - jornal literário
1868 - colabora no ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS BRASILEIRAS.
1871 - o jornal PUBLICADOR MARANHENSE anuncia que será impresso o seu livro de poesia: CANTOS Á BEIRA-MAR.
1872 - colabora com O DOMINGO - jornal literário
1880 - funda no município de Guimarães uma aula mista (para os dois sexos) e gratuita.
1881 - aposenta-se do ensino público oficial.
1885 - colabora no jornal O PAÍS.
1887 - em A REVISTA MARANHENSE, publica, além de poesia, o seu romancete (ou conto) A ESCRAVA.
1888 - compõe o HINO DA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS (letra e música)
1889 - colabora no jornal DIÁRIO DO MARANHÃO
1897 - colabora no jornal PACOTILHA.
1900 - colabora no jornal PACOTILHA.
1903 - colabora no jornal FEDERALISTA.
1917 - falece : 11(onze) de 11 (onze)
cidade : Guimarães.

O poeta Nascimento Morais Filho, quando recebia do Sr. Leude Guimarães (92 anos de idade) os restos dos manuscritos da 1ª literata maranhense, e o reporter de "O Imparcial".



Autógrafo de Maria Firmina dos Reis.



"Carimbo Comemorativo" do Sesquicentenário de Maria Firmina dos Reis, lançado pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos do Maranhão.

Contos à Beira Mar

MARIA FIRMINA DOS REIS

POSIÇÃO NO PANORAMA DA CULTURA MARANHENSE

1ª - literata:

- 1ª romancista (não diz que é negra: curioso)
- a UNICA romancista do século XIX
- FUNDA com João Climaco Lobato (antes) e Sabbas da Costa (depois) o romance (o gênero) no Maranhão.
- FUNDA com João Climaco Lobato (antes) e Sabbas da Costa (depois) o "Romance Maranhense" (conteúdo)
- 1ª cronista
- 1ª poetisa
- 1ª contista

1º (primeiro) folquelorista
- letra e música para autos

1ª jornalista
- colaboradora (assídua)

1ª enigmista
- logogrifos e charadas

música

1ª compositora popular

1ª compositora erudita

educação

magistério FUNDA a Primeira Escola Mista

posição editorial
- 1ª maranhense a publicar livro
- 2º (segundo) romancista a publicar romance em livro
- 1ª poetisa a publicar livro de poesia

posição política

abolicionista composições literárias e musicais

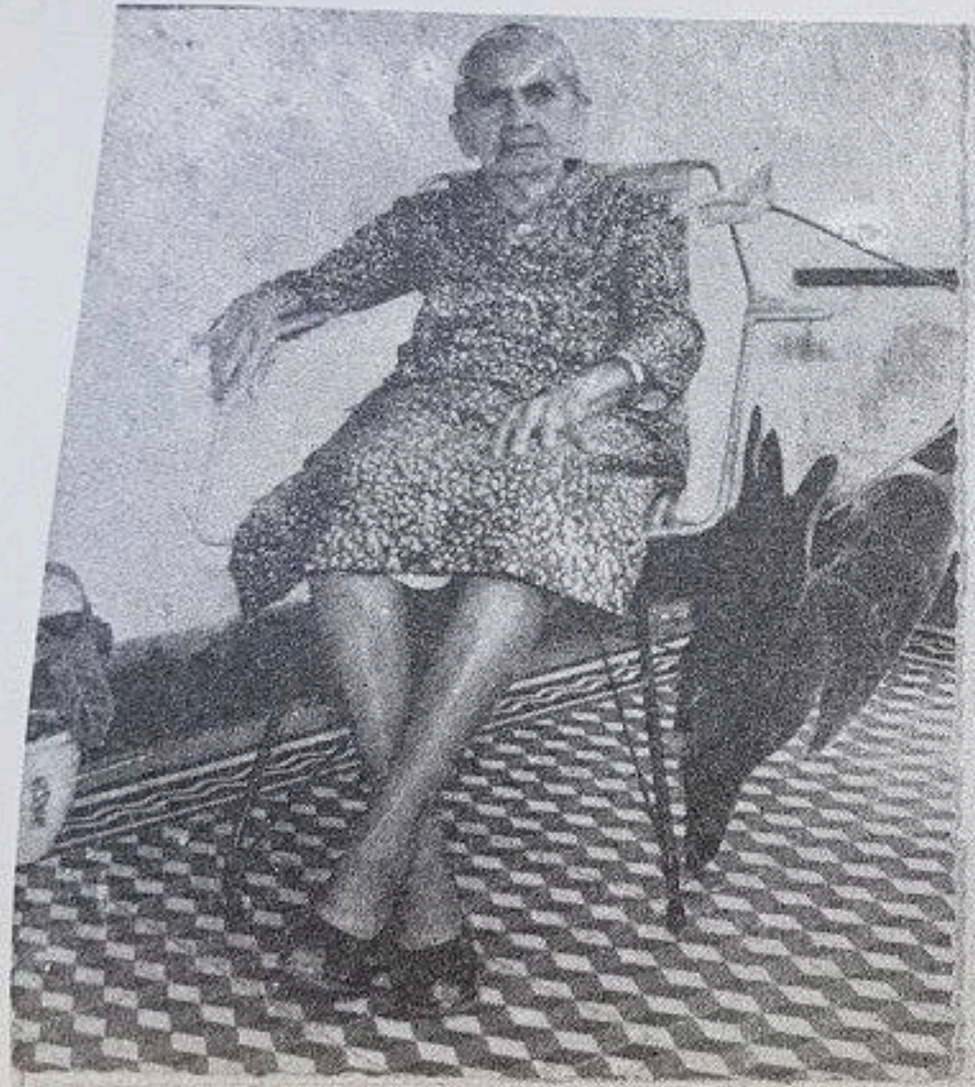
Lançamento do "Carimbo Comemorativo" realizado no Museu Histórico e Artístico do Maranhão, presidido pelo Governador Oswaldo Nunes Freire.

Cantos à Beira Mar

MARIA FIRMINA DOS REIS

POSIÇÃO NO PANORAMA DA LITERATURA BRASILEIRA

1ª	- romancista da Literatura Brasileira	- ÚRSULA
1ª	- romancista da Escola Romântica	- ÚRSULA
1º	- (o primeiro) ficcionista a introduzir no romance o drama da escravidão negra no Brasil.	- ÚRSULA
5º	- (o quinto) escritor a publicar romance em livro.	- ÚRSULA
17º	- romance publicado no Brasil por romancista brasileiro.	- ÚRSULA
2º	- (o segundo) romancista indianista.	- GUPEVA
1º	- (o primeiro), ou o único romancista a abordar o incesto (no processo de formação do povo brasileiro) como consequência dos primeiros relacionamentos dos brancos com os índios.	- GUPEVA
—	ficcionista abolicionista (conto)	- A ESCRAVA
—	poetisa da Escola Romântica	- CANTOS À BEIRA-MAR
—	uma das 10 (dez) primeiras poetisas a publicar livro de poesia.	- CANTOS À BEIRA-MAR
—	Um dos 13 (treze) livros de poesia publicado até 1874 por mulher	- CANTOS À BEIRA-MAR



Sra. Euridice Barbosa Cardoso, remanescente da já agora famosa "Escola de Maçaricó", a poucos quilômetros de Guimarães.

Casa, em Guimarães, onde viveu, quase toda a sua vida, Maria Firmina dos Reis. Alteração que sofreu foi só na tachada que apresenta uma parte modernizada.

Cantos à Beira Mar (1871)

CANTOS À BEIRA-MAR

Outros accords

P O E S I A

M. F. R.

A mão da morte desfolhou na campa
As níveas rosas de teus ledos dias!...
O doce aroma duma vida breve,
Duma harpa santa, divinais poesias.

Do prado a erva delicada e branda,
Que a brisa afaga, enamorada, e bela,
Ingênuo riso de celeste arcanjo,
Suspiro terno de gentil donzela.

Uns sons de lira melindrosa, e grata,
Na parda tarde a conversar com a brisa.
Macias auras enrugando apenas
As mansas águas que ligeira frisa.

Dos coros de anjos os celestes cantos,
Ou voz sentida de queixoso nauta;
Acentos magos na soidão perdidos
Longínquas notas de saudosa frauta.

Percorre o infinito, revoa no espaço,
Compreende a grandeza que existe nos céus,
Aspira o perfume das auras divinas,
Entoa com os anjos seus hinos a Deus.

- o -

Voaste, minha esperança,

Ditosa prenda de amor!
Estrela da madrugada,
Em seu virgíneo candor,
Mimoso lírio das águas,
Orvalho sobre uma flor.

Por que tão breve deixaste
A senda do seu viver?...
Por que, florzinha, na sesta
Quiseste emurchecer?
Por que triste nos deixaste
Entregue a tanto sofrer?!!...

Por que de Deus um anjinho
Junto a teu berço pousou,
E com auri-brancas asas
Tuas brancas faces roçou,
Como brisa que macia
Pelas ervas perpassou?!

E do eco viste a entrada,
Que o meigo anjo indicou.
Viste falange de anjinhos,
Que a vista te fascinou,
Viste místicos enlevos,
Que todo o ser te abalou.

E logo deixaste a terra,
Risonho, ledo, e contente;
Porque os anjos te acenavam
Com brando gesto inocente;
Porque lá viste meiguices
Que amaste perdidamente.

- o -

Percorre o infinito, revoa no espaço,
Compreende a beleza, que existe nos céus,
Aspira o perfume das auras divinas,
Entoa com os anjos teus hinos a Deus.

"A IMPRENSA", 19/12/1860.

Outros accords

MINHA VIDA

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Um deserto espinhoso, árido e triste
Atravesso em silêncio. Erma soidão!...
Nem uma flor, que ameigue estes lugares,
Nem uma voz, que adoce o coração!

É tudo triste... e a tristeza acaso
Convém a minha alma?... oh dor! oh dor!...
Eu amo acalentar-te no imo peito,
Como a fragrância, que se esvai da flor.

Secas as folhas pelo chão caidas,
Calcada aos pés, o seu ranger me apraz;
Um ai sentido como que murmuram,
Que lembra as queixas, que o proscrito faz.

E eu escuto esse gemer queixoso,
Que com minha alma triste se harmoniza,
Não sei se ameiga as dores; mas ao menos
Meus profundos pesares - ameniza.

Nem uma flor, uma somente brilha
No meu deserto!... pedregosa estrada.
E só a brisa remexendo as folhas,
Suspira ténue com uma voz quebrada.

No céu, a lua branquejando os mares,
Passeia triste, merencória, e bela:
Eu amo a lua, que revela muda,
As fundas dores de gentil donzela.

E ela passa na amplidão dos céus,
E ninguém sente seu sentir dorido!
Assim da virgem ninguém sente as fráguas,
As longas dores - o carpir sentido.

Comigo a sós no meu deserto vivo,
Curtindo dores, que a ninguém comove;
E só a brisa, que murmura queixas,
Com meus suspiros, a ondular se move.

Mas, lá no externo já diviso a campa,
Melhor agora o meu deserto sigo!
Um dia basta - transporei o espaço,
Onde antevejo o derradeiro abrigo.

Guimarães 13 de maio de 1861

Outros accordes

A UNS OLHOS

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Vi uns olhos... que olhos tão belos!
Esses olhos têm certo volver,
Que me obrigam a profundo cismar,
Que despertam-me um vago querer.

Esses olhos me calam na alma,
Viva chama de ardente paixão,
Esses olhos me geram alegria,
Me desterram pungente aflição.

Esses olhos devera eu ter visto
Há mais tempo - talvez ao nascer,
Esses olhos me falam de amores,
Nesses olhos eu quero viver.

Nesses olhos, eu bebo a existência
Nesses olhos de doce langor,
Nesses olhos, que fazem sem custo
Meigas juras, eternas de amor.

Esses olhos que dizem numa hora,
Num momento, num doce volver,
Tudo aquilo que os lábios nos dizem
E que os lábios não sabem dizer.

Esses olhos têm mago condão,
Esses olhos me excitam o viver!...
Só por eles eu amo a existência,
Só por eles, eu quero morrer!

Guimarães, 27 de maio de 1861

Outros accords

UMA HORA NA VIDA

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Virgem! - virgem de amor - o teu sorriso,
Encheu de meigo enlevo o peito meu!
Causou-me um doce bem teu mago riso,
E ao teu canto, minha alma estremeceu.

Tão ternos esses acentos - tão divina,
Tão sonora a tua voz - que abranda a dor,
Ainda a mais profunda, a mais ferina;
E sem que o queira - nos desperta amor.

Quando declinas esses meigos sons,
Repassados de amor, - de melodia,
Eu creio que por Deus, fadados dons,
Partilhastes de infinda poesia.

Meu peito acostumado a longas dores,
Há muito geme - já nem sei cantar!
Mas, tu, melhor que a vida em seus fulgores,
Gostosa vida me tornaste a dar.

Resumes, virgem, singular poesia,
Fragrância pura de mimosa flor,
Lírio sorrindo no nascer do dia,
Gemer das auras, - murmurando - amor.

Fora ousadia descantar-te oh bela
Estrela da arvorada em seu fulgor!...
Es anjo a divagar, gentil donzela
Entre perfumes, da manhã no albor.

Guimarães, 19 de agosto de 1861.

Outros acordes

NÃO ME AMES MAIS

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Oh! Se me amasses
Como eu te amo,
Meus suspiros de dor - minha aflição,
Meus transportes de amor,
Tudo movera
A um terno delirar teu coração.
Oh! Se me amasses,
Tristes lamentos,
Meu pungente sofrer - fundo amargor,
Solto meu pranto a correr.
Tu virás sem pesar,
Sem doer-te no peito, amarga dor?!...
Não o creio por certo,
Porque juras,
Que há de eterno viver teu meigo amor?...
Irrisória é essa jura!...
No teu peito,
Não há ternura mais - não há calor.

Pois bem, não quero
Esse mentir grosseiro,
Que semelha nefanda covardia.
Acaso tu supões,
Que amor por compaixão,
Apraz a minha alma, inda um só dia?...

Quero ouvir de teus lábios:
- Cansei já de te amar. -
- Já não nutro por ti, ternura - amor.
Mas, não digas jamais:
- Oh! eu te amo!
Inda sinto por ti, sedento ardor.

Não quero mais ouvir-te,
Não te quero mais ver!...
Prefiro no exílio abandonada
Acabar a existência,
Que sonhar,
Que só por compaixão serei amada.

Guimarães, 26 de agosto de 1861

Outros accords

POR VER-TE

"A Verdadeira Marmota"

Por ver-te
Tudo - tudo eu daria:
A vida, a alma, oh céus!
Te ofereceria.

Por ver-te inda uma vez
Meu coração
Anseia desejoso!
Por ver-te a mim rendido de afeição,
Por ver-te venturoso.

Por ver-te - a paz, que gozo, - o ar, que gira
Em todo o firmamento,
Eu quisera me fossem denegados,
Só por ver-te um momento.

Por ver-te, ind'eu quisera aniquilado
O céu, o mar, a terra, o ar, o vento;
Quisera, pendurados nos abismos,
Ver os astros perderem o movimento.

Quisera que em meu leito, a horas mortas,
Tétrico espectro - minaz, sinistramente,
Me viesse despertar - depois a morte,
Meus dias terminassem - duramente.

Por ver-te, tudo isso me causara,
Não pesar - alegria.
Por ver-te uma só vez durante a vida,
Por ver-te inda um só dia.

Por ver-te inda uma vez
Meu coracão
Anseia desejoso!
Por ver-te a mim rendido de afeição,
Por ver-te venturoso.

Por ver-te
Tudo - tudo eu daria:
A vida, a alma, oh céus!
Te ofereceria.

Guimaràes.

20 de maio de 1861

Outros acordes

S A U D A D E S

"A VERDADEIRA MARMOTA"
A minha íntima amiga T. J. C. S.

Meus ais arrancados do imo do peito,
Gerados na amarga, cruel soledade,
Recebe-os, querida, no teu coraçáo,
Escuta-lhes a voz, só dizem - saudades!

Aqueles mimosos, dourados instantes,
Em que me jurastes eterna amizade,
Revoca a meu peito, curvado de dores,
Os gratos transportes de infinda saudades.

Jamais de ti tão doces instantes
Me escapam da alma, singela deidade!
Mas, ah! minha cara, do bem gozamos,
Só hoje me resta perene saudade!

Se a força igualasse, meu anjo querido,
Aos castos desejos, que gera a amizade,
Lá junto a teus lábios, lá sobre teu peito,
Quebrara - quebrara tão funda saudade.

Sem ti, cara amiga - do mundo a grandeza
Desvelos, - ternura - primor, ou bondade,
Não prendem minha alma, não rouba-me afetos,
Que tudo aborreco, só amo a saudade.

Teresa! eu te vejo no rubro horizonte,
No dia - na planta - na erva e na tarde,
Te escuto na brisa - no cicio do vento,
Na voz da minha alma - na voz da saudade.

Te vejo na relva - no campo - e na flor;
Mas, oh! fantasia... cruel realidade!!...
É só na minha alma, que estás a meu lado,
Nutrindo meu peito de viva saudade.

Adeus, meigo enlevo desta alma que é tua...
Reitera-me os votos de eterna amizade,
Aceita os transportes de minha afeição,
Aceita os delírios de minha saudade.

Guimaráes, 3 de setembro de 1861

Outros accords

A CONSTÂNCIA
(TRADUÇÃO)

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Dize-me, linda donzela,
Gentil filha dos amores,
Se me amas, virgem bela,
Se me cedes teus favores?...

Não, meu nobre senhor,
Sou formosa, bem o sei;
Sou pastora - meus afetos,
A outro já tributei.

Deixa a mísera cabana,
Vem ao meu paço dourado,
Nela serás soberana,
Nele terás régio estado.

Não, meu nobre senhor,
Sou formosa, bem o sei,
Sou pastora - meus afetos,
A outro já tributei.

Eu te farei baronesa,
E nobre dama de honor,
Terás honras, e riqueza,
Em prêmio do teu amor.

Não, meu nobre senhor,
Sou formosa, bem o sei,
Sou pastora - meus afetos,
A outro já tributei.

Dar-te-ei rico colar,
Bela c'roa de duquesa
Se m'ais podes desejar,
Metade da realeza.

Não, m'eu senhor,
Sou form'osa, bem' o sei:
Sou pobre; m'as m'eu am'or,
Por prem'io algum' vos darei.

Guim'arães, 9 de setem'bro de 1861

Outros accords

D E D I C A C Â O

"A VERDADEIRA MARMOTA"

TRIBUTO DE AMIZADE

Je t'aime! je t'aime !
Oh ma vie
Byron.

Amo a donzela mimosa,
Com suas gracas infantis,
Com seus lábios cor da rosa,
Com seus meneios gentis,
Como a garça vaporosa,
Como uns gestos senhoris.

Amo vê-la reclinada
Sobre a margem dum ribeiro,
Docemente acalentada,
Por um sonhar lisonjeiro,
Com a mente toda enlevada,
Em seu cismar feiticeiro.

Amo vê-la na arvorada,
Vagando por entre flores,
Ela flor mais bem - fadada,
Mais recamada de odores,
Colhendo a flor delicada,
Que meiga fala de amores.

Mas, melhor que todas elas,
Amo ver-te, em teus fulgores,
Amo-te mais que as mais belas,
Amo-te mais do que as flores,
Que tanto atraem as donzelas,
Que tanto falam de amores.

Eu amo ouvir-te um suspiro
Um só, fugindo medroso,
Como em longinquo retiro,
Amo um som terno - queixoso,
O qual com ânsia eu aspiro,
Repetir-se melindroso.

Eu amo ver-te ligeira
Como a corça fugitiva,
Casta, mimosa, e fagueira,
Ora meiga - outrora esquiva:
Cada vez mais feiticeira,
Cada vez mais casta, e diva.

Amo ver-te, - fresca rosa,
Com sua doce formosura,
Com sua fragrância odorosa,
Com seu encanto e docura,
Entre as outras mais mimosa,
Cobrando amor - e ternura.

Eu amo ver-te entre as belas,
Vagando como senhora,
Como o mimo das donzelas,
Como fada sedutora:
Amo-te mais do que a elas,
Casto perfume da aurora.

Amo em ti, quanto há na vida,
Que inspira melancolia,
Quanto pode ser querida,
Duma harpa a doce harmonia,
Duma virgem a voz sentida,
Dos anjos, a melodia.

Guimaráes, 20 de setembro de 1861.

Outros accords

AO AMANHECER E O POR DO SOL

"O JARDIM DOS MARANHENSES"

Tomei a lira mimosa,
De festões, a engrinaldei,
E pus-lhe cordas de ouro,
E teus encantos, cantei.

A sombra duma mangueira,
Ao nascer do grato dia,
A hora em que a natureza,
Toda respira alegria.

A hora do arvorecer,
Quem não sente uma afeicão?
Quem não sente uma esperança,
Nascer-lhe no coracão?

Foi nessa hora, sob a copa,
Da bela, e grata mangueira,
Que enflorei a grata lira,
A lira doce fagueira.

Era a cancão, que eu tecia,
Fruto de eterna saudade:
O só prazer, que me resta,
Nesta triste soledade.

Quando um dia, um só na vida,
Vi teu peito arfar de amor,
Tão feliz fui que julguei,
Achar na vida primor.

Quando vi teu meigo riso,
Pelos lábios declinar,
Num transporte indefinivel,
Eu me julgava a sonhar.

Quando depois eu te ouvia:
-"E meu prazer adorar-te,
-"De caricias, de desvelos,
-"Hei de meu anjo cercar-te.

Trepidava então meu peito,
Meu coracão se expandia:
Era meigo esse momento,
Tão cheio de poesia.

E foi-se o dia passando,
Veio a tarde, e a tristeza:
Murcharam as flores da lira,
Secaram de tibieza.

E com a tarde esvaeceu-se,
Minha risonha esperanca:
Despontou-me amargo pranto,
Após penosa lembranca.

Lancei a lira por terra,
Já não tinha um só flor!
No fundo peito eu sentia,
Estranha secreta dor.

E veio a noite, eu caí
Em meu penoso cismar,
Para que veio uma esperanca,
Meu coracão embalar?

Pra que a lira mimosa
Tão desvelada enflorei?!!...
Pra que um nome querido
Ebria de amor, eu cantei?!!...

Ah! esse nome querido
Murchou-se qual débil flor!
Esse nome é minha vida,
Meu grato, meu terno amor.

Agora nunca mais hei de
Repeti-lo em meu cantar,
Quero tê-lo na minha alma,
Quero no peito asilar.

Guimarães.

20 de setembro de 1861

73

Outros accordes

A VIDA

"O JARDIM DAS MARANHENSES"

Inocentinha donzela,
Eu a vi:-flor de beleza!
Risonho esmalte do prado,
Desvelo da natureza.

Era toda virgenzinha,
Toda mistério de amor!
Tinha a fragrância da rosa,
Tinha do lírio o candor.

Era como a branca espuma,
Erguida por sobre o mar,
Como estrela da arvorada,
Antes do sol despontar.

Como suspiros de amor,
Que do peito, se esvaecem,
Que nuns lábios de rubim,
Docemente se esmorecem.

Tinha ledices, encantos,
Tinha mimoso folgar,
Como a leda borboleta,
Como a abelha, a sussurrar.

Mas depois, passou-me um dia.
Eu a vi mórbida e triste,
Depois um dia, e mais outro,
A bela já não existe!...

Coitada! que sorte imiga,
Roubou-lhe tanto fulgor?
Foi um delírjo... Loucura!
Foi um bafejo de amor.

Eis como a vida se passa,
Após o riso, a tristura,
Após a vida, o dormir
No seio da sepultura.

Guimarães.

30 de setembro de 1861

-Nº 24.-

Outros accordes

NÃO ME ACREDITAS!

(A PEDIDO)

"O JARDIM DAS MARANHENSES"

Não me acreditas!... acaso
Há quem mais te possa amar?...
Quem te renda mais extremos,
Quem saiba mais te adorar!?...

Acaso amor mais constante,
Acaso paixão mais fida,
Mais melindrosos afetos
Prendeu-te, de amor - a vida?

Acaso viste a teu lado
Gozar alguém mais ventura?...
Acaso ternas carícias,
Cobraste de mais ternura?...

Não compreendes quanto dói
Essa dúvida cruel!...
É gota a gota espremida
No peito, - de dor, e fel.

Não me acreditas... entanto
Ninguém mais fiel te amou,
Ninguém te rende mais cultos,
Ninguém melhor te adorou.

Sinto em amar-te prazer;
Porque o duvidas? - cruel!...
Há quem mais vele teus dias,
Quem mas te seja fiel?...

Não me acreditas? procura
Mais fido, mais terno amor,
Mais duplicados extremos,
Desvelos de mais primor.

Mas embalde... Oh eu te juro,
Só eu te sei adorar!
Mais doce amor, e mais terno;
Jamais na vida hás de achar.

Nº 25 Guimarães, 13 de outubro de 1861

Outros accordes

AMOR PERFEITO

"A Verdadeira Marmota"

Eu amo a flor,
Sua beleza,
É toda mimo
Da natureza.

Eu amo a rosa,
Pura, fragrante,
Como o sorriso,
Dum terno infante.

Amo o jasmim,
Que vivamente,
Exprime ao peito,
Paixão ardente.

Amo a saudade:
Pungente, ou grata
Passados gozos
Bem nos retrata.

A todas estas
Tributo amor,
Rendo-lhes cultos,
Dou-lhes louvor.

Mas entre elas
Uma prefiro,
Seu grato aroma,
Com enlevo aspiro.

Oh! essa trago
Dentro do peito,
Essa que exprime
Amor perfeito!

Os meus desvelos,
Minha ternura,
Tudo merece
Sua formosura.

Só ela cobra
Minha afeicão,
Dou-lhe minha alma,
Meu coracão.

Eu amo a bela,
Mimosa flor,
Como a um suspiro,
De casto amor.

Como uma nuvem
Que se evapora,
Mercê do vento,
Surgindo a aurora.

Como na praia,
Um solucado
Gemer da onda
Bem magoado.

Como um sorriso,
Que traz bonanca,
Como uma leda
Doce esperanca.

Como os transportes
Dum coracão,
Quando lhe afeta
Prima afeicão.

Como o que amo
Mais sobre a terra,
Como os mistérios,
Que amor encerra.

Oh! essa mais
Que as outras flores,
Merece cultos,

Outros accordes

Tem meus amores.

Por isso é dela
Minha afeição,
Só ela goza
Meu coracão.

Simbolo vivo
De amor perfeito!
Te asilo, e prendo
No fundo peito.

Guimarães, 1861

6 de abril de 1862 - nº 78

Outros accords

ROMANCE CONTEMPORÂNEO

ELVIRA

(Continuação do nº 65)

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Uma noite, como noutras
Flutuava o branco véu
E a branca, e meiga lua
Cismava pura no céu.

E cantavam na senzala,
Os negros, canção chorosa
E dizia a voz sentida:
"-Oh! doce amante extremosa,

Onde vais? Não vês a lua
Como é triste a se carpir?
Assim triste é tua sorte,
Muito te resta a sentir."

Mas, a moça não ouviu
Aquela nênia chorosa,
Ei-la ao encontro do mancebo
Anelante e pressurosa.

"-És tu, Elvira, meu anjo,
Cara amante idolatrada!...
És o bálsamo que sara
Minha alma dilacerada."

E depois contra seu peito,
Conchegou-lhe o coração;
Todo o sangue lhe agitava,
Triste e funda comoção.

E depois nos lábios dela,
Colou-lhe os lábios ardentes;
Mas, ofegava-lhe o peito,
Com pulsações veementes.

Alguma coisa à donzela,
Ele ocultava cuidoso,
Que lhe iria lá por dentro,
Nesse instante doloroso?

-"Elvira! como eu te amo!
Disse: - "vencendo alma dor
Poderás tu compreender,
Quanto é terno o meu amor.

"Dize sempre, oh sim mil vezes,
Que me adoras, terno amante,
Como é doce, quanto eu amo,
Passar contigo um instante!

"Como me apraz escutar-te,
Quando me falas de amor,
Semelha a grata fragrância
Que se esvai de nivea flor.

"Sim, Elvira, eu te juro
Que só por ti amo a vida!
Só por ti... ah! se eu pudera!...
Minha Elvira tão querida!..."

E sufocou um gemido,
Que em seu peito rebentava;
Elvira, louca de amores,
Nem com pesares sonhava.

"-Mas, Afonso, tornou ela,
Que é que queres dizer?
De meu pai é que te lembras,
Que tanto nos faz sofrer?"

Outros acordes

"Espera sê sempre fido,
Tu serás meu cavaleiro,
Esposo da tua Elvira,
Em face do mundo inteiro".

(26 de fevereiro de 1862)

"-Sim, - tornou-lhe o aflito Afonso
Mas, Elvira... escuta... eu vou,
Sou soldado, é meu dever...
Amanhã... ah! longe estou!!!..."

"-Longe!... não digas por Deus
Longe de mim meu senhor!?...
É possível? Tu me iludes,
Praz-te acaso a minha dor?"

"-Elvira, minha adorada,
Eu bem quizera ocultar-te...
Amanhã, pela manhã,
Teremos fero combate."

"-Deixa o campo de batalha,
Não sirvas a Rosas cruel,
Esse monstro que vomita
Do peito, veneno, e fel.

"Esse maldito dos céus,
Esse demônio da terra,
Em cujo peito nefando,
Tantos horrores encerra.

"Se a esse monstro eu servisse,
Fora, Elvira, abominável:
A teus olhos, bela virgem,
Eu seria detestável."

"-Mas, Afonso, quanto temo!
Quanto já sofro saudade!
Num combate... tu de Rosas
Não teme deslealdade?

"Oh! não vás, querido Afonso!
Tenho um sinistro pensar,
Secreta voz, que me diz;
Que cá não tornas voltar!"

" - Não chores, anjo querido!
Teu pranto me causa dor;
Falta-me antes, Elvira,
Com teus melindres de amor.

"Secas o pranto, que goteja,
De teus olhos, doce amada,
Quero deixar-te risonha,
Como uma flor, na arvorada."

"- Dize-me então que não vais
Da tua Elvira apartar-te,
Dize, dize que amanhã,
Hás de aqui comigo achar-te."

Então de novo ofegou-lhe,
Triste, aflito o coracão,
Mas, reprimindo um suspiro,
Lhe disse com efusão:

"-Amanhã a esta hora,
Vem querida a este lugar."
"-Tu virás, meu caro Afonso?..."
"-Podes, meu bem , duvidar?..."

E muito alta ia a noite,
Era breve o amanhecer;
Mas, redobrava em Afonso,
Penoso, duro sofrer.

"-Adeus, Elvira, ele disse
Adeus meu bem, minha amada..."
E depois presa nas fauces,
Gemeu-lhe a voz sufocada.

Outros accords

"-Oh! por Deus, não vás Afonso,
Tu me causas dissabor,
Tens ares de quem padece,
Que sentes tu, caro amor?"

Mas foi-se o moço guerreiro,
Por larga senda a correr,
Como um louco não podendo,
A triste amante mais ver.

(2 de março de 1862)
(Continuado do Nº 67)

Depois quando no céu, era alta noite,
Merencória era a lua divagar,
De novo o branco véu, noturna brisa,
Faz travessa, mas triste flutuar.

E na triste senzala a mesma voz,
Com que prosseguia em seu cantar,
Tinha pranto na voz, que era queixosa,
Que revela angústia, e aflito azar.

"-Era noite. E bem cruel foi meu pesar,
Eu que sonhava amor!
Prosseguia meu diurno caminhar,
Sem pensar, e sem temor.

Mas, meu Deus! antes morrer, que recordar,
Cenas, que matam de dor!
Nunca mais junto a ti há de voltar,
-Vítima dum vil traidor..."

Esta nota última, e triste,
Fez Elvira estremecer;
Mas depois cobrando alento,
Pôs-se de novo a correr.

"-Es tu, Afonso querido?
Oh quanto tardava o ver-te..."
"-Não, senhora - um mensageiro,
Que muito tem a dizer-te."

Um temor convulso, os membros
Da virgem então percorreu,
A medula de seus ossos,
Frio de neve desceu.

(10 de março de 1862)

(Conclusão)

"- Afonso, Afonso, dizei-me
Por piedade, senhor,
Que é feito, meu Deus, de Afonso?
Que é feito do meu amor!

"- Afonso, bravo e leal,
Disse o triste mensageiro,
Foi ontem numa batalha,
Do vil Rosas prisioneiro."

"- Morreu? - tornou-lhe a donzela
Desvairada pela dor."
"- Em seu cárcere degolado,
Foi hoje pelo traidor.

"Vosso nome nos seus lábios,
Foi só o que lhe escutei;
Perdoai-me a triste mensagem;
Que fiel desempenhei."

"- Volto, senhora a vingar,
Esse amigo precioso;
Cumprida a minha missão,
Volto ao campo pressuroso."

E depois quando Dom Sancho,
Procurou a filha amada,
Era como flor sem vida,
Nos areais reclinada.

Morta! morta Elvira bela
Dos anos ao alvorecer!
E Afonso - o triste Afonso
Que tanto soube sofrer!!

Outros acordes

Ficou ao velho Dom Sancho,
Remorso, dor, e pesar,
Seus dias já foram breves,
Mas foi longo o seu penar.

17 de fevereiro de 1862

Outros accords

HOSANA

"Eco da Juventude"

Que diz o infante,
Se o rir dum instante,
Se muda inconstante
Num meigo chorar?
Que diz a donzela,
Que cisma tão bela,
Que sente, que anela,
No seu meditar?

Que dizem os palmares,
Que dóceis aos ares,
Nos ledos folgares,
Sorriem-se a gemer?
Que diz a rolinha,
Que à tarde sozinha,
Saudosa definha,
Se o par vê morrer?

Que dizem as flores,
Emblema de amores,
De infindos primores,
De infindo gozar?
Que diz meigamente,
De orvalho nitente,
A gota cadente,
Que a flor vem beijar?

Se brame raivoso
O pélago iroso,
Se geme saudoso
Na praia, - o que diz?
Que dizem os cantos,

De magos encantos,
Que ensaia, sem prantos,
Mimosa perdiz?

Que diz a vaidosa
Gentil mariposa,
Que o suco da rosa
Fragrante libou?
A loura abelhinha,
Que diz quando asinha,
Beijando a florzinha,
Seu mel lhe roubou?

Que diz a errma fonte?
Que diz o horizonte?
E o cume do monte,
Que se ergue altaneiro?
Que diz ternamente
A lua nitente,
Se coroa indolente
O verde mangueiro?

Que diz todo o mundo,
Num voto profundo,
Eterno, e jucundo,
Erguendo-se aos céus?
Diz grato - amoroso
Hosana! e soidoso,
E tudo um formoso
Concerto ao seu Deus.

Acolhe pois os meus cantos:
Vem, adornada de encantos,
Sustar os meus tristes prantos,
Uma hora em cada dia.
Que eu te veja ao por do sol,
Da manhã pelo arrebol,
Brando cisne - ou rouxinol,
Cantando com melodia.

Quando vires doce estrela
Já desmaiada - mas bela,
Cintilante - mais singela

Outros accordes

Do que Safira - ou rubi:
Vem ao menos nessa hora,
Como fada enganadora,
Como visão sedutora,
Colocar-te ao pé de mi

Talvez assim os meus sonhos,
Merencórios, bem tristonhos,
Se volvam belos, risonhos,
Risonhos cheios de amor.

Vem minha lira fadar,
Vem minha mente inspirar,
Meu viver dulciferar,
Vem desterrar minha dor.

Ver-te, ouvir-te é meu prazer:
Tu reanimas meu ser,
Que mais te posso eu dizer,
Anjo - mulher - ou visão!
Teńs meus afetos, donzela,
Se te vejo assim tão bela,
Ou, se te escuto singela,
Desferir terna canção.

15 de Janeiro de 1865. Nº 6

Outros accordes

T ...

"Eco da Juventude"

Mais bela ontem, que nos outros dias,
Mais bela eu vi-te; mais mimosa ainda,
Que a nivea espuma coroando as vagas,
Que beijam a areia duma praia linda.

Mais bela eras, mais fluente, e pura,
Mais doce, e meiga que duma harpa santa,
Um hino sacro, - melodiosa nota,
Que ao rude peito de prazer encanta.

Mimosa, leda como a doce brisa,
Que meigamente num jardim cicia,
Ou branda aragem perfumada, errando
Por entre ervinhas, ao nascer do dia.

Mistico enlevo, ao contemplar-te, sinto
Mulher, - ou anjo, - ou divinal visão!...
Tipo ideal... eu não te creio fada,
Creio-te anjo de especial missão.

Com os pés na terra a divagar sonhando
Os ledos sonhos, de viver dos céus;
Das brandas asas, derramando aromas,
Desses perfumes, que se esvaem de Deus.

És tu, és tu que serenando o ar
Com um teu sorriso, minha dor suavisas;
És tu que a mente do poeta exaltas;
És tu da tarde merencórias brisas.

29 de janeiro de 1865, nº 8

Outros accords

O CANTO DO TUPI

"Eco da Juventude"

Sou filho das selvas - não temo o combate,
Não temo o guerreiro, - guerreiro nasci;
Sou bravo, - eu invoco do bravo o valor,
Sou filho dum bravo, valente tupi.

Na marcha pra guerra, se invoco Tupã,
Tupã me responde na voz do trovão;
Entesa-se o arco, - desprende-se a frecha,
E o fraco reclina o seu rosto no chão.

Sou filho das selvas - nas selvas nasci,
Sou bravo guerreiro, só amo o lidar;
Se tribo inimiga correndo aí vem,
Ao campo, sanhudo, vou só, pelejar.

Se sonho, nos sonhos eu vejo anhangá,
Que vela a meu lado, qual vela Tupã;
Ás vezes lhe escuto: guerreiro ao combate
Vai lesto, vai forte, mal rompa a manhã.

Eu vivo nas selvas - nas selvas imensas,
Que vastas se estendem nas terras do norte;
Se corro à peleja, bem sei que a vitória
Pertence ao meu braço, que é grande, que é forte.

E parto animoso: mal vejo o inimigo,
Começo das setas a ponta a ervar,
Ardendo nos brios de nova coragem,
Contente o triunfo, começo a cantar.

Nas selvas do norte, - nasci - dum guerreiro
Que as tribos guerreiras fazia tremer,
Herdei-lhe esse sangue, seus brios herdei,
Valente com ele só sei combater.

Cem crânios expostos na taba, bem provam
Que em terra cem vezes, cem homens prostrei,
Quer deixe na seta seu último alento,
Quer caia vencido nos laços, que armei.

Eu vivo nas selvas - nas selvas do norte
Sou indio valente, valente tupi,
Temido na guerra, - do bravo temido:
Possante guerreiro, nas selvas nasci.

Se então prisioneiros valentes eu trago,
A tribo me aplaude... que bravo sou eu!
De dentes imigos o número é tanto
Que atestam que o forte jamais me venceu.

Sou filho das selvas, - não temo o combate,
Não temo o guerreiro, - guerreiro nasci:
Sou bravo... eu invoco do bravo o valor:
Sou filho dum bravo, valente tupi.

3 de fevereiro de 1865 Nº 9

Outros acordes

"Almanaque de Lembranças Brasileiras"

"É assim que eu te vejo em
meus sonhos de noites de
atroz saudade....."

A. Herculano

Em vão te estende desolada amante,
Os frouxos braços!
Em vão delira, e a saudosa imagem,
Quer seguir os passos.

Em vão...que és longe! porque quer a sorte,
Que eu vegete a morrer
Em vão! porque um destino rigoroso,
Dá-me fundo sofrer.

Em vão!... Mas, no meu leito a horas mortas,
Vagueia o pensamento;
Remontam-se as idéias, a teus lares,
Não tem isolamento.

Entre o muito sofrer, que nos abate,
Na íntima aflição,
Desprende as longas asas e divaga,
A mente na amplidão

Desse espaço infinito, - e vê, e goza
O que a terra lhe nega!
Aos ditames da sorte avessa, e dura,
Só a mente, não verga.

E por issso, eu encontro-te a meu lado,
Quando sonho acordada!
Quando nas horas mortas de alta noite,
Penso em ti - enlevada.

Delira o pensamento - a mente erra
Em torno ao seu amor!
Cessam as dores da ausência, seca o pranto,
Adoça-se o amargor.

Ao menos resta a mente ao infeliz
A quem a sorte nega
Até breve prazer!... porque ela é livre,
E a sorte, não se verga.

Guimarães.

3º Ano - 1868 - Janeiro.

Outros acordes

MEDITAÇÃO
"SEMINÁRIO MARANHENSE"

"Era a hora em que o homem está recolhido nas suas mesquinhas moradas"...

A. Herculano

Vejamos pois esta deserta praia,
Que a meiga lua a pratear começa;
Com seu silêncio, se harmoniza esta alma,
Que verga ao jugo duma sorte avessa!

Oh! meditemos... Na soidão da terra,
Nas vastas ribas deste vasto mar,
Ao som do vento, que sussura triste,
Por entre os leques de gentil palmar,

O sol na terra se envolveu - mistérios
Encerra a noite... ela compreende a dor!...
Talvez o manto, que estendeu na terra,
Lhe esmague o peito, que gemeu de amor!

O mar na praia, como liso ondeia,
Gemendo triste - sem furor - com mágoas!...
Também meditas, oh! salgado pego?...
Também partilhas desta vida as frágoas??...

E a branca lua, a divagar no empíreo
Como uma virgem, na soidão da terra!...
Que doce encanto tem seu meigo aspecto!
Quantos enlevos sua tristeza encerra!

Oh! meditemos! Quem gemeu no bosque,
Onde a florzinha a perfumar cativa?
Seria o vento, que passando erguera
De tronco anoso a ramagem altiva?

O

De novo a mente a divagar começa,
Criando afouta seu sonhado amor!
Zombando altiva duma sorte avessa,
Que oprime a vida com fatal rigor!

E nesse instante sufocando a custo,
Meu peito o doce palpitar de amor.
Delicias bebe desterrando o susto
Que a noite incute, a semear pavor.

E um deleite, inda melhor que a vida,
Langor, quebranto, ou sofrimento, ou dor,
Um quê de afetos, meditando, eu sinto,
Na erma noite, a me exaltar de amor!

E nessa hora, gotejando o pranto,
Nas ermas ribas do saudoso mar,
Das horas mortas, esse doce encanto,
Dá vida ao ente, que criei pra amar...

E à doce imagem vaporosa, e bela,
Que a mente ergueu, que engrinaldou de amor,
Eis-me sorrindo melindrosa, e grata,
Como o perfume de amorosa flor!

E a mente a envolve de profundo afeto,
E dá-lhe a vida, que lhe dera Deus!
Ergue-lhe altares, lhe coroa a fronte,
Rende-lhe cultos, que só dera aos céus!

Colhe pra ela das roseiras belas,
Que aí cultiva - a mais singela flor,
E num suspiro vai depor-lhe às plantas,
Como oferenda, - seu mimoso amor!

Mas, ah! somente a duração da rosa,
Tem esse breve devanear da mente!
Volve-se à vida, onde há só pranto, e mágoa,
E cessa o encanto do amoroso ente...

Guimarães.

Outros acordes

AVENTURA

Almanaque de Lembranças Brasileiras

Embalde intento descobrir na vida,
Aquele gozo, que se diz - ventura!...
Embalde intento, que frustrar-me eu sinto
Doce esperança - minha sorte dura.

Talvez na campa eu encontrá-la possa,
Se for o orvalho da manhã beijá-la possa,
Se for o orvalho da manhã beijá-la,
E sobre a face despontar-lhe flores
Que ao frio leito - vá-me então levá-la.

Talvez nas asas do perfume grato,
Que baixa tênue das regiões dos céus,
Aí voando na amplidão minha'alma,
Possa gozá-la - se gozar seu Deus.

Guimrães.

3º Ano - 1868 - Julho.

ALMANACH

DE

LEMBRANÇAS BRAZILEIRAS

COORDENADAS E ESCRIPTAS

POR

CEZAR AUGUSTO MARQUES,

DOUTOR EM MEDICINA, CAVALLEIRO DA REAL ORDEM MILITAR PORTUGUEZA DE NOSSO SENHOR JEZUS CHRISTO, COMMISSARIO VACCINADOR PROVINCIAL, SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL, E DE MUITAS OUTRAS SOCIEDADES LITTERARIAS E SCIENTIFICAS, NACIONAES E EXTRANGEIRAS.

1° — 6
2° 7

3.° ANNO—1868.

Sentença a

C. A. Abreu

SAN'LUIZ DO MARANHÃO.

—

1868.

Outros acordes

OUTROS ACORDES

Poemas em prosa

UMA LÁGRIMA

À sentida morte da minha amiga D. Isabel Aurora de Barros Macedo
Oferecida ao seu extremoso esposo o Sr. José Domingues Jesus Macedo a sua inconsolável irmã D. Matilde Augusta de Barros Cordeiro

A vaga nasce, empola-se, e na praia,
Beija de leve a areia acetinada,
E volve-se. Ai da vaga!... O turbilhão
Sumiu-a... jaz desfeita!... é tudo nada!
E daquela,, que além o mar tragou,
Saudade imensa, e funda nos ficou.

Assim a flor mimosa, a flor nevada,
Que o ar embalsamou com seus olores;
Enlevo dos que a viam, enlevo dalma,
Que é de seus perfumes sedutores?
As pétalas varreu-lhe o vento agreste
Atirando-as ao pé do ermo cipreste!

Assim a vida de ontem como a flor,
Como a vaga sutil hoje esmorece,
A flor varreu-a o vento - a vida foge,
Nos umbrais do sepulcro desfalece!
E aquela que esparzia odor, encanto
Já não escuta de nossa alma o pranto!...

A vida é fosforescência à beira-mar.
Aquela que foi ontem nossa vida,
Hoje dorme, na campa esmorecida,
Sem alento, sem voz, calor ou luz!
Caiu hirta aos umbrais da eternidade!
Tombou na campa muda, irrgelada!
Da amiga, da irmã, da esposa amada,
Que resta?... A lápide e a singela cruz!

Dorme teu sono derradeiro, eterno,
Filha do céu, que à pátria remontaste!

Dorme à sombra da cruz, que tua memoria,
As saudades pungentes, que deixaste,
Hão de eterna existir em nossa alma,
Como um hino de amor, que nos legaste.

O PAIZ", 17 de março de 1885

Guimarães, fevereiro de 1885

À ESTREMECIDA MADASINHA SERRA

REVISTA MARANHENSE

Noutros dias, noutros tempos,
Na primavera da vida,
Eu tive lira querida,
Onde cantei meus amores,
E era empenho adorná-la,
Cada hora, cada dia,
Com palmas de poesia,
Com croas de magas flores.

Ah! nessa quadra mimosa,
Em que a existência é sorriso
Em que o mundo é um paraiso,
Em que viver é ventura;
Eu sonhava, - e nos meus sonhos,
A doce lira afinada,
Meigos cantos solucava,
Repassados de ternura.

Mas após nasceram prantos,
A mágoa, o fundo amargor;
Essas descrencas de amor,
Que o mundo em nada avalia.
E a pobre lira chorosa
A cada ai solucado,
A cada som magoado,
Mais uma corda partia.

Muito pranto gotejado
Sobre a triste, - a emudeceu;
Nem mais um canto gemeu,
Nem mais um ai solucou:
E mais, e mais se partindo,
E mais, e mais estalando,
Pálida a triste chorando,
Pobre lira!... se finou!

Foi então na mágoa intensa,
Nesse gemer de agonia,
Nessa dor de cada dia;
Que minha harpa encordoei.
Que cordas então lhe pus,
Sonoras, doces, cadentes...
Ao som das notas fluentes,
Novos cantos ensaiei.

De novo a vida volvi,
Meu coração expandiu-se.
Cantei; minha alma sorriu-se
Embriagada de odor.
De manso gemia a brisa,
Em seu girar descuidoso;
Era um sonho venturoso,
Aquele sonho de amor.

Mas, ah! engano!... Era sonho,
Era um sonho mentiroso!
Que despertar doloroso,
Foi esse meu despertar!
Achei-me só neste mundo,
Vaga sombra, errante e triste...
Onde agora o sonho existe?
Onde existe o meu sonhar?

Tomei da vida desgosto,
Caí em funda apatia;
Dessa dor ninguém sabia,
Guardei-a no coração.
Mais uma rosa esfolhada,
Uma página sentida,
No triste livro da vida,
- Uma pálida inscrição.

Mas, vês? no meio do meu céu tão negro,
Surgiu divino teu mimoso rosto;
Sinto amarguras de passadas eras,
Mas, serenaste meu mortal desgosto.

À SENTIDA MORTE DA MENINA D. JULIA SÁ

A SUA EXTREMOSA FAMÍLIA

Oh! filha do céu, visão de amores
Cândida, e pura sedutora virgem,
Na breve vida no existir das flores,
Colheu-te sôfrega a mortal vertigem!

Que foi? que sopro rijo, álgida aragem,
Estampou-te na fronte albor sem fim?
Que foi meiga cecém, casta miragem,
Que em tal desmaio te prostou assim?!!...

Por que esse langor? - e esmorecida,
Pende-te a fronte de marfim - gelada?
Tu cismas? oh! Desperta, volve à vida,
Não desfaleças sedutora fada!...

Despe esse palor, palor de morte,
Sacode o manto fúnebre, e algente;
Descerra os lábios - num impulso forte,
E a morte - com um sorrir desmente.

Mas, oh! não volves! não atendes... segues
Oh! noiva do sepulcro! merencória!...
Vai mimosa vestal - sim, tu prossegues,
Casta Susana de que fala a História.

Vai, donzela vai... segue essa senda,
Ao que vive ignota, e misteriosa;
Onde a mente atrevida, e orgulhosa,
Não penetra, não trilha, não desvenda.

Trajando as vestes de candura - voa,
Espírito sutil, busca teu Deus.

Um cântico suave além ressoa,
E mais um anjo penetrou nos Céus.

Diário do Maranhão, 28 de março de 1889

Guimarães, 3 de março de 1889.

Poemas em
Prosa

UMA LÁGRIMA SOBRE O TÚMULO DE

MANOEL RAIMUNDO FERREIRA GUTERRES.

Cidadão prestimoso - cavalheiro,
Altivo, sem orgulho - irmão do pobre;
As cívicas virtudes, que te ornavam
O gelo do sepulcro agora encobre!...

Esposo, filho, irmão, pai extremoso,
E amigo desvelado... Onde se oculta?
Onde se esconde? no sudário álgido!
Da campa!... Oh! quanta dor, minha alma enluta.

Inerte dormes silencioso, alheio,
A tanto pranto da saudade filho!...
Ah! tu seguiste, sem pavor, - medonho,
Da morte fria - o tenebroso trilho!!!...

Tributo inevitável! sorte amara!
Morrer!... Ah! quanta dor! quanta amargura,
Um vulto ingente, e nobre a todos caro,
Baixar inerte a fria sepultura!!!...

Ah! por que o não poupaste, oh! cruel!
Ao pai - amigo ao cidadão ingente,
Ao exímio patriota, o irmão do povo,
Golpe tão agro, golpe tão pungente!!!...

As lágrimas me embargam a voz... Descansa.
Corra em silêncio meu sentido pranto;
Simbolize ele a coroa que te oferece,
Quem não sabe gemer na lira um canto!

Pacotilha, 12 de abril de 1897.

121

SALVE!
À digna Sociedade Artística Beneficente da vila de Guimarães.

Salve! oh sociedade! Eu te saúdo!
Mãe do progresso - do trabalho filha!
Elo sublime que estreita e prende
O rico - ao pobre, que a virtude trilha!

Eu te saúdo! no correr dos anos
As porvindouras gerações dirão:
O progresso Ela trouxe - dela emana
A moral - e o progresso, - a instrucão.

Eia, prossegue... teu caminho é vasto!
Trabalha sempre em afanosa lida,
É nobre, é edificante essa tarefa,
Eleva, dá vigor, anima a vida.

Avante! avante... não trepides nunca:
Firam-te embora abrolhos no caminho:
É sempre assim difícil colher flores,
Sem sentir lancinante, agudo espinho.

E no extremo da senda hoje encetada,
Como estrela polar te acena a glória
Uma nítida página, uma epopéia
Em letras de ouro te dará a história.

Salve oh sociedade! Eu te saúdo,
Mãe do progresso... do trabalho filha!
Elo sublime que encandeia, e prende,
O rico - ao pobre que a virtude trilha!

2.7.1900

Pacotilha, 6 de Julho de 1900

Poemas em prosa

UM BRINDE À NOIVA

Eu vou brindar-te, sedutora virgem,
Visão de amores que adejas na terra,
Sonho de vate - de poeta lira,
Ânfora de ouro que a moral encerra.

Quero brindar-te... Engrinaldei a lira,
Que tanto há já, que não modula um canto;
Que só cismando amargurados transes,
Emudeceu de solucado pranto.

Porém agora o meu ser agita
Comoção de prazer imenso e belo,
Quero exprimir-te - fraca embora a voz,
O que sente minha alma, o que hoje anelo.

Anelo-te um porvir todo enastrado
De rosas sem espinhos, - diva flor,
Céu de nuvens varrido - senda clara;
A vida deslizada, a par do amor.

E que trenos sagrados de harpas santas,
Ao lar te sigam com seus dúlios cantos
E que bençãos com o sorriso nos lábios,
Tanta ventura - esse viver de encantos.

Se acolhes, jovem desta amiga os votos,
Deixa unir o meu peito, ao peito teu;
Fui tua preceptora - amei-te sempre;
Eis o que sinto, eis o brinde meu.

21.7.1900

"PACOTILHA", 11 de Agosto de 1900

Poemas em prosa

À Exm.a Sra.
D. ANA ESMERALDA M. SÁ

Mais um dia feliz, mais uma página
No livro da existência, hoje volvestes.
Um passo te levou dum estado a outro.
E esse passo com estoicismo o deste.

Ontem, teu sorriso era das brisas
Que passam brandas sobre a relva em flor,
Ontem, menina descuidosa e bela,
Hoje, esposa feliz, mimo de amor.

Deixaste ontem o lar paterno - o ninho
Onde nos dias infantis folgaste:
Hoje não cismas - já não sonhas - crês,
Porque um novo cenário desvendaste.

Hoje segues um trilho amenizado,
Onde viceja delicada flor,
Cultiva-a sempre com ternura e encanto:
Tipo serás de conjugar o amor.

Cultiva as flores - que a fragância delas
Será perene qual o teu sorriso.
Por entre flores deslizando a vida,
Essa vida será um paraíso.

"PACOTILHA", 11 de Agosto de 1900

Poemas em prosa

Ao digníssimo colega
o Sr. Policarpo Lopes Teixeira No dia
30 de abril - por ocasião dos exames da
aula Sotero - Oferece

Vós filho do progresso, Avante! Avante!
Não desmintais o brio brasileiro,
Qualquer que seeja a senda a percorrer,
Será sempre a instrução vosso luzeiro.

Sempre essa estrela vos será benigna,
Trilheis embora a custo agros caminhos;
Ela sempre explendente, e vós com fé,
Sabereis evitar, mortais espinhos.

Prossegui! Essa luz nos vem de Deus,
É sublime, é divina, é a redenção;
Vossos direitos sacros vos aponta,
Vos eleva, e enobrece, é a Instrução.

E vós preceptor distinto, e nobre,
E digno de nossa eterna gratidão;
Aceitai neste dia memorável,
Sincera, e merecida essa ovação.

Sim. Guimarães saúda-vos unânime,
O digno preceptor da mocidade!
Aquele que guiando nossos filhos,
Lhes mostra Dever - Pátria e Liberdade!

O FEDERALISTA, 19 de Maio de 1903

Poemas em prosa

POEMAS EM PROSA

nha alma atirou a aquellas solidões geladas pelo sopro da morte;—esquecidas, dormentes, abandonadas no meio de uma populaçam, que se agita, que se meneia, que ri, e folga; e que dorme não lembrada de suas saudades um somno tranquillo: porque a memoria do que ali jaz, não vem a noite, a hora do repouso collocar-se em torno do seu leito.

Esse suspiro prolongado doido como a agonia do moribundo, foi um echo de minh'alma febrecitante, repercutido sobre as muralhas d'aquelle ambito de tristesas, ao qual eu sentia minh'alma presa, como a lousa na sepultura.

Esse suspiro, resumio um passado risonho; mas breve;—um passado feliz; mas... um presente de lagrimas e prolongadas amarguras...

Foi um suspiro intimo, doloroso;—um suspiro lento como soluço de agonisante.

Elle passou por meu peito despedaçando uma, a uma todas as cordas da harpa gemedora de minh'alma, e foi perder-se na amplidam do ceu; porque a terra não o podia comprehender.

Deos sim,—Deos o comprehendeu; porque comprehende a grandesa de todas as dores humanas; porque as pesa na balança do soffrimento;—porque compadecido de tão agro tormento, um dia nos diz:

—Basta!

Basta, sim;—porque esse martyrio é o grito de Rachel soluçando seu filho bem—amado... é o brado do infeliz, que mão homécida despenhou no abysmo;—é o suspiro doloroso da rola solitaria!...

Basta... porque esse soffrimento é o vaso de absyntio, que amargura a existencia até o extremo;—é suor de sangue a gotejar na terra, espremido pelas agonias do Horto!...

Basta em fim; porque a alma enlanguece a força da dor que a dilacera;—os olhos inchutos pelas agonias da vida;—o coraçam desfeito, e morto pelo sopro glacial da desventura, inclina-se para a borda da sepultura!...

E o vapor corria, corria sempre.

Fim.

Guimarães—72.

Maria Firmina dos Reis.

MARIETA.

PAGINAS D'UM LIVRO.

Á Antonio Mello.

Vem do n. 30.

III

—Voto com o capitão! disse um dos circumstantes.

—E deve o fazer, continuou elle, porque, meu amigo, eu lhe conto: na mocidade a nossa vida é um vaso de flores...

—Menos a minha, disse eu, interrompendo-o; será uma toiça de cardos, chapada esteril, onde brotam unicamente doridos espinhos...o perfume dulcissimo de fragrantes flores só experimentei no berço...e lá mesmo...sabe-o Deos.

—Quero concordar, disse o arrojado marinheiro, tirando os occulos e depondo *L'unicers illustré;* mas se não fosse o Sr. tão precipitado, escutaria de minha propria bocca o reverso da bonita medalha que lhe tracei. Escutem-me, pois: e na qualidade de mais velho não admitto interrupção sem previa licença.—De uma vocação decidida pela vida maritima, com a edade de quinze annos assentei praça de grumete em um dos vasos de nossa esquadra, então sob o commando de um homem respeitavel pelo seu talento e virtudes. Comecei a navegar e o amor cego, por aquella vida crescia de ponto. Vi Portugal; e como lhes posso mostrar das minhas impressões de viagem, Lisboa, Porto, Coimbra e Braga viram os meus primeiros passos na carreira do amor...Eu que admirava o *chorado* de nossos sertanejos, extasiava-me vendo a *Canna-verde* das coradas *cachopas* aldeans.

As obras d'arte, os acqueductos, estatuas e palacios não me influiram tanto como a simplicidade rustica d'aquella parte da população lusa.

Os pinhaes seculares que ali abundam foram por mais de uma vez testemunhas de minhas primeiras phrases de amor, murmuradas quasi ao ouvido de rechonchudas aldeans. Ah! tempo da *esfolhada* ainda hoje te choro...Passando á Hespanha, Cordova, Andaluzia e Madrid por fim foram theatro de minhas heroicidades...Já eu esquecia a *Canna Verde* e o *Fado* para me embriagar nos *tangos* e *boleros* tão communs entre a raça iberica...na Hespanha, quem não dança é condemnado ao ostracismo social, *niñas, muchachas y madres* vivem da dança e para a dança... Quantas *calles y plazas* não me escutaram dizer muitas vezes

Hija querida de la gloria,
Hermana del pensamiento,—
My corazon te habla de amor...

E no entanto, passando á Italia, Napoles, Genova e Veneza varreram-me da mente a impressão do rosto gordo da *cachopa* lusitana e o pé pequeno e bem torneado da *hespanholita* dengosa. Quando a minha fraqueza de conquistador me levava a declarar que já tinha visto tudo aquillo, a napolitana espigada perguntava-me logo: *si é amatto? videre Napoli e poi morir;* e as ruas de Napoles, apinhadas de *lazzaroni*, e os canaes de Veneza, cobertos de gondolas, testemunharam não só as minhas aventuras arriscadas, como tambem as minhas lamentações, acompanhadas ou pelo bandolim, ou pelo *realejo*.

E o mesmo deu-se á respeito da Franca, Inglaterra, Escossia, etc. etc.; as pontes do Sena, *Love's street and Garden palace* presenceiaram,

Gupiva

MEDITAÇÃO

"O JARDIM DAS MARANHENSES"

O mar estava tranqüilo, e espreguiçava-se por sobre os areais de prata da praia solitária, como uma criança adormecida no seu leito. Eu o via assim calmo, e comparava-o com o que me ia pelo íntimo da alma, e pedia a Deus que amodorrasse minhas dores no meu peito, como tinha amodorrado o mar na sua morada.

Mas, minhas dores prosseguiam fundas, surdas, e sem uma esperança de lenitivo. E a lua subia o cume dos céus, e prateava a superfície das águas; mas, era triste e meditabunda, pálida, e desconsolada como minha alma. Ela é como a donzela, e como o poeta, que a desesperança secou a seiva da existência...

Desesperança!!! Acaso não serás tu um crime para aquele a quem o mártir do Calvário resgatou com seu sangue?... Por que pois, homem, que confessas a existência do filho de Deus, asilas em teu coração a desesperança?...

Meu Deus! o homem é tão débil, é tão pó, que a força de muito sofrer, de muitas esperanças iludidas, cai malgrado seu nesse mórbido torpor, nessa apatia dolorosa, a que chamamos: -

Desesperança!...

E o mar lambia mansamente as prateadas areias da praia e a lua prosseguia em sua noturna divagação, e eu dizia:

- Meu Deus, que é pois hoje a minha vida? Árida, e pedregosa estrada - deserto ardente, onde não se descobre afronte risonha dum amigo; ou a mão esquálida, e fria do anjo do extermínio que aperte esta mão requeimada pelo ardor do sol no zênite.

Eis a minha vida: completa solidão, onde um pássaro, não desprende melodiosos sons, onde um flor não brilha derramando aromas, onde uma fonte não murmura melindrosas queixas: é uma sepultura, enfim, onde não despontam flores.

Meu Deus, a desesperança estava em minha alma, e se a vossa misericórdia não fosse ilimitada, eu não poderia obter o perdão; porque todo homem deve esperar em vós, e eu me tinha, esquecido desse salutar dever.

A lua era então perpendicular sobre minha cabeça; o mar gemeu como se lhe

houvessem pesado o dorso, e uma onda de vento agitou os areais da praia. Uma viração benéfica murmurou nos leques dos palmares, e esse rugir poético da solidão trouxe a minha alma esquecida então até de si própria, uma melancólica mas doce recordação.

Oh! eu amei o gemido do mar, a onda de vento passageira, e o ruído dos palmares, que despertaram-me essa ditosa recordação.

O presente pesa-me como um fardo enorme - o futuro envolve-se-me em denso véu de escuridão; por que desdenharei o passado?... Há nele uma recordação, uma só; mas essa é a minha vida: nela concentra-se, resume-se tudo quanto de melhor tenho gozado; tudo quanto me resta inda a gozar na terra.

Oh! Deus de suprema, e infinda bondade, quando devieis fulminar-me com os vossos raios, mandastes ao mar que gemesse, o vento que ondulasse em torno de mim, e as palmeiras que rumorejassem.

Ao ruído poético dos palmares despertou-se uma dulcíssima recordação, e a proporção que meu coração deleitava-se em afagá-la, a minha alma, reconhecida a seu Deus, começava a conceber uma nova esperança.

Com que um hino de amor, e de reconhecimento,, entoaram o mar, o vento, e os palmares; e eu dobrei os joelhos, juntei a voz da natureza, a voz da minha alma. Eu já tinha uma esperança; e por isso bendizia a Deus do fundo do meu coração.

Guimarães 1861.

25 de novembro de 1861 - Nº 27

Gupiva

UM ARTIGO DAS MINHAS IMPRESSÕES DE VIAGEM

PÁGINA ÍNTIMA

"O DOMINGO"

De longe, pela proa do navio, o penedo que se ergue entre dous mares, distendendo seus negros braços de pedra, acenava com meneios de quem quer atrair; e o vapor fugia, deixando após si um sulco branco, e espumoso.

Então eu lancei-lhe os olhos áridos de uma lágrima, e pareceu-me ver a flor das águas aniladas, que lhe beijavam as plantas, chusma risonha de ninfas salitrosas, erguendo, e mergulhando as frontes cândidas, e formosas, e entregando às lufadas do vento, as roupas de alvura deslumbrante, sombreadas pelas tranças sedosas de seus dourados cabelos!

Itacolomi! As crenças populares, melhor que o nauta, que desvia cauteloso a proa de seu navio de sobre teus perigosos escolhos, as crenças populares eternizaram teu seio ondoso, e palpitante.

O encanto de que te revestiram, as raças primitivas, as raças indígenas, que hoje se vão bem longe de nós, se prende a todas as lendas nacionais, predomina ainda hoje poética, e misteriosa como a superstição de todos os povos, e há de passar com o mesmo prestígio as gerações porvindouras.

Ah! quantas recordações se prendem a ti!

Itacolomi!... Recordações desses tempos que três séculos e meio, ainda não puderam esquecer; - recordações dessas raças belicosas, de caráter altivo, de sentimentos nobres, e elevados...

Na destra o arco retesado pela flecha, - na cinta a aljava; - o ardor no coração, - nos lábios o canto rude do guerreiro, ei-los... sem o temor da morte, em campo raso, vertendo sangue por cada poro, e investindo sempre com redobrado valor; - porque esse sangue derrama-o pela sua liberdade!

Livre como o pássaro, ou como o ar - esse sangue vai consolidar a sua independência, e o seu direito.

E depois na paz náuticos destemidos, e ousados, ao doce suspirar da brisa, ou ao ronco medonho da procela, lá o vereis na ligeira piroga cortan-

do mares agitados.

Então não era já o canto do guerreiro que o índio modulava, - era uma canção sonora, como gemido de viração matutina. De seus lábios fugiam, e iam perder-se na vastidão dos mares notas agudas; às vezes acentos de dulcíssimas harmonias.

Meu coração desperto pelas saudades de um - "adeus" - buscava estas recordações, - e depois recaía em penoso cismar.

De repente eu exalei um gemido: - minha alma voou aos olhos.

Essas praias... eu as via, e contemplava com a curiosidade de quem nunca as havia visto.

E o navio corria, corria sempre. Meu Deus! meu coração confrageu-se; - a dor tão cruciante pareceu-lhe quebrar as fibras. Ele não soltou um ai; mas no imo gemeu um gemido doloroso que só lhe escutaram as áuras que adejavam além, nesses belíssimos lugares onde um dia a vida me sorriu, e que ora só me pedem lágrimas, e suspiros.

Terra estéril, e poeirenta! embalde hei banhado teu seio com lágrimas de tantos anos...

Ah! o que então senti, não podem exprimi-lo lábios humanos.

Ponta de um ferro agudo que me penetrasse o seio; - eco dorido partindo das solidões da terra; a me enternar na alma; - fantasma tétrico, hirto, e medonho a me acenar para o túmulo, não produzia em mim o que então senti.

Não, não despertaria em minha alma tantas dores, como me despertou essa terra silenciosa, que lobriguei primeiro que outrem na extremidade dessas vastíssimas praias arenosas, onde a alcíone geme seu gemer saudoso, como o nauta longe da terra, onde ficaram seus poéticos amores; - onde a onda se arremessa ora marulhosa, e fremente, ora mansa beijando namorada a planura da praia solitária.

Não, eu não sentiria tanto.

Sim, - na extremidade delas, essa terra, a quem liguei meu coração... terra dos meus dourados sonhos de poesia, - terra, onde eu quisera, - mísera de mim! exalar meu último suspiro.

Mas, eu a vi apenas.

Pálida, debruçada sobre a corrente impetuosa, parecia uma flor desbotada, que o arfar das vagas arremessa sobre a encosta solitária.

contemplei-a com a alma; melhor que com os olhos.

Ah! havia agonia íntima, nessa íntima, contemplação,

Ela desdobrou-se inteira a meus olhos... era a virgem cismadora nas ribanceiras do mar, - era a recordação viva de meus poéticos devaneios...

Parece-me que me distendia os braços em transporte de angustioso pranto, e com voz lânguida, e dolorosa me dizia: - Vem.

Vem gemer sobre meu seio, esse gemer de rola moribunda na solidão das florestas...

Gupiva

Olhei-a... era ela... a mesma que outrora eu saudara com um sorriso jubiloso!

nº 30 - 1º de setembro de 1872

(Vide o nº 30)
8 de setembro de 1872

Minha alma então voando ao seio arquejante que ela me devassava, segredou-lhe um instante frases mudas, mas eloqüentes, que Deus quis que saiba, e as compreenda todo aquele que sofre muito.

Essa linguagem bem depressa a compreendeu ela; porque fez-se pálida, mais que dantes, e veio trêmula e agitada, colocar-se mais junto a mim.

Sua fronte altiva coroada pelo teto de antigos edifícios, curvada agora para o seio comprimido pela dor moral, que a abatia, dava-lhe a semelhança de estátua de amargura sobre um túmulo gelado.

Olhei-a, e de meu peito rebentaram lágrimas. Ela volveu um pouco a face em presença da dor, que a lacerava, e desdobrou a meus olhos um campo árido e vazio de um só momento que nos prenda a vida.

Uma baixa muralha alvacenta, - uma gradaria de ferro, um portão na face, - no fundo uma cruz sobranceira, erma, e solitária como minha alma; eis o que ela no pungir de sua dor, compreendeu que meu coração lhe suplicava.

Sim. Não se havia enganado.

Era isso mesmo que minha alma lhe pedia na muda linguagem que lhe havia dirigido.

Foi por isso que ela cruvou a fronte abatida, e volveu melancólica, o pálido semblante.

Eu exalei um suspiro único, - mas esse suspiro quebrou, passando todas as fibras de meu coração magoado.

Esse suspiro foi a saudação pungente que minha alma atirou áquelas solidões geladas pelo sopro da morte; - esquecidas, dormentes, abandonadas no meio de uma população, que se agita, que se meneia, que ri, e folga; e que dorme não lembrada de suas saudades um sono tranquilo; porque a memória do que ali jaz, não vem à noite, à hora do repouso colocar-se em torno do seu leito.

Esse suspiro prolongado, doído como a agonia do morinbundo, foi um eco de minha alma febricitante, repercutido sobre as muralhas daquele âmbito de tristezas, ao qual eu sentia minha alma presa, como a lousa na sepultura.

Esse suspiro resumiu um passado risonho; mas breve - um passado feliz; mas... um presente de lágrimas e prolongadas amarguras...

P. 111

Foi um suspiro íntimo, doloroso; um suspiro lento como soluço do agonizante.

Ele passou por meu peito despedaçando uma a uma todas as cordas da harpa genfedora de minha alma, e foi-se perder na amplidão de céu; porque a terra não podia compreender.

Deus sim, - Deus o compreendeu; porque compreende a grandeza de todas as dores humanas; porque as pesa na balança do sofrimento; - porque compadecido de tão agro tormento, um dia nos diz:

Basta!

Basta, sim; - porque esse martírio é o grito de Raquel soluçando seu filho bem-amado... é o brado do infeliz, que mão homicida despenhou no abismo; - é o suspiro doloroso da rola solitária!...

Basta... porque esse sofrimento é o vaso de absinto, que amargura a existência até o extremo; - é o suor de sangue a gotejar na terra, espremido pelas agonias do Horto!...

Basta enfim; porque a alma emanguece a força da dor que a dilacera; - os olhos enxutos pelas agonias da vida; o coração desfeito, e morto pelo sopro glacial da desventura, inclina-se para a borda da sepultura!...

E o vapor corria, corria sempre.

Fim.

Guimarães - 72.

Gupeva

GUPEVA

ROMANCE

vemos observar que a theoria que faz dirivar todas as nossas idéas das sensações foi o real fundamento da doutrina de Hobes, Helvecio e outros que aniquilão as leis civis. Se todas as nossas idéas vem dos sentidos, é que nossos juisos não são senão sensações, é evidente, que nossas idéas moraes não tendo outra origem é unicamente pela impressão dos sentidos que nós deveriamos julgar do bom e do máu, e conseguintemente o instincto phisico seria para nós o unico meio de apreciar nossas acções, e não haveria bem senão no que tendesse á satisfasel-o, e assim nossos deveres serião confundidos com nossas paixões. Porem como esta doutrina horrivel tendesse ao desmoronamento do corpo social, virão-se obrigados á buscar um paradeiro e não o encontrarão senão nas leis civis O bem e o mal, segundo elles, nada é por si mesmo: só é o permittido ou prohibido pela lei.» (4)

Triste e miseravel conclusão! querer que as maiores iniquidades, que tragão o nome de lei sejão abraçadas como lei; que a virtude, quando perseguida pela ambição, pela depravação, e mesquinha vingança, paramentadas com o epitheto de lei, seja despresada!

Oh! como bem entendia S. Thomaz, esse anjo da eschola, a lei natural, quando nem classifica de lei humana aquella que apenas d'ella discordasse—*Si lex humanitus posita ni aliquo á lege naturali discordet, jam non erit lex, sed legis corruptio.*

Que seria da sociedade com suas impotentes leis se o homem podendo furtar-se ao seu cumprimento não encontrasse um freio na consciencia; não sentisse em si uma lei á que não pode illudir?

Que seria da sociedade se para sua sustentação o homem houvesse de fazer o que não pode, houvesse de crear idéas, que delle não dependem, houvesse, finalmente, de inventar a idéa do bem e do mal!..

S. Luiz, 1865. *L. B.*

(4) Ibd.

Começamos hoje á estampar o romance *Gupeva*, trabalho da talentosa maranhense, Maria Firmina dos Reis, cuja tenacidade nos labores litterarios, e amôr ao estudo são bem conhecidos do publico.

Essa composição ligeira, porem onde revela-se o talento de sua habil auctora, foi-nos offertada por a mesma, que cuidadosamente a corregio para ser publicada neste jornal.

Seja a publicação do *Gupeva* um estimulo ás mais senhoras, que cultivão as lettras, porem uma modestia cõndemnavel as tem conservado no silencio e obscuridade.

Aos illustrados leitores recommendamos que o leião, e sejão indulgentes para as lacunas, que por ventura encontrem.

—

GUPEVA.

ROMANCE BRASILIENSE.

I

Era uma bella tarde; o sol de agosto animador, e grato declinava já seos fulgidos raios; no occaso elle derramava um derradeiro olhar sobre a terra e sobre o mar, que a essa hora magica do crepusculo, estava calmo, e bonançoso, como uma criança adormecida nos braços de sua mãi.

Seus raios desenhavam no horisonte as cores cambientes do prisma, e desciam com melancholico sorriso as planuras da terra, e a superficie do mar.

Uma tarde de agosto nas nossas terras do norte, tem um encanto particular; quem ainda as não gosou, não conhece na vida o que ha de mais bello, mais poetico, não conhece a hora do dia que o Creador nos deo para esquecermos to-

A escrave

GUPEVA

ROMANCE BRASILIENSE

"Eco da Juventude" (3ª edição - 1865)

Tarde de agosto

Era uma bela tarde; o sol de agosto animador, e grato declinava já seus fúlgidos raios; no ocaso ele derramava um derradeiro olhar sobre a terra e sobre o mar, que a essa hora mágica do crepúsculo, estava calmo, e bonançoso, como uma criança adormecida nos braços de sua mãe.

Seus raios desenhavam no horizonte as cores cambiantes do prisma, e desciam com melancólico sorriso as planuras da terra, e a superfície do mar.

*

Uma tarde de agosto nas nossas terras do norte, tem um encanto particular; quem ainda as não gozou, não conhece na vida o que há de mais belo, mais poético, não conhece a hora do dia que o Criador nos deu para esquecermos todas as ambições da vida, para folhearmos o livro do nosso passado, buscarmos nela a melhor página a única dourada que nela existe, e aí nos deleitarmos na recordação saudável da hora feliz da nossa existência: aquele que ainda a não gozou e como se seus olhos vivessem cerrados à luz; é como se seu coração empedernido nunca houvera sentido uma doce emoção, é como se a voz da sua alma nunca uma voz amiga houvera respondido.

visão e dança

O que a gozou, sim; o que a goza, esse adivinha os prazeres do paraíso, sonha as poesias do céu, escuta a voz dos anjos na morada celeste; esquece as dores da existência, e embala-se na esperança duma eternidade risonha, ama o seu Deus, e lhe dispensa afetos; porque nessa hora como que a face do Senhor se nos patenteia nos desmaiados raios do sol, no manso gemer da brisa, o saudoso murmúrio das matas, na vasta superfície das águas, na ondulação mimosa dos palmares, no perfume odorífero das flores no canto suavíssimo das aves, na voz reconhecida da nossa alma!

*

Era pois como dissemos, uma bela tarde de agosto, e dessa encantado-

p. 115

ra tarde gozavam com delícia os habitantes da Bahia, nessa época bem raros, e ainda incultos, ou quase selvagens. O disco do sol amortecido em seu último alento beijava as enxárcias dum navio ancorado na Baía de Todos os Santos, a cuja frente eleva-se hoje a bela cidade de S. Salvador, e afagava mansamente as faces pálidas dum jovem oficial, que à hora do crepúsculo, com os olhos fitos em terra parecia devorado por um ardentíssimo desejo, por um querer que a seu pesar lhe atraía para onde quer que fosse todos os sentimentos da sua alma.

Sonhava acordado; mas era esse sonhar desesperado, ansioso, frenético como o sonhar dum louco; era um sonhar doído, cansado, incômodo, como o sonhar do homem que já não tem uma esperança; era o sonhar frenético de Napoleão, nas solidões de Santa Helena, era o sonhar doído de Luís XVI na véspera do suplício. Encostado ao castelo da popa o mancebo parecia nada ver do que lhe ia em torno, nem mesmo o sol, que dava-lhe então seu derradeiro, e melancólico adeus, escondendo seu disco nas regiões do oceano.

Patética, sublime, e quase misteriosa era a despedida desse sol, brincando tristemente nos cabelos acetinados do moço oficial, e fugindo vagaroso, e de novo voltando, envolvendo-o pelas espáduas, como em um último abraço, e depois mergulhando-se pressuroso nas trevas, como um amigo que junto do sepulcro beija as faces geladas, e lívidas do amigo, e corre com a saudade no coração a cobrir seus membros de lutuosas vestes.

O navio em que acabamos de ver esse moço, que ainda mal conhecemos, era O Infante de Portugal, vaso de guerra, que havia trazido à Bahia Francisco Pereira Coutinho, donatário daquela capitania, depois que a célebre Paraguaçú, princesa do Brasil, cedera seus direitos em favor da coroa de Portugal. O Infante acabava de receber as últimas ordens de Coutinho, e velejava no dia seguinte em demanda do Tejo.

Voltemos pois ao mancebo, que conquanto fosse noite, permanecia ainda no mesmo lugar em que o encontramos. Em seus grandes olhos negros transparecia todo desassossego dum coração agitado. Sua idade não podia exceder a vinte e um anos. Era jovem, e belo; o uniforme de marinha fazia sobressair as delicadas formas do seu talhe esbelto e juvenil.

Mas, as trevas eram já mais densas, e o coração do moço confrangia-se, e redobrava de ansiedade. Seus olhos ardentes pareciam querer divisar através dessas matas ainda quase virgens um objeto qualquer. Sem dúvida nesse lugar outrora solitário, hoje populoso e civilizado, havia alguma coisa que o mancebo amava mais que a vida, em que fazia consistir toda a sua felicidade, resumia todo o seu querer, todas as suas ambições, toda a sua ventura. Havia aí algum ente extremamente amado; alguém que atraía para si todas as faculdades, toda a alma do mancebo europeu.

- Que tens tu, meu querido Gastão? interpelou-lhe um outro jovem oficial, tocando-lhe amigavelmente no ombro. O que te aflige? Estás triste!...

A escrava

O moço interrogado estremeceu ligeiramente, como quem desperta de um profundo sono; e fitando o seu interlocutor, com pungente sorriso, disse:

- Triste... sim, Alberto, contrariado, meu caro amigo.

- Tu, meu caro? E por que? tornou-lhe aquele a quem este designara Alberto. O que te aconteceu, caro Gastão?

- Sairemos amanhã!... respondeu Gastão. Nestas duas únicas palavras encerrava-se tudo quanto o homem pode sofrer de mais doloroso, amargo, e acerbo na carreira da vida; e por isso o acento com que as proferia caiou na alma de Alberto. Este contemplou-o por algum tempo com uma curiosidade travada de surpresa, e sem poder compreender o acento de tais palavras, nem qual a causa de tão grande amargura, disse-lhe:

- É isso o que te contraria, e te aflige?....

Gastão ergueu a fronte até então abatida, e deixando cair suas vistas sobre seu amigo, murmurou:

- Alberto, para que me interrogas? podes acaso compreender o martírio do meu coração?!

- Ah! pensas nela?!... exclamou sorrindo-se o jovem Alberto. Ora, Gastão pelo céu! Meu amigo, creio que estás louco.

Gastão abaixou novamente a cabeça, e balbuciou:

- Embora... mas... era um delírio, que poderia ter suas consequências. Alberto pensou nisso e procurou dissuadi-lo. Gastão, disse procurando tomar-lhe entre as suas mãos que loucura meu amigo - que loucura a tua apaixonares-te por uma indígena do Brasil; por uma mulher selvagem, por uma mulher sem nascimento, sem prestígio; ora, Gastão sê mais prudente; esquece-a.

- Esquecê-la! exclamou o moço apaixonado, nunca!

- Tanto pior, lhe tornou o outro, será para ti um constante martírio.

- E por que?

- E por quê?! Porque ela não pode ser tua mulher, visto que é muito inferior a ti; porque tu não poderás viver junto dela a menos que intentasses cortar a tua carreira na marinha, a menos que desprezando a sociedade te quisesses concentrar com ela nestas matas. Gastão, em nome da nossa amizade, esquece-a.

- Pede à terra que esqueça seu constante movimento, ao vento que cesse o seu girar contínuo, às flores que transformem seus odores em pestilentos cheiros, às aves que emudeçam as galas da madrugada, murmurou Gastão,com melancolia.

Alberto guardou silêncio por alguns minutos, e de novo disse:

- Louco! louco! Gastão, meu amigo, traga até as fezes do teu cálice de amargura; mas faze o sacrifício do teu amor em atenção a ti mesmo, ao teu futuro...

- O meu futuro é ela... replicou Gastão, interrompendo seu jovem amigo.

p. 117

- Primeiro-tenente de marinha hoje, meu querido Gastão, breve terás uma patente superior que...

- Que me importa a mim tudo isso, Alberto, acaso isso pode indenizar-me da dor de perdê-la? Alberto, tu não és francês, o teu clima cria almas intrépidas, corações fortes, ou rudes ardendo sempre mas em fogo belicoso: o sangue que herdaste de teus avós gira em teu peito com ambição de glória, de renome; são nobres as tuas ambições, eu as respeito; porém as minhas são destruídas de toda a vaidade... As minhas ambições, o meu querer, meu desejo resume-se todo nela. Para que me falas das grandezas deste mundo? Alberto, eu as desprezo, se não forem para repartir com ela.

- Todos nós, lhe disse Alberto, temos a nossa hora de loucura; também o português, meu caro, a experimenta às vezes, não obstante como dizes, o nosso clima gera corações mais rudes; mas, Gastão, teus pais! Queres acaso afrontar a maldição paterna?

- Sim, tornou o jovem francês, ainda quando ela houvesse de cair sobre minha cabeça, eu não poderia esquecer a mulher a quem dedico todo o meu coração.

- Decididamente perdeste o juízo, meu caro amigo, disse Alberto comovido. Que pretendes, Gastão, fazer dessa mulher?

- Amá-la, meu Alberto, como nunca se amou mulher alguma.

- O amor, Gastão, é como um meteoro luminoso, é uma aurora boreal dos trópicos, sua duração é de momento.

- Não, redarguiu o triste, sinto que hei de amá-la enquanto me animar um átomo de vida, sinto que seu nome será o derradeiro que hei de pronunciar à hora da morte, sinto que..

- Cala-te, Gastão, cala-te! lhe retorquiu o jovem português; teus desvarios me causam um pungente sofrer.

E que me importa isso? disse friamente o moço francês, sabes acaso a grandeza do meu sofrimento? Sabes, bem conheces e não te apiadas de mim.

-Ingrato! exclamou comovido o jovem oficial português. Gastão, em nome do céu, recompõe o teu juízo, não penses mais nessa mulher. Eia, promete-me, e eu...

- É impossível, Alberto. Impossível, meu amigo. Oh! se soubesses... Alberto, eu a tenho aqui no coração. É ela a mulher dos meus sonhos de adolescência, é a visão celeste, e arrebatadora da minha infância, é o anjo que presidiu o meu nascimento. Alberto, quem a poderá resistir? Louco o que a vendo possa deixar de amá-la; louco o que a conhecendo não lhe render eterna vassalagem. Anjo na beleza, e na inocência, anjo na voz, nas maneiras, é ela superior às filhas vaporosas da nossa velha Europa. Épica é seu nome. No seu rosto, Alberto, se revela toda a candura da sua alma, e toda a singeleza dos costumes inda tão virgens da inculta América. Onde está pois o meu crime em adorá-la? Seus grandes olhos negros de doçura inexprimível falam à alma com suavíssima poesia: são harpejos da lira harmoniosa, ou notas de anjos em torno do Senhor. E esse olhar seu exprime um

A escrave

quê de indizível pureza que obriga a adorá-la, como se adora a Deus. Alberto, de joelhos suplicarias a essa mulher angélica, se a visses, perdão de a não teres amado mesmo sem conhecê-la, desde o dia em que começou a tua existência.

Alberto suspirou com desalento: sentia-se fraco para lutar com o coração de seu amigo. Gastão compreendeu o pesar, que malgrado seu causava ao moço português, e disse:

- Perdoa-me, meu caro amigo, perdoa-me, se te hei magoado, sofro... tanto.

Alberto não achava uma palavra para exprimir sua angústia, tomou então as mãos a seu amigo, apertou-as com efusão, e depois, apertando-o contra o seu coração, a custo exclamou:

- Meu amigo, meu irmão, fizeste bem em confiar-me tuas mágoas, eu te ajudarei no caminho espinhoso, e direi do que tens a percorrer de ora em diante. Eia, coragem, serei o teu cirineu.

Mas, o moço francês não compreendeu úma só das palavras de Alberto, e julgando que este mais compadecido lhe aplainava a senda de seus amores, ergue para ele uns olhos, onde havia gratidão, e amizade, e disse-lhe:

- Então é verdade Alberto que tens um coração?

- E não adivinhavas tu nos transportes de nossa amizade?

- Obrigado! exclamou com efusão o jovem francês. Alberto, meu Alberto, faze-me hoje um favor, um único; prometo-te que será o último que te peço.

- Fala, mas não peças coisa que se assemelhe a uma loucura.

- Cruel! Chamas loucura ao sentimento mais santo, que Deus implantou no coração do homem!...

- Fala - vejamos o que exiges de mim.

- Bem sabes, Alberto, que devo entrar hoje de quarto...

- Queres que entre eu em teu lugar?

- Sim, quero que entres em meu lugar.

- Pois não, meu caro.

Gastão envolveu o amigo entre seus braços: era a expressão sincera da sua gratidão. Guardam um momento de silêncio, só interrompido pelo murmúrio das vagas que se chocavam, e pelo sibilar do vento nas enxárcias.

- Que pretendes fazer desta noite, Gastão? - interrogou o jovem português.

- Não o adivinhaste já, meu querido Alberto? Ah! Ela espera-me; eu lho prometi.

- Compreendo-te! Gastão, o teu delírio, meu caro amigo, te faz ingrato. És surdo a minha voz, sensível aos extremos da amizade... Vai, Gastão, vê essa mulher que te fascinou, como fascinam as cobras do seu país a míseros pássaros. Tu também és um pássaro, nascido em regiões estranhas, que alevantaste o teu vôo, atravessaste os mares, e pousaste amoroso nas franças do pau d'arco americano; Gastão, não te deixes atrair da serpente venenosa: goza um momento disso, a que chamas a tua felicidade; mas desprende novamente o vôo. Gastão, eu te aguardo só antes do romper da alva. Jura-me pela honra.

- Juro-o - exclamou o moço francês, com indefinível expressão.

O comandante estava em terra: - Alberto acenou para Gastão uma lancha.

Então os dois mancebos, como se naquela despedida se dissessem um adeus eterno, de novo em um fraterno amplexo uniram seus jovens corações, onde tão diversos sentimentos se cruzavam.

E a lancha, cortando vagarosamente as águas, deixava após si estreito, e espumoso rasteiro. Cinco minutos depois abicou em terra.

Alberto seguiu-a com o coração: depois um profundo suspiro lhe fugiu do peito, que malgrado seu gotejava sangue.

- II -

E aquela bela tarde sucedeu uma noite escura e feia. A atmosfera estava baixa, e carregada, as nuvens ameaçavam tempestade. O mar quebrava-se raivoso nas praias, e o vento gemia nas solidões das matas. Entanto Gastão ébrio de prazer, acabava de transpor o pequeno lençol movediço, que o separava da terra, dessa terra querida, onde ia encontrar em breve a mulher de suas doidas afeições. As nuvens arqueavam-se negras sobre os outeiros, por entre os quais insinuava-se, louco de esperanças, o jovem adorador da filha dos palmares.

Corria o moço afadigado por entre as árvores copadas da velha América: arfava-lhe o peito, as artérias latejavam-lhe, o sangue afluía-lhe para o rosto, o suor caía-lhe em bagas, da fronte para o peito. Com que rapidez, com que afã devorava ele o espaço que o separava ainda do lugar da entrevista... Tardava-lhe a hora da ventura.

Por essas sendas tortuosas, por essas brenhas quase virgens de uma habitação do homem civilizado, por esses lugares, que já não tendo aqui, e ali a selvagem beleza de uma mata virgem, não tinha em parte alguma o caráter duma povoação, corria loucamente o jovem colega de Alberto, sem outro pensamento mais que o de rever sua idolatrada Épica. Se havia ainda um mundo além do lugar dos seus sonhos, Gastão havia-o inteiramente esquecido: o amor do seu coração absorvia-lhe todas as faculdades. Aos vinte e um anos o homem não tem o coração embotado; - o excesso de paixões mal sofreadas, ainda nessa idade juvenil, não o tem aviltado, e enegrecido. O amor que abrasa o coração nessa idade, a mais bela talvez da nossa vida, é um amor puro como os afetos de uma criança, é o amor sincero como o beijo de um irmão querido, é um amor santo como um hino sacro entoado pelos anjos do Senhor.

O amor, nessa idade é uma emanação do céu, é um concerto divino noite, e dia a vibrar no coração do homem; e ao som desse dulcíssimo concerto, a mente exalta-se, e vai tocar ao infinito, bebe deleites, que purificam a alma; sonha enlevos virtuosos; gosa mimos de um sentir indefinível, desses que o mundo só concede uma vez, desses que só no viver dos anjos se goza eternamente. Ah! se o homem pudesse em toda a sua vida amar assim tão pura, e santamente, com esse amor que então animava o coração do jovem Gastão, para que havia Deus, criar um outro céu, criar outras de-

A escrave

lícias para os seus escolhidos?! O céu, seria o mundo, e nós os bem-aventurados. Mas, mesquinhos, e míseros filhos de Adão, essa hora de mágicos enlevos, não a tornareis achar!... esse oásis que vos deleitou desapareceu para sempre.

Foi um bafejo divino na hora da tormenta; foi uma gota de orvalho sobre a erva emurchecida pela calma. Agora segui o vosso deserto; árida e espinhosa será a vossa senda. Abrasar-vos-á o sismiú, e uma só fonte dágua fresca não encontrareis em vossa peregrinação, que vos suavize o requeimar do sangue. E depois deste afã, deste doloroso caminhar, no extremo já, vereis por desafogo de tantas dores o antro escuro, e úmido de uma sepultura. Não recueis, oh! não; aí está o esquecimento de uma existência amargurada, aí o descanso, o repouso, a felicidade.

cabana rochedo

Ao cabo de algumas horas o jovem oficial se havia entranhado num bosque solitário e ermo. À direita, a uns cem passos de distância avultava uma cabana, cujo teto coberto de pindoba era sombreado por palmeiras simultâneas, que lhe davam um aspecto poético, e melancólico; à esquerda erguia-se um pequeno rochedo. À sua base serpeava uma ligeira corrente, deslizando suas mansas águas por sobre a areia, e pedrinhas; espreguiçando-se como uma criança no seu leito, sumia-se, murmurando no meio do bosque. Havia aí um quê de indefinível doçura, uma melancolia meiga, e suave, que se assemelhava, se harmonizava, se casava com o coração de Gastão, onde havia sensações deleitáveis, como os sons longínquos duma harpa que geme na solidão. O mancebo galgou a eminência com presteza. Dali seus olhos poderiam descobrir Alberto, ainda pensativo e desgostoso, se nessa hora ele se lembrasse de alguém que não fosse a mulher por quem esperava, e se a escuridão da noite o permitisse.

Havia um negrume espantoso, porém a natureza ainda estava calma; a tempestade que ameaçava não prometia ser breve.

1º encontr. de Gastão c/ Épica

Gastão contava os minutos pelas palpitações do seu coração. Era a primeira vez que ia encontrar-se com Épica face a face na escuridão da noite; era a primeira vez que ia achar-se com ela só, no cimo dum outeiro, entre o céu e a terra, longe das vistas indiscretas do homem, longe das admoestações de Alberto, tendo por conselheiro só seu coração, por testemunha só Deus! Gastão bebia as delícias do paraíso. Esperou, e esperando cedeu à meditação.

Não haverá aí um só homem, que tenha sentido em seu coração o fogo dum primeiro amor, que não adivinhe o doce meditar desse mancebo de coração ardente, e alma apaixonada. Gastão aspirava os perfumes do céu, embalava-se nas fagueiras esperanças dum amor sem limites.

Depois de tudo isso a morte; porque o único gozo, que semelha aos dos anjos, teria então passado. Assim pensava o moço francês, e esse pensamento não podia ser um erro. Errar por muito tempo, entre o amor e a sepultura, é um tormento inqualificável, é morrer sem esperança de salva-

ção da alma, é a tortura da idade média não adoçada pelo cutelo do algoz. Gastão pois pensava bem; e qualquer outro em idênticas circunstâncias pensaria como ele. Do mundo o moço só almejava uma coisa, uma somente, do mundo ele só queria aquela mulher, que ele aguardava com frenesi, aquela mulher, que ele amava com delírio, que idolatrava loucamente. Por ela Gastão daria toda a sua vida, todo o seu sangue, sua alma, seu sossego, toda a felicidade de um futuro, que se lhe antolhava risonho.

- Sim, exclamou ele, acordando do seu sonho mentiroso, respondendo ao seu próprio pensamento - viver ou morrer com ela. Que me importa a mim os prejuízos do mundo? Haverá acaso no mundo mulher mais digna do meu amor?!... Epica! Epica! eu te adoro, Epica, anjo dos meus sonhos, visão encantadora, que afaga, e adoça o amargor dos meus dias... Serás acaso uma ilusão?!...

Um leve murmúrio, um rumor vago, como a bulha sutil de passos cautelosos, interrompeu-o: ele julgou esse leve ruído a aproximação da mulher amada: estremeceu de amor, e correu ao encontro dessa visão angélica.

E encontrou-se face a face com um homem. Gastão recuou um passo e levou a mão à sua espada.

- Quem sois? perguntou-lhe em português, com acento de cólera mal reprimida.

A noite era tão escura, que Gastão mal poderia reconhecer este homem, inda que fosse ele o seu melhor amigo.

- Quem sois? repetiu o moço estrangeiro, pelo céu, ou pelo inferno, dizei-o.

- Quem sou? respondeu o recém-chegado com voz grave, magoada e horripilante. Desejais conhecer-me? breve sabereis quem sou.

- Depressa, Senhor, depressa, lhe tornou Gastão, ou livrai-me da vossa presença.

- Conheço, mancebo, quanto vos deve ser importuno a minha presença neste lugar; mais tarde, porém, reconhecereis que não sou aqui o mais importuno.

Gastão julgou-se em face dum rival, e a sua cólera redobrou.

- E insistes em não dizer quem sois, nem a que vindes.

- Não insisto, não, senhor, quero responder pontualmente às vossas perguntas não obstante ser quem devia interrogar-vos.

- Vós!... e com que direito?

- Com o mesmo, mancebo, com que me interrogais.

- Zombais acaso de mim? disse Gastão no auge de desesperação, ponde-vos em guarda: não quero ser um assassino.

- Esperai, senhor, esperai, replicou o desconhecido, com calma, escutai-me:

- Eu sou tupinambá, continuou, sou o cacique desta tribo, sou finalmente o pai de Épica. Isto espanta-vos?

A escrave

- Traição! exclamou Gastão, desembainhando a espada, que cintilou na escuridão da noite.

- Enganai-vos, senhor, ninguém vos traiu. Eu sei tudo: vossas palavras eu as tenho escutado.

- Mentis, maldito tupinambá.

- Não minto, não: dia por dia hei seguido vossos passos, e ouvido vossa conversação com minha pobre Épica. Ainda ontem lhe dizias ao pé da cabana de seu velho pai: Amanhã, quando a lua estiver em meio giro, eu te aguardarei no cume do outeiro.

- Espião infame! exclamou o moço desatinado, arremessando-se contra o cacique.

- Esperai, mancebo, esperai, lhe disse o índio, juro-vos por Tupá que hei de matar-vos ou morrer às vossas mãos, e isto antes do meio giro da lua; porque a essa hora Épica, a inocente Épica, virá louca, correndo ao vosso apelo, e só um de nós a deve receber. Se fordes vós ao menos eu não testemunharei semelhante aviltamento.

- Calai-vos, disse Gastão, puxando novamente pela espada.

O índio porém, como se não reparasse naquele movimento do jovem oficial, continuou: - Vossa entrevista será ao meio giro da lua: mancebo, vos antecipastes; ainda me resta pois uma hora, peço que me escuteis.

Havia um não sei quê de profundo, de solene, no acento dessas palavras que revelavam inabalável resolução.

A seu pesar Gastão sentiu-se comovido, e respondeu:

- Eu vos escuto.

- III -

Muitas luas se hão passado, mancebo, continuou o cacique, em voz magoada, muitas luas já, e tantas que nem vos sei dizer. Era uma tarde, bela como o foi a de hoje; mais bela talvez, porque era então a lua das flores, e eu dela me recordo como se fora hoje...

Sim, era uma tarde de enlevadora beleza; nela havia sedução, e poesia, nela havia amor, e saudade. Sabeis vós o que nós outros chamamos - lua das flores? É aquela em que um sol brando, e animador, rompendo as nuvens já menos densas, vem beijar os prados, que se aveludam, enamorar a flor, que se adorna de louçanias, vivificar os campos, que se revestem de primoroso ornato, afagar o homem, que se deleita com a beleza da natureza. É a lua em que os pássaros afinam seus cantos melodiosos, é a lua em que a cecém mimosa embalsama as margens dos nossos rios, em que as campinas se esmaltam de flores odorosas, em que o coração ama, em que a vida é mais suave, em que o homem é mais reconhecido ao seu Criador...

Ele fez uma pequena pausa e continuou:

- Era pois na lua das flores, que à tarde um velho cacique, e um mancebo

índio, do cume deste mesmo outeiro, lançavam um olhar de saudosa despedida, sobre o navio normando, que levava destas praias uma formosa donzela. Era ela filha desse velho cacique, que com mágoa a via partir para as terras da Europa; mas, a formosa Paraguaçu de há muito a havia distinguido entre as demais filhas de caciques; e sua afeição por ela era sincera, e imensa. Paraguaçu seguia para a França, onde devia receber o batismo, tomando por sua madrinha a célebre italiana, Catarina de Medices, cujo nome tomou na pia batismal, e não podendo separar-se da amiga querida, levava-a consigo, arrancando-a dessarte ao coração de seu pai, e aos sonhos deleitosos do moço índio, que magoado via fugir-lhe a mulher de suas afeições. Épica, Sr , chamava-se essa jovem índia. Épica era o seu nome. A sua ausência, não seria prolongada, o velho e o moço não o ignoravam; mas eles a amavam tanto, que foi-lhes preciso chorar. Seria um pressentimento a dor que os afligia? Foi talvez... choraram ambos: entretanto o velho era um bravo, e o moço já um valente guerreiro

Ela, entanto, só concebia a dor do velho, as saudades paternas agravavam mais a mágoa. Seu coração ainda virgem desconhecia as delícias, e as torturas do amor. O índio, pois, era-lhe indiferente, se é que indiferente se pode entender um homem que estava sempre a seu lado, e que tinha em suas veias o sangue de seu pai. Este mancebo índio era filho de um irmão do velho cacique, e seu íntimo amigo Destinado desde a infância para esposo de Paraguaçu, este mancebo nunca a pôde amar, nem tampouco inspirar-lhe amor. Entretanto Paraguaçu era bela! Ele amava perdidamente sua jovem parenta: Épica era mulher de suas doidas afeições, porém esse amor puro como a luz da estrela da manhã estava todo cuidadosamente guardado no santuário do seu coração.; uma palavra, um gesto, não havia maculado ainda a pureza desse sentir mágico, e deleitoso. Épica era pura, e inocente, como a pomba, que geme na floresta, seu coração conservava ainda o descuido enlevador dos dias da infância. Oh! ela era como a açucena à margem do regato...

O velho cacique atentou nas lágrimas do guerreiro jovem; e num transporte afetuoso, apertando-o contra seu coração, apontando para o extremo do horizonte, onde se perdia já o navio, disse-lhe:

- Sê sempre digno de mim, e de teu pai: quando ela voltar será tua. Oh! o juro

O moço ajoelhou-se aos pés do irmão de seu pai, e beijou-lhe as mãos com o entusiasmo do reconhecimento .....

.....

- França! França!.. "exclamou o tupinambá depois de alguns momento de amargurado silêncio" pudera eu esmagar-te em meus braços!!!

- Passaram vinte e quatro luas, continuou serenando-se um pouco o mancebo as contara por séculos. Ao fim de cada dia vinha ele ao cimo deste outeiro, e daqui perscrutava os mares, nus duma vela que viesse lá das

A escrave

partes do ocidente e quando caia a noite, volvia triste e desconsolado aos lares do velho cacique. O mísero velho tinha cegado nesse curto espaço, e só da boca do mancebo esperava cada dia a nova feliz que o havia de lançar do fundo das suas trevas, no gozo da felicidade. Assim se passaram muitos dias... mais uma vez a lua veio estender seu lençol de prata sobre a superfície desta imensa baía, e confundir suas saudades às saudades do moço, que a contemplava com melancolia, e ainda assim a suspirada Épica não voltara às praias do seu país. A desesperança começava a lavrar no coração do moço guerreiro. O velho sentia maiores saudades; porém esperava com mais paciência.

O navio retorna ao Brasil

Um dia, porém, um navio alvejou ao longe; era ela; seu coração estremeceu de íntima satisfação; no coração do velho cacique o transporte não foi mais vivo. Seus olhos a viram ainda assim; ele mal podia acreditar em tanta ventura. Esse navio tão ansiosamente esperado chegara enfim, e com ele a vida, a felicidade do mancebo. Ao menos assim o acreditava ele, louco de alegria. O anjo dos seus sonhos, o encanto dos seus dias, o ídolo do seu coração, esse navio lhe acabava de restituir. O velho, tateando as trevas de sua noite eterna, correu pela mão do mancebo ao encontro da filha. Era um espetáculo bem tocante ver esse velho guerreiro chorar, e rir de prazer, com a idéia de tornar abraçar aquela filha mimosa, que tocando-a, jamais a tornaria a ver. Épica, a jovem índia, trajava ricos vestidos à européia. Apertava-lhe a cintura delgada, e flexível, como a palmeira do deserto, um cinto negro de veludo, e as amplas dobras do seu vestido branco envolviam-lhe o corpo mimoso, delgado, como a haste da açucena à beira-rio. As tranças negras do azeviche, que lhe molduravam as faces aveludadas, eram aqui e ali entremeadas de flores artificiais. Era todo artifício aquele trajar até então desconhecido do moço índio; ele sentiu repugnância em ver aquela, que era tão simples no meio da solidão, ornar-se agora de trajes, que faziam desmerecer sua beleza, e seus encantos...

- Paraguaçu, de volta a sua pátria, continuou o cacique após breve pausa, parecia sentir na alma os efeitos desse inexprimível sentimento de suprema felicidade, que deleita, e enlouquece o infeliz proscrito, no dia em que, inda que com as vestes despedaçadas, e a fronte cuspida pelas vagas, uma delas, mais benéfica, o arremessa à praia, onde seus olhos viram a primeira vez a luz. Trazia nos lábios um sorriso, que levava facilmente a compreender o prazer, que lhe enchia o coração. Pela mão dessa bela princesa, seguia, débil e abatida, melancólica e desconsolada, a jovem donzela brasiliense. Semelhava ela o lírio, crestado pela ardentia da calma; borboleta, que a luz da vela emurcheceu as asas.

Épica não estava triste

Contraste doloroso havia entre a fronte pálida, e abatida da moça índia, e a fronte altiva, e risonha da jovem esposa de Caramuru.

- Perdoai-me, continuou o cacique, se insisto nestas particularidades; o que me resta a contar provar-vos-á que elas não são aqui inúteis.

Um vago, mas doído pensamento, magoou o coração do moço guerreiro, à hora em que essa mulher, que há muito ele criara seu ídolo, lhe aparecia assim melancólica, e triste como a estátua do sofrimento. Que terá ela? Interrogava ele a si mesmo. Terá saudades desse país longínquo, que apenas viu, onde não pode contar um amigo, onde tudo lhe é estranho, linguagem, costumes, rostos, e religião?!...

Enquanto ele assim discorria, a moça aproximou-se de seu pai, e sorrindo-se por entre lágrimas, estreitou-o com ternura filial contra o coração. Foi um prolongado abraço: um profundo suspiro lhe rasgou o peito; e uma só palavra ela não proferiu. E tornava a apertar o velho; e as lágrimas lhe corriam pelas faces; e a moça parecia não se poder separar do pai, que chorava de alegria, sentindo-se abraçar por sua filha querida.

Com indizível ansiedade aguardava o mancebo por uma só palavra da sua querida Épica; mas embalde. Ela parecia toda abstrata, não na contemplação de seu pai, mas numa idéia oculta, que dir-se-ia lhe amargurava a alma. Mas ele, vencendo o pensamento doloroso, que lhe atravessara a mente, aproximando-se dela, em voz de súplica, disse-lhe:

- Épica! Épica, nem uma palavra para o vosso irmão?... Errou-lhe então nos lábios um mimoso sorriso, duas lágrimas ressaltaram-lhe dos olhos, e rolaram sobre as faces; e ela estendeu-lhe a mão amiga, que o moço beijou com reconhecimento. Essa mão, esse beijo, desfizeram o ponto negro, que assomara de improviso na alma do guerreiro brasiliense, como desfaz o vento a nuvem carregada à hora do meio-dia. Só o extremo do seu amor lhe representara Épica triste, pálida, e desconcertada. Épica era a mesma virgem das florestas, com a diferença única de uma inteligência cultivada pelo trato europeu. Esses trajes, que tanto haviam afligido ao mancebo, davam agora maior realce à beleza daquela que lhe sorria. Sua voz era mais melodiosa, mais doce, pareceu-lhe, ouvindo-a, melhor que a do sabiá, melhor que as notas da perdiz mimosa, que a própria pecuapá gemendo à noite. Ele acreditou que Tupã lha havia arrebatado um instante para lhe restituir mais sedutora, mais bela, que os próprios anjos, que lhe entoam hinos. O índio escutava com enlevo; e cada uma de suas palavras causava-lhe suavíssima impressão. Como Paraguaçu, Épica havia recebido o batismo. Conquanto a jovem princesa do Brasil não poupasse esforços em chamar os homens do seu país ao grêmio da Igreja; conquanto sua voz fosse persuasiva, suas palavras insinuantes; todavia foi a voz de Épica que rendeu o moço índio. Ele abraçou o Cristianismo, quando soube que Épica era cristã. Oh! mancebo, murmurou o tupinambá, quanto pode o amor, quando ele é santo, como o que há no céu!...

Raiou enfim o dia, em que a donzela brasiliense devia pertencer pelo matrimônio ao homem, que a idolatrava; e ele a levou pela mão aos pés do Altar; e um sacerdote cristão abençoou os noivos que estavam ajoelhados.

A escrave

à face de grande multidão. À hora, porém em que Épica pronunciava os votos, a voz alterou-se-lhe; sua mão resfriada estremeceu convulsa na mão do esposo. Ele olhou-a surpreso. Épica era pálida como um cadáver. A última palavra do sacerdote, a moça caiu desalentada .....

.....

O tupinambá levantou-se, deu alguns passos rápidos, e incertos. Fulguram-lhe os olhos na escuridão da noite, e um tremor convulso lhe agitou os beiços. Depois foi pouco, e pouco serenando, e reatou o fio de sua narração.

- IV -

Épica conta para Gupeva o relacionamento c/ Conde de...

Era alta noite, prosseguiu ele, com uma voz cavernosa, o vento ciciava entre os palmares, e a lua, prateando a superfície das águas, passava melancólica por cima destas árvores anosas. A sururina desprendia o seu canto harmonioso; na mata ondulava um vento gemedor, e o mar quebrava-se nas solidões da praia. Sobre o cume deste mesmo rochedo, mancebo, a essa hora da noite, silenciosa, e erma, um jovem índio, e uma donzela americana, que o céu, ou o inferno havia unido em matrimônio, naquele mesmo dia, em confidência dolorosa, tragavam até as fezes o amargor da desonra, e da ignomínia. De joelho a mulher fazia a mais custosa, e triste confissão, que jamais caiu dos lábios de uma mulher.

- Gupeva! meu Gupeva - exclamava ela. - Assim se chamava, senhor, o jovem esposo. Meu irmão, meu amigo, poderás perdoar-me?

- Fala! disse-lhe Gupeva, tremendo de furor.

- Vou merecer o teu desprezo, o teu abandono; mas ao menos peço que meu pobre pai ignore tudo. Gupeva, confiei em ti; talvez minha confiança te ofenda; mas tu conheces a meu pai... ele não poderia sobreviver a minha...

- Cala-te! cala-te, mulher, exclamou com desespero assustador o desgraçado esposo.

- Não, continuou ela sem se perturbar. Tens sobre mim direito de vida, ou morte, mata-me Gupeva; mas ouve-me primeiro.

- Épica! Épica, oh! se isto fora um sonho!

- Amei, continuou ela, amei com esse amor ardente, e apaixonado que só o nosso clima sabe inspirar, com essa dedicação de que só é capaz a mulher americana, com essa ternura, que o homem nunca soube compreender. E sabes tu que homem era esse?

- Basta!

- Oh! é preciso que me escutes até o fim, depois mata-me.

Conde de...

Esquecida, presseguiu Épica, de que o homem de suas afeições chamava-se o Conde de..., Gupeva, eu cometi uma falta, que mais tarde devia cobrir de opróbrio o homem que me recebesse por esposa. O amor não prendeu o coração do conde, ele esqueceu os extremos de meus afetos, e despo-

sou uma donzela nobre de sua nação, sem sequer comover-se das minhas lágrimas.

Ah! bem tarde conheci eu a grandeza do meu sacrifício; bem tarde reconheci a perfídia, e a indignidade no coração daquele que era até então o meu ídolo. A pequenez da minha origem apagou-lhe o amor no coração... O conde de..., Gupeva, era já esposo, e eu... eu trazia em meu seio um filho, que há de envergonhar-se do seu nascimento!...

Ao nome do conde de..., proferido pelo **tupinambá** um calafrio mortal percorreu os membros do jovem Gastão, que submergido em longas cogitações, ouvia a narração do índio: no fundo do coração despontava-lhe um tormento inqualificável.

O índio prosseguiu: Ela estorcia-se convulsa no leito de relva a meus pés; porque, senhor, esse esposo desventurado, que na primeira noite do seu casamento, ouvia semelhante confissão, esse homem que acabara de receber a mulher impura, e maculada pelo filho da Europa, esse homem enfim que devorado por um amor louco, e apaixonado, estampada em sua fronte o ferrete da ignominia, o cunho do opróbrio, era eu.

- Vós! exclamou Gastão, com um sentimento indizível.

- Sim eu!... eu mesmo, respondeu o cacique, com voz de trovão.

E prosseguiu: O que se passou porém nessa noite de tão amargurada recordação, só Deus e eu sabemos. O sedutor de Epica, mancebo, era um francês, um francês é um cristão; bem, desde essa hora eu deixei de o ser. Tupá não abandona seus filhos... mancebo, eu não amo o Deus dos Cristãos. O conde de ..., era filho da Igreja.

Gastão tentou interrompê-lo; mas ele continuou:

A vergonha, a dor, bem depressa levaram ao sepulcro a desgraçada Epica. Não segui de perto essa mulher por quem houvera dado todo o meu sangue, se disso dependesse a sua ventura, porque restavam-me penosas missões a cumprir. Penosas, mancebo, e bem árduas: vivi para cumpri-las; ouvis?

Restava-me o dever de velar por essa menina, que tem em suas veias o sangue francês, velar pela filha do conde de..., velar finalmente por Epica, essa jovem donzela a quem pretendeis seduzir.

- Oh! exclamou Gastão, pálido como o sudário dun. morto. Meu Deus! Meus Deus, onde estou eu!...

- Inda uma outra missão me reteve a vida, continuou Gupeva, - a vingança...

No momento em que no seio da sepultura se escondia para sempre os restos daquela a quem eu tanto amei, de joelhos, senhor, de joelhos jurei que havia vingá-la. Anhangá escutava os protestos da minha alma. Um guerreiro amanhã desposará a minha Epica, e hoje, daqui a um minuto, eu terei vingado a mulher que lhe deu a vida. Agora, mancebo, estás em meu

poder; eu podia prender-te; aqui está a sucurrama, podia apresentar-te a minha tribo, e fazer-te morrer como meu prisioneiro; mas não quero; duas razões que me obrigam a proceder ao contrário. Para dar-te essa morte honrosa era preciso dar a causa dela; minha desonra se tonaria manifesta; e por outra; tu, covarde europeu, hás empalidecer em face da morte; quero poupar-me a vergonha de uma confissão, quero poupar a meus irmãos o espetáculo de um covarde. Prepara-te para morrer; ou mata-me...

O que então se passava na alma do infeliz mancebo, a quem eram dirigidas tais palavras, não pode a pena descrever. O mais doloroso golpe acabava de traspassar-lhe o coração; golpe o mais profundo, mais dilacerante, que jamais feriu o coração de um homem. Gastão não amaldiçoou a hora do seu nascimento; mas pediu a Deus, a morte, o esquecimento. Todas as suas ilusões estavam dissipadas; desfeitos todos os seus sonhos. Já não era Gupeva, que se interpunha entre ele, e o seu amor, era Deus, era a natureza, era a sua própria consciência. Depois do amor, a morte... ele havia dito... Seria acaso um erro?

- Da minha vingança serás tu a primeira vítima, continuou o cacique; mais tarde o conde de....

- Eis-me, disse Gastão, interrompendo Gupeva, eu sou filho do conde de..., não me reconheceste então? Oh! eu sou francês, sou o filho do sedutor da vossa esposa, sou irmão de Épica...

- Infame! rugiu o velho tupinambá. Infame filho do conde de..., não terei compaixão de ti. E brandindo o seu tacape, o cravou com fúria no peito do jovem oficial. E batia com os pés na terra; e fazia com gritos um alarido infernal.

Gastão, levando a mão à ferida, obrigou-o por um instante a calar-se, e disse-lhe:

- Obrigado, Gupeva, eu queria a morte.

- Covarde! exclamou o índio.

- Não me insultes na hora do passamento, tornou-lhe o moço empalidecendo. Cacique, eu podia matar-te; mas para que quereria eu a vida depois do que me acabaste de narrar?...

Nessa hora a lua rompendo o negrume das nuvens aclarou com sua face pálida o cimo do outeiro. Era o meio giro da lua; a hora da entrevista tinha soado.

E uma visão angélica, uma mulher vaporosa, apareceu no cume do outeiro, como um anjo mandado pelo Senhor para receber a alma do mancebo cristão, que ia partir. Era Épica.

Ela soltou um grito de angústia à vista da cena, que, mercê da lua, se apresentou a seus olhos. Esse grito, essa voz tão conhecida, tão amada, atraindo a atenção do moribundo, fez calar o guerreiro índio, que apupava a sua vítima.

Ela avançou alguns passos, e olhando fixamente para seu pai, disse-lhe:

- Gupeva, por que o mataste? Cruel! Sabes acaso, que este é o homem a quem adoro?

Gupeva, esse feroz Gupeva, esse bárbaro que se ufanava da sua vingança até na presença da morte, à voz da moça, cruzou os braços sobre o peito, e com um olhar que queria dizer: Perdão, exclamou com aflição:

- Épica!...

Ela pareceu não ouvir essa única palavra, que em si resumia quanta ternura há no coração dum homem: seus grandes olhos negros como o azeviche fitavam-se desvairados no mancebo agonizante. Ondulavam à mercê do vento suas madeixas acetinadas: e seu corpo flexível, e mimoso como o leque da palmeira, cedendo a um vertiginoso ondular, caiu inerte sobre o jovem Gastão.

Ele olhou-a com assombro, e disse-lhe:

- É um crime.

- Monstro! tornou ela para Gupeva, que, com os olhos fitos no chão, não se atrevia a encarar a donzela. Monstro! Foi para me rasgares o coração que me criaste em teus braços!... E voltando-se para o jovem francês, disse-lhe:

- Gastão, meu querido Gastão vive para a tua Épica.

Nesses olhos em que já se estampava a morte, um átomo de vida reapareceu.

- Épica, disse ele, o nosso amor era um crime...

Épica, eu sou teu irmão!...

- V -

Ao alvorecer do dia rebentou a tempestade há tanto ameaçada. O mar rugia com assustadora fúria, o vento raivoso sibilava por entre as enxárcias do Infante de Portugal, que não obstante as órdens recebidas não podia levantar âncora sem grande perigo de despedaçar-se todo de encontro a algum arrecife. Abrigado no ancoradouro, ainda o comandante temia o furor da tempestade. O navio arfava inquieto: joguete das ondas, ele estalava como se houvera de desjuntar-se todo. Um sopro mais violento da tempestade o pobre lenho seria aniquilado. A chuva desprendia-se em torrentes; o raio sibilava ameaçador: o mar era um lençol negro, e de sinistro aspecto. O mais corajoso tremia: só Alberto parecia insensível à voz do temporal. Sua fronte ardente, seus olhos requeimados pela vigília da noite, seu coração opresso pelo pressentimento de terrível sucesso, inquieto pelo temor de alguma desgraça irremediável, abatido, angustiado pela não aparição de seu louco, e infeliz amigo, parecia não compreender a grandeza do perigo, que os ameaçava. O mar cuspia-lhe, irritando as faces, o ven-

A escrava

to insinuava-se, rumorejando, por entre as madeixas de seus negros cabelos, e ele não atendia, nem aos insultos do mar, nem o raivoso perpassar do vento.

Alberto pensava em Gastão. Tinha visto amanhecer sem que Gastão voltasse ao navio: era preciso que já não existisse para assim deixar de cumprir sua promessa!

Alberto comunicou ao comandante seus receios, e o desassosego da sua alma: toda a oficialidade, e toda a marinhagem sentiram interesse pelo jovem francês.

Ao meio-dia a tempestade serenou: o mar tornou-se calmo, e pacífico, o vento conteve-se nos seus limites. Agora o azul das nuvens refletia-se nas águas da imensa baía, e as vagas se moviam mansamente, aniladas, e risonhas, como um ligeiro sorriso. Então o comandante deu suas ordens; um escaler bem tripulado recebeu o oficial português, que um momento depois pesquizava ansioso vestígios do seu infeliz colega. Incansável, devassava o moço todos os subúrbios da pequena habitação, incansável, percorria ele todas as sendas, todas as devesas, todos os recônditos lugares daquele vasto terreno; era embalde. Extenuaram de cansaço, ele, e um velho marinheiro, que o seguia; enquanto outros investigavam outros lugares, Alberto chegou ao alto do outeiro, onde na noite antecedente deu-se a cena que acabamos de narrar.

Oh! que doloroso espetáculo!

Sentado no tronco de uma árvore estava um velho tupinambá; brandia em suas mãos um tacape ensanguentado: a seus pés estavam dois cadáveres!... Reclinadas as faces ambas para a terra, Alberto não pôde reconhecer seu amigo, senão pelo uniforme de Marinha, que o sangue tingira, e que as águas, que se desprenderam à noite, haviam ensopado, e enxovalhado. O outro cadáver era o de uma mulher... Bela devia ser ela; porque seus cabelos longos, e ondeados, fáceis aos beijos da viração da tarde, esparsos assim sobre o seu corpo, davam-lhe o aspecto de uma Madalena.

dois cadáveres

Alberto exclamou: que horror! e cobriu o rosto com as mãos, caiu por terra.

Depois erguendo-se com ímpeto raivoso e aproximando-se do índio, que imóvel parecia aguardá-lo, disse-lhe, apontando para o seu infeliz amigo:

- Bárbaro!... por que o assassinaste?

Gupeva, pois era ele, soltou uma gargalhada, estridente, e descomposta, que lhe tornou o aspecto sinistro, e medonho, e disse:

- Ah! minha filha... não a vedes? E de novo pôs-se a brincar com o tacape.

- Louco! murmurou Alberto, a minha vingança seria um crime.

Os seus companheiros de pesquisa foram-se pouco e pouco reunindo, ele voltou pálido, e com a mágoa no coração para junto do cadáver do desditoso Gastão.

A escrava

to insinuava-se, rumorejando, por entre as madeixas de seus negros cabelos, e ele não atendia, nem aos insultos do mar, nem o raivoso perpassar do vento.

Alberto pensava em Gastão. Tinha visto amanhecer sem que Gastão voltasse ao navio: era preciso que já não existisse para assim deixar de cumprir sua promessa!

Alberto comunicou ao comandante seus receios, e o desassosego da sua alma: toda a oficialidade, e toda a marinhagem sentiram interesse pelo jovem francês.

Ao meio-dia a tempestade serenou: o mar tornou-se calmo, e pacífico, o vento conteve-se nos seus limites. Agora o azul das nuvens refletia-se nas águas da imensa baía, e as vagas se moviam mansamente, aniladas, e risonhas, como um ligeiro sorriso. Então o comandante deu suas ordens; um escaler bem tripulado recebeu o oficial português, que um momento depois pesquizava ansioso vestígios do seu infeliz colega. Incansável, devassava o moço todos os subúrbios da pequena habitação, incansável, percorria ele todas as sendas, todas as devesas, todos os recônditos lugares daquele vasto terreno; era embalde. Extenuaram de cansaço, ele, e um velho marinheiro, que o seguia; enquanto outros investigavam outros lugares, Alberto chegou ao alto do outeiro, onde na noite antecedente deu-se a cena que acabamos de narrar.

Oh! que doloroso espetáculo!

Sentado no tronco de uma árvore estava um velho tupinambá; brandia em suas mãos um tacape ensanguentado: a seus pés estavam dois cadáveres!... Reclinadas as faces ambas para a terra, Alberto não pôde reconhecer seu amigo, senão pelo uniforme de Marinha, que o sangue tingira, e que as águas, que se desprenderam à noite, haviam ensopado, e enxovalhado. O outro cadáver era o de uma mulher... Bela devia ser ela; porque seus cabelos longos, e ondeados, fáceis aos beijos da viração da tarde, esparsos assim sobre o seu corpo, davam-lhe o aspecto de uma Madalena.

dois cadáveres

Alberto exclamou: que horror! e cobriu o rosto com as mãos, caiu por terra.

Depois erguendo-se com ímpeto raivoso e aproximando-se do índio, que imóvel parecia aguardá-lo, disse-lhe, apontando para o seu infeliz amigo:

- Bárbaro!... por que o assassinaste?

Gupeva, pois era ele, soltou uma gargalhada, estridente, e descomposta, que lhe tornou o aspecto sinistro, e medonho, e disse:

- Ah! minha filha... não a vedes? E de novo pôs-se a brincar com o tacape.

- Louco! murmurou Alberto, a minha vingança seria um crime.

Os seus companheiros de pesquisa foram-se pouco e pouco reunindo, ele voltou pálido, e com a mágoa no coração para junto do cadáver do desditoso Gastão.

A escrava

to insinuava-se, rumorejando, por entre as madeixas de seus negros cabelos, e ele não atendia, nem aos insultos do mar, nem o raivoso perpassar do vento.

Alberto pensava em Gastão. Tinha visto amanhecer sem que Gastão voltasse ao navio: era preciso que já não existisse para assim deixar de cumprir sua promessa!

Alberto comunicou ao comandante seus receios, e o desassosego da sua alma: toda a oficialidade, e toda a marinhagem sentiram interesse pelo jovem francês.

Ao meio-dia a tempestade serenou: o mar tornou-se calmo, e pacífico, o vento conteve-se nos seus limites. Agora o azul das nuvens refletia-se nas águas da imensa baía, e as vagas se moviam mansamente, aniladas, e risonhas, como um ligeiro sorriso. Então o comandante deu suas ordens; um escaler bem tripulado recebeu o oficial português, que um momento depois pesquizava ansioso vestígios do seu infeliz colega. Incansável, devassava o moço todos os subúrbios da pequena habitação, incansável, percorria ele todas as sendas, todas as devesas, todos os recônditos lugares daquele vasto terreno; era embalde. Extenuaram de cansaço, ele, e um velho marinheiro, que o seguia; enquanto outros investigavam outros lugares, Alberto chegou ao alto do outeiro, onde na noite antecedente deu-se a cena que acabamos de narrar.

Oh! que doloroso espetáculo!

Sentado no tronco de uma árvore estava um velho tupinambá; brandia em suas mãos um tacape ensanguentado: a seus pés estavam dois cadáveres!... Reclinadas as faces ambas para a terra, Alberto não pôde reconhecer seu amigo, senão pelo uniforme de Marinha, que o sangue tingira, e que as águas, que se desprenderam à noite, haviam ensopado, e enxovalhado. O outro cadáver era o de uma mulher... Bela devia ser ela; porque seus cabelos longos, e ondeados, fáceis aos beijos da viração da tarde, esparsos assim sobre o seu corpo, davam-lhe o aspecto de uma Madalena.

dois cadáveres

Alberto exclamou: que horror! e cobriu o rosto com as mãos, caiu por terra.

Depois erguendo-se com ímpeto raivoso e aproximando-se do índio, que imóvel parecia aguardá-lo, disse-lhe, apontando para o seu infeliz amigo:

- Bárbaro!... por que o assassinaste?

Gupeva, pois era ele, soltou uma gargalhada, estridente, e descomposta, que lhe tornou o aspecto sinistro, e medonho, e disse:

- Ah! minha filha... não a vedes? E de novo pôs-se a brincar com o tacape.

- Louco! murmurou Alberto, a minha vingança seria um crime.

Os seus companheiros de pesquisa foram-se pouco e pouco reunindo, ele voltou pálido, e com a mágoa no coração para junto do cadáver do desditoso Gastão.

A escrava

to insinuava-se, rumorejando, por entre as madeixas de seus negros cabelos, e ele não atendia, nem aos insultos do mar, nem o raivoso perpassar do vento.

Alberto pensava em Gastão. Tinha visto amanhecer sem que Gastão voltasse ao navio: era preciso que já não existisse para assim deixar de cumprir sua promessa!

Alberto comunicou ao comandante seus receios, e o desassosego da sua alma: toda a oficialidade, e toda a marinhagem sentiram interesse pelo jovem francês.

Ao meio-dia a tempestade serenou: o mar tornou-se calmo, e pacífico, o vento conteve-se nos seus limites. Agora o azul das nuvens refletia-se nas águas da imensa baía, e as vagas se moviam mansamente, aniladas, e risonhas, como um ligeiro sorriso. Então o comandante deu suas ordens; um escaler bem tripulado recebeu o oficial português, que um momento depois pesquizava ansioso vestígios do seu infeliz colega. Incansável, devassava o moço todos os subúrbios da pequena habitação, incansável, percorria ele todas as sendas, todas as devesas, todos os recônditos lugares daquele vasto terreno; era embalde. Extenuaram de cansaço, ele, e um velho marinheiro, que o seguia; enquanto outros investigavam outros lugares, Alberto chegou ao alto do outeiro, onde na noite antecedente deu-se a cena que acabamos de narrar.

Oh! que doloroso espetáculo!

Sentado no tronco de uma árvore estava um velho tupinambá; brandia em suas mãos um tacape ensanguentado: a seus pés estavam dois cadáveres!... Reclinadas as faces ambas para a terra, Alberto não pôde reconhecer seu amigo, senão pelo uniforme de Marinha, que o sangue tingira, e que as águas, que se desprenderam à noite, haviam ensopado, e enxovalhado. O outro cadáver era o de uma mulher... Bela devia ser ela; porque seus cabelos longos, e ondeados, fáceis aos beijos da viração da tarde, esparsos assim sobre o seu corpo, davam-lhe o aspecto de uma Madalena.

dois cadáveres

Alberto exclamou: que horror! e cobriu o rosto com as mãos, caiu por terra.

Depois erguendo-se com ímpeto raivoso e aproximando-se do índio, que imóvel parecia aguardá-lo, disse-lhe, apontando para o seu infeliz amigo:

- Bárbaro!... por que o assassinaste?

Gupeva, pois era ele, soltou uma gargalhada, estridente, e descomposta, que lhe tornou o aspecto sinistro, e medonho, e disse:

- Ah! minha filha... não a vedes? E de novo pôs-se a brincar com o tacape.

- Louco! murmurou Alberto, a minha vingança seria um crime.

Os seus companheiros de pesquisa foram-se pouco e pouco reunindo, ele voltou pálido, e com a mágoa no coração para junto do cadáver do desditoso Gastão.

Ninguém curou mais do louco.

Quando iam porém deitar os cadáveres nas sepulturas, e viram o rosto da mulher adormecida ao lado do jovem oficial, voltaram para cima, todos os circunstantes agruparam-se, e curiosos procuravam ver tanta formosura. Alberto, surpreso, exclamou:

- Que extraordinária semelhança!

- Eles não podiam deixar de ser irmãos, exclamaram unanimemente os companheiros de Alberto.

Ah! era Épica, era a virgem das floresta, era o anjo dos sonhos mentirosos de Gastão, era ela que acabava de conduzi-lo a Deus, e que ia descer com ele à sepultura. Formosa ainda na palidez de morte, Épica levou Alberto a perdoar os extremos de seu infeliz amigo.

Alberto ajoelhou-se à orla da sepultura, e orou; todos imitaram, e aquelas regiões selvagens guardaram respeitoso silêncio enquanto durou o ato religioso, enquanto a oração subiu da terra ao trono do Senhor.

E quando eles deixaram no sepulcro aqueles que tão extremamente se adoravam, e quando lembraram-se novamente do velho tupinambá, e o olharam, ele tinha a face em terra, e o tacape lhe havia escapado das mãos.

Então um velho marinheiro, tocando-o com a ponta do pé, e voltando-lhe o corpo para o lado, disse:

- Está morto!

A escrave

A ESCRAVA

CONTO

REVISTA MARANHENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL, LITTERARIA E SCIENTIFICA

ANNO I — NOVEMBRO DE 1887. — N. 3

Assignaturas
Trimestre 1$000—Anno 3$500

Direcção e redacção de
Augusto Britto.

Escriptorio da redacção
Rua da Estrella, 54.

Revista Maranhense.

A ESCRAVA.

Em um salão onde se achavão reunidas muitas pessoas distinctas, e bem collocadas na sociedade, depois de versar a conversação sobre diversos assumptos mais ou menos interessantes, recahio sobre o elemento servil.

O assumpto era por sem duvida de alta importancia. A conversação era geral; as opiniões, porem, divergião. Começou a discussão

—Admira-me, disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionista; faz-me até pasmar como se possa sentir,e expressar sentimentos escravocratas, no presente seculo, no seculo desenove ! A moral religiosa, e a moral civica ahi se erguem, e fallão bem alto esmagando a hydra que invenena a familia no mais sagrado santuario seo, e desmoralisa, e avilta a nação inteira !

Levantai os olhos ao Golgotha, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

Para que se deo em sacrificio, o homem Deos, que ali exhalou seu derradeiro alento ? Ah ! então não é verdade que seo sangue era o resgate do homem ! é então uma mentira abominavel ter esse sangue nos comprado a liberdade !? E depois, olhai a sociedade... não vedes o abutre que a corroe constantemente !... não sentis a desmoralisação que a enneva, o cancro que a destroe ?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ella é, e será sempre um grande mal. Della a decadencia do commercio; porque o commercio, e a lavoura caminhão de mãos dadas,e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seo trabalho é forçado. Elle não tem um futuro; o seo trabalho não é indemnisado; ainda della nos vem o opprobrio, a vergonha; por que de fronte altiva, e desasombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o stigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na fronte de todos nós. Embalde procurará um de entre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gotta de sangue escravo...

E depois, o caracter que nos imprime, e nos envergonha !

O escravo é olhado por todos como victima—e o é.

O senhor, que papel representa na opinião social ?

O senhor é o verdugo,—e esta qualificação é hedionda.

Eu vou narrar-vos, se me quizerdes prestar attenção, um facto que ultimamente se deo. Poderia citar-vos uma infinidade delles; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz, e a victima.

E ella começou:

Era uma tarde de agosto, bella como um ideal de mulher, poetica como um suspiro de virgem, melancolica, e suave como sons longiquos de um alaude mysterioso.

Eu scismava embevecida na belleza natural das alterosas palmeiras, que se curvavão gemi-bundas, ao sopro do vento, que gemia na costa.

E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o occaso em rapida carreira.

A ESCRAVA

Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil.

O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão.

- Admira-me, disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionista; faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove! A moral religiosa, e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

Para que se deu em sacrifício, o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! é então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... não vedes o abutre que a corrói constantemente!.. não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destroi?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de fronte altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na fronte de todos nós. Embalde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...

E depois, o caráter que nos imprime, e nos envergonha!

O escravo é olhado por todos como vítima - e o é.

O senhor, que papel representa na opinião social?

O senhor é o verdugo - e esta qualificação é hedionda.

Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles; mas este basta,

para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima.

E ela começou:

- Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica, e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso.

Eu cismava embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras, que se curvaram gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa.

E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o ocaso em rápida carreira.

Não sei que sensações desconhecidas me agitavam, não sei!... mas sentia-me com disposições para o pranto.

De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu.

Segui-a com a vista. Ela espavorida, e trêmula, deu volta em torno de uma grande mouta de murta, e colando-se no chão nela se ocultou.

Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo, no lugar que a vi ocultar-se.

Ela muda, e imóvel, ali quedou-se.

Eu então a mim mesma, interroguei:

Quem será a desditosa?

Ia procurá-la - coitada! Uma palavra de animação, um socorro, algum serviço, lembrei-me, poderia prestar-lhe. Ergui-me.

Mas no momento mesmo em que este pensamento, que acode a todo homem em idênticas circunstâncias, se me despertava, um homem apareceu no extremo oposto do caminho.

Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados.

Fisionomia sinistra era a desse homem, que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho.

- Inferno! maldição! bradara ele, com voz rouca. Onde estará ela? e perscrutava com a vista por entre os arvoredos desiguais que desfilavam à margem da estrada.

- Tu me pagarás - resmungava ele. E aproximando-se de mim:

Não viu, minha senhora, interrogou com acento, cuja dureza procurava reprimir, - não viu por aqui passar uma negra, que me fugiu das mãos ainda há pouco? uma negra que se finge douda... Tenho as calças rotas de correr atrás dela por estas brenhas. Já não tenho fôlego.

Aquele homem de aspecto feroz era o algoz daquela pobre vítima, compreendi com horror.

Enguias

De pronto tive um expediente. - Vi-a, tornei-lhe com a naturalidade, que o caso exigia; - vi-a, e ela também me viu, corria em direção a este lugar; mas parecendo intimidar-se com minha presença, tomou direção oposta, volvendo-se repentinamente sobre seus passos. Por fim a vi desaparecer, internando-se na espessura, muito além da senda que ali se abre.

E dizendo isto indiquei-lhe com um aceno a senda que ficava a mais de cem passos de distância, aquém do morro em que me achava.

Minhas palavras inexatas, o ardil de que me servi, visavam a fazê-lo retroceder: logrei o meu intento.

Franziu o sobrolho, e sua fisionomia traiu a cólera que o assaltou. Mordeu os beiços e rugiu:

- Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos, pelos matos em procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te; mas, deixa estar, eu te juro, será esta a derradeira vez que me incomodas. No tronco... no tronco: e de lá foge!

Então, perguntei-lhe, aparentando o mais profundo indiferentismo, pela sorte da desgraçada, - foge sempre?

- Sempre, minha senhora. Ao menor descuido foge. Quer fazer acreditar que é douda.

- Douda! Exclamei involuntariamente, e com acento que traía os meus sentimentos.

Mas o homem do azorrague não pareceu reparar nisso, e continuou:

- Douda... douda fingida, caro te há de custar.

Acreditei-o o senhor daquela mísera; mas empenhada em vê-lo desaparecer daquele lugar, disse-lhe:

- A noite se avizinha, e se a deixa ir mais longe, difícil lhe será encontrá-la.

- Tem razão, minha senhora; eu parto imediatamente, e cumprimentando-me rudemente, retrocedeu correndo a mesma estrada que lhe tinha maliciosamente indicado.

Exalei um suspiro de alívio, ao vê-lo desaparecer na dobra do caminho.

O sol de todo sumia-se na orla cinzenta do horizonte, o vento paralisado não agitava as franças dos anosos arvoredos, só o mar gemia ao longe da costa, semelhando o arquejar monótono de um agonizante.

Ergui ao céu um voto de gratidão; e lembrei-me que era tempo de procurar minha desditosa protegida.

Ergui-me cônscia de que ninguém me observava, e acercava-me já da mouta de murta, quando um homem rompendo a espessura, apareceu ofegante, trêmulo e desvairado.

Confesso que semelhante aparição causou-me um terror imenso. Lembrei-me dos criados, que eu tinha convocado a essa hora naquele lugar, e que ainda não chegavam. Tive medo.

Parei instantemente, e fixei-o. Apesar do terror que me havia inspirado, fixei-o resolutamente.

De repente serenou o meu temor; olhei-o, e do medo, passei à consideração, ao interesse.

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora lânguidos pela comoção de angústia que se lhe pintava na fronte, ora deferindo luz errante, e trémula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante.

No fundo do coração daquele pobre rapaz, devia haver rasgos de amor, e generosidade.

Cruzamos, ele, e eu as vistas e ambos recuamos espavoridas. Eu, pelo aspecto comovente, e triste daquele infeliz, tão deserdado da sorte; ele, por que seria?

Isto teve a duração de um segundo apenas: recobrei ânimo em presença de tanta miséria, e tanta humilhação, e este ânimo procurei de pronto transmitir-lhe.

Longe de lhe ser hostil, o pobre negro compreendeu que eu ia talvez minorar o rigor de sua sorte; parou instantâneamente, cruzou as mãos no peito, e com voz súplice, murmurou algumas palavras que eu não pude entender.

Aquela atitude comovedora, despertou-me compaixão; apesar do medo que nos causa a presença dum calhambola, aproximei-me dele, e com voz, que bem compreendeu ser protetora e amiga, disse-lhe:

- Quem és, filho? O que procuras?

- Ah! minha senhora, exclamou erguendo os olhos ao céu, eu procuro minha mãe, que correu nesta direção, fugindo ao cruel feitor, que a perseguia. Eu também agora sou um fugido: porque há uma hora deixei o serviço para procurar minha pobre mãe, que além de douda está quase a morrer. Não sei se ele a encontrou; e o que será dela. Ah! minha mãe! É preciso que eu corra, a ver se acho antes que o feitor a encontre.

Aquele homem é um tigre, minha senhora, - é uma fera.

Ouvia-o, sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo.

- Amanhã, continou ele, hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele?

Enguias

- Escuta, lhe tornei então, tua mãe está salva, salvou-a o acaso; e o feitor está agora bem longe daqui.

- Ah! minha senhora, onde, onde está a minha mãe e quem a salvou?

- Segue-me, disse eu - tua mãe está ali - e apontei para a mouta onde se refugiara.

- Minha mãe, sem receio de ser ouvido, exclamou o filho: minha mãe!...

Com efeito, ali com a fronte reclinada sobre um tronco decepado; e o corpo distendido no chão, dormia um sono agitado a infeliz foragida.

- Minha mãe, gritou-lhe ao ouvido curvando os joelhos em terra, e tomando-a nos seus braços. Minha mãe... sou Gabriel...

A esta exclamação de pungente angústia, a mísera pareceu despertar. Olhou-o fixamente; mas não articulou um som.

- Ah! redarguiu Gabriel, ah! minha senhora! minha mãe morre!

Concheguei-me àquele grupo interressante a fim de prestar-lhe algum serviço. Com efeito era tempo. Ela era presa dum ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro.

- Não, ela não morre deste ataque; mas é preciso prestar-lhe pronto socorro, - disse-lhe:

- Diga, minha senhora, tornou o rapaz na mais pungente ansiedade, que devo fazer?

Volte eu embora à fazenda, seja castigado com rigor; mas não quero, não posso ver minha mãe morrer aqui, sem socorro algum.

- Sossega, disse-lhe, vendo assomar ao morro, donde observavam tudo que acabo de narrar, os meus criados, que me procuravam; - espera, disse-lhe:

Vou fazer transportar tua mãe, à minha casa, e lhe farei tornar à vida.

- Diga,minha senhora, ordene.

- Não moro presentemente longe daqui. Sabes a distância que vai daqui à praia? Estou nos banhos salgados.

- Sei, sim, senhora, é muito perto. Que devo então fazer?

- Tu, e estes homens - os criados acabavam de chegar - vão transportá-la imediatamente à minha morada, e lá procurarei reanimá-la.

- Oh! minha senhora, que bondade! foi só o que disse, e, ato contínuo, tomou nos braços a pobre mãe, ainda entregue ao seu dorido paroxismo, disse:

- Minha senhora, eu só levaria minha mãe ao fim do mundo.

Senti-me tocada de veneração em presença daquele amor filial, tão singelamente manifestado.

- Sigamos então, - tornei eu.

Gabriel caminhava tão apressadamente que eu mal podia acompanhá-lo.

Em menos de quinze minutos transpúnhamos o umbral da casinha, que há dois dias apenas eu habitava.

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: - recebia em meu lar dois escravos fugidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes.

Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco.

Mas, deixar de prestar auxílio àqueles desgraçados, tão abandonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade, tinham sossego, ou tranquilidade! não.

Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever.

Fiz deitar a moribunda em uma cama, fiz abrir as portas todas para que a ventilação se fizesse livre, e boa, e prestei-lhe os serviços, que o caso urgia, e com tanta vantagem, que em pouco recuperou os sentidos.

Olhou em torno de si, como que espantada do que via, e tornou a fechar os olhos.

- Minha mãe!... minha mãe, de novo exclamou o filho.

Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou:

- Carlos!... Urbano...

- Não, minha mãe sou Gabriel.

- Gabriel, tornou ela, com voz estridente. É noite, e eles para onde foram?

- De quem fala ela? interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

- É douda, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoudeceu.

- Horror! exclamei com idignação, e dor. Pobre mãe!

- Só lhe resto eu, continuou soluçando - só eu... só eu!...

Entretanto a enferma pouco, e pouco recobrava as forças, a vida, e a razão. Fenômenos da morte, por assim dizer: é luta imponente embora, da natureza, com o extermínio.

- Gabriel? Gabriel - és tu?

- É noite. Eu morro... E o serviço? E o feitor?

- Estás em segurança, pobre mulher, disse-lhe, - tu, e teu filho estão sob a minha proteção. Descansa, aqui ninguém lhes tocará com um dedo.

Como não devem ignorar, eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província, e da-do Rio de Janeiro. Expedi de pronto um próprio à capital.

Então ela fixou-me, e em seus olhos brilhou lucidez, esperança, e gratidão.

Sorriu-se e murmurou.

Enigmas

- Inda há neste mundo quem se compadeça de um escravo?

- Há muita alma compassiva, retorqui-lhe, que se condói do sofrimento de seu irmão.

Naquela hora quase suprema, a infeliz exclamou com voz distinta:

- Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano...

Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos!... aqueles que me arrancaram destes braços... este que também é escravo!...

E os soluços da mãe, confundiram-se por muito tempo, com os soluços do filho.

Era uma cena tocante, e lastimosa, que despedaçava o coração. Ah! maldição sobre a opressão! maldição sobre o escravocrata! Cheguei-lhe aos lábios o calmante, que a ia sustendo, e ordenei a Gabriel fosse tomar algum alimento. Era preciso separá-los.

- Quem é vossemecê, minha senhora, que tão boa é para mim, e para meu filho? Nunca encontrei em vida, um branco que se compadecesse de mim; creio que Deus me perdoa os meus pecados, e que já começo a ver seus anjos.

- E quem é esse **senhor** tão mau, esse **senhor** que te mata?

- Então,minha senhora, não conhece o **senhor** Tavares, do Cajuí?

- Não, tornei-lhe com convicção, estou aqui apenas há dois dias, tudo me é estranho; não o conheço. É bom que colha algumas informações dele: Gabriel mas dará.

- Gabriel! disse ela - não. Eu mesma. Ainda posso falar.

E começou:

- Minha mãe era africana,meu pai de raça índia; mas de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.

Eram casados e desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel, infligia diariamente à minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas; mas ainda assim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício.

Um dia, apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu **senhor** recebeu a moeda sorrindo-se - tinha eu cinco anos - e disse: A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. Vai descansado.

Custou a ir à cidade; quando foi demorou-se algumas semanas, e quando chegou entregou a meu pai, uma folha de papel escrita, dizendo-lhe:

- Toma, e guarda com cuidado, é a carta de liberdade de Joana. Meu pai não sabia ler; de agradecido beijou as mãos daquela fera. Abraçou-me, chorou de alegria, e guardou a suposta carta de liberdade.

Quem é o branco?

senhor deal desleal

Sr. Tavares do Cajuí

mistura de preto com índio

a escrava tinha 5 anos

Joana

suposta carta de liberdade

Então furtivamente eu comecei a aprender a ler, com um escravo mulato, e a viver com alguma liberdade.

Isto durou dois anos. Meu pai morreu de repente, e no dia imediato meu senhor disse a minha mãe:

- Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia.

Minha mãe, surpresa, e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra.

Nunca a meu pai passou pela idéia, que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas, minha mãe à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler, àquele que me dava as lições. Ah! eram umas quatro palavras sem nexo, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando.

Sobreveio-lhe febre ardente, delírios, e três dias depois estava com Deus.

Fiquei só no mundo, entregue ao rigor do cativeiro.

Aqui ela interrompeu-se; agitou-lhe os membros um tremor convulso. A morte fazia os seus progressos. De novo cheguei-lhe aos lábios a colher do calmante, que lhe aplicava, e pedi-lhe, não revocasse lembranças dolorosas que a podiam matar.

- Ah! minha senhora, começou de novo, mais reanimada; apadrinhe Gabriel, meu filho, ou esconda-o no fundo da terra; - olhe se ele for preso, morrerá debaixo do açoite, como tantos outros, que meu senhor tem feito expirar debaixo do azorrague! Meu filho acabará assim.

- Não, não há de acabar assim, - descansa. Teu filho está sob minha proteção, e qualquer que seja a atitude que possa assumir esse homem, que é teu senhor, Gabriel não voltará mais ao seu poder.

Ela recolheu-se por algum tempo, depois tomando-me as mãos, beijou-as com reconhecimento.

- Ah! se pudesse, nesta hora extrema ver meus pobres filhos, Carlos e Urbano!... Nunca mais os verei!

Tinham oito anos.

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos - era um traficante de carne humana. Este abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente.

Esse homem trocou ligeiras palavras com meu senhor, e saiu.

Eu tinha o coração opresso pressentia uma nova desgraca.

A hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. Ouvi ao longe rumor, como de homens que conversavam. Alonguei os ouvidos; as vozes se aproximavam. Em breve reconheci a voz do senhor. Senti palpitar desordenadamen-

te meu coração; lembrei-me do traficante... corri para meus filhos, que dormiam, apertei-os ao coração. Então senti um zumbido nos ouvidos, fugiu-me a luz dos olhos e creio que perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo durou este estado de torpor; acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me: mamãe! mamãe!

Ah! minha senhora! abriu os olhos. Que espetáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado meu **senhor**, o feitor, e o infame traficante.

Ele, e o feitor arrastavam sem coração, os filhos que se abraçavam a sua mãe.

Gabriel entrava nesse momento. Basta, minha mãe, disse-lhe, vendo em seu rosto debuxados todos os sintomas de uma morte próxima.

- Deixa concluir, meu filho, antes que a morte me cerre os lábios para sempre... deixa-me morrer amaldiçoando os meus carrascos.

- Por Deus, por Deus, gritei eu tornando a mim, por Deus levem-me com meus filhos!

- Cala-te! gritou meu feroz **senhor** - Cala-te, ou te farei calar.

- Por Deus, tornei eu de joelhos, e tomando as mãos do cruel traficante: - meus filhos!... meus filhos!

Mas ele dando um mais forte empuxão, e ameaçando-os com o chicote, que empunhava, entregou-os a alguém que os devia levar...

Aqui a mísera calou-se; ; eu respeitei o seu silêncio que era doloroso, quando lhe ouvi um arranco profundo, e magoado:

Curvei-me sobre ela. Gabriel ajoelhou-se, e juntos exclamamos:

- Morta!

Com efeito tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para as suas débeis forças.

A lua percorria melancólica e solitária os páramos do céu, e cortava com uma fita de prata as vagas do oceano.

No mesmo instante, um homem assomou à porta. Era o homem do azorrague que eles intitulavam do feitor; era aquele homem de fisionomia sinistra, e terrível, que me interpelara algumas horas antes, acerca da infeliz foragida; e este homem aparecia agora mais hediondo ainda, seguido de dois negros, que, como ele, pararam à porta.

- Que pretende o senhor? perguntei-lhe. Pode entrar.

O pobre Gabriel refugiou-se, trêmulo, ao canto mais escuro da casa.

- Anda, Gabriel, disse-lhe com voz segura, continua a tua obra, e voltando-me para o feitor, acrescentei:

Eu, e este desolado filho, ocupamo-nos em cerrar os olhos à infeliz, a quem o cativeiro, e o martírio despenharam tão depressa na sepultura.

Comovidos em presença da morte, os dois escravos deixaram pender a fronte no peito; o próprio feitor, ao primeiro ímpeto, teve um impulso de

homem: mas, recompondo de pronto na rude, e feroz fisionomia, disse-me:

- É hoje a segunda vez que a encontro, minha senhora, entretanto, não sei ainda a quem falo. Peço-lhe que me diga o seu nome, para que eu conheça o patrão, o senhor Tavares. É escandalosa, minha senhora, a proteção que dá a estes escravos fugidos.

Estas palavras inconvenientes mereceram o meu desdém; não lhe retorqui.

O meu silêncio lhe deu maior coragem, e, fazendo-se insolente, continuou:

- A senhora coadjuvou a mãe em sua fuga; acabou aqui, mais tarde saberemos de quê. Pretenderá também coadjuvar o filho?

É o que havemos de ver!...

João, Felix! E com um aceno indicou-lhes o que deviam fazer.

Gabriel, que ao meu chamado voltara para junto do cadáver de sua mãe, sentindo que o vinham prender, levantou-se espavorido, sem saber o que fazer.

- Detém-te! lhe gritei eu. Estás sob a minha imediata proteção; e voltando-me para o homem do azorrague, disse-lhe:

Insolente! nem mais uma palavra. Vai-te, diz a teu amo, - miserável instrumento de um escravocrata; diz a ele que uma senhora recebeu em sua casa, uma mísera escrava, louca porque lhe arrancaram dos braços dous filhos; menores, e os venderam para o Sul; uma escrava moribunda; mais ainda assim perseguia por seus implacáveis algozes.

Vai-te, e entrega-lhe este cartão: aí achará o meu nome.

Vai, e que nunca mais nos tornemos a ver.

Ele mordeu os beiços para tragar o insulto, e desapareceu.

No dia seguinte, era já de tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz Joana, quando à porta de minha casinha, vi apear-se um homem. Era o senhor Tavares.

Cumprimentou-me com maneiras da alta sociedade, e disse-me:

- Desculpe-me, querida senhora, se me apresento em sua casa, tão brusca e desazadamente; entretanto...

- Sem cerimônia, senhor, disse-lhe, procurando abreviar aqueles cumprimentos que me incomodavam.

Sei o motivo que aqui o trouxe, e podemos, se quiser encetar já o assunto.

Custava-me, confesso, está por longo tempo em comunicação com aquele homem, que encarava sua vítima, sem consciência, sem horror.

- Peço-lhe mil desculpas, se a vim incomodar.

- Pelo contrário, retorqui-lhe. O senhor poupou-me o trabalho de o ir procurar.

- Sei que esta negra está morta, exclamou ele, - e o filho acha-se aqui: tudo isto teve a bondade de comunicar-me ontem. Esta negra, continuou,

olhando fixamente para o cadáver - esta negra era alguma coisa monomaníaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava. O Antônio, o meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava em procurá-la. Porém, minha senhora este negro! - designava o pobre Gabiel, com este negro a coisa muda de figura; minha querida senhora, este negro está fugido: espero, mo entregará, pois sou o seu legítimo senhor, e quero corrigi-lo.

- Pelo amor de Deus, minha mãe, gritou Gabriel, completamente desorientado, - minha mãe, leva-me contigo.

- Tranquiliza-te, lhe tornei com calma; não te hei já dito que te achas sob a minha proteçao? Não tem confiança em mim?

Aqui o senhor Tavares encarou-me estupefato - e depois peguntou-me:

- Que significam essas palavras, minha querida senhora? Não a compreendo.

- Vai compreender-me, retorqui, apresentando-lhe um volume de papéis subscritados e competentemente selados.

Rasgou o subscrito, e leu-os. Nunca em sua vida tinha sofrido tão extraordinária contrariedade.

- Sim, minha cara senhora, redarguiu, terminando a leitura; o direito de propriedade, conferido outrora por lei a nossos avós, hoje nada mais é que uma burla...

A lei retrogradou. Hoje protege-se escandalosamente o escravo, contra seu senhor; hoje qualquer indivíduo diz a um juiz de órfãos:

Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano - haja ou não a aprovação do seu senhor.

Não acham isto interessante?

- Desculpe-me, senhor Tavares, disse-lhe:

Em conclusão, apresento-lhe um cadáver, e um homem livre.

Gabriel ergue a fronte, Gabriel és livre!

O senhor Tavares, cumprimentou, e retrocedeu no seu fogoso alazão, sem dúvida alguma mais furioso que um tigre.

FIM

"REVISTA MARANHENSE" nº 3 - 1887

Enigmas
e
charadas

ENIGMAS

Se acaso continuardes
E teimardes,
A jurar que te amei;
Então podeis ficar certa
Minha *esperta*:
De louca te chamarei.

Setembro—1861. J. R.

—CHARADAS—

Se queres saber a historia
Pega no livro—E depois ? 1
Relativo, e conjunção
Dirrõ todos que vós sois. 1

Traste mimoso, e gentil,
A qu'as bellas valor daõ,
Quando importunos lhes fallaõ
Acham n'elle distraçaõ.

Guimarães. M. F. dos Reis.

Se comigo se ajuntar
Ata, em segundo lugar,
Ter-se-ha nome do que
No mar anda a roubar. 1

Se ao filho o pae quizer
Bom e humilde o chamar,
De mim se hade servir
Pra os *termos* animar. 1

CONCEITO.

De Pedro, dizem, me derivo
A seus filhos só era dado;
Hoje, porem, muitos outros
Teem-se comigo appellidado.

Custoso de se me achar,
Naõ será certamente,
Visto que por cá estou,
Em lugar mui saliente. Serpi.

Decifração do Logogripho do n. passado é —Garibaldi.

Aviso.

Com este n. finalisa-se o 3.º bimestre deste pequeno jornal, e rogamos aos Srs. assignantes, a continuarem a coadjuvar-nos com as suas valiosas assignaturas.

Maranhão—Typ.—Conservadora—

CAZ

Álbum

CHARADAS

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Temerosa nas sombras da atra noite;
Por que te ocultas, sempre em pranto imersa?
Não negues. Foi amor, ódio ou vingança
Que a tal se reduziu?... Sorte adversa?

Foste ousado tecendo finas vestes
Com as vestes, que a outro pertencia
Lutando contra o fraco, lhe arrancaste
Tudo, tudo que ao triste pertencia.

Supões tu, que Tibério possuindo
De Belisário a filha, inda não estava?
Justiniano o julgou; mas ele o disse,
Que nada mais na vida cobiçava.

Na hibernal estação
Meu fogo conhecereis,
Longe do globo terrestre,
Sempre no céu, me vereis.

20 de maio de 1861

Álbum

CHARADAS

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Não era da sua lira maviosa
Quando a bela infiel canções tecias?
Mas, longe de tocar-lhe o duro peito,
Só no teu a paixão mais acendias. - 1

Mui doce para ti ele foi sempre
Enquanto a inconstante o não quebrou,
Perjura! a tanto chega a força humana?
Rindo sem pejo desligá-lo ousou. - 1

Tu alívio do que sofre
No peito angústia mortal,
Quanto és doce um só momento!...
Quanto mitigas meu mal!...

27 de maio de 1861

Álbum

CHARADAS

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Não era da sua lira maviosa
Quando a bela infiel canções tecias?
Mas, longe de tocar-lhe o duro peito,
Só no teu a paixão mais acendias. - 1

Mui doce para ti ele foi sempre
Enquanto a inconstante o não quebrou,
Perjura! a tanto chega a força humana?
Rindo sem pejo desligá-lo ousou. - 1

Tu alívio do que sofre
No peito angústia mortal,
Quanto és doce um só momento!...
Quanto mitigas meu mal!...

27 de maio de 1861

Álbum

LOGOGRIFO

"O JARDIM DAS MARANHENSES"

Quatro sílabas encerra
Este nome portentoso,
Que já deu bons calafrios,
A um monarca poderoso.

Primeira e quarta, foi o tronco
Dumas tribos, quando Deus,
Falava aos filhos de Adão,
Como não fala hoje aos seus.

A segunda indica gosto,
Prazer, afeto, alegria,
Quem te vendo o faz contente,
Sente por ti simpatia.

Terceira, e quarta contêm
Em seu colo clara linfa,
Passeia pela morada
De formosa, e branca ninfa.

Vêde agora se decifras
O que fica aí escrito;
Prometo, se o decifrardes
Que vereis o nome escrito.

Guimarães.

20 de setembro de 1861

Álbum

CHARADA

"O JARDIM DAS MARANHENSES"

Se queres saber a história
Pega no livro. - E depois? -1
Relativo, e conjunção
Dirão todos que vós sois. -1

Traste mimoso, e gentil,
A que as belas valor dão,
Quando importunos lhes falam
Acham nele distração.

Guimaráes.

30 de setembro de 1861

Álbum

CHARADA

"A VERDADEIRA MARMOTA"

O rosto às vezes desmaia,
Outra vez empalidece.
A voz do amor - vede-o bem,
Depois então desfalece. -2

No vasto império dos Incas,
Meu sincero amor me deu,
Por prêmio de meigo afeto,
Um amor igual ao meu.

18 de novembro de 1861

Álbum

CHARADAS

"O JARDIM DAS MARANHENSES"

No fundo dos sepulcros eu existo,
Tudo o que nasce, se reduz em mim,
Os páramos desertos, empovôo;
Desde que há mundo, que eu existo assim.

E ninguém me acompanha! árida estrada
Cansado caminhar! Que afã - que lida!
Fui condenada pela sorte dura,
A passar deste modo a triste vida.

Sou como espelho, que reflete a imagem,
Mimosa e grata de gentil donzela,
No colo encerro diamantinos paços,
E em cada um deles, uma virgem bela.

Guimarães, 1861.

2 de dezembro de 1861

Álbum

CHARADA

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Entre minhas irmãs eu venho à frente - 1
Nome enganoso, tu que és na terra?
Às vezes quantas dores, tu ocultas,
Mas, teu poder a dor jamais desterra. - 3
Quanto meu peito por um fato triste
Lutuoso, dorido, aflito encerra!?!... - 1

Um perene sorrir nos lábios mostra
Que és mimoso da sorte. Eu não te invejo.
No meu triste, e penoso caminhar,
Só termo aos tristes dias, hoje almejo.

12 de dezembro de 1861

Álbum

CHARADA

ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS BRASILEIRAS-1863

Cesar, Murat, Bonaparte,
Todo o monarca, eu começo;

Manda ao pobre, Deus, que o faças;
Por Deus, ah! bem que o mereço! 1

Deixar-me assim para sempre,
Por certo não apeteço. 2

És tu dalma uma virtude,
Por muitos desconhecida;
És tu adorno do sábio,
Esmaltes de sua vida.

Quando em lábios de donzela,
Vens no sorriso brilhar,
Oh! quanto és grata à minha alma!
Quanto te sei adorar.

És necessária na vida,
Todos te devem ameigar,
Sem ti, a mais bela ação,
Pode em vício transmudar.

Guimaráes.

Álbum

CHARADA

"ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS BRASILEIRAS"

Consentes, anjo mimoso,
Que te renda adoração?
Virgem! virgem, tu permites?
Com doce e eterna efusão! 2

Eis a virgem malfadada .
Que inspirar não soube amor!
Que à míngua de esposo teve
Esposo pra sua dor. 2

CONCEITO

Ês de virgem nome grato.
Tão grato, que inspiras amor!
Quem te não dispensa afetos,
Eflúvios de maga flor!

Guimarães.

Álbum

CHARADA

"ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS BRASILEIRAS"

Quem te não ama? És de Deus,
Na terra - imagem querida;
E - se nos faltas, que prantos,
Que mágoas enluta a vida!...

Se penso triste, abatida,
Se sinto amarga aflição,
Eis em ti fixada a vista,
De pranto turvada então.

CONCEITO

Quantos crismes originas,
Quando em vício degeneras!
Quanto pranto, quanta dor,
Quantas mágoas tu nos geras.

Cegas aos tristes mortais,
Aos pés abismo lhes cavas,
E derramas em torrentes,
No peito incendidas lavas.

Mas, assim - qual o vivente
Que te não ama uma vez?...
Que não te afague em transportes,
Que não se curve a teus pés?!...

Guimarães.

3º Ano - 1868 - maio

Álbum

ÁLBUM

Campos cgis
musicais

9 de janeiro de 1853
Dia este que há de ser eternamente gravado em minha mente.

ooo

UMA LÁGRIMA SOBRE UM TÚMULO

Era a hora do silêncio e do repouso, hora mágica - misteriosa - grande - sublime - majestosa como Deus! Triste, malancólica como a imagem do túmulo... porém que ooo para a minha alma, por isso que minha alma ama a melancolia!!... E eu te saudava hora mágica - e sublime!!!. E eu subia no cume do rochedo... E tu eras grande - e misteriosa como o mesmo Deus!!!...

Doze horas soaram... A noite estava silenciosa - e erma. E eu estava sobre o cume do rochedo... Era o silêncio dos túmulos que aí reinava!!! hora santa - e respeitável, como a imagem de Deus - eu te saudava!...

Ao longe Álcion gemia, gemia, sobre as águas - e o mar mansamente beijava as cavidades do rochedo. Mas o rochedo estava imóvel porque à voz do Senhor ele se havia erguido: - e esta voz que o erguera, brandamente soava no murmúrio da viração.

E eu chorava porque a meus pés estava um túmulo!!! E as estrelas que prateavam a abóbada celeste, - e o mar que alvejava no seu leito, - e a brisa do Sul que me rociava as faces, - e o verme, que se arrastava para a sua presa, - e o orvalho que se pendurava das ramas - estavam mudos e tranquilos. Só eu tinha o coração opresso por isso que a meus pés estava um túmulo!

E ninguém partilhava a minha dor!... E os raios da lua começavam a pratear as águas... e um branco sudário se desdobrava, sobre a terra ainda revolta da sepultura. Mas a lua passava e o sepulcro já era tudo sombras: - e minha dor prosseguia, sempre ainda, sempre crescente!!

Oh! Sim!... E para sempre escondida aquela que eu tanto amara!... Eu chorava... No silêncio da noite, minha dor, tocava a desesperação... O mar desdobrava-se a meus pés, - as estrelas cintilavam, sobre minha cabeça, - a viração andava em torno de mim. Deus se me revelava em cada um daqueles objetos. Oh! eu amo a Deus porque Ele é justo, - santo - e onipotente.

No auge da minha desesperação, deixei o rochedo. Indignou-me ver tudo tranquilo - tudo indiferente à minha dor. Deus! Ajoelhei sobre a terra ainda revolta do sepulcro, e meu espírito sentiu amarga consolação. Por que? Por que Deus amerciou-se de mim. Eu chorei sobre a sepultura mas era um pranto já mais resignado...

Eu a tinha visto morrer, e não tinha desesperado. No auge da minha

dor, soltei uma blasfêmia... mas o arrependimento apaga a nódoa do pecado - e eu senti renascer em meu coração sentimentos mais dignos do meu Deus. Ele ma havia perdoado.

E eu que tinha visto seu corpo fugir-me, atendendo a voz do sepulcro, que o reclamava... e eu que vira seu espírito abandonar-me por que à voz do Senhor... pude ver, e não desesperei?!!

Oh! Deus!... Deus... de Ti veio-me o bálsamo de resignação.

Mas ao silêncio, sussurra a hora da arvorada, - e minhas lágrimas corriam mais suavemente. A resignação entrara em minha alma. O amargor estava ainda em meu coração, - mas a hora que aprazia a minha alma havia já passado.

A noite já de todo havia desaparecido; - as flores desabrochavam meigas, e risonhas, - ao volutuoso bafejo da manhã: eu já não tinha lágrimas, por que o Senhor as trocara pela resignação.

Então, entoei um hino ao Deus dos Exércitos... Minha alma exalou um suspiro de saudade, - e circundei de flores o túmulo da que tanto amei!

A hora do silêncio tinha passado, e eu por um instante duvidara da bondade eterna, consolidava já meu coração na crença do seu Deus.

E cessei de chorar porque o seu espírito estava em Deus!!!

Maria Firmina dos Reis

20 de maio de 1853

Eu as vi... eram duas virgens, duas virgens, meigas, belas, sedutoras, oh! ainda as vejo!... Teresa... Alexandrina.

Foi um momento de prazer que me concederam, mas esse momento ficou gravado em minha alma.

Seus rostos inspiram a mais doce, e meiga simpatia, mas que é o físico em relação à alma?... Sim, é por sem dúvida transunto fiel da pura ingenuidade de suas almas.

Teresa, meu coração rendeu-se inteiro nos teus encantos... Minha alma simpatizou com a tua, - minha dedicação, meu afeto, meu amor para ti será eterno.

São Luís, 19 de junho de 1856

É preciso que neste álbum eu escreva uma lembrança a fim de a minha terna, e querida amiga, quando lançar os olhos sobre o caráter destas letras, se recordar do quanto a amo Oxalá que ela sempre esteja presente na memória da minha amiga, como fica gravado no meu coração o seu belo retrato:

Composições musicais

Trarei teu nome gravado
Dentro do meu coração
Pois por ti só concebi
Amor, sincera afeição.

Estas linhas que escrevo
Só querem dizer "Maria"
Delas só me esquecerei
Debaixo da campa fria.

Maranhão, 22 de julho de 1856

Teresa de Jesus Cabral

Oh! dia 10 de agosto de 1858... como és para mim de dolorosa recordação!! Foi neste infausto dia que a morte me roubou uma terna, e afetuosa amiga! Ana Joaquina Cabral Viana, como eras cara ao meun coração!! Uma lágrima sobre a sua campa!

Uma lágrima de saudade à memória da minha jamais chorada amiga D. Ana Joaquina Cabral Viana

rosa de amor - rosa purpúrea e bela
Quem entre os goivos, te ,esfolhou, da campa?!!

C. por Garret

Morreu! já não existe!!! Lágrimas tristes, pranto de sincera, e amarga saudade, orvalhai-lhe a campa! Meu Deus! como a morte é cruel!!! Suas graças.. sua amabilidade, sua extrema doçura não a poderão comover!!! Ah! ainda a vejo no gozar da vida, já tão exigua, já tão próxima do sepulcro, e inda assim tão bela... tão risonha, tão cheia de encantos... era como a estrela da arvorada bela ainda até ao último lutar com o resplendor da dor: mas a morte adejou em torno dela, e nós perdêmo-la para sempre . A terra lhe seja leve!!

o o o

Otávia, nascida a 20 de fevereiro de 1858 - andou a 28 de dezembro do mesmo ano.

Principiou-se a obra da casa das órfãs Edeltrudes, e Juliana a 18 de setembro de 1860.

UM SUSPIRO... UMA RECORDAÇÃO!

Como são incompreensíveis os Juízos do Altíssimo! meu Vicente, na flor dos anos... arrebatado à vida por uma morte súbita, e inesperada! Meu Deus era o dia 15 de fevereiro. Eu o vi morto, e meus olhos não acreditavam! Sofri uma ooo dor; mas resignei-me; porque foi a vontade de Deus!...

Guimarães ooo 1859

UMA LÁGRIMA!...

Era o dia 19 de abril, um formoso sol brilhava sobre os campos do céu, e os raios vívidos e luzentes aqueciam docemente a ervinha do prado: mas meu coração estava aflito; porque na minha alma havia dor pungente. Minha pobre Avó! Caiste como o cedro da montanha, abalado em seu seio pelo correr dos séculos.

Uma lágrima sobre a tua campa! porque a sua memória será terna em minha alma. Adios, até o dia em que Deus nos houver de reunir para sempre.

Guimarães 19 de abril de 1859

Hoje tenho o coração opresso... é incompreensível o que sinto! tenho amarga melancolia!.

Guimarães

24 de setembro de 1860

Permiti, Senhor meu Deus, que o dia de amanhã me seja mais cheio de esperanças, e de felicidades; porque eu vos louvarei como os anjos.

Guimarães

25 de setembro de 1860

Ainda hoje acabrunha-me a mesma melancolia, ou cada vez ocultava mais, e cresce e duplica de amargor. Há no fundo da minha alma o que quer que seja, que derramando-se por todo o meu corpo, entorpece-me os mem-

Composições musicais

bros, e curva-me a fronte para o sepulcro. Sepulcro... Sepulcro, se para mim não tem jamais um dia de esperança, e de amor, um dia de sensações mais poéticas, e menos amargas, quando o teu silêncio me arrebata!!!.

Eu não amo a vida; porque ela é a vida de gozos, e de felicidades: amo-te, oh! sepulcro; porque em ti se ooo esquecimento e repouso.

Guimarães 26 de dezembro 1ooo

Raiou, enfim um novo ano; mas a luz do sol do seu primeiro dia, não esclareceu as trevas, nem abrandou as dores do meu coração. Oh! te saúdo novo ano; mas, tu não trouxeste a esperança à minha alma!... Serás acaso tão impassível ao meu sofrer, como foi teu irmão?... Será o derradeiro da minha vida!! Meu Deus eu estou resignada. Bendito sejais; porque me enviais o sofrimento!

s 5 d

Sexta-feira 11 de janeiro, dia em que viemos habitar esta casa. Deus permita que nela eu seja mais feliz e que a tranquilidade visite o meu coração. Difundi Senhor a vossa graça sobre nossas cabeças. Amém.

Não. Tentar contra os meus dias, seria um crime contra Deus, e contra a sociedade; mas almejo a morte. Perdoai-me Deus de misericórdia! Mas a vida é-me assaz penosa, e eu mal posso suportá-la. O mundo é áspero e duro; mas não me queixo do mundo nem de pessoa alguma. Minha compleição é débil, minha ama alma sensível ooo; meus desgostos são filhos de meus caprichos. Só vós, Senhor, me compreendeis: porque me geraste: só vós podereis perdoar!

Guimarães 2 de fevereiro de 1861

O descanso de uma vida consumida, encontra-se na sepultura. O esquecimento das dores humanas, só ela oferece. Eu quero um dia de repouso, um dia de esquecimento. Campa!... campa, eu te saúdo.

Guimarães 26 de fevereiro de 1861

Raimundo Guimaráes Augusto Ermes de San[illegible] nasceu a 28 de Agosto de 1861. Doroteu embarcou para a capital com comadre Eulália a 25 de setembro de 1861.

RESUMO DA MINHA VIDA

I

De uma compleição débil, e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por conseqüencia melancólica: uma espécie de educação freirática, veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, eu só conhecia o céu, as estrelas, e as flores, que minha avó cultivava com esmero talvez, por isso eu tanto ame as flores; foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã... minha terna irmã, e uma prima querida, foram as minhas únicas amigas de infância, e nos seus seios eu derramava meus melancólicos, e infantis queixumes; por-ventura sem causa, mas já bem profundos.

II

Mas a infância passou, como passa para todo homem, e eu tive mais vigor e minha vida adquiria mais forças; meu coração como que expandiu-se um pouco, vividos raios de sol da adolescência. A mulher é como a flor, esta sonha meiguices ao despertar do sol, porque o sol que surge há de afagá-la, sorrir-se ooo ooo de felicidade sem lembrar-se a pobrezinha que esse viver de deleites é dum momento, e que esse mesmo sol, que tão docemente a seduziu em seus transportes amorosos com suas faíscas ilusórias, vai-lhe roubando a vida, e os encantos. Aquela no desabrochar da vida cisma um futuro radiante, e belo, belo como o céu. Eu experimentei já essa doce ilusão que mais faz amargar os últimos dias da existência. Era um débil e transparente véu que estava ante meus olhos, rasguei-o, vivi um deleitável paraíso, que me seduziu, e que me enlevou, que me transportou; da minha melancolia infantil, passei insensivelmente a um meigo olhar inocente de felicidades. Ah! por que tão depressa fugiste. Ah! por que fugiste idade única da vida, em que eu pude sonhar esse sonho que o poeta inveja. em que pude gozar esse gozo puro que assemelha, que arremeda a bem-aventurança dos anjos!...

Passou, e ambalde, embalde ainda a procuro. O que foi que tão depressa me fez esquecer os meus sonhos da adolescência, o meu gozar dos anjos? Quem se atreve de novo a cerrar sem piedade esse véu que débil, na infância, me ocultava o paraíso, e que agora ainda se tornou mais espesso.

Composições musicais

mais negro e compacto.

III

O mundo! Esse espelho impassível, cruel ooo desfazer as nossas mais gratas; mais lisonjeiras esperanças! A sucessão dos anos apagou-me o fogo do corção, resfriou-me o ardor da mente, quebrou na haste a flor de minhas esperanças. Que porvir tão belo imaginava eu no doce delirar de minhas idéias! Nos meus sonhos mentirosos que futuro radiante se me antolhava! Ah! Tudo, tudo uma cruel realidade. Destruí-o para sempre. Tudo: meu coração outrora tão ardente, hoje apenas sinto-o levemente estremecer no meio do gelo, que o circunda. E os poetas dizem: "O amor vivifica os corações - o Amor é a felicidade da vida, é a vida da nossa existência: talvez. Amei eu já acaso? Não sei. Amor - acrescentarei eu, é uma paixão funesta - é o amor quem espreme no mundo tanto fel, tanta amargura, é quem torna a vida peso insofrível, por demais incômodo. Amor que abre ao homem a senda do prazer e da vida é também quem cerra sobre ele a lousa da sepultura. Entretanto o amor é tão necessário ao coração do homem, quanto o ar é necessário à vida. Amor, amor, deixemos aos poetas esse dom celeste e infernal, doce e amargurado, inocente e criminoso; não amemos-nos. As ilusões fugiram, fugiram as esperanças, que me resta pois? Uma mãe querida e terna, uma irmã desvelada e carinhosa. Ajudada por elas arrastarei o peso desta existência até despenhar-se na sepultura. Porque me dás o sofrer, eu te bendigo, porque me permitiste a recordação de um passado mais venturoso! Oh! quantas vezes reclinada a fronte escandecida, sobre a mão gelada pela dor, eu lembro esses dias de infância que passei no regaço de minha mãe, e entre folguedos tecidos por mim, e por minhas duas amigas, folguedos, que começavam para mim com um magnético encanto, e que logo se iam tornando tristonhos e melancólicos, como minha alma, e que terminavam por um choro doido, suposto que sem causa. Meu coração sentia naquele chorar um amargo prazer, sentia uma dor, que ainda querendo, não o saberia explicar: inda assim eu era feliz! Ou então toda entregue a um profundo desalento, quanta vez, meu Deus, a mente vai buscar yodas essas fases da vida por que tenho passado! Esses ligeiros anos de esperanças, e de gozo; e depois estes compridos e insofríveis anos de amarguras, de tédio, de desgotos, de dores, não imaginárias como a infância; mas fundadas em outras dores, filhas de grandes e muitos sofrimentos. Vida!... Vida, bem penosa me tens sido tu! Há um desejo, há muito alimentado em minha alma, após o qual minha alma tem voado infinitos espaços, e este desejo insondável, e jamais insastifeito, afagado, e jamais saciado, indefinível, quase que misterioso, é pois sem dúvida o objeto único de meus pesares infantis e de minhas mágoas. Eu não aborreço os homens, nem o mundo, mas há horas, e dias inteiros, que aborreço a mim própria.

Que será pois o que sinto? Amo a noite, o silêncio, a harmonia do mar, amo a hora do meio-dia, o crepúsculo mágico da tarde, a brisa aromatizada da manhã; amo as flores, seu perfume me deleita; amo a doce melodia dos bosques, o terno afeto de uma mãe querida, as amigas de minha infância, e de minha juventude, e sobre todas estas coisas amo a Deus; e ainda assim não sou feliz: porque insondável me segue, me acompanha esse querer indefinível que só poderá encontrar satisfação na sepultura.

o o o

Renato - creio que assim se chamará o pequeno órfão que recebi para não mais aleitar. Inocentinho, coitado! Nasceu a 6 de dezembro de 1862. No dia 11 do mesmo mês Deus foi servido para seus insondáveis mistérios chamar-lhe a mãe. Foi no dia 17 do mesmo setembro que me vieram entregar. Deus e a Virgem Santa o protejam.

Sinhá ignora o nome ainda, o nome que terá na pia batismal a inocentinha criança que me foi confiada por pessoa que por ela se interessava em Alcântara, a 30 de janeiro de 1863. Talvez um dia a reclamem seus pais; foi essa a condição com que ma confiaram.

Renato! Renato, meu filho adotivo, meu pobre anjinho, já não existes!... Que fatalidade, meu Deus!... É duro ver-se morrer aquela a quem se dedica afeição quase materna. Dez dias de sofrimento... dez dias, Renato, pobre florzinha acoitada pelo furacão quebrou na haste ainda tão débil e tão mimosa... Renato era um anjo que vagava entre nós, e que de novo remontou ao Céu ileso das dores da vida ooo inseparáveis da existência... e ainda assim eu pranteio? Que loucura! Perdoai-me Senhor; mas, me criaste tão fraca, tão sensível a dor!!! Saudades! quantas não tenho eu dele?! dessa nívea florzinha que foi abrir seus cálice nos jardins do Céu!... Garça que pousou na terra, reerguendo-se novamente as regiões do espaço, sem tocar no lado impuro do mundo! estrela da arvorada eclipsada na terra pelos vívidos raios do sol da terna bem-aventurança; nuvem de incenso que se infiltra nos céus aromatizados e puros. Anjo! Anjo de Deus aceita em tributo de saudade uma lágrima bem sincera, nascida do coração. Nos teus folguedos divinos, no teu constante gozar, lembra-te de minhas saudades, e eleva, prostrado aos pés do Altíssimo uma súplica fervente em favor daqueles que te acolheram e te dispensaram afetos.

Guimarães ooo junho de 1863

A UM ANJO

Voaste, meu anjo, qual nuvem de incenso, em gratos perfumes ao trono do Imenso.

Composições musicais

Com risos assumes mais grados queixumes, de quem te adorava, os campos, os prados, de etéreas alturas! tu garça inocente, folgando contente, rival nos agrados aos anjos croados com as flores dos Céus, aos pés do Senhor, nas harpas mimosas, canções sonorosas... entoam ao seu Deus!... O' desce um momento, meu anjo de amor, e traz-me um sorriso que abrande o tormento de meu coração!

Fragrância da flor do meu paraíso se infiltre em minha alma, frescura na calma consolo à aflição.

Guimarães ooo 1863

Sinhá sentou-se com 5 meses e começou a desmamar-se de noite de 23 julho de 1863.

Sinhá deixou de mamar em Guilhermina desde os meados de setembro, e a engatinhar a 27 deste mesmo mês.

Sinhá deixou completamente a mama em fins de outubro do mesmo ano de 63.

Sinhá começou a andar no dia 17 de janeiro de 1864.

Sinhá batizou-se ontem, 2 de fevereiro de 1864 na igreja matriz desta freguesia. Foi chamada Maria, na pia batismal - foram seus padrinhos, o Dr. José Mariano da Costa, e eu própria M. F. dos Reis. Acrescentarei que o dia 2 de fevereiro foi 3ª feira, e que ela recebeu o batismo às cinco horas da tarde, sendo-lhe este Sacramento administrado pelo Revmo Pe. Francisco José Cabral.

Guimarães, 3 de fevereiro de 1864

Foi seu viver um lutar contínuo com a morte: e a morte triunfou e morreu Benjamim na aurora da vida! Morreu no dia 27 de fevereiro de 1864 depois de longo e bem penosos sofrimentos. Deus se apiade de sua alma - a terra lhe seja leve.

(sem data)

UMA LEMBRANÇA

Ontem 23 de abril de 1864 pelas nove horas da noite, recebi o beijo de despedida de uma excelente amiga - D. Francelina Leopoldina Monteiro da Costa. Foi com profunda saudade que os vi partir... e a recordação de sua bondade, e da de seu consorte, e um doce sentimento de amizade, de simpatia, e de sincera afeição, gravada em minha alma, existirá para sempre; triste, mas doce companheira duma bem profunda saudade.

Guimarães 24 de abril de 1864

Partiu finalmente o Dr. José Mariano da Costa a 30 de abril de 1864 pelas oito horas da manhã. A partida deixou-nos saudoso: é vácuo imenso - o vácuo que deixa um bom amigo - Que ele, meu Deus, que sua mulher encontrem em Alcântara as simpatias, a amizade, as afeições que souberam cobrar aqui, de que são tão dignos. É sempre bem penoso ao coração sensível à partida de um amigo que sinceramente nos interessa. Minha alma pois tem sofrido profundamente as saudades da separação - Saudades'. - gosto amargo de infelizes - A. G. Permiti, meu Deus, que um dia eu os torne a ver...

30 de abril de 1864

Foram-se as amigas queridas do meu coração... Foram-se, e para bem longe! D. Sabina, D. Anica, D. Emília - uma família inteira... a toda ela amei por simpatia, por afeição, e hoje vejo-a seguir seu destino para Alcântara, deixando meu coração magoado de saudades as mais profundas. Nossa intimidade, nossos afetos tão doces, tão recíprocos, a separação veio interromper, mas não cortar: embora venha ser doída essa separação, a ternura que lhes dedico as seguirá por toda a parte onde acaso a sorte te as leve. Meu Deus, fazei-as felizes, Senhor - são os votos que hoje vos dirijo - e que jamais me esqueçam, como jamais me esquerei delas.

Guimarães, 10 de junho de 1864

A MINHA AMIGA Terezinha de Jesus

Pago-te em verso o quê te devo em ouro

Beijar-te... ouvir-te a voz divina e pura
Mimosa criatura - anjo de amor!
É gozo que extasia a minha alma
Como oásis na calma - em longo error.

Mimo celeste que vieste ao mundo,
Lodo jucundo, - sedutor e santo!
Teu riso anima melindrosa fada
Por Deus mandada pra estancar meu pranto.

Não vieste, bela, a me inspirar poesia
Nessa harmonia de beleza, e canto?
Não sentes a alma que teu peito aninha,
Que a alma minha ooo tributa oooooooo!?

Composições musicais

Sabes, tu sabes que me peito apuro
No afeto puro - que te hei votado:
Que sonho extremo para ti - ledices
Que de meiguices eu te hei cercado.

Mulher, encanto desta terra amena,
Visão serena - ao despertar do dia,
Que em branca nuvem, com roupagem d'ouro
Desce; - tesouro - de imortal poesia.

Anjo que ao sopro matinal despreende
O vôo; a acende - do turib'lo o incenso
Que ondula brando derramando aroma
E ao trono assoma - de Jeová incenso.

É meu empenho compreender teus cantos,
Que encerram encantos - de celeste amor.
Sonho os mistérios devassar dos Céus
Anjo de Deus - no teu mimoso odor.

Guimarães 19 de novembro de 1865

Cortou-se o cabelo de Sinhá no dia 9 de janeiro de 1874

AO SENHOR RAIMUNDO MARCOS CORDEIRO

Dou-vos aqui, Senhor, o lugar que mereceis. Aqui neste livro íntimo, onde só tenho estampado os nomes sacros que mais hei amado no mundo: - a quem tenho confiado os mais ardentes e os mais profundos sentimentos de minha alma - as mais doces e as mais dolorosas - aqui estais vós.

Bem compreendeis o que é um álbum - são as páginas d'alma escritas ora com sangue, outra hora com lágrimas; nunca animadas por benéfico sorriso. Amor ou desesperança - saudade, ou dor, eis o que ele significa.

Pois bem é nele a par do nome venerando de minha mãe que estampei o vosso - é que eu vos consagro uma parcela daquela ternura com que eu a amava - é que a ausência dum amigo tão caro deixa-me uma parte da saudade que ela me deixou...

Compreendei pois toda a grandeza da minha amizade.

Agora que ides deixar Guimarães, e os vossos amigos, recebei a minha despedida nestas frases singelas com o afeto que vos consagro. Estais no começo da vida; largos horizontes se vos antolham, que eu antevejo

risonhos e felices: - para mim passou já essa quadra da vida, toda cheia de ilusões floridas, e de esperànças mais ou menos enganadoras; mas ainda assim belas!!! Que me resta pois? Um coração vazio de amor - uma alma transbordando de afetos ingênuos, puros como os beijos de uma criança - e esses afeto puros assim, e sinceros como a minha alma eu vo-la ofereço, que os mereceis.

Guimarães 31 de janeiro de 1869
M. F. dos Reis

UMA SAUDADE - No Álbum da Exmª. Snrª D. Maria Firmina dos Reis

Aqui junto a um santo nome,
Foi que me deste um lugar,
No teu álbum... oh! se eu pudera
De flores ele adornar!...

Mas, Senhora eu te agradeço
Essa prova de amizade,
Esses tão puros afetos,
Essa tão santa saudade.

Deixo-te aqui terno - adeus,
Gravado de coração,
É saudoso... triste como
Dum filho a separação;
Merencório como a noite
Do pescador, a canção.

"Nestas folhas perfumadas,
Pelas rosas desfolhadas
Dos teus cantos de amizade,"
Deixo um - adeus magoado,
Todo de pranto banhado,
No teu álbum, - uma saudade!...

Raimundo Marcos Cordeiro

Composições musicais

O QUE É A VIDA?

O que é a vida? Será acaso a vida o respirar, o sorrir no trocar de cumprimentos banais e quantas vezes frívolos... o banquetear com aparatosa regularidade, com suntuoso luxo dos amigos, algumas vezes tão indiferentes, e alheios aos sentimentos de afeto, e de amizade que lhe votamos, e até estranhos à gratidão; por que, depois de termos colhido os nossos sinceros afagos vão cuspir sobre eles, seu sorriso de escárnio?... Será isto vida? Não. Ou será então o deslumbrante, e sedutor aspecto de um salão dourado, cujo ambiente perfumoso pode encher o coração de mágicos transportes...? será aí onde as flores de um buquê furta-se um beijo de leve, voluptuoso... será os sons de orquestra afinada, que arrebatando os sentidos enleados vai de envolta com um bruxulear de magníficos candelabros excitar desejo, despertar idéias, acender no coração um fogo, que logo abrasando-o rapidamente se esmorece, e morre ao último som da derradeira polca - ao último luzir da reverberante iluminação da sala...?

Ou será a vaidade satisfeita pela posse de um rosto que a natureza adornou com a perfeita formosura dos anjos - uns olhos onde se retrata toda a beleza da alma, uns olhos que falam de amores, desses que o mundo procura em vão conhecer e que parece que só devem existir em Deus; porque o mundo é assaz pequeno para contê-los - uns olhos que são um orgulho de quem os tem, e a inveja viva de quantos a rodeiam? Será talvez tudo isso: - mas eu o nunca vivi; ou se vivi, compreendi a vida por outros desvios, por outras sendas, por onde nem todos passam. Penso e sinto: meu sentir e meu pensar não os compreende ninguém; porque também a ninguém os revelo.

A vida para mim está nas lágrimas. Amo as que verto na amargura pungente de minhas ternas desventuras; com elas alimenta-se minha alma, elas acalmam o rigor do meu destino.

Lágrimas! lágrimas... Elas despontam cristalinas, e brancas no berço do recém-nascido, elas nos seguem amargas e pungentes no caminhar da vida ao túmulo; e ainda na derradeira agonia, nem uma lágrima silenciosa, como um adeus à vida serena a ardência das faces requeimadas pela febre da gangrena.

Eu amo as lágrimas...

Elas têm sido as companheiras da minha árdua e penosa existência; é nelas que tenho achado meu conforto, nela é que me hei estribado para chegar ao breve termo da minha longa peregrinação... Amei-as na infância, porque elas embalavam-me docemente em ilusório sentir; eu as invocava por simpatia. Depois o amor - e o amor - não pode vigorar sem lágrimas.

Elas me sorriam nessa quadra poética da existência, que para mim passou tão breve! elas vinham dos olhos do seio, como a gota filtrada na

rocha, doces e volutuosas banhar-me o coração com sua inefável fresquidão.

E quando a mão de Deus mandou que esse amor tão belo cedesse ao sopro álgido da morte oh! essas antigas companheiras colocaram-se constantes a meu lado; e como orvalho sagrado, ela de então para cá jamais cessaram de umedecer a estéril, e poeirenta senda que tenho vagamente percorrido.

É então que fiz das lágrimas um sacerdócio, - é quando conheci então que a vida está nas lágrimas... Triste do homem que não as tem...

Guimaráes 15 de junho de 1873

LAGRIMA NUM BAILE

Ontem eu assisti a uma pequena, mas bem animada reunião. Valsavam os pares alegres, e risonhos; mas no fundo dos corações, quanto fel, quanta amargura! A máscara do rosto, quantas vezes encobre um vértice de dores, e de desesperanças!!!

Eu a vi com as lágrimas nos olhos sorrir-se para o cavalheiro, que procurava pesquizar no âmago de sua alma, o martírio que a todos cuidadosamente ocultavas.

Era uma linda e, e interessante menina, e já nos verdor dos anos, o fel de tantas dores...

Da aurora no desabrochar misera flor... vergou na haste, e esta reclinou a fronte amarelecida pelos beijos do vendaval!

Pobre flor que emurchece antes de exalar seu dulcissimos perfumes! ...Essa lágrima para todos desapercebida coousse-me até o íntimo da alma. Eu não pude furtar-me a partilhar aquela dor tão cruciante, que malgrado seu se vinha revelar no meu ooo baile

(16 de junho?) de 1873

DESPEDIDA

Ontem um baile, hoje uma despedida! O Sr. Alfredo Rodrigues de Melo é um moço de qualidades distintas; - simpático e amável, dotado de instintos nobres: - é um perfeito mancebo; a quem a sorte parece aprazer-se em perseguir. Geralmente estimado pelos que o conhecem; - amado, quem sabe? até o delírio pela mulher de suas afeições, é contudo mísero ludíbrio

Composições musicais

do destino. O mundo é um enigma!...

Ele deixou-nos hoje, - e só Deus sabe até quando... Eu lhe desejo uma melhor sorte, uma sorte digna dele.

Foi-se! deixou as plagas que o viu nascer, - e nelas quem sabe? os destroços de sua alma apaixonada; - os fragmentos de um coração despedaçado por contrariedades, e amargas decepções!... Eu que tanto o prezo, e que por ele me interesso, voto a Deus, pela sua felicidade. Que possa esquecer tudo, até terra...

17 de junho de 1873

Ontem eu senti uma tão profunda, e tão completa satisfação, que embora intentasse eu descrevê-la, jamais o poderia fazer. Cousas há que se tornam impossíveis; esta é uma delas.

De joelhos, meu Deus, eu vo-la agradeço... Só vós sabeis o que eu senti... Só vós... Poderei eu explicar o que é a - simpatia?

"Simpatia é quase amor" disse C. Abreu. Pode ser: menos ardente e terno; mais sincero e mais grato. Simpatia é um sentimento expontâneo, nasce do momento, como o amor; mas não se ligando a interesse algum; faz o sacrifício de si própria, acha em si mesma seu alimento; - não desmaia, não empalidece, não morre.

Simpatia são as auras suavíssimas dos jardins de Deus; são acentos melancólicos das harpas celestes, quando aos pés do trono do Senhor os anjos entoam seus maviosos e cerúleos trenos.

Simpatia é um afeto imenso, - alimenta a alma, corrobora as crenças amortecidas, vigora o coração enfraquecido pelos embates da desventura.

É uma nuvem rosada que surge em meio da cerração.

É a simpatia que de há muito votei a Raimundo M. L. que me deu forças para segui-lo de perto em todas as fases de sua vida: que me levou ao dulcíssimo prazer que ontem experimentei, e que há de deixar sempre em meu coração.

Eu vi-o unir-se ontem, pelos sacrossantos laços do matrimônio, a uma virgem cândida, e pura como um anjo de Deus.

Ele era feliz; eu não podia deixar de o ser; porque a simpatia que lhe voto, me obriga a partilhar seu prazer; e que Deus o preserve delas suas lágrimas; se as lágrimas um dia brotarem de seu coração.

Meu Deus, lançai sobre sua cabeça e sobre a cabeça de Matilde - sua esposa, todas bençãos do Céu!!... fazei-os provar na terra, desde a juventude, até a mais remota idade, todo o enlevo de que gozam os vossos escolhidos.

Escutai-me a súplica fervente, que fiz aos pés do altar, que hoje renovo. Que eles sejam felizes!... Por única recompensa de todo o meu afeto, só pe-

ço que eles compreendam minha desinteressada dedicação. Sou feliz.

Guimarães 27 de junho de 1873

Vou dedicar esta página à memória de Vicente Cabral.

Dirá alguém talvez: "Que relações de amizade prendiam-te a ele?" Bem poucas, quase nenhumas, responderei eu. Mas, se o meu álbum, em algum dia, depois de minha morte, puder merecer a atenção de alguém, ele levará à posteridade o nome de uma pessoa estimável como era Vicente Cabral.

Morreu no dia 4 de janeiro de 1874.

De nascimento obscuro, foi contudo querido e estimado dos seus conterrâneos; e assaz pranteado por seus amigos no dia infausto de sua morte.

Eu que também lhe dedicava estima, e que lhe era grata, procuro salvá-lo do olvido escrevendo seu nome nas páginas deste álbum.

A terra lhe seja leve.

5 de janeiro de 1874

No dia 4 de maio Miguel entrou na escola de primeiras letras do professor Daniel Vitor Coutinho. 1875

No dia 15 de fevereiro de 1876, Guilhermina e Miguel embarcaram para a capital na canoa (deixou o espaço em branco para colocar o nome da canoa) e chegaram no dia 16 do mesmo mês.

CAETANA

Deixa gravar o teu nome neste álbum, como lembrança indelével da amizade que te consagrei!

Hoje que na ampulheta do tempo caiu para ti o último bago, - hoje que a mão da morte gelou teu peito, e cobriu com seu manto de lividez tua fronte bafejada apenas pela fragrância das vinte primaveras, hoje que sobre o ergástulo de tua alma cândida, verto uma lágrima de saudade, mas que tu não correspondes com outra lágrima, ao menos lá do seio do Senhor acolhe a expressão sincera da minha saudade.

Foste filha, esposa e mãe; mas cortada em flor a tua existência, és hoje presa dos vermes!

Composições musicais

Há já dois anos que te abandonei, meu pobre álbum... por quê?

Não to direi hoje; mais dar-te-ei o motivo.

Se eu tivesse uma lira nela ia cantar as belezas desta tarde.

Nao tenho...

Mas eu te saúdo oh! tarde doce, e melancólica como um sorriso deslizando por entre lágrimas... tarde que recordas no coração tudo quanto ele amou, tudo aquilo que gozou; e trazes como saudades de um prazer futuro que a alma vagamente almeja, e almeja sempre...

Oh! tarde de janeiro - quanto encanto, quanta poesia! Quem fora feliz para poder-te cantar...

Mas, eu, eu não sou! Sou uma destitosa escrava da sorte, uma mísera poetisa, cuja lira estalou ao choque da desventura... Não te posso cantar: guardo porém a tua lembrança.

Guimarães 1º de fevereiro de 1872

Eu nunca tive a louca pretensão de possuir no céu uma só estrela.

Um dia alguem disse-me apontando-me para a melancólica estrela que acompanhava a lua - vês a tua estrela? Tu és a lua, e aquela que a segue é tua.

Sim, eu sou a lua: - se Deus negou-me dela a beleza, o nítido albor, e o magnífico esplendor de formosura deu-me uma melancolia, sua palidez; e como ela a divagar no céu, deu-me que ooo divagasse na terra; cismando como ela, à noite, meditando saudades, e tristezas como ela medita.

Eu sou a lua, mas aquela estrela!... Não, eu não tenho uma estrela! A minha caiu há muito, e sumiu-se no nada. A estrela que acompanha a lua, é plácida e serena como ela, tem como ela amor e poesia, devia ser a minha porque eu sou a lua; mais não - eu não tenho uma estrela!

Se é sorte sua seguir-me, que me diga; mas eu não a vejo - porque a minha há muito que caiu e se sumiu no nada...

Esta estrela que me emprestaram é bela, poética e merencória como a lua; mas não é minha - a minha caiu há muito, e se sumiu no nada!...

Guimarães 2 de fevereiro de 1872

UMA LEMBRANÇA

Deus quis que eu visse, um dia, um dos seus anjos adormecidos, no regaço álgido da morte; um dos anjos, que apenas se apartam um instante

do seio, e nostalgia mórbida as arrebata e transporta ao éden da bem-aventurança: - um dos seus anjos, que adormeceu para sempre sobre a terra, porque despertaram no céu, ao som da poética harmonia dos cânticos celestes.

Eu vi esse anjo, era uma donzela pálida e irregelada pelo bafejo da morte, mas mesmo assim, era tão bela que inspiraria interesse a todo o peito, que não fosse de mármore..Com os olhos cerrados ela não via já os extremos da irmã, que a idolatrava: - o peito frio e inerte, não estremecia convulso, ao som magoado dos soluços fraternais.

Parece que ainda a vejo. Havia no seu rosto uma expressão indefinível, um quê de místico e sedutor, que fazia nascer as crenças na alma já fria pelo ceticismo do século Era o dia quinze de maio, pelo meio - dia, quando o anjo pálido da morte, no seu eterno divagar, sobraçou em suas asas de candidez deslumbrante o anjo meigo que gemia na terra as saudades do céu.

E sua irmã quase enlouquece de dor.

Se em razão do homem não houvese um quê que se lembra a cada hora, um Deus, e que nos diz que em nós existe parcela desse mesmo Deus bastaria para cre-lo ver, como eu vi essa virgem que depois da suprema agonia de uma morte lenta, tinha estampado no rosto um sorriso beatifico. Lançaram-lhe flores de envolta com as lágrimas de sua irmã, e sobre sua memória a palavra.

(sem data e lugar)

Souvenir!

Isidoro!

Vou render-te um tributo. Merecido e ele; é o singelo tributo de uma lágrima...

Isidoro! tão breve deixaste a vida transitória... tão cedo te escondeste no seio do sepulcro... tão breve buscaste a morada do descanço; como se neste mundo para ti só houvessem urzes e abrolhos...

Hoje te procuro entre os vivos, e nem tua sombra vaga à noite iludindo os olhos que te procuram... porque teu corpo se encerrou na campa, e teu espírito singelo foi caminho de seu Deus!

Quantas vezes o sol tem refluido seus raios luminosos sobre teu leito de repouso eterno desde o dia dez de abril, até hoje vinte oito de maio - quanto pranto a aurora tem derramado sobre terra endurecida do teu sepulcro - quantas vezes a lua pálida e comovida lhe há estendido o manto algente, e

Composições musicais

glacial; e eu que vivi contigo, nos anos dos sorrisos, e nos anos também em que tudo se converte em prantos; eu que denotava afeto quase fraternal; apenas hoje pude gravar teu nome nas páginas deste livro.

Mas, olha, aqui é que está o nome de minha mãe, que também voou para Deus, daquela que eu amei, mais que a mim própria, - daquela que foi também a tua segunda mãe... e a prova mais sincera da amizade que te dedicava, é da saudade que deixaste para sempre em minha alma.

Adeus, Isidoro, adeus... até o dia em que Deus nos reunir no Céu, onde vives com os anjos em doce paz. Adeus!

maio 1872

Hoje vinte oito de maio partiu daqui seu Luís Cordeiro em viagem para a Europa. O adeus de uma pessoa que a amizade nos torna cara, enche de saudade a nossa alma.

A saudade é umespinho que dilacera; mas não mata. É o alimento da alma sensível...

Ah! eu amo a saudade! .....

.....

Salve! oh! dia 29 de novembro! Salve!

Tu que restituíste ao Cumã um filho que por seis meses peregrinou na Europa deves ter aqui uma saudação grata...

Tu restituíste o Seu Luis Cordeiro aos braços da mãe extremosa e à pátria que a aguardava com ânsia. Eu te saúdo ooo dia! E eu também i vi; e senti intima, satisfação; porque o vi. Romeiro da saúde, ele conheceu um pedaço do velho mundo; mas seu coração não se prendendo a ele, as saudades da pátria o chamavam ao seu belo Cumã, e ei-lo entre nós.

Guimarães 29 de novembro de 1872

O ALBUM

Bingo!

O álbum é o livro da alma; é nele que estampamos os nossos mais íntimos sentimentos, os nossos mais extremosos afetos; assim como as mais pungentes dores de nossos corações.

E também o nome daquelas pessoas que nos são gratas, que nos inspiram simpatia que nos cobram sincera amizade deve escrever-se aqui.

Pois bem; - é por isso que vou dedicar ao ooo Teodoro José da Silva Bessa esta página do meu Álbum.

Seu trato fino, e delicado, suas maneiras afáveis e cavalheirescas, a singeleza, e a amabilidade de sua conversação, tudo nele enfim induz a amar sua companheira, e a sentir saudades na sua ausência.

Ele voltou ao seio da sua família no dia quatorze de novembro; mas ficou gravado seu nome, e sua lembrança no coração de todos que o conheceram de perto, como eu o conheci.

Foi ali, nas amenas, e gratas praias de Cumã, onde no dia dez de setembro deste mesmo ano, pelas cinco horas da tarde, eu o vi a vez primeira: - vinha em companhia das Cordeiros, minhas íntimas amigas - e trazia consigo sua prima D. Glória, cuja recordação me é igualmente agradável.

Ele, pálido e enfêrmo, vinha procurar saúde, nos salitrosos ares de Cumã, e de feito a encontrou. E encontrou ainda mais; - a afeição sincera dos que o viram, e... os extremos, quem sabe? daquela que tão amarga lhe tornou a separação de ontem!... E eu não podia deixar de estimá-lo; porque a par de todas as suas belas qualidades está ainda a extremosa dedicação de sua alma àquela que eu também, amo como irmã.

Que Deus lhe conceda a felicidade, que sua saúde não se altere, e que ele seja sempre digno da estima geral, e dos extremos da gentil donzela que vibrou de sua alma a corda mais poética, e sensível, - que acordou em seu coração adormecido a fibra mais íntima do sentimento grato

- o amor -

Guimaráes 15 de novembro de 1872

RECORDAÇÃO E LAGRIMA

Sol de vinte e sete de fevereiro, sol de hoje, para que saíste?!! Vens insultar a minha dor?...

Ah! quantas lágrimas minha tem bebido teus raios abrasadores; e ainda não farto delas, vens de novo cobrar prantos que o tempo ainda não pôde condensar no coração...

Triste - doloroso aniversário, vinte e sete de fevereiro, enlutaste para sempre meu coração, dilaceraste para sempre os seios de minha alma, tornaste-me a vida um martírio pungente.

Sol de vinte e sete de fevereiro, por que saíste hoje?!!.....

E desde então eu convertí minhas lágrimas em cantos - cantos mais amargos, mais doídos que a própria morte.

E entretanto os sons de minha harpa gemebunda jamais despertam as pulsações de meu Deus, antes a morte.

1873

Ah! parte, e voa, atende a voz do Céu que te diz:

ooo Não olhes a mágoa, a dor, a saudade, que aqui deixas, elas te seguem ao túmulo, e guardadas no santuário de meu peito, hão de sempre repetir teu nome!

Guimarães 13 de junho de 1876

1º de julho - domingo pelas 2 horas da madrugada, no Iate "Mondego", Doroteu embarcou para a capital.

Deus o faça feliz. Amém.

Foi no domingo - 15 de abril de 77 pelas 8 horas da manhã, que seguiram na "Flor do Cumã" - para a capital, Dindinha, Balduina ooo Otávia.

Eu segui-as com a alma. Deus as faça aí felices. Amém.

ooo

Quantas cenas de morte têm enlutado nossos corações neste fatal mês de junho de 77!... No dia 2 morreu Valentina de Azevedo, no dia 14 sua irmã Dudu. Clemente no dia 15 , e no dia 18 seu Mundico Serrão.

A terra lhe seja leve!...

ooo

Hoje 20 ainda uma outra deixou a vida - Candinha de Azevedo!

Que fatalidade persegue esta família...

ooo

Casaram-se no dia 25 de junho de 1878 na igreja da matriz desta vila os meus prezados afilhados D. Amélia dos Santos Cordeiro com Jerônimo H. F. Cordeiro. Deus abençoe sua união, e os faça felizes.

ooo

No dia 10 de junho fiquei com uma garrafa de leite.

ooo

Otávia e Mariazinha embacaram com as Velosos para Pericumã as 10 horas da noite do dia 25 de julho de 1879.

ooo

Mundico de Seu Silvino morreu na terça-feira dia 4 de novembro de 1879, pelas 2 horas da madrugada. O de Ana Paca no dia 2 do mesmo mês, e a de seu João Damaso no dia 9, e sepultou-se a 10. Três anjos de dois a nove.

ooo

Adelsom, filho de Sinhá, nasceu a 24 de maio de 1883, numa quinta-feira, dia de Corpo de Deus. Criança gentil, simpática, bonita. Não se criou. Morreu a 21 de novembro do mesmo ano. Estava há onze dias com erisipela nas pernas; oo por efeito de ópio em grande quantidade. Uma hora depois que tomou a droga fatal caiu em espasmos, e torpor, e doze horas depois expirou.

Dum funesto, e triste engano
Foi a vítima inocente:
Foi triste rosa esfolhada
Sobre uma campa recente;
Sons plangentes de uma lira
Que ooo de dor suspira

Adeus, meu doce anjinho, adeus Adelsom!
Águia nevada, remontando aos Céus;
Nunca da terra uma lembrança amarga,
Ledos folgares, ledos brincos teus.

Otávia embarcou, e Sinhá, de viagem para a capital no vapor "Maranhão", a 28 de maio de 1884. Zuíla também foi e voltou com o pai a 5 do mesmo. Guilhermina chegou bastante mal a 24 de julho. Marioz e Miguel foram buscar no Maçaricó. Otávia chegou aqui a 12 de setembro, e voltou no "Gurupi" a 25 de novembro ooo de 84.

SAUDADE

Esta página lutuosa, e sentida, é um tributo de sincera amizade à memória da infeliz Guilhermina! Com as flores da amizade lhe enastro a campa tão silenciosa, tão erma!...

Uma enfermidade prolongada, e aflitiva, consumiu-lhe a vida de 50 anos... Morreu a 5 de novembro de 1884 numa quarta-feira pelas duas horas da tarde; seu cadáver desceu à sepultura aí pelas quatro horas da tarde. Dediquei-lhe amizade sincera desde os seus, e os meus primeiros anos. A

terra lhe seja leve!

Descansa no sepulcro, irmã querida,
Filha do Céu, remonta à essência.
Descansa das fadigas desta vida;
Desta penosa, e ardida existência!

o o o

Leude, filho de Mariazinha nasceu a 12 de outubro de 1883, numa sexta-feira, pelas 3 horas da manhã, batizou-se a 20 de abril de 84, dia de São Benedito. Foram padrinhos Teodoro da Silva Bessa, e Maria Amália da Costa Goulart.

VANDOCA - E ZUZU - E OTON

Vanda, filha de Otávia, nasceu a 7 de setembro de 1887 pelas 11 horas da noite.

Zuzu, filha de Sinhá, nasceu a 25 de outubro do mesmo ano de 87, pelas 7 horas da manhã.

Andaram ambos depois de completo o 1º ano.

Oton, filho de Otávia, nasceu a 7 de dezembro de 1881, pelas 6 horas da manhã, batizou-se no 1º de maio de 1883 principiou a andar a 11 de fevereiro de 1884.

o o o

A minha querida Vandoca seguiu para a capital, acompanhada por Mariazinha no "Pensador" na madrugada do dia 9 de fevereiro de 1886, só lá chegaram as 3 horas da tarde, e desembarcaram as 5. Voltaram em 21 de maio do mesmo ano.

o o o

Vandoca e Leude acompanhados por Mariazinha seguiram no vapor "Colombo" a 22 de dezembro de 1886.

Miguel embarcou aqui no "Império" a 30 de novembro de 1884, com 17 anos de idade. Permaneceu na capital do Maranhão 2 anos e seguiu para o Sul a bordo do vapor "Purus" a 10 de dezembro 1887. Deus e N. Senhora o protejam, e o abençoem.

Miguel de volta do Sul chegou à capital a bordo do Purus a 10 de dezembro 1888, e seguiu para o Norte no mesmo navio a 14 do mesmo mês, e ano.

Aqui, e em qualquer parte, Deus o abençoe.

Vandoca seguiu para a capital, no vapor Cabral, a 11 de abril em companhia de Sinhá. Lá chegaram a 12. Oton seguiu com Mariazinha a Leude, a 2 de dezem-

bro do mesmo ano de 88, e lá chegaram a 3 pelas horas da tarde.

o o o

João Marcelino faleceu a 10 de março de 87 do citado mês, e ano pelas 4 horas da tarde. Ana Micaela Nogueira, no mesmo dia às 8 da tarde.

o o o

Porfíria recebeu a liberdade a 17 do mesmo mês, e ano. Antônio Farias faleceu a 18 do citado mês, e ano.

o o o

Lásaro Nogueira faleceu no naufrágio da "Primavera" a 15 de junho do mesmo ano dos acima citados - 1887.

o o o

Leonor, e Vanda de volta da capital, chegaram aqui a 6 de junho 1887.

o o o

Leonor e Vanda embarcaram a bordo do "Maranhão" na quarta-feira à noite, e viajaram para a capital a 17 de setembro de 1891 em uma quinta feira; Deus as faça felizes.

o o o

Miguel, Otávia, Vanda chegaram a esta cidade de Guimaráes a 18 de maio de 1892.

Miguel regressou a 8 de julho tendo estado conosco 2 meses, menos 10 dias. Deus o abençoe e o faça feliz.

Otávia e Oton e Leonor seguiram a 1º de agosto do mesmo ano de 92, Oton veio passar as férias a 6 de dezembro de 92 e voltou a 25 de janeiro de 93. Foram eles, Balduina, Leonor e Mariazinha.

o o o

Vanda nasceu a 7 de setembro de 1881 - Oton nasceu a 7 de dezembro de 1882 - (Zuíla nasceu a 25 de outubro de 1891: esta linha está riscada) Leude nasceu a 12 de outubro de 1883 - Hugo nasceu em 12 de junho.

o o o

Filhos de Silvino da Costa Goulart e sua mulher Maria Amália da Cos

ta Goulart nasceram: Zuíla a 25 de outubro de 1881 - Antônio a 30 de março de 1886 - Adelson a 16 de outubro de 1887 - Dolores a 17 de março de 1891.

o o o

Leonor, seus filhos, Artur e Antônio e Djalma, Mariazinha, Leude e Vandoca seguiram para o Pará no vapor "Cabral", hoje pelas 4 horas da tarde. Deus os leve a salvamento, os faça felices Amém.

Guimarães, 8 de agosto de 1896.

o o o

José, filho de Sinhá e compadre Silvino, nasceu a 7 de julho de 1895, e morreu a 20 de setembro de 1896.

o o o

Em 12 de julho de 1894 faleceu na capital minha inditosa prima, a amiga Balduina A. dos Reis. A terra lhe seja leve!!!

o o o

Mariazinha e Leude de volta do Pará, aqui chegaram no 1º de dezembro de 96. Vieram a bordo do "Ocidente", Otávia e seus filhos chegaram a 19 de março de 1898, do Pará.

o o o

Nhazinha seguiu para a Capital a 5 de dezembro 96 a bordo do "Ocidente", dia em que faleceu o Sampaio.

o o o

Vandoca foi a Maranhão em 22 de agosto de 1898 no "Ocidente" em companhia de D. Filomena de Carvalho.

o o o

Oton e Miguel seguiram para o Pará a bordo do "Ocidente" em 7 de setembro de 1898. Deus os proteja. Amém.

o o o

Vandoca foi para a casa de Zuila, em Maranhão a 22 de agosto de 98.

o o o

Miguel e Artur a 19 de novembro de 1898.

o o o

Otávia embarcou aqui no "Ocidente" para Maranhão a 25 de dezembro de 1898, e de lá para o Pará a bordo do paquete "Maranhão". Seguiu com Vandoca, e os menores em 29 do mesmo dezembro de 98, e desembarcou em Belém a 31 de dezembro de 1898.

o o o

Otávia chegou a Maranhão a 4 de janeiro com Vandoca; e Raimundo, Janeiro de 1900.

o o o

Gabriel casou a 27 de fevereiro de 1901. Rosa Azevedo morreu a 2 de fevereiro do mesmo ano, Chiquinha, filha dela, a 31 de janeiro, um dia antes de sua pobre mãe.

o o

Domingo 3 de fevereiro de 1901 embarcou Leude para a capital. Deus o faça feliz.

o o o

Filhos de Maria Amélia de Avelar nasceram: Leude, a 12 de outubro de 1883 - Hugo, a 12 de junho de 1889.

o o o

Filhos de Otávia Augusta de Avelar nasceram: Vanda, a 7 de setembro de 1881 - Oton, a 7 de dezembro de 1882.

o o o

Filhos de Leonor Adelaide Cabral nasceram: Artur, a 6 de janeiro de 1889 - Antonio a 28 de dezembro de 1890 - Guilermina a 12 de janeiro de

Campos cgis musicais

1892, Djalma a 30 de junho de 96.

o o o

Miguel e Oton chegaram a 26 de março de 1895; Miguel para realizar o batizado de Margarida, Oton vindo despedir-se de mim em viagem para o Pará. Deus, fazei-os felizes! São estes os meus votos. Abençoai-os, Senhor, guiai-os, e protejei-os pelo Nosso Amor.

Permiti, Senhor que ainda uma vez os torne a ver.

M. F. REIS

3 de dezembro de 1899

Dia este em que Artur está viajando para a capital na "Costa Rodrigues" em companhia do compadre Silvino e Isabel, Iaiá. Vão buscar Zufla, e preparativos para a festa de N. S. da Conceição aqui.

o o o

Leonor morreu a 7 de março de 1901 pelas 4,1/2 da manhã, 7 dias da sua chegada aqui. A terra lhe seja leve!

o o o

Miguel morreu a 3 de dezembro do mesmo ano, 1901, no Pará. Longe de mim, e todos os seus! Ah! com ele estava, Deus. Meu filho! meu querido filho!...

o o o

Otávia morreu a 14 de agosto de 1902 pelas 2 horas da madrugada. Morreu nos meus braços... eu lhe recolhi o último suspiro! Oh! dor!...

o o o

Djalma, filho querido, faleceu a 7 de outubro de 1910, às sete horas da noite,. Djalma!... Saudade eterna!

o o o

Quarta-feira 1º de Abril 1903. Djalma embarcou para o Maranhão, na "Olinda". Deus o faça feliz, e o abençoe.

Vandoca já lá o esperava, porque ela foi na "Guanabara", no dia 9 de dezembro de 1902.

o o o

Oton, no costeiro "Colombo", seguiu para Belém do Pará a 12 de outubro de 902. Deus o abençoe.

o o o

Leude em mandado de sua mãe foi à capital a 4 de março deste mesmo 903. Deus o guarde, e a todos os meus filhos. Amo-os.

LAGRIMAS DA VELHICE

Lágrimas dorida, amarga, desoladora!

Essa lágrima não se assemelha ao orvalho que à manhã da vida, semeia como pérolas cintilantes ooo os leves vestígios dele, depressa secção desaparecem ao sopro da vibração, e dos sonhos auspiciosos do amor!...

Não. Ah! essa lágrima é aflitiva! Essa lágrima é o resumo de quanta dor na vida, de quanta amargura nos punge a alma, de quanta mágoa nos dilacera a alma!!! Essa lágrima, que a dor espreme na âmbula de quanta dor o mundo oferece. Oh! essa lágrima vertida na solidão, escondida a todos; porque ninguém comove - como a lousa de um sepulcro - árida como um deserto - triste, e lúgubre como o som de um sino gemendo um morto que a terra vai fazer desaparecer para sempre!... Oh! essa lágrima... essa lágrima é o transunto ooo

A MOCIDADE

A Minha "Mamaia" M. F. Dos Reis

Felizes os que podem sem penas e cuidados
cercar a mocidade de contas e de flores.
sentir na fronte o beijo dos júbilos doirados
no seio palpitante fremirem os amores...

Vós sois a sã lembrança dos júbilos passados,
daqueles que a velhice cobriu com seus palores,
E galgam com os folguedos, ridentes, perfumados,
de vossa mocidade repleta de esplendores...

Avante!... que nos mares serenos da alegria

Composições
musicais

jamais encontre escolhos a vossa mocidade
batel que se declina no veio da corrente...

Que nunca da descrença sintais a vaga fria
No seio borbulhar-vos, lançando a soledade...
Onde deve a esp'rança brilhar eternamente!...

20. 11. 903

Oton F. Sá

Vindo do Pará cheguei à capital do Maranhão a 4 de agosto de 1903, e cheguei a Guimarães a 11 de setembro do mesmo ano.

FIM

Composições musicais

NO ÁLBUM DUMA POETISA

(Exma. Sra. D.M.F.R.)

Quereis um canto, Senhora?
Talvez que melhor nos fora
pedir no romper da aurora
descantes ao passarinho,
que ledo e meigo trinado
ser-vos-ia, certo, dado
de harmonias repassado
soltado à beira do ninho.

Quereis perfumes olentes,
agradáveis, rescendentes?
buscai nas flores nascentes,
que as flores perfumes têm;
suspiros? pedi à brisa
ao vento que leve frisa
a fonte que se desliza
correndo e passando além.

Se porém quereis doçuras
em frases que dão venturas
e que do mundo as agruras
sabem fazer olvidar
tendes na lira de amores
de rescendentes olores
vosso livro de primores,
de melodias sem par.

Que mais quereis então, Senhora? que pedis?
No vosso belo álbum tão rico de fulgor
quereis por entre o brilho de tão mimosas pérolas,
eu deite ousadamente a mais humilde flor?!

Ao nauta que sulca as vagas deixando esteiras de espuma

Composições musicais

NO ÁLBUM DUMA POETISA

(Exma. Sra. D.M.F.R.)

Quereis um canto, Senhora?
Talvez que melhor nos fora
pedir no romper da aurora
descantes ao passarinho,
que ledo e meigo trinado
ser-vos-ia, certo, dado
de harmonias repassado
soltado à beira do ninho.

Quereis perfumes olentes,
agradáveis, rescendentes?
buscai nas flores nascentes,
que as flores perfumes têm;
suspiros? pedi à brisa
ao vento que leve frisa
a fonte que se desliza
correndo e passando além.

Se porém quereis doçuras
em frases que dão venturas
e que do mundo as agruras
sabem fazer olvidar
tendes na lira de amores
de rescendentes olores
vosso livro de primores,
de melodias sem par.

Que mais quereis então, Senhora? que pedis?
No vosso belo álbum tão rico de fulgor
quereis por entre o brilho de tão mimosas pérolas,
eu deite ousadamente a mais humilde flor?!

Ao nauta que sulca as vagas deixando esteiras de espuma

lutando com o vento à proa, o mastro quase a quebrar,
peito rijo, mão no leme, vendo qual nuvem as terras
pelas asas dos pampeiros, qual mais veloz a voar,

é grato deixar em terra, no curto instante do gozo
uma lembrança que dure, na pedra o nome a gravar,
que quando a brisa soprando levá-lo ao país da aurora
talvez alguém com saudades possa o nome soletrar.

Na folha pois deste livro, branca pedra rutilante
novel nauta gravo o nome, deixo um sinal, uma flor,
cantos não da lira as cordas, embora novas crestadas
ao fogo dos desenganos não sabem falar de amor!

P. L.
(Plautilo Lima)

"Diário do Maranhão", 22 de junho de 1893

Composições musicais

COMPOSIÇÕES MUSICAIS

Dona Nhazinha Goulart, entre Nascimento Morais Filho e o Maestro Zequita. No fundo, vemos os compositores (da esquerda para a direita) Agostinho dos Reis, Antônio Vieira e Lopes Vieira, que na oportunidade ouviram as produções de Maria Pimenta gravadas por Nascimento Morais.

Documentos

AUTO DE BUMBA MEU BOI

Letra e música de Maria Firmina dos Reis
(fragmentos)

Nós viemos tirar licença
Que nosso amo mandou;
Ele ficou na cancela
Com o boizinho brincador. bis

(retirada)

Senhora dona da casa,
Nos responda por favor,
Queremos levar a nova
Prá meu amo brincador!

(chegada)

Lá vem a aurora
Lá vem o dia,
Lá vem "Caramba",
Que nós queria. bis

Lá vem a aurora,
Rompendo o mangue,
Vejo "Caramba"
Nos foge o sangue.

(chegada do boi: a roda)

Chegou!!!
Ou já chegou
O boi "Caramba"
Com seus olho (s) matadô (res)
Ou chegou!!!
Nosso boi "Caramba"

Com seus olho(s) matadô(res)!

(despedida)

'Strela Dalva
Amanheceu,
"Caramba" pulou na roda,
Passarinho estremeceu! bis

Adeus, roseira,
Adeus, rosá(l),
Todo mundo cheira o cravo,
Eu também quero cheirá(r)!

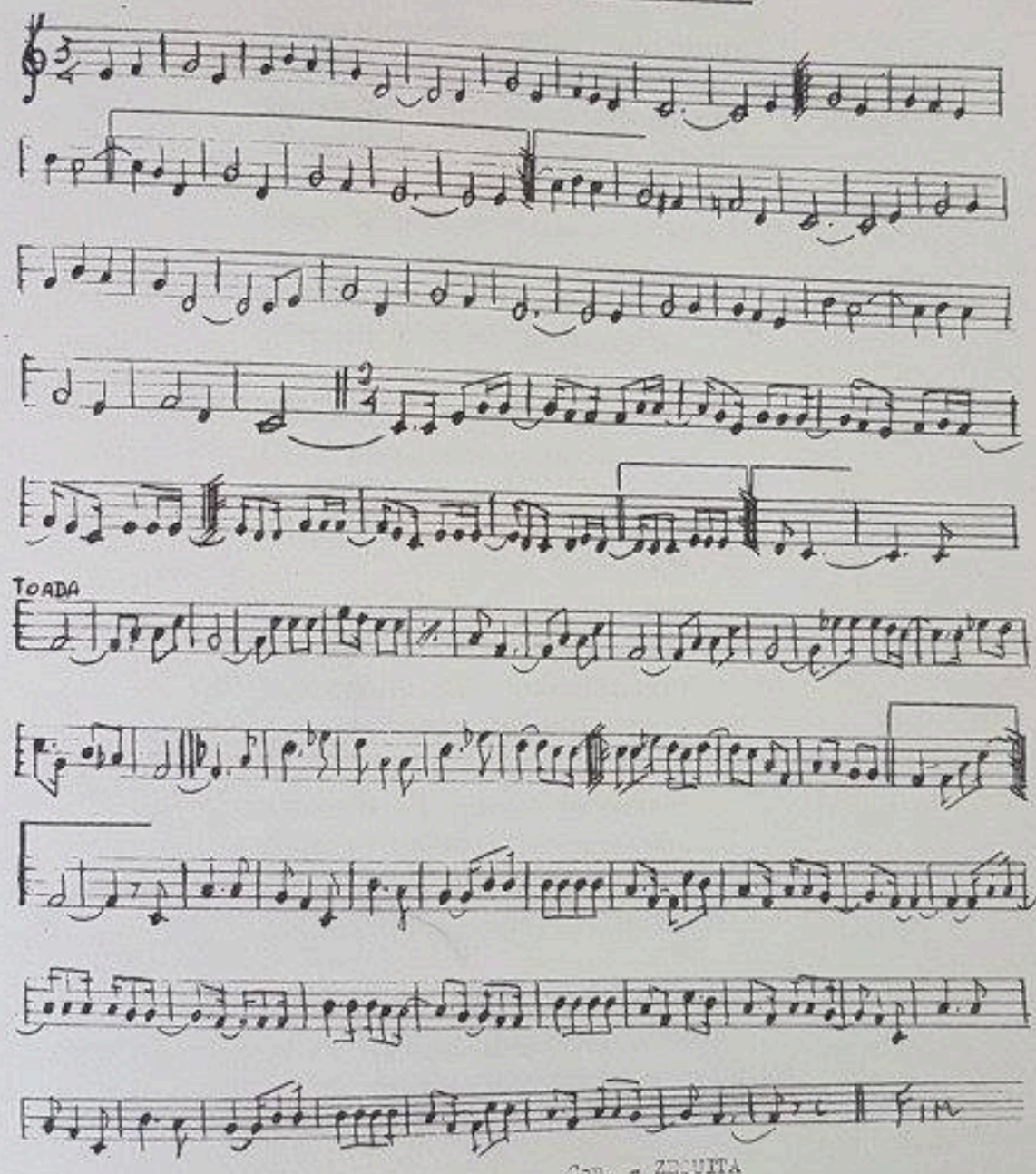
(uma fala do Pai Francisco)

Senhora dona da casa,
Eu também sou fumador,
Pois a ponta que eu trazia
Caiu nágua e se molhou.

Adeus, roseira,
Adeus rosa(l)
Todo mundo cheira o cravo,
Eu também quero cheirá(r)

Documentos

HOI CARAMBA - MARIA FIRMINA DOS REIS



Cop. - ZEQUITA

Documentos

POESIA — GONÇALVES DIAS
MÚSICA — MARIA FIRMINA DOS REIS

Quem me pode escutar nesta altura
Os segredos que minha alma contém,
Quem me pode enxugar este pranto
Que nas águas se embebe também.

Estas ondas que vão para a terra
Levarão meu barquinho tão só;
Acharão meu cadáver nas águas,
Mergulhado num túmulo de pó.

Não terei no sepulcro uma lousa,
Onde possa meu nome escrever;
Onde a planta não brota uma flor
E o cipreste não pode nascer.

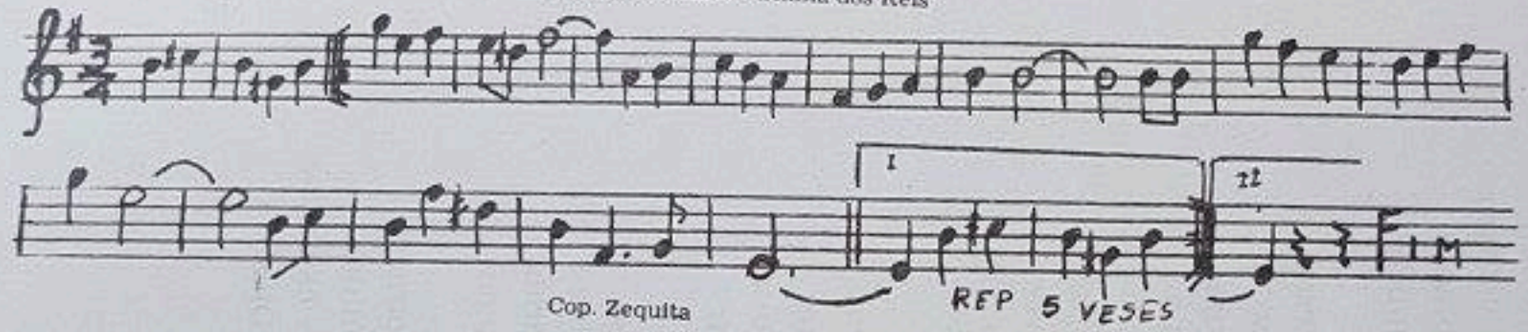
Lá, na sombra do alto coqueiro,
Dormirei sobre a praia ao luar;
Pescadores que velam alta noite
Acharão meu cadáver no mar.

Amanhã, na deserta enseada,
Onde as águas revoltadas vêm,
Entre espumas e búzios da praia,
Acharão os meus restos também.

Alta noite!.. Todos dormem!...
Brilha a lua como um dia,
Brilha um poeta entre os búzios:
- Antônio Gonçalves Dias!

VALSA - Letra de G. Dias

Música de Maria Firmina dos Reis



Cop. Zequita

Documentos

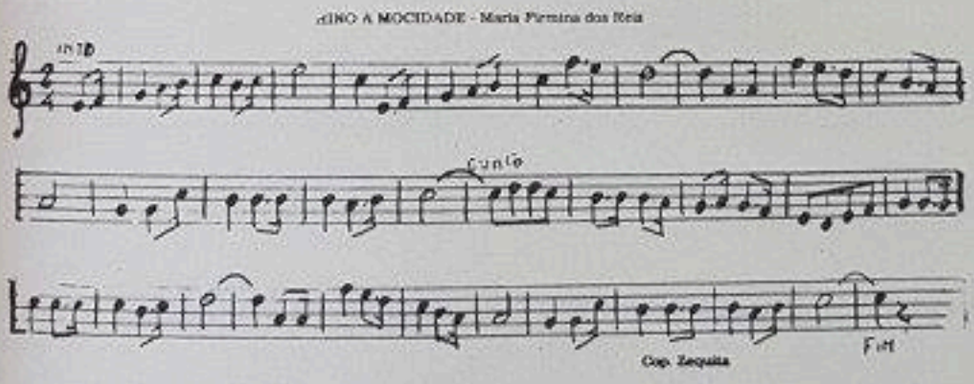
HINO À MOCIDADE

letra e música de Maria Firmina dos Reis

O mocidade avante! avante!
O Brasil sobre nós ergue a fé!
Esse imenso colosso e gigante
Trabalhai por erguê-lo de pé!

estribilho

(fragmentos)



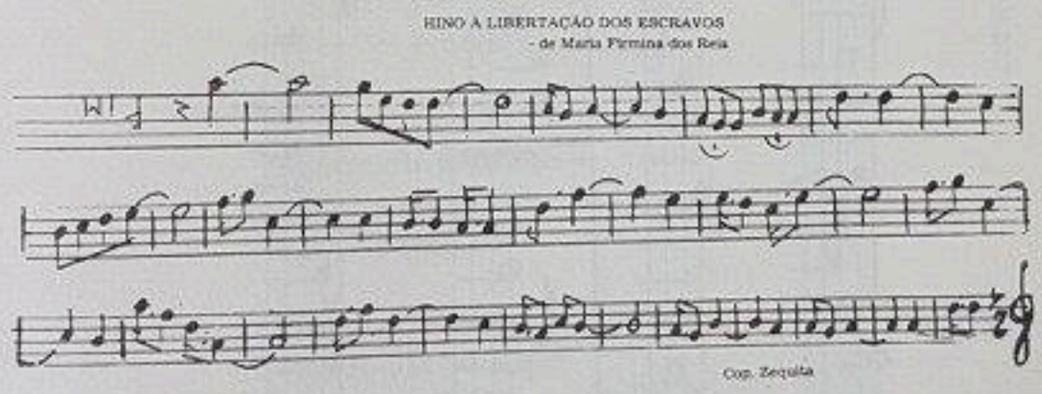
Documentos

HINO À LIBERDADE DOS ESCRAVOS

Salve Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!

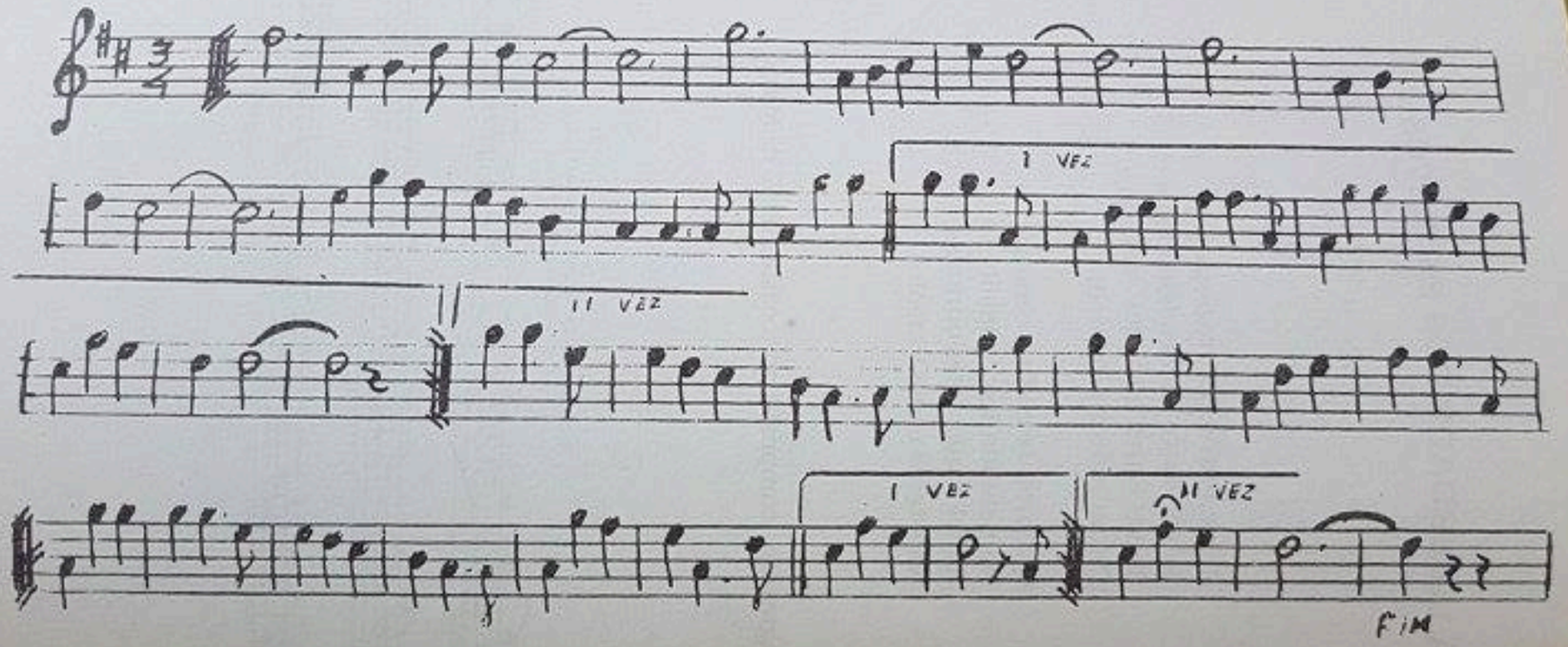
Quebrou-se enfin a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!

(fragmento: composto por ocasião do 13 de Maio)



- ROSINHA -

VALSA DE MARIA FIRMINA DOS REIS



Cop. Zequita

Documentos

ROSINHA

letra e música de Maria Firmina dos Reis

Rosinha querida,
Escuta meu canto:
Das tuas amigas
Aceita o singelo canto.

Rosinha querida,
Escuta, no entanto,
Das tuas amigas
O singelo canto

Rosinha querida,
Tu és uma flor;
Rosinha querida
Tu és um grande amor.

Rosinha querida,
Tens muita amizade;
Rosinha querida,
Tu levas saudade.

Rosinha querida,
Tens muita amizade;
Rosinha querida,
Tu deixas saudade.

PASTOR ESTRELA DO ORIENTE
(a chamada: canto)

Bons pastores desses campos,
Não deveis mais descansar,
Já da aurora a luz dourada
Vem risonha despontar.
Vinde já, bons pastores, bis
Desses campos;
Vinde com toda a pressa,
Que vos quero contar
De Belém o sucesso
De admirar.

Apresentação dos Pastores

A vosso chamado, Pastor,
A lua vai nos guiando
Com mais puro e santo amor
E nós contentes descemos
Com a luz tão argentina
Ou luz pura e divina,
Ao lado do teu amor.
Cá estamos caro amigo, Pastores: 1º e 2º
Pronto ao vosso chamado.
- E venha já ter comigo,
Bons pastores, abrigado.

GUIA

- Chamei-os, caros amigos,
Para um mistério narrar.
Escutai todos! Silêncio!
Vosso Guia vai falar.
No horizonte se mostrava
Com a luz de um brilho divino

O alvorecer matutino
Cheio de encanto e beleza.
Em débeis ramas tremiam
As flores desabrochando
Seus perfumes trescalando,
Incensando a natureza
Por detrás daqueles montes.
'Stava meu rebanho pastando,
Por ele eu vi entrando,
Alegres versos cantando.
Cansado sentei na relva
Procurando adormecer,
Mas debalde sem saber
O que havia acontecido.
De repente, róseas nuvens,
No espaço se mostrava,
Uma luz resplandescente
E um anjo do céu baixou
Soltando festivos cantos:
- Não temas que hoje é nascido,
Na cidade de Belém,
Jesus, Filho de Maria,
Que veio pra salvar o mundo
E nos encher de alegria.

1º Canto do Galego

Nestes montes e vales,
Vamos andando sozinhos,
Sem termos grande certeza,
Nestes descrtos caminhos.
Cantando ao longe ouvimos
A voz de um pastor
Na canção maviosa
Que nos chama com amor.
Lá no sertão onde habitamos
As pastorinhas não são bonitas;
Aqui, porém, todas se parecem
Com a minha idolatrada Marica.

Olhai, olhai e admirai
Minha mulher, como é bonita!
Vejam que olhos que a bela tem
E que corpinho tão catita!

Documentos

Lá, lá, ralá, lá, lá (a música)

Olhemos todos para Marica,
De seu Bernardo tão querida!
Ela tem olhos que prendem a gente... (o grupo)
Qual de nós será esquecida?

Partamos, o' companheiros,
Partamos todos saudosos!
Voltemos aos nossos lares
Que bem longe deixamos.
Adeus! Jesus amado,
Adeus! Flor de Jessé,
Adeus! Maria Santa e Pura,
Adeus! Adeus, José!

(oferecimento)

Trazia para ofertá-lo
Um bom pote de coalhada,
Mas cá minha Maria,
Que tão cheia de maçada,
Por causa de uma beijoca,
Com um safanão
Tirou-me o pote da mão,
E lá se foi ele ao chão!
Mas muito envergonhado
Ofereço aos vossos pés
O Bernardo, seu criado!

(galego ao pé do Guia)

- Quem sois vós?
Sou Bernardo Manuel Bernigue,
Marido de minha Maria,
Lá das terras de além mar.
Sou labrego, mas sou rico,
Sou feio, não sou bonito,
Tenho dinheiro pra gastar.
Como tua voz nós ouvimos
Para cá logo seguimos
No teu constante chamar.
Digam-nos agora o que queres,
Para que com tanta pressa
Nos chamaste sem cessar.

(galego)

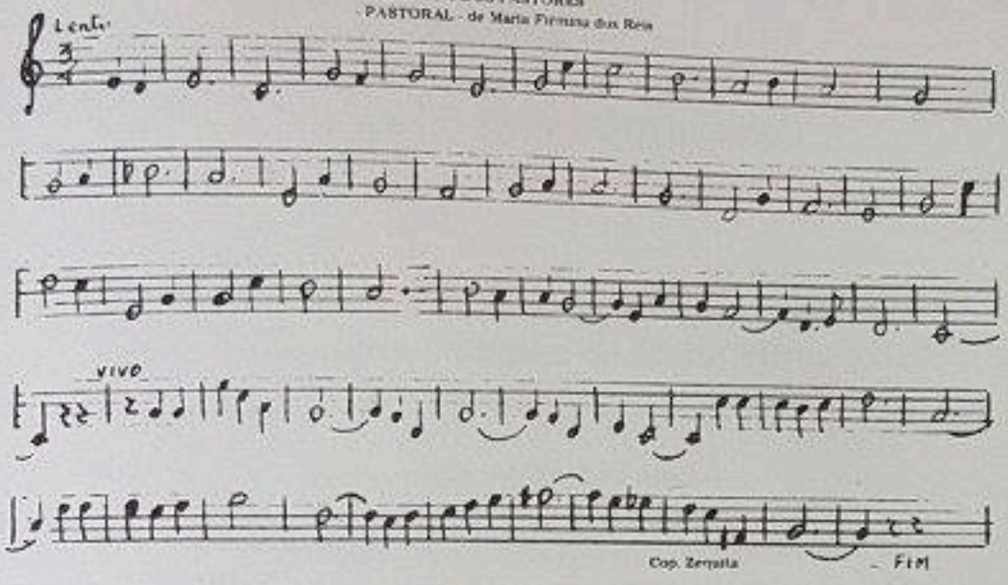
Trazia para ofertá-los
Um bom queijo, bem cheiroso.
Mas cá meu companheiro,
Mui brejeiro e mui guloso,
Com um forte safanão
Tomou-me o queijo da mão
E engoliu como se engole
Uma bola de pirão.
Mas caro custou-lhe a peça,
Pois deu-lhe uma indigestão.
Eis o que vos ofereço:
Tenho eu aqui no pescoço
Este cordão muito bom
Para curar as pessoas
De quebranto ou mau-olhado

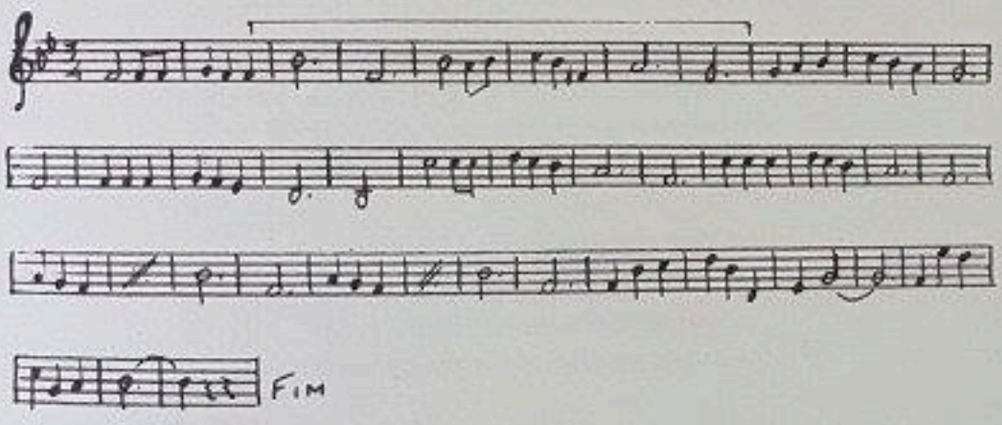
o o o

Documentos

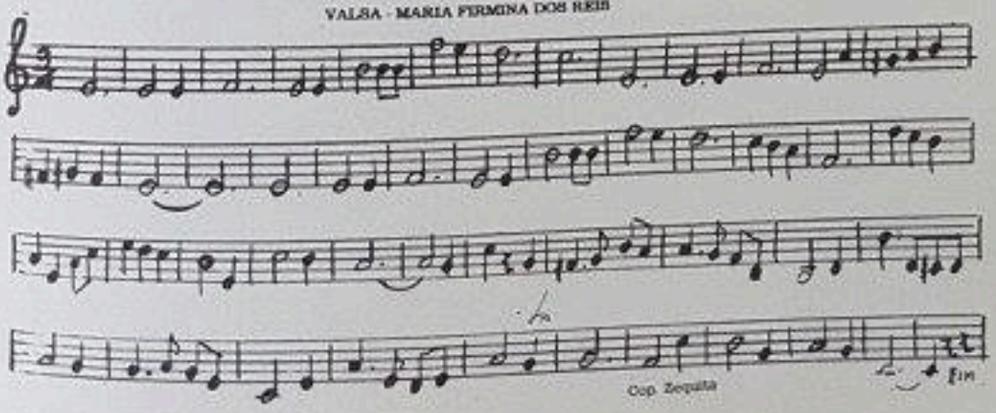
CHAMADA DOS PASTORES

PASTORAL - de Maria Firmina dos Reis





VALSA - MARIA FIRMINA DOS REIS



Documentos

CANTO DE RECORDAÇÃO

(dedicado à Praia de Cumã)
Letra e Música de Maria Firmina dos Reis

Nesta praia de límpidas areias,
Prateada de noite pela lua,
Passo horas cismando em meus amores,
Me perdia, olhando a imagem sua.

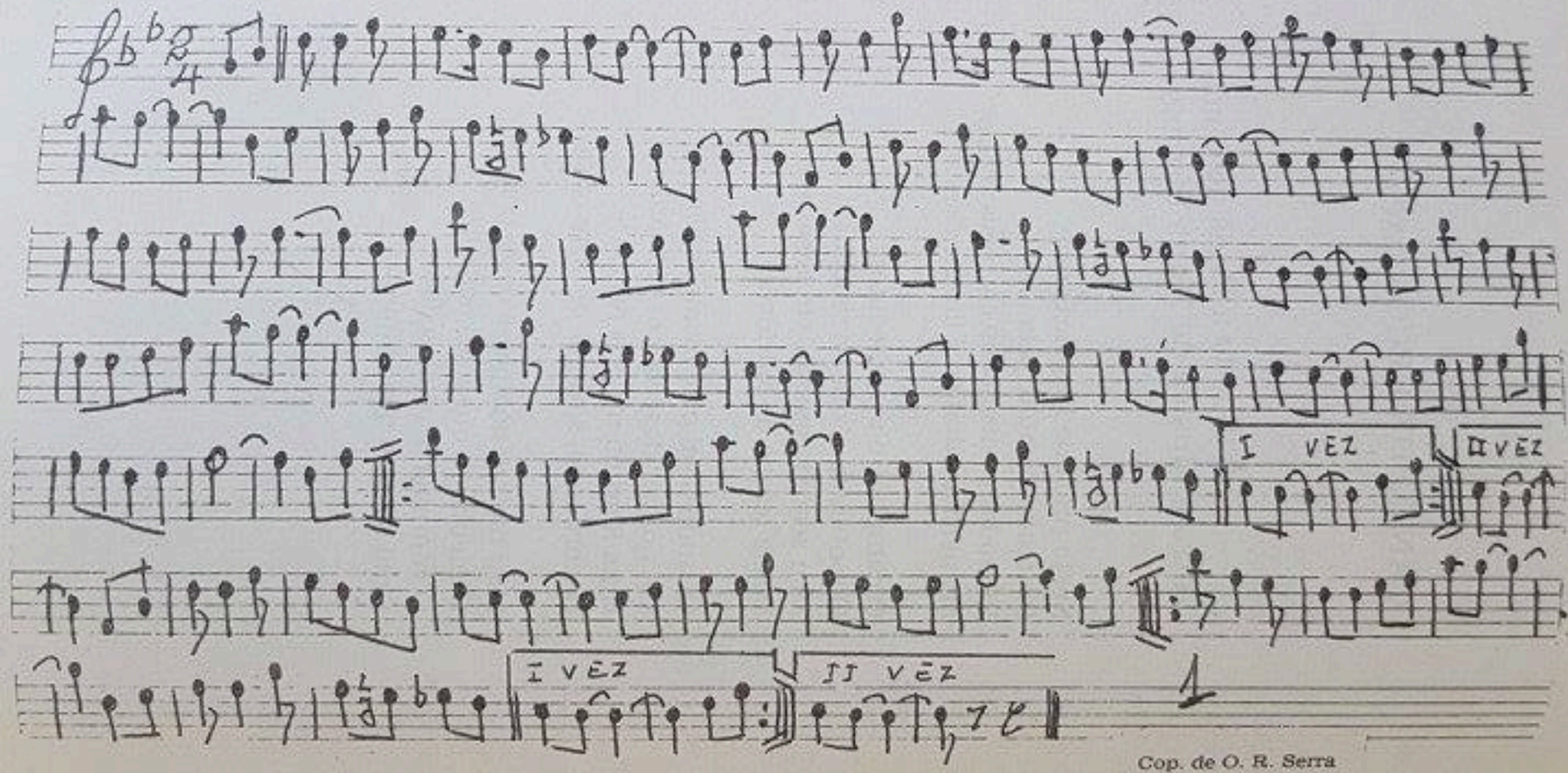
O'campina, o'praia sedutora,
O'motanha, o'vale de saudade!
Meu segredo guardai em vosso seio
Desse tempo de felicidade!

Quando o sol pelo monte neblinado
Vai ao mar despeças os seus ardores,
Uma lágrima me rola pela face,
Recordando, sozinha, os meus amores.

Meu recinto não passa desta praia,
O meu voto que a ela dediquei,
O'campina o' praia sedutora
Qual suspiro que eu tanto lhe enviei.

CANÇÃO A PRAIA DO CUMÁ

Letra e Música de Maria Firmina dos Reis



Cop. de O. R. Serra

Documentos
e notas

DOCUMENTOS E NOTAS

[illegible] Moraes Filho, recebendo o Hino da Libertação dos Escravos e outras notícias sobre a vida e obra de Maria Firmina, entre Celso Coutinho e o [illegible] a esposa do entrevistado, Sra. Vespertina Guimarães.

Gupeva 1ª ed.

GUPEVA

ROMANCE BRASILIENSE

(1861 - 1ª PUBLICAÇÃO)

Anno I. Domingo, 13 de Outubro de 1861. N. 25.

O JARDIM DAS MARANHENSES.

PERIODICO SEMANARIO.

LITTERARIO, MORAL, CRITICO E RECREATIVO.

—Subscreve-se nesta typographia ou na rua da Viração n. 6 á 1$000 rs. por bimestre—ou 8 numeros—
A redacção acceita e publica todo e qualquer artigo, com tanto que seja concebido em termos decentes.

LITTERATURA.

A Rainha do baile.

Que mimo! que roza!
Que filha de Deus!..
A. Azevedo.

I.

Eu amo o baile porque no ruido tumultuoso de suas salles, divizo a imagem desta vasta comedia mundana, onde—rizos e lagrimas—esperança e desespero—seducção e orgulho — reinão confundidos nesse immenso turbilhão, sob a capa do prazer.

II.

Conhecestes mancebos a virgem do baile? Vistes o sorriso entr'aberto de seus labios? A roza em botão não seria d'um encarnado mais bello, deliciosamente mais fresco!

—Intimo fulgor derramava dos fascinadores olhos, que ora languidos em profundo scismar, ora lançando scentelhas de amor e viveza brilhavão como no horizonte brilha a estrella do pastor ao arrebol do dia.

—Ducil, meiga e affavel, ignota a vaidade e presumpção, meigo sorrir lhe deslizava mansamente sobre a rosea vermelha das faces, donde se desprendião nurificas notas da mais arrebatadora e angelica candidez.

—Revellava um composto de candura e perfeição. Cingia-lhe a fronte a sauta auréola da virgindade; e erguida com magico imperio, deixava notar-se as bellezas d'um eburneo collo que parecia inda reter as primeiras fontes de amor e tentação.

—Engolphada no prazer da dança, seu divino corpo mais ligeiro e leve do que uma sylphide, parecia no redor da walsa o vaporoso e divinal reflexo, d'uma habitante dessa etherea mansão, vosando aos pés do Creador.

—Sua voz argentina mais doce e harmoniosa que o cantico dos Anjos, abrandaria por mais empedernidas que fossem as fibras do coração do sceptico, e torna-lo-hia para logo captivo de tão infidos attractivos.

—Oh, quizera ao menos ter uma lyra, onde em douradas cordas decantasse a imagem dessa ephemera e graciosa visão....

—Mas, as cordas não resistem as intimas emoções da alma, quando o vate não encontra na terra imagens para uma comparação?

—Quizera ao menos que essa noite, de baile durasse por seculos, mais tarde findando, porque contemplando a—rainha delle— infundio-se em minha alma o mais venerando culto e verdadeira adoração, que para sempre será a bussola de minha tão anhelada ventura!

Setembro 28—1861. J. R.

CHRONICA SEMANARIA.

—Bravos, bravos, ahi temos o—JARDIM—sempre bello e infallivel! (Dirão as amaveis

Cupeva.

ROMANCE BASILIENSE.

I.

Era uma bella tarde de agosto; e o Sol, que declinava ja no occidente, mandava seos doces, e melancholicos adeoses, a pacificas aguas da Bahia de Todos os Santos; e esses raios amortecidos d'um sol, que meigamente se despedia a nossa vista, brincavam nas enxarcias d'um navio, ahi ancorado; e beijavam o cume dos palmares, e os areiaes da praia. Eu amo a bellesa da tarde, como a um suspiro, que rapasado de amor, e de saudade, destacando-se do coração d'uma donzella, foge vagaroso, timido, e melancholico.

Era pois uma bella tarde, dessas que inspiram poesia, dessas que obrigam o homem, a um dulcissimo scismar; porque parece-lhe por toda a parte escutar os sons longinquos d'uma harpa. Esses mysticos sons, que escutamos no cahir da tarde, devem ser a voz dos anjos, que derramada das alturas, vem quasi sumida; mas melodiosa, e doce afagar nossos ouvidos, e serenar nosso dorido e accusado, soffrer.

O navio, que vemos ancorados n'essa bella Bahia, a hora solemne do crepusculo, era o Infante de Portugal, vaso de guerra que ahi havia trasido Francisco Pereira Coutinho, donatario d'aquella Capitania, depois que a celebre Paraguassu, Princeza do Brasil, cedera seos direitos em favor da coroa de Portugal. O Infante, acabava de receber as ultimas ordens de Coutinho, e velejava no dia seguinte em demanda do Tejo.

Recostado ao castello de proa, com os olhos fitos em terra, como que devorava por um frenetico desejo, descobria-se a forma esbelta, e juvenil de um bello mancebo, cujo uniforme de marinha, fazia sobresahir, com os finos traços de seus feições aristocratas, a brancura d'uma pelle levemente crestada pela ardentia do sol. E o mancebo, com os olhos fitos em terra, parecia meditar profundamente, porque em seos grandes olhos negros transparecia todo o desfallecer d'um coração, que deseja, e que não

Agradecimentos

GUPEVA (1861 - "1ª edição")

ROMANCE BRASILIENSE

- I -

Era uma bela tarde de agosto; e o sol, que declinava já no ocidente, mandava seus doces, e melancólicos adeuses, a pacíficas águas da Baía de Todos os Santos; e esses raios amortecidos dum sol, que meigamente se despedia a nossa vista, brincavam nas enxárcias dum navio, aí ancorado; e beijavam o cume dos palmares, e os areais da praia. Eu amo a beleza da tarde, como a um suspiro, que repassado de amor, e de saudade, destacando-se do coração duma donzela foge vagaroso, tímido, e melancólico.

Era pois uma bela tarde, dessas que inspiram poesia, dessas que obrigam o homem a um dulcíssimo cismar; porque parece-lhe por toda a parte escutar os sons longínquos duma harpa. Esses místicos sons, que escutamos ao cair da tarde, devem ser a voz dos anjos, que derramada das alturas, vem quase sumida; mas melodiosa, e doce afagar nossos ouvidos, e serenar nosso dorido e acusado sofrer.

O navio, que vemos ancorado nessa bela Baía, à hora solene do crepúsculo, era o Infante de Portugal, vaso de guerra que aí havia trazido Francisco Pereira Coutinho, donatário daquela Capitania, depois que a célebre Paraguaçu, Princesa do Brasil, cedera seus direitos em favor da coroa de Portugal. O Infante acabava de receber as últimas ordens de Coutinho, e velejava no dia seguinte em demanda do Tejo.

Recostado ao castelo da proa, com os olhos fitos em terra, como que devorada por um frenético desejo, desenhava-se a forma esbelta, e juvenil de um belo mancebo, cujo uniforme de marinha, fazia sobressair, com os finos traços de suas feições aristocratas, a brancura duma pele levemente crestada pela ardentia do sol. E o mancebo, com os olhos fitos em terra, parecia meditar profundamente; porque em seus grandes olhos negros transparecia todo o desassossego dum coração que deseja, e que não pode. Mas, não era à resignação que ele cedia, era a uma espécie de desespera-

ção; e se ele meditava, era-o como seus desejos tão ardentes, e quase tão impossíveis se haviam realizar. Essa idéia, essa única idéia o preocupava tanto, que o mancebo mostrava-se indiferente a tudo que o cercava, até a beleza do horizonte, nessa hora cingido por uma faixa larga, e avermelhada. Essa faixa sanguínea nos horizontes, parecia ameaçar sinistra tempestade. Seria acaso verdade? O mancebo oficial, nem isso reparou.

E o sol de todo amortecia nas orlas avermelhadas do horizonte, e o coração do moço mais se assanhava, e confragia; mais ele debatia-se numa dolorosa ansiedade. Seus olhos ardentes, pareciam querer divisar através dessas matas, ainda quase virgens, um objeto qualquer que o interessava. Sem dúvida nesse lugar outrora solitário, onde se eleva a bela cidade de S. Salvador, devia haver alguma cousa, algum ente extremamente amado, que atraía para si, todos os pensamentos, todas as faculdades, parece que toda a alma do mancebo europeu.

- Que tens, meu querido Gastão? - perguntou-lhe um outro jovem oficial, tocando-lhe amigavelmente no ombro - Ainda pensas nela?

O moço interpelado, estremeceu ligeiramente como quem desperta dum profundo sono, e voltando-se para o seu interlocutor, com um sorriso amargo, disse-lhe:

- Sim; e agora mais que nunca. Oh! Alberto - continuou - ontem eu a vi, quis dizer-lhe que ia deixá-la, que voltava à Europa, e não pude. Não tive forças para tanto. E ela! ela, a misera, como se alguma cousa lhe pressagiasse o coração, deixou cair na relva, suas ardentes lágrimas, e na voz dum soluço que se lhe destacou do peito, perguntou-me:

- Gastão, quando voltareis aqui?

Julguei que ela tinha adivinhado o momento da partida; mas tudo ignorava. Enxuguei as lágrimas, prometendo-lhe que hoje voltaria, mas... Alberto, amanhã nos faremos à vela, e eu não a tornarei a ver!

- E a tua promessa? - perguntou Alberto.

- Sairemos amanhã - tornou o moço apaixonado, e hoje bem sabes, passo a noite de quarto.

(Continuado do nº 26)

- Pode ser que assim seja, - tornou-lhe Alberto. - Os portugueses também sabem amar; conquanto esse sentimento, só nos franceses, seja um dom natural tu o disseste; mais inda eu to repito: É uma loucura a tua paixão.

- Loucura!!!... Alberto, tu não a conheces.

- Loucura, - tornou este - loucura. Gastão, esquece essa mulher, que é como uma nuvem negra, que vem toldar os horizontes de tua vida, aliás tão risonha. Esquece-a Gastão, em nome de teus pais, de quem és o único filho, em nome de tua brilhante carreira na marinha, em nome do amigo

Agradecimentos

que te implora. A antiga nobreza de teus antepassados, o orgulho do teu sangue, não se revoltam contra essa paixão insensata? Primeiro - tenente de marinha, hoje, ou amanhã serás um grande capitão: preferes o amor de uma selvagem às grandezas que te esperam?...

- Alberto,não me fales assim; o meu porvir é ela.

- Ela!... E que pretendes fazer dessa mulher?

- Amá-la... amá-la, louca e cegamente.

- E depois?...

- Viver, ou morrer com ela!

- Isso é romancismo, Gastão, acredita-me, é o clima ardente do Brasil, que te inspira semelhantes idéias, e logo que deixes de respirar estes ares, que deixes de intimar as vistas por estas árvores seculares, que inspiram melancolia, logo que deixes estas praias, onde o mar se quebra murmurando queixas, que encontram eco em teu coração, esquecerás, e te envergonharás mesmo deste instante de fraqueza.

- Envergonhar-me, eu? Alberto, tu te enganas.

- Teus pais, Gastão, não hão de amaldiçoar o teu amor? não te hão de expulsar do seu seio?

- E que me importa isso? Faltará, acaso, no mundo, um lugar ignorado, onde eu, e ela, nós dous somente longe dessa sociedade, que nos não compreende, entregues aos doces eflúvios dum amor sempre novo, sempre crescente, e apaixonado, possamos viver essa vida de bem-aventurança, que Deus tão raramente concede ao homem cá na terra!...

- Alma cega, e apaixonada! - exclamou tristemente o jovem português - supunha-te mais sensato.

- Queres fazer-me um favor? - interrogou Gastão, sem responder à exclamação de seu jovem amigo.

- Pois não - redarguiu Alberto. - Farei tudo o que quiseres, menos loucuras, como as tuas.

- Pois bem - lhe tornou o amigo - Alberto, estou mais calmo, mais razoável, farei tudo o que quiseres; mas com a condição de que irei hoje pela derradeira vez ver Épica, dizer-lhe um adeus, que será o derradeiro; porque nunca mais voltarei a este país ainda que para isso seja preciso cortar a minha carreira. Mas, espera-me, eu lho prometi... Eia, um último favor.

Compreendo-te, disse Alberto - cada um vem mais louco! Gastão assim é que foge à mulher que se quer esquecer?...

- E não a deixarei amanhã para sempre?

- Mas hoje?...

- Hoje quero somente vê-la.

- Entraria de quarto em teu lugar - tornou Alberto - toda a vez que o quisesse, mas Gastão, coadjuvar uma loucura...

(Continuado do nº 27)

- Prometo-te, querido Alberto - interrompeu o moço francês - prome

to-te que as não farei.

- Nesse caso, principia por te deixar cá ficar: não vás, querido amigo, a essa entrevista.

O jovem francês, teve então um momento de impaciência e franzindo o supercílio, disse:

- Custa-te a prestar-me o serviço, que te peço?... pois bem. Vai-te, e deixa-me com a minha loucura.

Alberto fixou-o com indizível tristeza: o coração como que nessa hora pressagiava-lhe o que quer que fosse de aflitivo, e desagradável; mas era demais para suas forças, essa luta, em que ele em vez de ganhar com a sua lógica, perdia consideravelmente. Meditou por algum tempo, e depois disse:

- O teu delírio te torna ingrato... mas eu te perdôo, não estás em ti. O comandante, passa a noite em terra,aproveita a sua ausência; ali está uma lancha, vai à terra; mas pela honra, jura-me que antes do amanhecer estarás a bordo.

- Juro-te - exclamou o moço, lançando-se nos braços do amigo.

Foi um abraço prolongado o desses jovens marítimos, a quem a igualdade de nascimento, e o embate dos mares tinha tão intimamente ligado.

Um momento depois, a lancha cortava mansamente as águas, deixando após si um rasteiro esbranquiçado.

Acabavam de soar nove horas; a noite era escuríssima, e nem sequer uma estrela se pintava no céu. Alberto seguiu com o ouvido de marítimo o ruído dos remos, e quando cessou de ouvi-lo, exalou um profundo suspiro, e foi ocupar o lugar de Gastão.

- II -

E àquela bela, e melancólica tarde, sucedera, como já dissemos uma noite escura, e feia. As nuvens ameaçavam tempestade, e o vento gemia nas solidões das matas. Entretanto Gastão, ébrio de felicidade, porque acabava de transpor esse pequeno lençol movediço, que o separava da terra, dessa terra querida, aonde ia encontrar a mulher de suas afeições. Gastão, dizemos nós, corria como um louco, importando-lhe tanto a escuridão da noite, como lhe tinha importado a beleza arrebatadora da tarde. As nuvens, arqueavam-se negras, sobre os rochedos, por entre os quais insinuava-se ele louco de esperanças, e de amor. Gastão, corria afadigado, dir-se-ia ter asas, entretanto o caminho parecia-lhe por demais longo. Tardava-lhe ver Épica.

Por essas sendas tortuosas, por essas brenhas quase virgens de uma habitação do homem civilizado, por esses lugares, que já não tendo aqui e ali a selvagem beleza duma mata virgem, não tinha também em parte alguma o caráter duma povoação, corria velozmente o jovem colega de Alberto, sem outra idéia mais que a de encontrar em breve a bela filha do de-

Agradecimentos

serto. Nem sempre aos vinte e um anos o homem tem o coração gasto, e resfriado pela sucessão contínua de paixões desenfreadas: aos vinte e um anos, ainda o homem não se pode furtar aos transportes um amor puro, sentimento único na vida, que nos faz virtuosos, que nos aproxima de Deus, que nos purifica a alma, elevando-a nas doçuras dum êxtase, até às regiões do céu.

(JARDIM DAS MARANHENSES, nºs 25, 27 e 29 - Outubro e Novembro de 1861 - Janeiro de 1862.)

(*) Ligeiras modificações na 3ª edição (ver p. 115)

FONTES DE INFORMAÇÃO - A mais antiga fonte, e a única que se conhece de Maria Firmina dos Reis, é o "Dicionário Bibliográfico Brasileiro" (1900) de Augusto Vitorino SACRAMENTO BLAKE:

"D. Maria Firmina dos Reis - Filha de João Pedro Esteves e dona Leonor Felipa dos Reis nasceu na cidade de São Luís do Maranhão a 11 de outubro de 1825. Dedicando-se ao magistério, regeu a cadeira de primeiras letras de São José de Guimarães desde agosto de 1847 até março de 1881 quando foi aposentada. Em 1880 fundou uma aula mista em Maçaricó, termo de Guimarães, cujo ensino era gratuito para quase todos os alunos, e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dous anos e meio. Cultivou a poesia, e tanto em verso, como em prosa escreveu algumas obras, de que as mais conhecidas são:

Cantos à beira-mar: Poesia. São Luís...
Úrsula: romance. São Luís...
A Escrava: romance São Luís...

Segue-se JERÔNIMO DE VIVEIROS, em "Quadros da Vida Maranhense" ("Jornal do Dia, 1963):

"O primeiro romance publicado em livros no Maranhão foi da autoria do doutor João Climaco Lobato, formado em Direito pela Escola de Recife.

Impresso na tipografia "Temperança" em 1856, e neste mesmo ano publicado em folhetim no Jornal "O Constitucional", tinha como titulo "O Diabo".

E mais adiante: "A Lobato seguiu-se uma moça, D. Maria Firmina dos Reis, professora pública de Guimarães, que editou em 1852 na tipografia do "O Progresso" o romance Úrsula, magnificamente recebido pela imprensa, e que depois inseriu "Gupeva", na "Juventude Maranhense". Aquele é livro de edição esgotada; nem os bibliófilos o possuem".

Por saltar à vista, desnecessário comentar as naturais omissões e incorreções de ambos, (incluindo um evidente erro tipográfico do segundo).

Antes de Jerônimo de Viveiros, o historiador maranhense Ribeiro do Amaral, num artigo sobre Belarmino de Matos (A Imprensa no Maranhão: jornais e jornalistas) refere-se a ela, **quando,** falando sobre o "Semanário Maranhense", ("revista literária fundada por Joaquim Serra, e que logrou a rara fortuna de contar como seus colaboradores, o que o Maranhão de então possuia de mais notável nas letras") cita, no número dos seus colaboradores (Gentil Braga, Celso de Magalhães, Sotero dos Reis, Henriques Leal, Cesar Marques, Sabbas da Costa, Sousa Andrade, "com fragmentos do seu curioso "Guesa Errante", e outros valores "a poetisa D. Maria Firmina dos Reis, que vive, também, em Guimarães, e que, conquanto noñagenária conserva ainda grande lucidez de espirito. "(Revista Tipográfica, 1913). Ainda Ribeiro do Amaral, na sua obra inédita - "O Maranhão no Centenário da Independência", 1821 -, no verbete: POESIA - ... "Maria Firmina dos Reis há pouco falecida, já nonagenária."

Agradecimentos

Como está evidente, o provecto historiador esquecera-se da prosadora, o que confirma a omissão do seu nome no verbete - PROSA - da referida obra.

1973! - Ano do descobrimento! (?)
Agora, a lei da compensação!...

A "Agência Meridional", resgatando a memória de Maria Firmina dos Reis do seu longo sepultamento, logo dá no mesmo ano divulgação nacional do nosso descobrimento, ou redescobrimento, transformando a nossa entrevista concedida a "O Imparcial" numa sensacional e longa notícia para a imprensa brasileira.

Recortes de vários jornais da "Cadeia Associada" chegaram às nossas mãos, alguns dos quais a nossa Imprensa transcreveu em 1974 para dar conhecimento ao nosso público da repercussão da entrevista e o interesse despertado pela sua importância fora de nossa terra.

Processo de Aposentadoria

Embora seja um detalhe sem importância, Maria Firmina dos Reis não se aposentou, como informa Sacramento Blake, em março de 1881, como vamos ver:

Despacho de 23 - 4
D. Maria Firmina dos Reis, professora pública de Guimarães pedindo trinta dias de licença para tratar de seus negócios.

(Publicador Maranhense - 10-5-1881)

Despacho de 28-4
D. Maria Firmina dos Reis, no requerimento despachado em 23 do corrente - Passe-se a portaria concedendo para o fim requerido trinta dias de licença à suplicante, sem vencimentos.

A mesma pedindo sua jubilação, visto contar mais de 25 anos de exercício no seu magistério e não poder continuar a servir, segundo alega. Ao Sr. Dr. Inspetor da Instrução Pública para informar.

(Publicador Maranhense - 15-5-1881)

Despacho de 3-5
No requerimento de despacho em 28 de abril último. Informe o Inspetor do Tesouro Público.

(Publicador Maranhense - 25-5-1881)

Despacho de 9-5
D. Maria Firmina dos Reis, no requerimento despachado em 3 do corrente - Apresente-se no Palácio da Presidência a fim de ter lugar a inspeção, nos

termos do regularmento para o que tenho nomeado os Srs. Drs. Saulnier, Azedo e Tarquínio Lopes, comparecendo a suplicante para o fim indicado, às 11 horas da manhã de 14 do corrente.

(Publicador Maranhense - 26-5-1881)

Governo da Província

(Expediente do dia 12 de maio de 1881)

O Presidente da Província de conformidade com a proposta do Dr. Inspetor da Instrução Pública, resolve nomear D. Amália Augusta dos Reis para reger a cadeira de primeiras letras da Vila de Guimarães, durante o impedimento de licença da respectiva professora.

(Publicador Maranhense - 29-5-1881)

sobre a irmã de MFR

Nota: No Texto original está escrito - Amélia Augusta dos Reis. É erro tipográfico, pois os seus familiares me disseram que se chamava Amália Augusta dos Reis. Irmã mais nova de Maria Firmina dos Reis, e morreu muito antes dela.

Despacho de 17-6

D. Maria Firmina dos Reis, no requerimento despachado em 9 de maio último. - Passe-se a portaria jubilando a suplicante na forma da lei e nos termos da informação do Tesouro do Estado.

Embora seja um detalhe sem importância, considere-se como certa a informação de Sacramento Blake, quando diz que Maria Firmina dos Reis começou a reger a cadeira de primeiras letras desde agosto de 1847.

Por incrível, não consta no "Publicador Maranhense" (jornal que servia de órgão oficial) a sua nomeação, embora visse e revisse a coleção deste jornal desde a sua fundação (1842).

Intrigava-nos o mistério, porquanto em 1853, encontramo-la pedindo licença!...Não desanimamos, mas resolvemos descansar da busca. Mas "eis senão quando", ao procurar outro assunto, embora relacionado com a pesquisa, no Almanaque de Antônio Rego, para o ano de 1849, lá encontramos D. Maria Firmina dos Reis lecionando as meninas da Vila de São José de Guimarães!... Logo em 1848... Logo Sacramento Blake... Mas uma dúvida nos ficou... Teria sido desde janeiro?

Mas já estávamos inclinado a aceitar a informação do Pai da Bibliografia Brasileira, antes do registro de Antônio Rego, desde a primeira tentativa de encontrar o ato da sua nomeação, baseado no seguinte despacho de 22/4/47, que se lê no "Publicador Maranhense":

> "Ao Inspetor da Instrução Pública - Tendo concedida D. Francisca Teodora de Melo a demissão que pediu da cadeira de primeiras letras da Vila de Guimarães, assim comunico a Vmc. para a sua inteligência".

Já, agora, na revisão da pesquisa, convidamos Luis Melo, que, de boa vontade, datilografava o material, para que nos desse uma mão na última tentativa para desvendar o "mistério da nomeação"... Demos-lhe o "Publicador Maranhense" e "O Progresso", ambos de 1847. Este último por havermos verificado

Agradecimentos

que trazia algumas vezes atos oficiais. E qual não foi a surpresa, dele e nossa ao deparar, não como o ato oficial de nomeação, mas com uma notícia local da sua aprovação no concurso a que se submetera disputando com mais duas, e no mês de agosto?!... Justamente o mês indicado por Sacramento Blake como de sua nomeação!?... Vamos, agora à nota:

Notícia local sobre a aprovação de MFR em concurso

NOTÍCIA LOCAL

"Tendo sido examinadas no dia 11 do corrente no Palácio Governo as opositoras à cadeira de 1as. Letras do sexo feminino da Vila de Guimarães, D. Úrsula da Graça de Araújo, D. Mariana Firmina dos Reis, e D. Antônia Bárbara Nunes Barreto, unicamente a segunda foi aprovada, por ter sido julgada competentemente habilitada"

(O Progresso, 13 de 8 de 1847)

A troca do seu nome - Mariana por Maria - evidente erro tipográfico, não invalida a informação do notável pesquisador, pois, além de não haver nomeação de nenhuma professora interina, não iria o governo esperar terminar o ano sem aulas para as crianças, tendo já a nova mestra para ocupar a cadeira. Mas um outro mistério continua... E este é uma tradição vimaranense oficializada por um ato do governo municipal, conforme se lê nesse documento que registra, ao mesmo tempo, a primeira homenagem tributada à memória de Maria Firmina dos Reis.

Cópia autêntica tirada do livro de "Registros de Portarias e Decretos" da Prefeitura Municipal de Guimarães, cujo termo de abertura, de 2 de janeiro de 1931, é assinado pelo Prefeito Eduardo Viana Pereira.

Portaria n ° 59

Nomeação de escola

O Sr. Capitão Nilo Ludgero Pizon, Prefeito Municipal de Guimarães, de acordo com suas atribuições; resolve:

Considerando que se deve render culto de gratidão aos mortos que trabalharam, de qualquer forma pelo engrandecimento de nossa Pátria.

Considerando que o município de Guimarães deve, e muito, quanto à instrução, à veneranda Senhora Maria Firmina dos Reis, primeira professora Régia deste Município.

Resolve mudar a denominação de "Reis Perdigão" dada a Escola Noturna Municipal desta Cidade, para a de "Maria Firmina".

Cumpra-se, registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Guimarães, 15 de agosto de 1931

ASS. Nilo Ludgero Pizon

Prefeito Municipal.

Qual, porém, o elemento que poderia explicar a tradição e justificar o ato oficial de que estava de posse, graças à dedicação do jovem Prof. Antonio Luís Gomes Brito, que nos ajudava a remexer a papelada bolorenta do quase inexistente arquivo (mal dos arquivos maranhenses, e antigo...) municipal, se nenhum documento existe que possa elucidar?

Que fazer?

Até prova em contrário...

E esta nos trouxe, não muito depois, D. Francisca Teodora de Melo.

Mas, se há fundamento, no que nos disse a respeito a Senhora Nhazinha Goulart, pelo que ouviu "em casa"; explica-se e justifica-se a tradição e o ato do Governo municipal: a outra não era "formada".

Interprete-se, assim, - PRIMEIRA MESTRA RÉGIA - como a PRIMEIRA MESTRA DIPLOMADA, em oposição - À MESTRA LEIGA - com que se designa a sem diploma. Como, no entanto, se não havia ainda Escola Normal?

Então, "formada" ou "diplomada", quer dizer, no caso, "concursada"...

Foi talvez o que aconteceu... A Primeira Mestra Régia Concursada! depois de criada a cadeira de primeiras letras para meninas, em 26-7-1837.

Criada por Maria Firmina dos Reis até a idade de 15 anos, mais ou menos, a Senhora Nhazinha Goulart, dotada de admirável memória, revelou-nos ainda dois episódios que se prendem ao concurso, sempre relembrados em família - um ocorrido no exame de português, quando uma das concorrentes pronunciou "prológo". - "Diliquinha (assim chamavam Maria Firmina em casa, e os íntimos) "em cima das buchas" corrigiu a outra - é prólogo!.

A esse episódio, ainda contado com ênfase e certo orgulho pela Senhora Nhazinha Goulart, segue-se o outro que é ao mesmo tempo um traço forte do seu sentimento humano e uma posição política.

Orgulhosa com a vitória de Maria Firmina, Dona Leonor Reis, sua mãe, resolveu alugar um palanquim, para que sua filha, como carregada em triunfo, pelas ruas de São Luís, fosse nele receber o seu "diploma" (?) ou o ato de nomeação (?). Opõe-se, irrevogável, a jovem de 22 anos, embora até os próprios escravos de sua tia Henriqueta lhe pedissem com insistência para levá-la de palanquim - "Diliquinha", conclui Dona Nhazinha Goulart, foi - não, não e não - e disse já zangada: "Negro nao é animal para se andar montado nele!

E foi a pé!

- - -

Lugar de Nascimento -

Embora o Sr. Leude Guimarães, e seu filho de criação confirmasse a informação de Sacramento Blake, procedem a uma investigação para saber se Maria Firmina dos Reis nascera mesmo em São Luís ou em Guimarães, e chagamos a conclusão de que foi mesmo em São Luís, visto que não consta seu nome no livro do bastitério da igreja de Guimarães (o qual se encontra na Prelazia de Pinheiro, município vizinho) não só no do ano,

Agradecimentos

de 1825, mas tambem nos livros de anos anteriores e posteriores. O mesmo aconteceu em São Luis, com a busca feita nos livros da Cúria Metropolitana, com exceção do ano de 1825, por não existir no arquivo o referido livro, pelo notável documentarista Euclides Siqueira.

Dona Nhazinha Goulart, no entanto, compensou em parte esta falta, revelando-nos o lugar em São Luis, onde nasceu Maria Firmina dos Reis: Bairro de São Pantaleão! nas imediações do lugar onde se encontra a igreja!...
- Em que mês? em que data?
- Ah! isto, como o Sr. Leude, não se lembra mais!...

FILHA ILEGITIMA -

O livro do "Cartório" Sacramento Blake e o livro do Cartório do Registro Civil, de Guimarães, registam com pequena diferença, sem importância, no caso, os nomes dos pais de Maria Firmina dos Reis: João Pedro Esteves, o primeiro, João Pedro Estevão, o segundo; Leonor Felipa dos Reis, o primeiro, Leonor Reis, o segundo.

Erro do declarante, ou por lapso de memória ou por não saber o nome certo dos pais de Maria Firmina dos Reis cujo nome também diverge na própria certidão de óbito do nome de sua mãe.

- - -

Suspeitando de que os pais de Maria Firmina não eram casados, perguntei ao Sr. Leude Guimarães se Maria Firmina dos Reis era filha legitima, respondeu-me que não sabia. Dona Nhazinha Goulart, revelou-me com vexame:

- "Diliquinha" não era "de casa!"...

Que campo uberrimo para florescer as flores roxas da morbidez: bastarda!... e pobre!... e mulata!... e de sobejo uma solteirona ou "moça velha" de amor frustrado!...

O seu ultra-romantismo ou individualismo romântico não era artificial: tinha raizes profundas em suas entranhas... O "mal do século" encontrou-a já num sepulcro... no campo de uma campa roendo os ossos dos fantasmas das desilusoes... e fertiliza-lhe o sofrimento e exarceba-lhe a dor ao paroxismo!...

E um dia... resolve libertar-se, de vez, da sociedade e de si mesma!... e pensa no suicidio!... Mas a religião detém-na no momento de saltar no abismo! E então, tomando conciencia de si, recua apavorada! Mas não volta para um novo berço, mas para o velho túmulo, onde, numa patológica autofagia, continua a fulminar seu sofrimento, num estranho masoquismo, até o fim da existência.

Os fragmentos dos seus escritos - literários e intimos - são um obituário impregnado de cheiro de velas mortuárias e de odor de flores podres.

Como a Alvares de Azevedo, chamá-la-iamos "Lacrimosa Perene", se ela mesma não sugerisse cognominá-la "Sacerdotisa da Lágrima"! Mas as suas lágrimas não eram de um pranto sem causa... não eram as lágrimas intelectuais do "mal do século"... E o Anjo da Morte, que ela tanto exorcisou,

com quem se enlivou no sepulcro de sua vida, amante desvelado, sempre ao pé de si, como que por sádica ironia, só a carregou para a sua morada quando ela aniversariou seus noventa e dois anos de idade!

É, na verdade, lamentável o que perdemos - tanto de seus escritos publicados como dos inéditos (não porque imaginemos coisas excepcionais, como é comum esta valorização ou super valorização hipotética das coisas perdidas, quando se quer exagerar os méritos de alguém - vivo ou morto - pela amizade ou conveniência) mas pelo que poderia haver de maior vivência sua, de mistura com a temática literária do seu tempo.

- "Dilquinha, recorda Dona Nhazinha Goulart, já velha, ainda, muitas vezes, passava horas e horas escrevendo."

- "Quando vim para São Luís, depois de sua morte", revelou-nos o Sr. Leude Guimarães, "trouxe muitos manuscritos seus. Eram cadernos com romances e poesias e um álbum onde havia muita coisa de sua vida e da nossa família. Mas os ladrões, um dia, entraram no quarto do hotel onde estava hospedado, arrombaram o baú, e levaram tudo o que nele havia. Só me deixaram, de recordação, os restos desse álbum, que encontrei pelo chão!"

Maria Firmina dos Reis (desnecessário anotar-se) não foi uma realidade literária, mas uma indiscutível vocação literária frustrada.

Se ressalto esta observação, embora baseado em fragmento, não é para justificar a sua deficiência, mas para evidenciar o seu mérito, que se sobressai, pesando-se a triste condição social e cultural da mulher no seu tempo, e mais ainda se se considerar que em nossa literatura não se poderá apontar uma realidade literária, no sentido profundo da palavra (os que consagramos como tais, são-no mais pela grandeza do talento que pela obra realizada) no passado ou no presente.

"Ao contemplar a história da Literatura brasileira, escreve Afrânio Coutinho, em a "História da Literatura no Brasil" não fugimos a uma impressão pessimista. É uma literatura pobre. Ainda não chegamos mesmo à plena posse de uma literatura. Certamente, porque ainda não logramos construir completamente ou consolidar a formação do país, sem o que se torna impossível, em plenitude, uma literatura vigorosa e original. Qualquer que seja a época em que se observe, há sempre nela algo que falta, certa densidade, certo calado, certa riqueza, que lhe comunicariam personalidade. Ademais, há no intelectual brasileiro, um estado mental de distância, que o coloca em descompasso com a época e empresta à literatura por ele produzida uma fisionomia remota. Não se pode ainda falar numa personalidade da literatura brasileira.

Agradecimentos

"No mistério das fontes criadoras deverão estar as explicações para esses problemas. Mas a literatura não é um mistério, nem um milagre; é o meio para a comunicação de uma visão ou experiência da realidade, ou, na palavra do poeta, para

Donner un sens plus pur aux mots de la tribu.
(Mallarmé)"

A PRIMEIRA ROMANCISTA DA LITERATURA BRASILEIRA

Que a novelística brasileira começou com o romantismo é ponto pacífico entre os estudiosos.

Mas "as primeiras manifestações", observa Heron de Alencar em seu estudo "José de Alencar e a Ficção Brasileira (in H. L. B. de Afrânio Coutinho)", pertencem, hoje, ao domínio pouco acessível da arqueologia literária; de consulta difícil, muita vez impossível, já não figuram nem mesmo nos estudos especializados, nos quais não deveriam faltar, pela contribuição que, como inauguradoras da forma, prestaram ao desenvolvimento do nosso romance."

Maria Firmina dos Reis contribuiu para a nossa ficção com dois romances: URSULA (1859, data da capa) e GUPEVA (1861/2).

Úrsula, portanto, até prova em contrário, é o primeiro romance da literatura brasileira.

- E as AVENTURAS DE DIÓFANES?

"Quanto ao livro de Teresa Margarida, em cuja defesa se empenham nomes ilustres", analisa Heron de Alencar", não é brasileiro, não diz respeito ao Brasil, nem exerceu a mínima influência em nossa literatura. Sua autora aqui apenas nasceu, é de completa formação européia, e o livro, confessadamente uma imitação do Fénelon, não pode ser incluído nos quadros da literatura brasileira senão por força de um critério de classificação bastante discutível, como o adotado por Sílvio Romero, e no qual se escudou Rui Bloem para tentar justificar a nacionalidade brasileira do livro da irmã de Matias Aires. A prevalecer esse critério, estaríamos impedidos de classificar como nossa a obra de Anchieta, de Vieira, de Alexandre Gusmão, de Gonzaga e muitos outros que, nascidos no estrangeiro, aqui viveram e escreveram a respeito da nossa história, de nossa vida e de nossa gente, e por isso pertencem ao nosso passado intelectual".

O acidental país de nascimento de um autor não é por si bastante para nacionalizar-lhe a obra, tanto que pode um escritor pertencer a mais de uma literatura, nem chegando ser mesmo a língua obstáculo para isso.

Machado de Assis, em "Instinto de Nacionalidade" (Crítica Literária), quando, referindo-se às Sextilhas de Frei Antão, diz que elas "pertencem uni-

camente à literatura portuguesa, não só pelo assunto que o poeta extraiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estilo que ele habilmente fez antiquado. O mesmo acontece com os seus dramas, nenhum dos quais tem por teatro o Brasil. Iria longe, continua Machado de Assis, se tivesse de citar outros exemplos de casa, e não acabaria se fosse necessário recorrer aos estranhos."

Robert Southey - pertence também à literatura brasileira com sua "History of Brazil". Assim, D. Francisco Manuel de Melo é clássico da literatura portuguesa, e da espanhola onde, entre outras obras, sobressai a "História de los movimientos y Separacion de Cataluña; relacionada por Marques da Cruz, na sua "História da Literatura".

E porque a nacionalidade de uma obra independe da nacionalidade do autor Fidelino de Figueiredo excluiu da literatura portuguesa o quinhentista português Jorge de Montemór e o incluiu na literatura espanhola por haver escrito em espanhol a sua obra, conforme se lê - no próprio Rui Bloem - no estudo em que defende a prioridade de "Aventuras de Diófanes" na novelística brasileira, apoiado numa incongruidade de Sílvio Romero para o qual, segundo Rui Bloem, "o fato de haver um escritor nascido no Brasil era razão suficiente para que figurasse em nossa história, mesmo que tivesse vivido em Portugal, formado ali o seu espírito e escrito sobre assuntos que não dissessem respeito ao nosso país". "Dentro desse critério, continua Rui Bloem, Antônio José pôde incorporar-se à literatura brasileira, enriquecendo-a no século XVIII, por ter vindo à luz no Brasil. E também vieram a pertencer à nossa literatura escritores portugueses que viveram no Brasil, como Anchieta e Gonzaga, porque "tiveram do reino só o berço: sua vida foi brasileira e pelos brasileiros. "(Sílvio Romero, in Rui Bloem)".

- Leram bem?

Agora releiam, e tresleiam!...

- Um peso e duas medidas!

Nesse terreno falso que construiu Rui Bloem o alicerce de sua argumentação que faz até lembrar "a partilha do leão", do fabulista latino:

> esse aqui é nosso, porque, embora vivesse em Portugal, nasceu no Brasil;
>
> esse aqui é nosso, porque, embora nascesse em Portugal, viveu no Brasil!

\- - -

O ponto de vista de Sílvio Romero, esposado pelo ilustre intelectual Rui Bloem, não é o ponto de vista brasileiro, como o diz, mas um ponto de vista incoerente - coisa que aliás não é privilégio dos míseros mortais...

Se se quiser procurar o precursor do romance brasileiro antes do Brasil-Independente, não é em Teresa Margarida da Silva e Horta que se vai encontra-lo, mas em Alexandre de Gusmão, com A HISTÓRIA DO PREDESTI-

Agradecimentos

NADO PEREGRINO E DE SEU IRMÃO PRECITO (1682), seguido de Nunes Marques Pereira, com o COMPÊNDIO DO PEREGRINO DA AMÉRICA (1728), que, "quando muito", como sublinha Heron de Alencar", podem ser considerados como antecedentes embrionários e isolados do nosso romance, sem qualquer continuidade, sem uma linha de desenvolvimento unitária".

Não foi sem outra razão que o intelectual português "Ernesto Ennes, a quem se deve o interesse atual pela obra de Teresa Margarida e a ressuscitou", segundo Rui Bloem, ao escrever sobre ela assim deu nome ao seu estudo: "UMA ESCRITORA PORTUGUESA DO SÉCULO XVIII, e a edição de 1818, traz apenas o criptotônimo: POR UMA SENHORA PORTUGUESA.

Na verdade, Teresa Margarida da Silva e Orta é uma portuguesa que nasceu no Brasil (São Paulo) e retornou aos 6 (seis) anos de idade a Portugal, sua pátria, onde, com o pseudônimo de Dorothea Engrassia Tavareda Delmira, publicou aos 41 (quarenta e um) anos de idade "Aventuras de Diófanes" (1752) ("imitando o sapientíssimo Fénelon na sua "Viagem de Telêmaco", como o declara na 2ª edição), vindo a falecer aos 90 (noventa) anos, aproximadamente.

O livro, verdadeiro sucesso literário, um romance (ou novela como querem alguns) didático, de cunho moral, (teve três edições ainda em vida da autora) pertence à literatura portuguesa.

"O trabalho de Teresa Margarida, escreve Y. Fujyma, é aceito como novela, mas a autora e a obra pertencem à literatura portuguesa." (Noções de Literatura Brasileira).

Para dar uma idéia, ainda que vaga, e à guisa de curiosidade, também, transcrevo o título do romance da ilustre escritora portuguesa:

MÁXIMA DE VIRTUDES E FORMOSURA COM QUE DIOFANES, CLYMENEA, E HEMIREMA, PRINCIPES DE THEBAS VENCERÃO OS MAIS APERTADOS LANCES DA DESGRAÇA.

E não é tudo!... Conforme o gosto do tempo, acrescente-se um "estrombote" constituído de oferecimento e outras coisas mais...

... Teresa Margarida e Nísia Floresta

Se alguém quiser referir-se, assim mesmo acidentalmente, à Teresa Margarida da Silva e Orta, será apenas para lembrá-la como a primeira mulher nascida no Brasil a escrever um romance (ou novela), sublinhando-se no entanto, que "Aventuras de Diófanes" pertence à literatura portuguesa.

Até aonde pude aprofundar minha pesquisa no plano nacional é Maria Firmina dos Reis a segunda mulher nascida no Brasil a publicar um romance - Úrsula - mas ÚRSULA é o primeiro romance da literatura brasileira escrito por mulher, e Maria Firmina dos Reis, pelos requisitos que se podem exigir para enquadrar um escritor na literatura de um país, consequentemente a primei-

ra romancista da literatura "verde - amarela".

"O que se deve exigir de um escritor antes de tudo", adverte Machado de Assis, que foi mestre na criação e na crítica, "é certo sentimento intimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço".

Mas...

E Nisia Floresta?...

Esta ilustre intelectual do Rio Grande-do-Norte foi-nos, por muito tempo, uma interrogação que nos tornou a pesquisa muito mais exausta por não sabermos se - DEDICAÇÃO DE UMA AMIGA (romance histórico) por - B.A. - (Niterói - 1850), registrado no "Cartório Blake" era ou não de conteúdo brasileiro, ou se tradução, visto que - B.A. tanto poderia ser um criptônimo seu como me mostrava o - OPÚSCULO HUMANITÁRIO - (coletânea de artigos educacionais - 1853) ainda que de um escritor conhecido (comum no século passado) como poderia ser - B.A. criptônimo do próprio autor traduzido.

É quando um dia nos vem a resposta, sem menos esperar, à nossa antiga interrogação, num ensaio de Horácio de Almeida - "A Primeira Romancista no Brasil" -em "Anais do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes - 1973"(publicado em março de 1974, Rio de Janeiro):

O do punho feminino ROMANCE E NÃO TRADUÇÃO DE ROMANCE, COMO FEZ NÍSIA FLORESTA, EM 1850, NA RELAÇÃO QUE NOS DÁ SACRAMENTO BLAKE.

E mais adiante: "A nosso ver, o Maranhão é a terra privilegiada. "Úrsula é o nome do romance que temos o primeiro lançado no Brasil por uma mulher. "E arrematando o seu estudo, onde se refere à nossa pesquisa na Biblioteca Pública do Maranhão: "Por lá o escritor Nascimento Morais Filho anda pesquisando dados, segundo informa a imprensa local, para demonstrar que Maria Firmina dos Reis é a primeira romancista do Maranhão. ADVIRTA-SE QUE FOI A PRIMEIRA NO BRASIL".

A afirmação enfática do ilustre pesquisador e historiador paraibano tem a sua razão de sèr. Há dez anos, conforme nos revelou em carta, é o possuidor do, talvez, único exemplar ainda existente deste romance!

Radicado no Rio de Janeiro, onde dispõe de abundantes "Fontes de Castálias", que lhes saciaram a sede, enquanto a nós outro, pobre coitado, apenas molhara a boca na "Fonte Blake", que mais serviu para excitar-nos do que para aplacar-nos a sede!... Esta angústia sedenta levou-nos à procura de outras fontes mais dadivosas, diretamente, ou indiretamente através de maranhenses ou não, em vários pontos do país, mas todas as tentativas foram debalde durante três anos, desde que tivemos notícias de Úrsula no porão da Biblioteca Pública do Maranhão.

Agradecimentos

Ano de publicação e de circulação de "Úrsula"...

Ursula em 1859 x Úrsula em 1860 Entre os pedidos de licença de Maria Firmina dos Reis, registro esse que supomos de significação especial:

Secretaria do Governo
"Expediente de 2-9-1859

Por esta Secretaria se comunica ao Sr. Inspetor Interino da Instrução Pública que Sua. Ex. 3º Vice-Presidente da Província resolveu nesta data conceder dois meses de licença com os respectivos vencimentos a D. Maria Firmina dos Reis, professora pública de primeiras letras da Vila de Guimarães".

(Publicador Maranhense - 9-9-1859)

A coincidência do ano desta licença com o de 1859, que se lê na capa indicando o ano de sua edição, leva-nos a supor que a licença obtida foi para dar assistência à impressão do seu livro.

Mas a conclusão a que chegamos com justificável fundamento é que o livro só circulou em 1860, pois só no mês de fevereiro começa a publicação do seguinte anúncio no jornal "A Imprensa":

Fev. 1860 inicia a circulação do livro.

ÚRSULA
ROMANCE BRASILEIRO
POR
UMA MARANHENSE
UM VOLUME EM PREÇO DE 2$000

Esta obra, digna de ser lida não só pela singeleza e elegância com que é escrita, como por ser a estréia de uma talentosa maranhense, merece toda a proteção pública para animar a sua modesta autora a fim de continuar a dar-nos provas do seu belo talento.

Assina-se nesta tipografia.

Tip. do Progresso - Imp. por B. de Mattos - 1860

A IMPRENSA

São Luís, 18 de fevereiro de 1860

nº 11

E ainda.

Só no mês de agosto no mesmo jornal "A Imprensa" que começa a aparecer o seguinte anúncio:

8 de agosto de 1860 - Nº 63

Ursula
ROMANCE ORIGINAL POR UMA MARANHENSE
Um volume de 200 páginas.....2$000

Vende-se nesta TIPOGRAFIA este excelente ROMANCE, que deve ser lido pelos corações sensíveis e bem formados e por aqueles que souberem proteger as letras pátrias.
NOTA - Faltam na Coleção deste jornal os números 61 e 62, correspondentes aos dias 1° e 4 de agosto.

ÚRSULA
Romance original - por uma maranhense
Um volume de 200 páginas, preço 2$000 reis

Acaba de sair dos prelos da tipografia do Progresso, e acha-se à venda, este interessante romance, na mesma tipografia, e na livraria do Sr. Antônio Pereira Ramos d'Almeida
9 de 8 (e 10 e 18 e 21) de 1860
(Publicador Maranhense)

Mas a apreciação crítica do "Jornal do Comércio" de 4 de 8 (ver "Apreciações Críticas") informa que pelo menos a 1º de agosto circulara enfim pela cidade de São Luís o primeiro romance da literatura brasileira escrito por mulher!...

Este fato, no entanto, não foi o primeiro nem será o último.

Em janeiro de 1847 aparecem os "Primeiros Cantos", de Gonçalves Dias, trazendo no frontispício a data de 1846 (Manuel Bandeira - Obras Poéticas de G. Dias)

...

Quando lemos na capa de Úrsula (fotocópia que gentilmente me oferecera Horácio de Almeida para me "fazer correr água da boca") - Rua de Santana, 49 - algo de estranho se nos apoderou - mais do que a curiosidade intelectual...

- É que, de 2(dois) a 15(quinze) anos de idade vivêramos num sobrado de azulejos naquela rua (criminosamente demolido para o ser fundo de uma loja quase no canto da Rua da Cruz) fronteiro ao sobrado junto ao Covão onde Gonçalves Dias "passara uma chuva" e conhecera Ana Amélia.

- Onde teria sido a "Tipografia do Progresso"???

...E tocamos para a Prefeitura!...

- O mais antigo livro, disse Altino Pinheiro Homem, é de 1893!

"Caímos das nuvens"!...

Agradecimentos

Mas procure também um livro de 1936 no qual encontrará os números mais antigos, isto é de 1836 a 1893.

o o o

No Arquivo do Tesouro do Estado não havia também um documento!...

Mas vamos ao 93!

Voltamos ao Arquivo da Prefeitura acompanhado do Sr. Ozéas Marques, funcionário aposentado desta repartição, que se prontificou a ajudar-nos nas buscas.

Busca de quê?!

... Só gente do outro mundo!

Mas, súbito, vimos um nome: Inês Carneiro!

E a imagem da vizinha, inteira, do fundo do tempo com fragmentos de conversa me veio à lembrança, instantâneamente!...

- Carneiro no seu nome, porque foi criada pelo Desembargador Serra Carneiro, seu pai de criação, que lhe mandara construir uma casa, defronte da sua.

Partindo, como ponto de referência, da casa de D. Inês Carneiro, contamos, de leste para oeste e de oeste para leste, as casas, vindo a cair o nº 67 -(249) - no sobrado onde nos criamos, e o nº 49 - (199) por estranha coincidência, no prédio onde funcionou até pouco tempo o "Jornal do Dia", outrora, duas "porta-e-janela" (nº 47 e nº 49) que aglutinaram, ainda no século passado, na morada-inteira que conhecemos atualmente, pois a casa contígua - 45 A(189) Cadastro Urbano de 1893) não consta, por exemplo, nas décimas de 1882, onde há somente o nº 45, (183) e não 45 e 45-A.

Se o número "45 A" já existia antes de 1893, só depois da aglutinação das duas antigas "porta-e-janela" (47 e 49) na "morada-inteira" que ficou com o número 49 por ser o mais alto, é que passou a ter o número 47, que era o da seguinte. Uma certidão de partilha de 1895 confirma o nosso raciocínio, porque nela desaparece o "45 A", e surge o número 47.

Sim... Na verdade, na verdade, andamos também lendo escrituras...

Mas as escrituras que nos confiou o amigo José Silva (lidas pelo amigo Raimundo Carvalho Guimarães que nos acompanhou nesta viagem e relidas por nós) apenas confirmaram o que a pesquisa já nos revelara.

As Décimas Urbanas ("Publicador Maranhense") vieram mais uma vez confirmar as conclusões a que havíamos chegado através do "Livro de Lançamento" da Prefeitura, de 1893.

Tomemos, no entanto, as décimas de 1880, como ponto de referência, por ficar equidistante da época em que funcionou a Tipografia do Progresso na Rua de Santana, 49, e o referido livro municipal, sabendo-se que a alteração dos números das casas de São Luís, só se realizou na segunda década do corrente século na gestão do grande prefeito Jaime Tavares.

Nº 45 - Evarinta Leopoldina Serra Burgos
Nº 47 - José Maria Freitas Vasconcelos
Nº 49 e 51 Januária (às vezes está Joana), filha de Joaquim Gonçalves da Silva Maia

1893 (Livro da Prefeitura)

Nº 45 - Antônio José da Costa
Nº 45 A - Antônio José da Costa
Nº 47 - José Maria Freitas Vasconcelos
Nº 49 e 51 - Januária Maia

1895 (Escrituras do Sr. José Silva)

Nº 45 - Antônio José da Costa
Nº 47 - Antônio José da Costa

1903 (Livro da Prefeitura)

Nº 45 - Sebastião José da Costa (herança)
Nº 47 - Sebastião José da Costa (herança)
Nº 49 - José Maria Freitas Vasconcelos
Nº 51 Januária Maia

Conclusao: Logo, em 1894, José Maria Freitas Vasconcelos comprou a casa nº 49, que pertencia a Januária Maia.

Observação: Assim as casas - 47 e 49 - ficavam nas esquinas da travessa que, vindo da Rua Grande, dava passagem (daí o nome: "Travessa da Passagem") [redacted] por baixo do sobrado Loja "Otomana (onde termina a atual "Travessa da Passagem"), na Rua Grande.

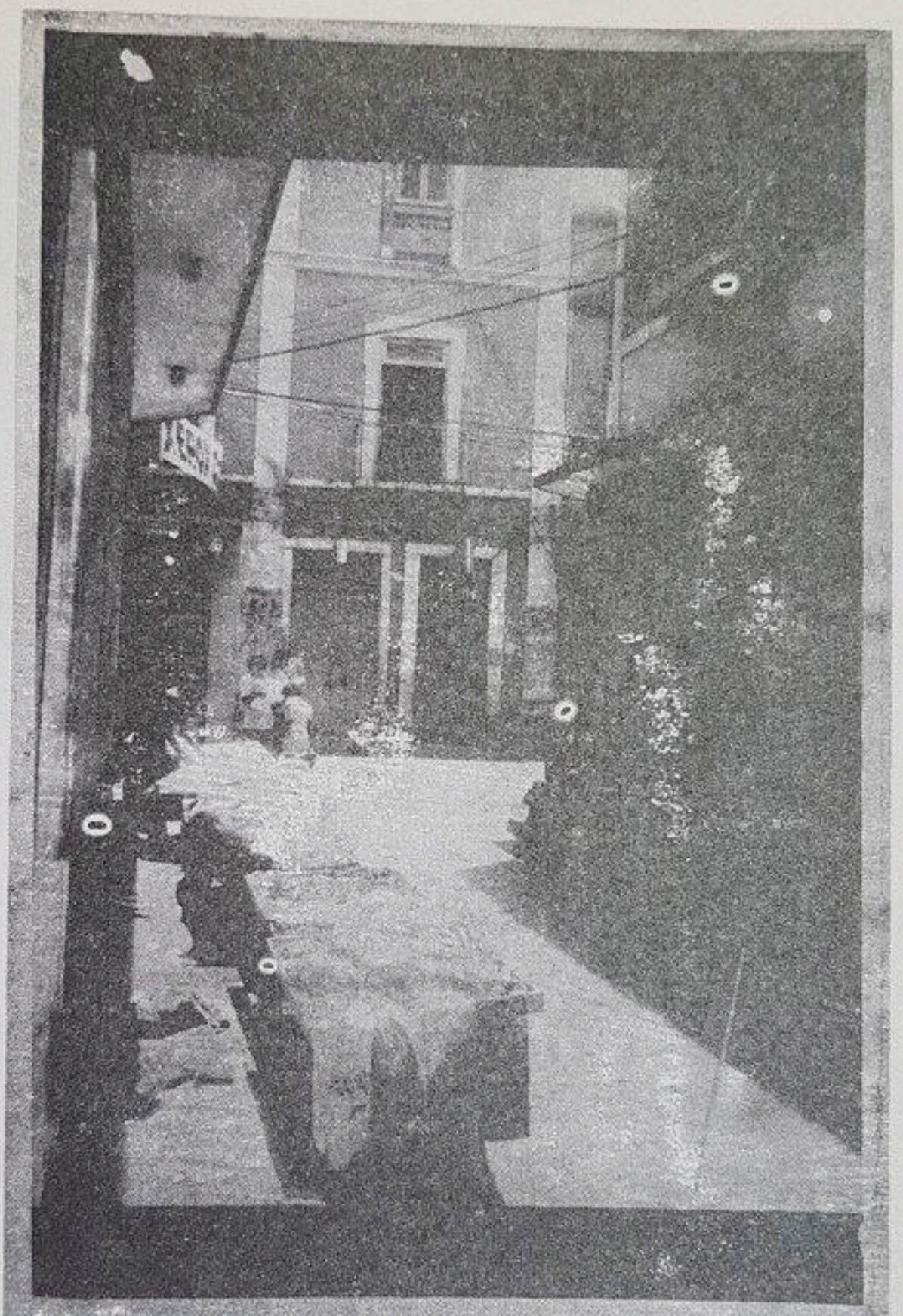
Explicou-nos nosso amigo Alberto Aboud (53 anos) que se criou no referido sobradão de dois andares antiga propriedade e residência de sua família (e ainda "viu" a própria rua escondida debaixo de sua casa passando para a Rua de Santana) que a passagem era pela primeira porta depois da principal do sobrado (indo para o nascente) e que o quintal da atual meia-morada e o corredor, o único, e que termina na porta da rua (de Santana) são dois trechos da antiga travessa.

1) **GUPEVA** - (1861/62) - Este romancete não foi enfeixado em livro, mas teve 3 (três) edições em folhetim num muito curto espaço de tempo - o que atesta eloquentemente o grande êxito popular desta original criação literária.

2) Em O **JARDIM DAS MARANHENSES** - "semanário literário, moral, crítico e recreativo" - foi publicado pela primeira vez. Teve início no nº 25 (a 13 de 10 de 1861, ano I). No nº 29 (13 de 01 de 1862) termina o 1º capítulo e começa o 2º.

3) Este jornal de que resta apenas uma pequena coleção composta dos números - 13, 21, 22, 23, 24, 25, 27 e 29 - não consta da relação da "História da Imprensa do Maranhão", do polígrafo maranhense Antônio Lopes.

Agradecimentos



A "Travessa da Passagem" continuava, até fins do século passado, por esta porta fechada (hoje a de um estabelecimentos comercial) por baixo do sobrado, indo terminar na Rua de Santana, atualmente porta de entrada da referida meia-cintada.

Atual morada inteira onde foi o Jornal do Dia. No século passado haviam duas portas e janelas. Na primeira, de nº 49, funcionou a Tipografia do Progresso, dirigida pelo famoso tipógrafo Belarmino de Matos. A porta da atual meia morada é o fim da Travessa da Passagem, cujo começo se vê na foto seguinte.

Agradecimentos

4)As três edições de Gupeva revelam duas coisas: uma - o grande êxito popular, - a outra, comparando-se os três textos, a preocupação artística da autora de aprimorar seu romance.

5)Nesta edição comemorativa apresentamos, além do texto definitivo, os fragmentos do texto original, apenas. Na Revista dos Instituto Histórico e Geográfico, este ano (edição comemorativa do cinquentenário desta instituição) publicaremos a segunda edição.

6)Gupeva é o nome de uma personagem do "Caramurú" - poema épico de Santa Rita Durão. É o índio a quem estava destinado a índia Paraguaçú, a qual, no entanto, se apaixonou por Diogo Álvares Correia, e de quem se tornou depois esposa.

A criação da romancista maranhense, anote-se, nada deve ao notável épico brasileiro, além da alusão "estórica".

o o o

"As escravas, informou-me D. Nhazinha Goulart, "pediram um dia a Mamanquinha" (outra maneira carinhosa com que a chamavam os da família e os íntimos) que lhes fizesse um "Bumba Meu Boi". Otávia quem lhe fez o pedido em nome das companheiras. Não se fez de rogada. Escreveu a letra e música. E, esgravatando mais a memória, exclamou: Otávia foi a vaqueira e Leonor, a companheira"!

Desta brincadeira - letra e música sua - publicamos aqui os fragmentos - Um "Bumba meu Boi", de mulher, não raro ainda em nossos dias nos interiores maranhenses, assim como o fazem de criança!

O seu "Hino da Libertação dos Escravos" não foi composto para estar na "onda", mais uma explosão entusiástica do seu sentimento por ver seus outros irmãos livres do cativeiro.

Porém, para Maria Firmina dos Reis nunca houve abolição... Continuou sempre senhora e escrava das afeições dos humildes... E foi na casa de uma filha de escravo que terminou seus últimos dias de sua longa, sofrida e útil existência, na casa de Mariazinha, mãe de um dos seus filhos de criação.

o o o

A PRESENÇA DE MARIA FIRMINA NA VIDA DE GUIMARÃES - Feliz de quem, pelo menos, no quarteirão onde mora é conhecido e considerado ALGUÉM.

E, quando esse alguém é uma mulher que, como respaldo do seu nome, somente tem a sua riqueza moral e intelectual, torna-se maior a admiração, sabendo-se mais que não vivia numa "terra de cego, onde quem tem olho é rei"...

Reservada, mas acessível - admirada e querida - Maria Firmina dos Reis era Mestra Régia a Matriarca Espiritual do seu Povo.

"- Toda a passeata", informa D. Nhazinha, - "tinha parada obrigatória na porta de sua casa.

- Viva a Mestra Régia! Viva D. Maria Firmina!

E ela comovida, "continua D. Nhazinha Goulart", agradecia a homenagem com um discurso de improviso!"

As mães daqueles que lhe ovacionavam o nome, ou eles próprios que lhe dirigiam palavras de carinho ou de exaltação à sua pessoa, tinham sido seus alunos... Eram seus filhos espirituais!.

Nela os grandes e os pequenos se fraternizavam, nela se igualavam os ricos e os pobres, nela todos se libertavam dos preconceitos segregadores!...

Assim, através de um fluente cronista social vimaranense, vemo-la ainda, no começo deste século, prestigiando festividades com sua presença e com poesias compostas para o momento, as quais, enfeixadas com outras publicadas depois de 1874, editamos nesta obra com o título - "OUTROS ACORDES".

E, numa nota do Coletor Estadual, de Guimarães, atacado que fora na sua idoneidade moral, lá está presente, com todas as figuras representativas da terra, referendando a honorabilidade da vítima!

E atente-se: é a única mulher! E para que mais? - Não é Maria Firmina dos Reis?...

Esta nota observamos, que teve como objetivo a defesa de uma honra, fornecera valioso subsídio para a História Cultural do Maranhão, quando se referir ao Teatro, pois nos dá a informação (faz-nos pensar nos áureos tempos vimaranenses) de que houve em Guimarães vida teatral!... Aí está para provar o extinto TEATRO RECREIO DRAMÁTICO do qual um filho de criação de Maria Firmina dos Reis - Sr. Leude Guimarães - era um dos principais auxiliares.

o o o

Vamos noticiar algumas, ocorrências desta boa terra nos últimos dias, e o fazemos mui sucintamente, tão-somente das que julgamos mais dignas de menção.

Desde o mês passado que esta vila regurgita em festas. Casamentos, batizados, aniversários etc., etc.

Em suma tem sido um completo rega-bofe de divertimentos.

Entre os diversos casamentos celebradros, merece especial menção o do Ilmo.Sr. capitão José Maria Franco de Sá com a exma. sra. d. Ana Esmeralda Mondego de Sá, dileta filha do nosso amigo sr. major Domingos Lourenço da Silva Mondego, cujo ato teve lugar no dia 21 do corrente, às 5 horas da tarde, perante luzido auditório em uma das chácaras do mesmo major, sita na rua Dias Vieira desta vila.

Dos casamentos celebrados a que temos assistido foi o mais concorrido, podendo sem exageração afirmar haverem comparecido cerca de 400 pessoas de dentro da vila, afora as que do interior vieram para o mesmo fim.

O ato foi presidido pelo d. Juiz de Direito da Comarca, Joaquim José Rebelo, servindo de paraninfos por parte da noiva a exma. sra. d. Inês Estre-

Agradecimentos

lina Cordeiro e o cidadão Daniel Vitor Coutinho, e por parte do noivo, o negociante tenente-coronel Florencio José dos Santos e o tenente Jerônimo Gomes do Rego.

Terminado o ato, foi servido um opíparo copo dágua, durante o qual muitos brindes análogos foram levantados, salientando-se entre eles os seguintes: do dr. Juiz de Direito da Comarca, dos advogados Felinto Elísio dos Reis e Daniel Vitor Coutinho; do major Antonio Brício de A. Junior e coronel Joaquim Manuel de Azevedo; tenente-coronel Joaquim Raimundo de Araújo e Honorato Pereira Marques Café.

Pelo advogado Daniel Vitor Coutinho foi entusiasticamente recitado uma bela poesia, produção da distinta poetisa, a exma. sra. d. Maria Firmina dos Reis que, por incômodos de saúde, não póde por si mesmo recitá-la, oferecida à noiva.

Na ocasião dessas tocantes manifestações, aliás justíssimas, vimos por mais de uma vez deslizarem-se dos olhos dos pais da noiva lágrimas sentidíssimas: foi na realidade um quadro comovedor!

Depois de encerrado o banquete pelo respectivo brinde de honra cujo desempenho, mui acertadamente, coube ao simpático e inteligente major Antônio Brício de Araújo Junior, o qual se houve na altura de sua bonita inteligência, dissertando sobre os deveres matrimoniais e as raras qualidades do noivo, seguiu-se uma soirée dançante, que terminou às 3 horas da madrugada, quando se retiraram todos os convidados na melhor ordem possível e penhoradíssimos das maneiras lhanas e afáveis porque foram tratados pelo major Mondego, o qual na realidade é um cavalheiro distinto, primando pelo seu fino trato e esmerada educação.

No dia seguinte houve ainda na residência do dito major Mondego um suntuoso jantar que primava pelas diversas viandas e aves, jantar para o qual foram feitos convites especiais.

Durante a refeição trocaram-se diferentes brindes e foi recitada ainda uma belíssima poesia pelo advogado Coutinho, da lavra da poetisa d. Maria Firmina - intitulada - "Um brinde à noiva", - poesia que com a de que já falamos acompanha a esta descrição para serem publicadas. Foi também de improviso recitada outra poesia intitulada - Os Laços do Himeneu - pelo não menos distinto e inteligente tenente-coronel Antonio Praxedes Cordeiro.

Usando em seguida da palavra, o advogado Coutinho proferiu conciso, mas eloqüente discurso, que causou boa impressão ao auditório.

O prédio achava-se verdadeiramente decorado. As luzes, as flores, e os diversos ornatos que lhe davam tão belo aspecto, aliavam-se aos brilhos dos olhares, aos risos francos e sonoros, às conversações interessantes entremeadas de auspiciosos vaticínios.

Tudo, enfim, ali, só indicava sinais evidentes de alegria.

Em todas as fisionomias transbordavam o contentamento e prazer.

Dos objetos que ornavam a mesa, flutuavam bandeirinhas, dos quais ex-

traimos as seguintes quadrinhas:

"Dum feliz consórcio
Com doce alegria,
Louvamos, cantamos
O poético dia.

O véu flutuante
Que exprime o pudor,
Foi todo tecido
Com fios de amor.

Não vês essas flores
Que ornam a donzela?
São flores simbólicas,
Mas ela é mais bela.

Após o banquete seguiram-se algumas diversões de salão, próprias da ocasião as quais durante até às 10 horas da manhã, hora em que terminaram os festejos e todos se retiraram cheios do mais vivo reconhecimento pelo fidalgo tratamento recebido do major Mondego e sua exma. família, que foram incansáveis na maneira de obsequiar os convidados.

Por nossa vez desejamos que a união da dileta filha daquele nosso amigo se torne para ela uma fonte perene de tudo aquilo que constitui a felicidade neste mundo.

Guimarães, 25 de julho de 1900
Um amigo.

"Pacotilha," 4 de agosto de 1900

o o o

"Aos trinta dias do mês de abril de mil novecentos e três à uma hora da tarde nesta vila de Guimarães na casa onde funciona a Escola Sotero, regida pelo cidadão Policarpo Teixeira, aí compareceram os Srs. Tenente-Coronel Joaquim Raimundo de Araújo, 1º suplente do juiz de direito, em exercício pleno e presidente da comissão escolar, o cidadão Felinto Elísio dos Reis, um dos examinadores; tendo falta por motivo de moléstia a professora e professor públicos e o cidadão Florencio José dos Santos também nomeados examinadores; foram convidados para substituí-los o Tenente Francisco de Assis Lopes Junior, 2º Suplente do juiz de direito, o cidadão Augusto Gentil de Araújo, professor público da povoação Genipaúba e o cidadão Gerson Vitor Coutinho. Assim constituída a mesa examinadora, mandou o Presidente que se fizesse a chamada dos alunos a qual responderam 37,

Agradecimentos

que foram divididos por classes.

Isto feito deu-se principio aos exames, e sendo cada um de per si arguido em matérias de curso elementar, e conforme as classes, principiando-se pela primeira, a mesa examinadora deu o seu voto em virtude do qual proclamou o Presidente o seguinte resultado: 1º classe, aprovados plenamente: Adelson Goulart, Artur Amaral, Eusébio Cavaignac, Alcides Coutinho, Ormindo Fonseca e Orcenil Coutinho; 2º classe, aprovado plenamente Antonio José Cordeiro e aprovados Manoel Souto, Alexandrino Cardoso, José Cordeiro, Benedito das Dores, Hugo Guimaraes; 3º classe aprovados José Vieira, José Souto, Antonio Maia e Raimundo Pimenta; 4º classe aprovados plenamente, Agostinho Coelho, Higino Mendes e aprovado Isaac Martins; 5º classe, aprovados João Raimundo, Zózimo Santos, José Fonseca, Deolindo Almeida, Eurico Azevedo e Adolfo Bastos e os demais aprovados - em seguida subiram à tribuna as meninas Gigi Teixeira e Zeca Soares que recitaram orações análogas. Pela senhorita Anicota Matos foi recitada uma linda poesia da Exma: Sra. D. Maria Firmina dos Reis oferecida ao sr. professor Policarpo Teixeira. Ocuparam também a tribuna os alunos, Orcenil Coutinho, Ormindo Fonseca, Antonio Cordeiro, Artur Amaral, Adelson Goulart, José Cordeiro e Alcides Coutinho que recitaram com garbo e desembaraço lindas e adequadas orações, findas as quais, sob proposta do Presidente da mesa, deliberou este que ficasse consignado nesta ata um voto de louvor ao professor e diretor desta aula pelo zelo e dedicação com que tem sabido mantê-la, como prova o adiantamento de seus alunos. Sendo já 5 horas da tarde e nada mais havendo a tratar-se deu o sr. Presidente por terminados os exames do que para constar eu, Eusébio de Andrade Sá Cavaignac, um dos alunos designado para servir de secretário lavrei esta ata que vai por todos assinada. (Asssinados) Joaquim Raimundo de Araújo, Felinto Elísio dos Reis, Francisco de Assis Lopes Junior, Augusto Gentil de Araújo, Gerson Vitor Coutinho, Policarpo Lopes Teixeira, Eusébio de Andrade Sá Cavaignac".

"O FEDERALISTA", 20 de maio de 1903

o o o

Embora contra minha vontade não posso deixar de vir trazer ao conhecimento do povo de Guimarães especialmente e ao público em geral a justificação por mim apresentada ao Ilmo. sr. Raimundo E. de Souza Martins, digno Inspetor do Tesouro do Estado, a propósito de denúncias anônimas contra mim a ele dirigidas e ao Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, denúncias essas que me puseram caluniosamente como péssimo empregado do Tesouro na Coletoria deste município, de maus procedimentos, imoral, ladrão, etc.

Autorizado pelo sr. Souza Martins a publicar cópia autêntica dos docu-

mentos que apresentei, era esse o meu intuito, mas como o preço pedido para essa publicação é demasiado para os meus recursos, resolvi trazer à publicidade o resumo dessa minha defesa, depois de apreciada pelo sr. Inspetor e julgada a meu favor.

Em resposta às cartas e ofícios que dirigi fazendo perguntas sobre meu procedimento, como coletor, e como particular quer social quer moralmente, fizeram-me honrosos elogios os negociantes Felipe Martins, Joaquim Gonçalves Fontes, Inácio José Cantanhede, Sabino Antonio Gomes, Jorge Elias de Assis, Antônio Praxedes Cordeiro e Manoel Joaquim Pimenta, e os srs. Daniel Vitor Coutinho, advogado e chefe do Partido oposicionista, Joaquim Raimundo de Araújo, Juiz de Direito interino da comarca, Joaquim Sá Cavaignac, escrivão e tabelião interino, Emílio Habib, Agente do Correio e Coletor Federal, Raimundo Vasconcelos, delegado de polícia, dr. Maximiano de Vasconcelos Júnior, promotor público, Benedito Eduardo Cardoso, professor público, Sebastião Talhamangas, escrivão da Coletoria Estadual, Manoel Joaquim Pimenta, ajudante do Procurador da República, Felinto Elísio dos Reis, Intendente Municipal, João de Andrade Cavaignac, Escrivão e Tabelião (em gozo de licença), D. Maria Firmina dos Reis, professora estadual, José Barbosa Lopes, lavrador, Manoel Inácio Vieira, suplente do Juiz Federal, Antonio Bricio de Araújo, deputado estadual, Alferes João Pereira Coqueiro, ex-delegado de polícia, Gerson Vitor Coutinho, advogado, Manoel T. de Sá Nunes, Antonio Praxedes Cordeiro, Florencio José dos Santos e Emílio Habib, como diretores do extinto teatro "Recreio Dramático" desta vila, e Leude Guimarães, um dos principais auxiliares do mesmo teatro.

Deixaram de responder os negociantes Antônio Rodrigues de Azevedo e Teófilo de Lira Baima, por motivos que ignoro, e o sr. Genésio Cardoso, um dos principais auxiliares do teatro acima referido, que não se achava nesta vila por ocasião da remessa dos documentos para a Capital.

Sobre as intrigas mesquinhas e denúncias caluniosas dadas contra mim, abstenho-me de comentários, e, apelando para a consciência de cada um, desafio que venham não com cartas de anonimato covarde, mas às claras, provar o contrário do que demonstrei ao chefe da Repartição do Tesouro.

Guimarães, 4 de outubro de 1906

"Diário do Maranhão, 18 de outubro de 1906

ROMANCE - Gênero Literário Pernicioso

Na apresentação desta pesquisa, falamos sobre a coragem da Maria Firmina dos Reis em publicar um romance por ser considerado gênero pernicioso. E isto sempre haverá todas as vezes que uma obra fizer o leitor pensar numa outra realidade melhor da que ele vive...

E na verdade... na verdade... "Pois o mesmo livro", observa Kenneth Burke, "que pode servir ao leitor como evasão, enquanto ele o está lendo,

fará possivelmente com que a realidade se torne ainda mais desinteressante, quando não o está lendo (a Psicanálise nos levou a esquecer, como há uns poucos anos atrás, a literatura "escapista" de romance de amor era condenada pelos educadores, não porque capacitasse aos leitores "aceitarem" o mundo tal como era, mas porque, pelo contraste, tornava os fatos da vida diária assaz inaceitáveis". (Teoria da Forma Literária).

O documento que se segue confirmará o que escrevemos na apresentação de nossa obra:

A LEITURA DOS ROMANCES

A. P. DA SILVA MIRANDA

"A VERDADEIRA MARMOTA"

Uma idéia assaz singular pouco e pouco se tem radicado em certos espíritos, que, como se fora uma máxima inconcussa e invariável, sobre eles tem ganhado um predomínio tal, que os faz plenamente cegos para o - "verdadeiro ou sequer razoável;" é uma espécie de prevenção a respeito de tudo quanto apresenta a forma de romance ou novela, ou antes é mais que uma prevenção, é uma guerra sem princípios antecipadamente feita, um anátema fulminante lançado sem causa verificada; seja porém o que for, cumpre soltar um brado, ainda que submisso e fraco, a prol desse magnífico ramo de literatura que tem criado a glória de tantos gênios fecundos.

Quando o espírito, perguntamos nós, no meio de inocentes diversões e prazeres lança mão do pincel e desenha, com cores as mais salientes cheias de vida e de sentimento, as idealidades que lhe circulam na imaginação, a quem servem de substância, quando o espírito agitado pelos movimentos políticos e sociais, ele os retrata, como Ticiano ou Salvator Rosa, com resplandescentes toques de verdade, não terá assim dado um agigantado passo de adiantamento na carreira das letras?

Não terá assim hasteado o glorioso estandarte de uma nova era?

Quando Walter Scott com a sua imortal palheta debuxa em caracteres de fogo o amplíssimo painel das humanas paixões, quando Alexandre Herculano, o Briareu do entendimento, escreve com cem penas ao mesmo tempo, representando com vivificantes traços todas as feições do nosso coração, quando em uma palavra, unindo o útil com o agradável se propõe a dar o mais fiel transunto desse ente incompreensível e nunca assaz descrito, que se chama - homem - não se há prestado assim um valioso serviço à humanidade? Ninguém por certo dirá que não.

É inegável que a novela, gerada por assim dizer no remanso dos escri-

tores imaginosos do século anterior à reconstrução política e social, começada no meio das agitações do parlamento francês, é uma linguagem animada e pitoresca, que traslada os afetos do homem em todas as suas variedades e modificações, dando-nos assim um quadro multicor, onde o homem manifesta a si mesmo figurado de modo o mais cabal e proveitoso.

E na verdade é este o mais ponderoso motivo, que leva os homens cordatos e de inteligência ilustrada, a oporem-se a esse ruim juízo que alguns espíritos apoucados e de apreciação superficial têm propagado contra o "verdadeiro romance", um dos mais belos ramos da literatura.

Não se diga que se deve proscrever o romance, em consequência de poder ele extraviar a razão, por representar as feições muito ao vivo, movendo a sensibilidade unicamente, sem esclarecer o entendimento; e este por certo o principal e único motivo em que se baseiam os anti-romancistas para aconselharem e proclamarem o extermínio do romance, motivo esse que parece tirar a sua pretendida força do fato de que as paixões, quando veementemente obscurecem o espírito e transviam a razão.

Para nós, porém, que encaramos as cousas pelo seu lado melhor e menos corruptível esse motivo ou argumento não me parece de tanto peso e valia, pois não obstante reconhecermos que as paixões a cada passo podem corromper o coração, elas são para o coração humano um alimento quase necessário; demais que afetos tão fortes e violentos poderão despertar na alma a leitura de um romance, e que bastam para levar o homem ao desespêro, à descrença, ao ceticismo mesmo?

Suponhamos que um mancebo inexperiente e na efusão dos sentimentos leia uma página de Victor Hugo, dessas em que a imaginação criadora eleva-se... eleva-se... até transpor-se inteiramente às vistas mortais, dessas páginas em que o coração é representado com as cores as mais sublimes, suponhamos que nessa ocasião ele sente-se acabrunhado sob o peso de uma impressão grandemente pungente e dolorosa, que lhe borbulham lágrimas nos olhos, e que um mau pensamento lhe paira na mente, segui-o no seu devaneio que em pouco o vereis descido das alturas ideais, a que se havia elevado, frio nos afetos que o haviam arroubado, e abatido ao mundo das realidades.

Assim é que a tristeza, e a alegria, a dor e o prazer, a mágoa e o júbilo, que excitam o romance no íntimo da alma, são e hão de ser sempre momentâneos, assemelham-se a um véu, que se distende por sobre a alma, e que se esvai apenas terminada a leitura.

Se aqueles que só encontram gozo nessa vida prosaica, dando um passo fora do seu círculo de positivismo, folheassem o livro de sua existência, haviam deparar com um página, que lhes mostrassem o quanto seu coração se fertilizou com a leitura dos romances, e então talvez que agras saudades lhes haviam pungir a alma.

15 de abril de 1861

Agradecimentos

PRIMEIRA POETISA MARANHENSE

Às vezes o desnecessário torna-se necessário... Por isto "avisamos aos navegantes" que ao classificar Maria Firmina dos Reis como a 1º (primeira) poetisa maranhense, queremos dizer, não como a primeira a fazer versos em nossa terra, mas a primeira como literata, compreendendo-se, assim, participante da vida literária, publicando suas produções em jornais e revistas ou editando livro - o que não vimos, nem os que lhe saudaram o aparecimento dão notícias ou, pelo menos fazem alusões. Ao contrário, ela era e é, o modelo que todas devem seguir.

O nome de D. Jesuina Serra no "Parnaso Maranhense", de quem Safir, o severo crítico dos poetas da coletânea, diz:

> "O trabalho da primeira é muito ligeiro, um soneto apenas, porém escrito com elegância, bem rimado, bem medido, e o que é mais sem o defeito que escapa aos poucos entendedores da matéria, que é a terminação dos versos em sílabas longas, que o tornam mais eufônicos, e lhes dá o maior cunho de perfeição."
>
> não inválida a nossa afirmação, ao contrário, confirma.

Talentos, havia-os, mas o meio inibia-os. Assim, as mulheres não passavam, no muito de "senhoras prendadas dos salões"

De D. Jesuina Serra, no entanto, não temos outra notícia literária, além desta "parnasiana"...

Não precisaríamos, no entanto, ir ao Parnaso "ver correr a linfa da Castália", para ilustrar a nossa assertiva. No próprio álbum de nossa Maria Firmina, aparece uma poetisa, amiga sua, oferecendo-lhe uma poesia em duas quadras.

Ao contrário do Rio Grande do Sul, o Viveiro das Poetisas Brasileiras, no século passado, conforme se verifica em Sacramento Blake, no Maranhão, apenas em 1860, surge dos seus anais literários a sua primeira poetisa.

Só nas letras isto acontecia? Nas artes também...

José Jansen-notável pesquisador das coisas maranhenses - em "Teatro no Maranhão" refere-se à Estefânia de Freitas que o famoso pianista português Artur Napoleão (o qual "ainda criança e já famoso concertista, fora beijado pela soberana da França e pela marquesa de Abrantes, encantadas com seu virtuosismo") considerou "a maior pianista do Brasil, senão da América" no momento em que lhe oferecia a "a rica e linda coroa" que ele acabara de receber como homenagem dos artistas maranhenses.

E essa réplica feminina de Gomes de Sousa?

"Uma Talentosa Maranhense - Diz a "Imprensa" que, por carta recebida de Lisboa, soube que uma jovem maranhense, filha do Sr. Dr. Pedro Nunes Leal, requereu por intermédio de nosso ministro junto ao Governo Português, fazer os exames de três anos do curso do Real Conservatório, de Lisboa, o que lhe foi concedido, ainda que nunca tivesse ela frequentado as

aulas do Conservatório e fosse discípula do primeiro professor Manuel Inocêncio Santos.

Perante numeroso concurso de pessoas gradas e ávidas por verem quem era a jovem que tão arrojadamente se apresentara, fez ela uma brilhante figura, obtendo em todos os exames distinção honrosa.

El Rei D. Fernando ofereceu um presente à examinada. Chama-se ela Zenóbia Cezaltina de Carvalho Leal, e conta 20 anos de idade".

(Diário do Maranhão - 21-1-1876)

Qual teria sido o destino de Estefânia de Freitas, - uma realidade (segundo Ribeiro do Amaral) diplomada pelo Conservatório de Paris? De Zenóbia Leal - uma esperança que surpreendeu Lisboa com um distinto e honroso "exame vago" de música? « Sem dúvida

- O destino [redacted] de todas as suas comprovincianas (com exceção de Maria Firmina dos Reis) esposa e mãe e mestra!...

CANTOS À BEIRA-MAR:

Os informantes de Sacramento Blake não forneceram as datas de publicação dos livros de Maria Firmina dos Reis.

A ordem de colocação na relação que lhe forneceram fez-nos supor por algum tempo, embora apenas por uma sugestão plausível, que fosse a primeira, estréia literária, ainda muito nova, e que, por qualquer motivo, os que escreviam agora em 1860, não conheciam ou não mais se lembravam do livro, embora suspeitasse eu que fosse com Úrsula que inaugurasse sua vida intelectual, por causa das apreciações a seu respeito. Estava enfim entre o ser e não ser...

Já duvidávamos até mesmo com os nossos botões da exatidão da informação, quando recebemos a seguinte notícia:

> RECREAÇÃO LITERÁRIA - Ofertaram a esta sociedade mais as seguintes obras:
> O Sócio Honorário Dr. João Clímaco Lobato
> - 1 volume - "O Diabo" (drama) - Dr. João C. Lobato
> - 1 volume - "Cantos à Beira-mar" - D. Maria F. dos Reis
> (Diário do Maranhão - 26 - 6 - 1876)

Exata, portanto, a informação!...

E, agora... quando, José?

...E organizávamos as três páginas literárias com que a Imprensa Maranhense homenageou, pelo transcurso do primeiro dez anos do segundo centenário de morte, o Sumo Pontífice da Poesia Brasileira, quando nos veio a lembrança ao manusear o Plutarco Maranhense: "Será que Maria Firmina dos Reis não lhe teria composto uma nênia em homenagem? "Ávido fo-

Agradecimentos

lheamos o livro... E qual a nossa surpresa!... E não é que encontramos na poliantéia de poesias pranteando a sua morte a seguinte indicação:

"NÊNIA À MEMÓRIA DO MAVIOSO E INFELIZ POETA DR. A. G. DIAS por MARIA FIRMINA DOS REIS. Vem na pag. 197 de seus CANTOS À BEIRA-MAR."

(Henriques Leal - Pantheon Maranhense)

Que revelação! Duas vezes surpreendente!
Mas, finalmente, quando?
Dolorosa interrogação!

O "Publicador Maranhense" não havíamos, até então, consulltado sistematicamente... Invertemos a ordem ,cronológica da pesquisa. Agora, de 1874 - data da publicação de 3 vol. do Pantheon para marcar o 10º aniversário da morte de Gonçalves Dias - a 1866 (desnecessários dizer que já recorêramos os anos de 1864 e 1865), aventurando ganhar um tempinho... E qual não e nossa surpresa ao abrir a coleção de 1871?

CANTOS À BEIRA-MAR - É este o formoso título debaixo do qual vão ser impressas as poesias da talentosa maranhesnse, D. Maria Firmina dos Reis, digna professora pública do ensino primário da freguesia de Guimaráes. São bem conhecidos muitos dos seus mimosos versos; e por eles, sem dúvida, o público acolherá muito agradavelmente a coleção que se lhe promete. Se são dignos de admiração os frutos da inteligência e da aplicação, quando é um homem que com eles vêm enriquecer as letras pátrias, mas o é sem dúvida, se partem do talento de uma senhora. Nem só mais raros são os triunfos que neste gênero conquista em nosso país o belo sexo, como também importam eles mais vigor de talento e sentimento, e maior esforço para vencer os obstáculos que ainda dificultam entre nós ao sexo feminino uma instrução mais sólida e desenvolvida.

("Publicador Maranhense" 2 de janeiro de 1871, nº 1 - ano XXX) Mobilizamos nossa "Equipe da Boa Vontade", do Rio, para ver se captava as vozes dos seus cantos à beira mar na Guanabara. Guimaráes Martins aventurou até ouvi-los pela foz de Tejo, Antonio de Oliveira vestiu-se de escafrando e andou mergulhando nos mares de livros de bibliotecas do Rio de Janeiro. Clóvis Ramos ao tentar captar o canto da nênia, pelo menos, no 7º vol. (inédito) das "Obras Pósthumas" de G. Dias, editadas por Henriques Leal, descobre-nos um bisneto de Alexandre Teófilo Leal, e, amargurado, lastima: "Não sei como essa família deixou de ser maranhense!! Todos são filhos de outros Estados!" Tudo, enfim, aconteceu nessa odisséia à beira mar... Só não se ouviu, pelo menos, um canto de Maria Firmina dos Reis. E ficamos com nossas "Tristezas à Beira-Mar", como Pinheiro Chagas", a "ver navios"... Quem sabe os seus cantos não foram levados para sempre, é uma

pergunta dolorosa, pelas vagas dos tempos? Ou quem sabe navegam no mar morto de alguma biblioteca?... É uma esperança!... Salvo se uma onda de poeira nos tivesse empanado a visão e a revisão durante as buscas e salvamento (o que é normal acontecer) da data da publicação, o certo, até o momento, é que só veio à luz no período - de 1871 a 1874.

O - 5º - ROMANCISTA DA LITERATURA BRASILEIRA a publicar um romance em LIVRO.

(ordem regressiva)

5º - MARIA FIRMINA DOS REIS	- maranhense
4º - José de Alencar	- cearense
3º - Clímaco Lobato	- maranhense
2º - Manuel de Macedo	- fluminense
1º - Teixeira e Sousa	- fluminense

ÚRUSULA - o 17º romance publicado em LIVRO (volume) da LITERATURA BRASILEIRA

(ordem regressiva)

17º - ÚRSULA	- 1859(1860)	- MARIA FIRMINA DOS REIS
16º - Maria	- 1859	- Teixeira e Sousa
15º - O Guarani	- 1857	- José de Alencar
14º - O Diabo	- 1856	- Clímaco Lobato
13º - As Fatalidades de Dois Jovens	- 1856	- Teixeira e Sousa
12º - A Carteira do Meu Tio	- 1855	- Manuel de Macedo
11º - O Forasteiro	- 1855	- Manuel de Macedo
10º - A Providência	- 1854	- Teixeira e Sousa
9º - A Vicentina	- 1853	- Manuel de Macedo
8º - A Cigana Brasileira	- 1853	- Clímaco Lobato
7º - Rosa	- 1849	- Manuel de Macedo
6º - Gonzaga	- 1848/51	- Teixeira e Sousa
5º - Os Dois Amores	- 1848	- Manuel de Macedo
4º - Tardes de um Pintor	- 1847	- Teixeira e Sousa
3º - O Moço Louro	- 1845	- Manuel de Macedo
2º - A Moreninha	- 1844	- Manuel de Macedo

Agradecimentos

1º - O Filho do Pescador - 1843 - Teixeira e Sousa

Estes dois quadros demonstrativos - romancistas e romances - cobrindo um período de dezesseis anos, baseado na pesquisa a que procedemos no Cartório "Sacramento Blake", dão-nos uma visão de conjunto do movimento editorial da novelística brasileira (em livro) com a inclusão de dois romancistas e três romances maranhenses esquecidos.

De Clímaco Lobato recolhemos no jornal "O Constitucional" o segundo romance, e contos originais e traduzidos, também, não registrados na sua bibliografia.

A ordem dos romances editados no mesmo ano é arbitrária, pois não temos dados. Assim, tanto pode a "Vicentina" ser o 9º(nono) como pode ser o 8º(oitavo).

UMA DAS DEZ PRIMEIRAS POETISAS DA LITERATURA BRASILEIRA
a publicar LIVRO (volume) de POESIAS.

(ordem regressiva)

10º -	MARIA FIRMINA DOS REIS	- maranhense
9º -	Amália dos Passos Figueirôa	- gaúcha
8º -	Narcisa Amália de Campos	- carioca
7º -	Joana Tiburtina da Silva Lins	- pernambucana
6º -	Júlia Maia Costa	- paranaense
5º -	Adélia Josefina de Castro Fonseca	- baiana
4º -	Beatriz Francisca de Assis Brandão	- mineira
3º -	Nísia Floresta	- rio-grandense-do-norte
2º -	Ildefonsa Laura César	- baiana
1º -	Delfina Benigna da Cunha	- gaúcha

CANTOS À BEIRA-MAR UM DOS 13 PRIMEIROS LIVROS DE POESIA
DE POETISAS DA LITERATURA BRASILEIRA.

(ordem regressiva)

11º	? - CANTOS À BEIRA-MAR	- 1871	- MARIA FIRMINA DOS REIS
	? - Crepúsculos	- 1872	- Amália dos Passos Figueirôa
	? - Nebulosas	- 1872	- Narcisa Amália de Campos
10º	- Meus Sonhos	- 1870	- Joana Tiburtina da Silva
9º	- Flores Dispersas (2 vols)	- 1867/8	- Júlia Maia Costa
8º	- Ecos de Minha Alma	- 1865	- Adélia Josefina de C. Fonseca
7º	- Cantos da Mocidade	- 1856	- Beatriz Fca. de A. Brandão
6º	- Lições a Meus Filhos	- 1854	- Ildefonsa Laura César

5º - Lágrimas de um Caeté	- 1849	- Tellezilla (Nísia Floresta)
4º - Ensaios Poéticos	- 1844	- Ildefonsa Laura César
3º - Coleção (de várias poesias)	- 1846	- Delfina Benigna da Cunha
2º - Poesias	- 1838	- Delfina Benigna da Cunha
1º - Poesias	- 1834	- Delfina Benigna da Cunha

Obs: 1) Não conseguimos colher o ano da publicação de "Cantos à Beira-mar", apenas notícias de que iria ser publicado (1871) e uma informação do "Pantheon Maranhense" (1874) de que fora editado é uma confirmação

2) Sacramento Blake, em quem nos baseamos para organizar estes dois quadros - poetisas e livros de poesias - cobrindo 40 (quarenta) anos, regista o livro de Tellezilla (Nísia Floresta) como de 1849, enquanto Afrânio Peixoto (Panorama da Literatura Brasileira), regista 1847, e grafa - Tellezillo.

CRÔNICA OU PROSA POEMÁTICA OU POEMA EM PROSA?

Por considerar "Prosa Poemática ou Poema em Prosa" que ordenei as duas composições logo em seguida às poesias, embora na síntese esquematizada da conclusão da pesquisa indicasse: "crônica".

Já, em 1853, encontramos nesse "Álbum" essa poesia sem metro e sem rima ou essa prosa em versos diferentes, ou, então, prosa poemática ou poema em prosa. No mínimo, estará situada naquela zona de expressão híbrida a que se referiu, a propósito de outro caso, o crítico Sérgio Milliet, citando Cazamian", como analisa o notável poeta Cassiano Ricardo (H.L.B. - Afrânio Coutinho) ao estudar "Meditação", de Gonçalves Dias, que, em 1846, é página da Revista "Guanabara"

Do Poeta de "Meditação" recebeu, sem dúvida, Maria Firmina dos Reis a influência. Tem ela mesma embora isso nada signifique, um poema em prosa com o título - "Meditação". Mas, pelo que chegou até nós, de épocas diferentes, somente no "novo estilo" de versejar ou prosar recebeu essa benéfica influência: melodias espiraladas de incenso de turíbulos, ou luz votiva de um túmulo...

"De qualquer modo", escreve Cassiano Ricardo, a "Meditação" pode ser considerada como um primeiro passo para o poema sem metro", e o poema, em verso livre, que Drumond extraiu (ou desentranhou, como preferirá dizer Manuel Bandeira) da dedicatória dos "Últimos Cantos" não será bastante revelador, pergunta C. Ricardo, em tal sentido?

Agradecimentos

Neste sentido, depois de Gonçalves Dias, não sabemos qual foi o número da ordem do passo que deu Maria Firmina dos Reis. Só sabemos que deu um passso.

Traços físicos de MFR

TRAÇOS FÍSICOS - Nenhum retrato deixou Maria Firmina dos Reis. Mas estão acordes os traços desse retrato-falado dos que a conheceram ao andar pelas casas dos 85 (oitenta e cinco) anos:

Rosto arredondado, cabelo, crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros; nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos; meã (1,58, pouco mais ou menos), morena.

O busto

O BUSTO - Ao Flory Gama - notável escultor brasileiro - que se reencontra depois de muitos anos - artística e sentimentalmente - com a terra berço na memória rediviva de Maria Firmina dos Reis - a Comissão deu-lhe a liberdade de concepção da figura da homenageada.

É uma imagem viva por ser espiritual, superior, portanto a uma realização de feixe de traços mortos.

traços de caráter, de moral

TRAÇOS MORAIS - A sua presença, na literatura, na arte e no magistério e as revelações de seu álbum fornecem-nos as linhas de sua fisionomia moral.

Se não são bastantes para um retrato, são-no para um debuxo, ou como diriam os romanos: "pauca sed bona".

No entanto, queremos avivar um traço do seu caráter, que lhe evidencia também o sentimento e sua filosofia - liberdade, fraternidade e igualdade - e que nos recorda o "episódio do palanquim".

Então, leiamos esta quadrinha, que nos recitou D. Nhazinha Goulart:

"São duas flores formosas
As filhas de Guilhermina:
- Uma é mesmo uma rosa,
E a outra uma bonina!"

amizade com as escravas

Releiam, agora, no "Álbum", um de seus registros fúnebres - "Saudade" - que arremata com uma quadrinha.

Sabem quem era essa Guilhermina - sua amiga?

Uma escrava!

Não sua escrava, mas da velha Henriqueta, sua tia materna.

- Escravos, também seus alguns nomes anotados na páginas intimas do seu diário: Otávia (filha de Guilhermina) Mariazinha, Leonor, Manfredo, Doroteu e Miguel, segundo nos esclareceu D. Nhazinha Goulart.

objetivo deste livro

Embora nossa obra seja uma escavação no tempo à busca de material para o futuro estudo de nossa evolução cultural, às vezes, transgredimos a lei, seduzido pela curiosidade que nos obriga ainda a registrar alguma ob-

servação oportuna, ou que pareça.

Assim, agora, sobre a Instrução Pública no Maranhão - antes de 1825 e depois de 1825 - uma visão sintética, extraída da obra do Pai da Pesquisa Histórica no Maranhão, representada por documentos e quadros demonstrativos, para não recorrermos a relatórios governamentais do nosso conhecimento, os quais serão um dia livros, conforme esperamos.

Comecemos, no entanto, pelo Mestre da Crítica Histórica:

"Ofício de 14 de agosto de 1795 do governador e capitão-general do Maranhão D. Fernando Antônio de Noronha, dirigido ao governo da metrópole. Informando contra o pagamento que de seus ordenados requeria o professor de filosofia, entre outras razões, pondera não ser conveniente haja mais que a cadeira de gramática latina, e a de ler e escrever, porque o abuso dos estudos superiores só serve para nutrir o orgulho próprio dos habitantes do meio-dia e destruir os laços da subordinação política e civil que devem ligar os habitantes das colônias à metrópole. "(João Lisboa: Jornal de Timon)

Comentemos agora com as palavras de um "Testemunha Ocular da História", biografando o notável Sotero dos Reis, parente de Maria Firmina dos Reis:

"A instrução pública não está ainda em nosso país assentada em largas e bem desenvolvidas bases, como era desejar, e o estão a exigir a civilização e as necessidades da nossa época, de modo que aquele que se entrega às letras ou às ciências, se não puder sair do império tem de vencer sérios e não raro insuperáveis tropeços.

Vede-me agora o que poderia conseguir quem tivesse sede de saber no Brasil, ainda colônia de Portugal, e no começo deste século! A metrópole, como é sabido, no empenho de a trazer subjugada a seu domínio, tratou sempre de condensar as trevas que a envolviam a América Portuguesa. Para que não conhecesse suas forças e assim pudesse quebrar as ferropeas que a manietavam, não só lhe interceptava a luz intelectual, como aniquilava as aspirações dos colonos, desvanecendo-lhe as esperanças de seguirem suas naturais e legítimas inclinações.....Entrou Francisco Sotero dos Reis tenra idade para uma dessas escolas de instrução primária, tão rudimentares e mal favorecidas de disciplinas regulares, que eram-nos dispensadas pela munificência real. "(Henriques Leal: Pantheon Maranhense - 1873).

Enfim, César Marques, no "Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão" (1970):

"A Comissão Particular de Administração e Interesse Público" em 13 julho de 1822 disse o seguinte à Junta Administrativa:

O edifício que atualmente serve de Hospital Militar é um daqueles confiscados aos ex-jesuítas, e se acha destinado há muitos anos por El-Rei

Agradecimentos

para um colégio, em que eduque a mocidade da Província.

Se até o presente não tem tido aquele destino, tem isto nascido do desleixo em que tem estado até agora a Instrução Pública no Brasil. Tem esta Província muito suficientes rendas para acudir às suas despesas, e conta no número daquelas da primeira e mais urgente necessidade o estabelecimento e criação de um colégio de educação".

E observa César Marques:

"Nesse ano existiam na capital, da Província uma cadeira de primeiras letras, duas de Latim, uma de Lógica, e um colégio particular chamado "Silveira", o qual bem pouco tempo durou porque pela Lei provincial nº 47 de 4 de agosto de 1837 se promoveu o estabelecimento de outro com o socorro do Tesouro Provincial."

Em 19 de junho de 1829 a Câmara pediu ao presidente que representasse a Assembléia Legislativa a necessidade da criação de uma cadeira para o ensino da língua pátria, e outra da língua inglesa atenta a grande extensão de nosso comércio com aquela nação, acrescentando que se não pedia uma língua francesa é porque já tinha sido indicada ao Conselho de Província pelo Conselheiro Franco de Sá" Só em 1839 foi executada a Lei Provincial, nº 77 de 24 de 1838, que criou um "Liceu", do qual foi seu primeiro diretor Francisco Sotero dos Reis.

Conforme ainda César Marques, não foi esse colégio o primeiro aqui estabelecido (e também Henriques Leal, que o localiza: Quinta das "Laranjeiras", ou, em nossos dias: "Colégio Marista"), mas o fundado e dirigido por Tiago Carlos da Roca (Henriques Leal assim escreve: Tiago Carlos de la Rocca, italiano de nação) "para a educação da mocidade onde não havia outro." 1870!

"Atualmente , demonstra estatisticamente César Marques", a Instrução Pública é assim distribuída:

Ensino Público Primário (em toda a Província)
Sexo masculino, escolas..... 65
Sexo feminino 44 109

" Ensino Secundário

Liceu, com 10 cadeiras - Latim, Francês, Inglês, Geografia, Gramática, Filosofia, Retórica, Filosofia Racional e Moral, Matemática Elementares, Comércio, e História Universal.

Na Casa dos Educandos, 3 cadeiras - Desenho, Geometrica e Mecânica.

Em Alcântara - 1 de Latim; em Caxias - 1 de Francês.

Ensino Particular Primário
(só na capital)

Sexo masculino. escolas	10	
Sexo feminino. escolas	4	14

Dito Secundário

Sexo masculino. colégios	5	
Sexo feminino. colégios	5	10

Foi este o movimento de todas as aulas. públicas e particulares. desde 1857 até 1879:

	Primário		Secundário
Anos	masc.	fem	
1857	1849	347	213
1858	1870	387	176
1859	2115	433	200
1860	2185	432	171
1861	2184	457	194
1862	2443	545	150
1863	2451	636	145
1864	2214	705	160
1865	2498	730	218
1866	2662	870	167
1867	3029	983	239
1868	3241	995	275
1869	3339	1038	230
1870	3739	1349	585

"Foi absolutamente impossivel separar os alunos das aulas públicas das particulares. já por falta de esclarecimentos. e já por notável incúria de alguns inspetores. que parece bem pouco cuidaram deste importante ramo do serviço público."

E ainda esclarece César Marques:

"O primeiro colégio regular que possuiu esta Provincia foi sem dúvida alguma o de Nossa Senhora dos Remédios. fundado em 1840 pelo Bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra. Domingos Feliciano Marques Perdigão. que faleceu em 1870"

E. arrematando. depois de referir-se ao "relatório" do famoso médico e político Silva Maia à Assembléia. quando 1º Vice-Presidente em exercício onde diz "não carecer a instrução pública de simples melhoramento. mas de grandes reformas". escreve lamentando "que quase sempre entre nós tem sido a Instrução Pública. especialmente a primária. uma arma política e muito poderosa para ferir adversários. e sentar na cadeira do magistério. com raras exceções. homens sem os conhecimentos necessários. e às vezes

até sem a precisa moralidade, e o escândalo tem chegado a tal ponto, que verdadeiros analfabetos, e entes pouco acima de idiotas, têm sido incumbidos do importante cargo de educar e instruir a mocidade, e no interior da Província para onde deviam ir homens versados em muitas materias escolares!"

Prolixo seríamos, se quiséssemos ainda interpretar a radiografia histórica e social da instrução pública maranhense durante o período de aprendizagem para a sua formação intelectual: seria ainda querer esclarecer o claro inclarificável!

Assim, de Maria Firmina dos Reis, podemos dizer, alto e bom som, o que de Sotero dos Reis escreveu Henriques Leal: "Como João Lisboa foi mestre de si mesmo, estudou e acrescentou-se em saber, guiado unicamente por sua clara e robusta inteligência: nunca frequentou cursos superiores, nunca bebeu em mananciais de ciência que lhe ministrassem outros, nem sequer saiu alguma vez de sua cidade natal.

Aprendendo nesse limitado recanto os rudimentos de humanidades nas poucas e mal regidas aulas que o zelo suspicaz da metrópole concedia com muito custo e parcimônia às capitais das capitanias de suas conquistas do ultramar, se adestrou ele para dar-nos tão brilhantes documentos de seu engenho"

Sim, ressaltemos, com a agravante contra Maria Firmina dos Reis: a condição social da mulher maranhense, resumida nessa fórmula de filosofia educacional - "o melhor livro é a almofada e o bastidor"...

Nesta agravante, porém, que é o seu baixo nível de instrução, está o seu alto merecimento, pelo pouco que teria feito ou pelo muito que poderia ter feito.

- E já ouvimos...
- Que extraordinária individualidade a desta mulher!
- Fora de série! - exclama outro, um jovem!
- E um velho, proverbioso como todos, sentencia com o anexim, que lhe aplicamos e na velhice ela deveria ter repetido para outros, para Celso de Magalhães, por exemplo, quando se demorou em Guimarães: "Espinho que tem de furar de novo traz a ponta"!...

A ESCOLA MISTA - ... E aos 55 anos de idade, um ano antes de aposentar-se com 34 anos do magistério público oficial, funda a poucos quilômetros da vila vimaranense, em Maçaricó, uma aula mista! E gratuita para os pobres, que eram quase todos!

Repetia assim sua façanha de 20 (vinte) anos, quando, rompendo o círculo angustiante dos preconceitos sociais que cerceava a mulher da vida literária, mas, agora, subvertendo a ordem educacional vigente, ao quebrar o cânone moral oficializado, que segregava os sexos em aulas separadas.

- "Alegria de pobre, diz o povo, dura pouco!... Dois anos e meio!...

Se ela suspendeu sua aula, como informa Sacramento Blake, não foi, segundo a nossa pesquisa, definitivamente, pois a encontramos, pelo menos no meado da década de 1890, ensinando ainda a criançada do distrito de Maçaricó.

E temos prova disto. E mas do que prova: uma aula sua - de Maçaricó!

- D. Eurídice Barbosa Cardoso, (91 anos), genitora de Lauro Barbosa Cardoso, um dos nossos companheiros desta jornada cívica, uma remanescente da AULA MISTA, ou ESCOLA NOVA.

- Em Maçaricó, declarou-nos Sr. Leude Guimarães (92 anos), ensinava as filhas do velho fazendeiro Domingo Mondego: Anica e Amália (esta casou-se com o avô materno do Dr. Celso Coutinho e aquela com o fazendeiro Sr. José Franco de Sá) e as filhas de João Damas de Azevêdo: Loló, Santa e Dona (esta era afilhada e aluna de Maria Firmina). "E sem que lhe perguntassem, concluiu: "havia outras meninas e meninos, mas não me lembro dos nomes, e as aulas eram num barracão do velho Mondego que tinha engenho no "Entre-Rio", pequeno povoado junto de Maçaricó)".

- "Eu me lembro", disse D. Nhazinha Goulart (84 anos)," que a gente ia com Maria Firmina num carro de boi e Pranchada era o pajem. As aulas eram dadas num barracão".

Perguntando-lhe se era mista e gratuita a aula, respondeu-me:

- Era todo mundo junto: meninos e meninas. Quem tinha posses pagava e quem não tinha não pagava.

Enfim, D. Eurídice Barbosa Cardoso nos informa sobre a sua primeira mestra: "Mestra Maria Firmina era enérgica, falava baixo, não aplicava castigos corporais, não ralhava: aconselhava. Estudei com ela por volta de 1891, mais ou menos. Éramos meninas e meninos, na mesma sala, estudando juntos. A aula funcionava pela manhã. E era em Maçaricó.

A MÚSICA E COMPOSITORA - Quem primeiro nos revelou esta faceta de Maria Firmina dos Reis foi a Sra. Maria da Graça Miguez Dias, quando lhe indagava se sabia algo de nossa notável conterrânea.

Aliás, diga-se de passagem, como verão adiante, foi uma revelação duplamente surpreendente!...

- E o senhor conhece a música que ela pôs na poesia que Gonçalves Dias escreveu por ocasião do seu naufrágio?

- ??????!!!!!!

- Os "Versos da Garrafa"!

- ??????!!!!!!

- É o que dizem os antigos!...

Ele colocou-a numa garrafa que veio dar a uma praia de Guimarães! Minha avó Honorata, que morreu, faz três anos, com 90 (noventa) de

Agradecimentos

idade, cantava a poesia dizendo que a letra era de Gonçalves Dias e a música de Maria Firmina dos Reis. Minha mãe Lilica sabe.

Dias depois, D. Lilica (Júlia Moreira Miguez), 68 (sessenta e oito) anos nos cantava a composição que aprendera de sua mãe, e, por sua vez, já transmitira aos seus netos...

Quem me pode escutar nas alturas
Um segredo que minha alma contém;
Quem me pode escutar este pranto
Que nas águas se embebe também.

Lá nas sombras dos verdes coqueiros,
Dormirei sobre a praia ao luar:
Pescadores que velam alta noite
Me acharão engeitado no mar.

Amanhã, na deserta enseada
Onde as águas revoltadas vêm;
Entre espumas e búzios da praia,
Acharão os meus restos também.

Não terei no sepulcro uma lousa,
Onde possam meu nome escrever;
Onde as arv'res não brotam mais flores
Nem o cipreste não pode nascer.

- Essa música é conhecida em Guimarães, exclamaria mais tarde D. Alice Nogueira, 50 (cincoenta) anos, cantorolando-a. Tenho esta poesia copiada de um caderno da velha Isabel Teixeira, que contava, quando morreu, alguns anos, com cerca de 70 (setenta) anos. Mas noto uma diferença...

Voltando de Guimarães, trouxe-nos então a cópia que possuia e que publicamos na "discoteca" firminiana, por ser maior e a ação da tradição oral na letra menos profunda do que a que registamos nesta nota.

No entanto, observamos, ser a última estrofe da versão de D. Alice Nogueira, apenas declamada, e que a música de ambas as versões é a mesma.

o o o

Depois que D. Júlia Miguez nos cantou a composição que a tradição popular vimaranense "jura de pés juntos" ser da autoria de Gonçalves Dias e Maria Firmina dos Reis, procurei o Sr. Leude Guimarães para colher algo a respeito.

- D. Maria Firmina, perguntei-lhe, era compositora?

- Era.

- Sabe alguma composição sua?

E depois de espremer, demoradamente, a memória e o tempo, exclamou:

- O Hino à Liberdade dos Escravos!

E com a voz rouca foi-nos cantando, quase no mesmo tom, as duas estrofes, que conseguiu ainda se lembrar.

- De quem é a música?

- Ela é autora da letra e da música.

Este hino, continuou, ela compôs, por ocasião do "13 de Maio". Cantávamos na escola e nas festividades da libertação dos escravos.

Assim, havíamos descoberto a primeira compositora erudita do Maranhão!

No entanto, sobre o que queríamos, nada pôde informar: quando conseguíamos transpor ajudado por sua esposa as barreiras da surdez ou da difícil visão lá estava o esquecimento a conspirar contra a pesquisa...

Mas, quando perguntamos, dias depois, à D. Nhazinha Goulart, se conhecia a música que começava a ouvir, cantada por D. Alice, Nogueira, respondeu-nos:

- Essa música é de Maria Firmina!

E, como cobrisse o rosto com uma revista que trazia na mão, e silenciasse, fiquei com medo!...

E, como não nos respondesse se estava "sentindo alguma coisa", espiei aflito por cima da revista...

E qual não foi a minha surpresa ao descobrir umas lágrimas discretas brotando dos seus olhos!

- A música mexeu com a senhora?

- Com a minha infância. Quando ia dormir cantava sempre essa música a seu pedido, embalando-me na rede!...

- E os versos são dela?

- Não são os "Versos da Garrafa"?

- De quem são?

- Os antigos diziam que eram de Gonçalves Dias.

Não sei como Alice sabe disto!... Ela é nova!

Dissemos-lhe, no entanto, que não era somente ela que tinha conhecimento. E contamos-lhe o que sabia.

Como da garrafa mágica de "Mil e uma Noites", assim da "garrafa de versos de Gonçalves Dias" saíram-nos inesperadamente fragmentos de sons - letra e música - do talento da também ignorada primeira compositora maranhense!

E não é tudo!

Graças ao "gênio da garrafa" do folquelore vimaranense temos ainda

Agradecimentos

mais antigo documento de "Bumba, meu boi" do MA

um inédito material e valioso para quando se escrever um profundo estudo sobre certo aspecto a mais marcante brincadeira popular maranhense: os fragmentos do mais antigo documento de "Bumba, meu Boi!" de nossa terra!

De vez em quando, surpreendeu-nos D. Nhazinha Goulart com uma revelação que pude constatar depois, lembro-me de uma música de Maria Firmina, mas me esqueço!... Sabe... Memória de velho é por momento!...

Parece-me estar vendo Diliquinha cantarolando uma música à medida que ia escrevendo os versos, ou, ora lendo alto, ora baixo, ora depressa, ora devagar uma poesia (e a gente até dizia "tolice" nesses momentos... o senhor sabe como é criança) e, dias depois, a gente ouvia a madrinha está cantando os versos!

Principalmente quando era tempo de festas natalinas!

- E ela fazia pastoral?

- Fazia!

E também formava parceria com outros ou compondo a música ou os versos!

- E D. Nhazinha, lembra-se de algum pastor?

- O "Estrela do Oriente"! Este era de Maria Firmina e tomei parte.

E a senhora se lembra de alguns trechos?

- Eu me lembro!

E nos foi cantando (e explicando) com visível emoção algumas passagens que se confundiam com seu tempo de menina e moça... e que registamos neste livro

- Sabe algum Reis?

- Só do título de um: "Martírio dos Inocentes".

- De quem era?

- De Maria Firmina.

- Sabe o nome de alguma pessoa com quem foi parceira em pastor?

- Osório Anchieta!

Não só uma ou duas vezes, continuou D. Nhazinha Goulart, e nem só também em pastoral, mas não me lembro de nenhuma composição deles.

Ora a música de um, ora de outro; ora a letra de um, ora de outro

Quem não sabe, diz o povo, é como quem não vê.

Mas, sabendo-se quem foi Osório Anchieta, vê-se logo o merecimento de que gozava também Maria Firmina dos Reis como música.

O respeitado latinista, que marcou a sua passagem pelo magistério maranhense, ora iluminando a mocidade com seu saber, ora, compondo banca examinadora de candidatos à cátedra de português do Liceu Maranhense (colégio oficial do Estado) o humanista vimaranense era também músico (organista) e compositor.

Mas, se em São Luís, parece, o mestre não dava vez ao poeta e ao artista, em sua terra berço, estes se libertavam.

O Sr. Leudes Guimarães nada pôde informar-me a respeito, mas o Prof. Celso Anchieta, bisneto do ilustre guimarantino, a quem pedimos esclarecimentos sobre o assunto, disse-nos ser sabedor de parceria deles em pastoral. Assim, pelo menos, em parte a revelação de nossa informante foi ratificada.

- E de quem é "O Pensador"?

- E de Osório Anchieta ou de Maria Firmina ou de ambos?

- É do Prof. Osório Anchieta, respondeu-me o Sr. Leude Guimarães.

E dir-nos-ia depois D. Nhazinha Goulart: "É do Prof. Osório Anchieta a letra e a música dessa composição bonita e triste".

A nossa dúvida, no entanto, era somente sobre a autoria da música, porque quando à letra, tínhamos certeza de que era de sua lavra: havíamos encontrado a poesia no "Diário do Maranhão" (5-11-1891) com a assinatura M.A. (criptônimo tirado do seu próprio nome - Osório Jorge de Menlo Anchieta) cerca de 10 (dez) dias depois do naufrágio do barco "O Pensador", relacionada entre as suas produções, embora com data errada, no "Jornal de Pinheiro". (Edição Comemorativa do Bi-Centenário de Guimarães, 1858).

AUTOS NATALINOS - Quanto a composição de autos natalinos é temerário afirmar-se ser da autoria de fulano ou sicrano todo o material literário ou musical.

A Experiência avisa aos navegantes... adverte os marinheiros de primeira viagem o máximo cuidado, por ser praxe no passado (e em nossos dias) os autores enxertarem seus autos com trechos de versos ou de músicas (ou de ambos) de outros autores, quando não fazerem adaptação ou "arranjos".

Maria Firmina também não fugiu à regra.

Nos próprios fragmentos que publicamos neste livro, encontramos, por exemplo, uma passagem (de "montes e vales, à "minha Marica") da ópera "O Guarani"

D. Lilica (68 anos) cantou já mocinha (1922), no pastor do Prof. Osório Anchieta, uma composição musical que D. Nhazinha Goulart (84 anos) cantara quando criança, dizendo-nos que era de Maria Firmina. É a valsa de abertura da Pastoral. Está também neste livro. Lamentavelmente, não se lembra D. Nhazinha da letra, para confrontarmos com a que gravamos cantada por D. Lilica.

Esta senhora revelou-nos saber ainda uma pastoral que Djalma Fortuna fizera, quando esteve em Guimarães

-Mas só os versos são dele, esclareceu-nos, pois as músicas eram dadas pelas moças que participavam da brincadeira. Eram ou músicas da moda ou antigas.

No nosso livro "Esperando a Missa do Galo" - causa do nosso descobrimento de Maria F. dos-Reis - há uma poesia de Gonçalves Dias (Hino dos

Agradecimentos

Reis Magos") sobre a qual Celso de Magalhães se refere em "Divertimentos Tradicionais na Bahia e no Maranhão", dizendo que "se estavam popularizando no Maranhão" (Câmara Cascudo: Antologia do Folclore Brasileiro).

A respeito desta poesia, Henriques Leal, em "Poesias Póstumas de Antônio Gonçalves Dias", esclarece o seguinte, que vem mais uma vez confirmar o que dissemos sobre a autoria de muitas (para não dizer quase todas) composições natalinas:

"Achavamo-nos, em 1850, reunidos, algumas senhoras e cavalheiros maranhenses em uma casa hospitaleira, perto de Petrópolis, na província do Rio de Janeiro. Havia um que sabia a música e a toada melancólica ainda que um tanto monótona, com que em nossa Província folgamos em descantos na noite de 5 de Janeiro; mas faltando as letras, apelaram as damas para o poeta, que sem se fazer rogado, e a lápis compôs a canção que ora publico". (1868).

Embora nossa pesquisa seja uma coleta histórica, e apenas, o natural espírito crítico humano, às vezes, "apresenta-se onde não é chamado"!...

Se a documentaçao escrita nos leva não poucas vezes a cometer erros, por mais atenção que se tenha, quanto mais a documentação oral, onde os equívocos são frequentes!...

No entanto, até prova em contrário, com exceção da "poesia da garrafa", e, tenhamos as maiores reservas quanto às natalinas aqui divulgadas pelos motivos apresentados, consideramos todas as composições (letra e música) como suas.

Mais importante, a nosso ver, no momento, do que ser de sua autoria esta ou aquela composição é a inegável evidência do seu talento musical. Caso contrário, seu nome não apareceria com tanta insistência na tradição popular.

PARENTES - Francisco Sotero dos Reis e Maria Firmina dos Reis são parentes pelo sangue e pelo sobrenome, mas nem todos são Reis de Maria Firmina!...

Filinto Reis, disse-me D. Argentina, que foi Prefeito de Guimarães, era meu primo e primo de Maria Firmina. Não sei bem o grau de nosso parentesco, mas não é distante. E arrematou: "o pai de Sotero chamava-se Baltazar José dos Reis, que era também primo de Filinto, primo do meu pai.

Quizemos por à prova a memória de D. Argentina Reis, 72 (setenta e dois) anos e a veracidade do detalhe da informação familiar.

Saímos de Guimarães para o "Pantheon Maranhense"... E quem nós reencontramos? Ora quem!... "Seu Baltazar José dos Reis! Fazendeiro em Guimarães! Seu nome inteiro! Tal como nos havia dito D. Argentina Reis!...

-Lembro-me, disse-me Sr. Leude Guimarães, ter ouvido Maria Firmina falar, várias vezes, que era parenta de Sotero dos Reis. Não foram diferen-

tes as palavras de D. Nhazinha Goulart.

FAMILIARES - Quando me entendi, disse-nos o Sr. Leude Guimarães, conheci Maria Firmina, aposentada; sua irmã Amália, costurando; e a velha Henriqueta, sua tia materna, fazendo renda.

A velha Henriqueta, que eu ainda conheci e morreu centenária, acrescentou D. Nhazinha Goulart, residia em São Luís. Tinha recursos e alguns escravos. Ou construiu ou comprou uma casa em Guimarães, onde vinham sempre, no fim do ano, passar temporada, e onde terminu residindo definitivamente.

Ela era a minha bisavó materna. Sua filha, minha vó Balduína, teve duas filhas: Ambrosina e Maria Amália, minha mãe.

- E onde era a casa?

-É a que pertence ao Sr. Paulo Nogueira. Recebi-a de herança, mas como não vivesse mais em Guimarães, vendi-a.

- E Maria Firmina, onde morava?

- Na mesma casa, pois éramos uma só família.

Nessa casa, onde viveu a maior parte de sua existência, concluiu D. Nhaziha Goulart, lecionava seus alunos.

As revelações de D. Nhazinha Goulart apenas confirmaram minuciosamente o que informara Sr. Leude Guimarães.

FAMÍLIA DE MÚSICOS - se ao seu parente Francisco Sotero dos Reis poderiam evocá-lo assim:

"Títere, tu pátulae récubans sub tégmine fagi
Siluéstren ténue musan meditáris auena
(Virgílio: Égloga I)

Não sei.

Que, porém, tinha Maria Firmina muitos parentes músicos, não há dúvida, e em várias gerações.

O Sr. Leude não nos pôde adiantar mais do que isto, quando lhe indaguei o que sabia sobre a vocação musical do "Clã" Ilustre dos Reis, mas D. Nhazinha Goulart lembrou-se de dois nomes e Dr. Renato Fonseca, vimaranense, acrescentou-nos mais: Túlio Reis, Manduca Reis e Deca Reis.

RESIDÊNCIA E ESCOLA - Viva também é em Guimarães a memória da casa, pelo menos da penúltima, onde foi seu Lar e o Jardim Espiritual da Infância Vimaranense.

Como ainda, em nossos dias encontramos a residência da mestra e a escola era uma coisa só. Na própria capital "não havia um núcleo, como um "Liceu", onde as aulas funcionassem juntas e com regularidade"

"Cada aula, continua César Marques, era exercida ou em casa do professor com todos os inconvenientes ligados a esse método, ou então em casa paga pelos cofres públicos" (Dic. Hist. Geo. da Prov. do Maranhão - 1870)

Agradecimentos

FOLQUELORISTA - Com exceção de Maria Firmina dos Reis nenhum intelectual maranhense, no século passado, em nossa terra, desceu à plebe para escrever para a plebe. Só no passado?...

O máximo que fizeram foram pagar um tributo místico na convencional linguagem literária, como também o fêz, muitas vezes, compondo letra e música para festas natalinas.

Mas descer até aos escravos - às bestas humanas! - só dela temos notícias! E graças à memória de D. Nhazinha Goulart, publicamos neste livro um fragmento!

E mais admirável se torna para quem, como nós, acostumados à linguagem popular constatar o aproveitamento que fez do próprio material popular para compor seu auto: o que equivale a dizer que ela coletou ou pesquisou o abundante e virgem elemento folquelórico, e desprezado.

O valioso do documento faz-nos pensar seriamente no grande prejuízo a lamentar!...

ROMANCE ORIGINAL OU BRASILIENSE - É comum encontrar-se nos primeiros momentos da novelística brasileira essa adjetivação ou advertência.

Na verdade, é porém, uma atitude mais política - nacionalista - do que literária, como observa a crítica [illegible].

Em Maria Firmina dos Reis a influência do "romance gótico" por exemplo é evidente, pelo menos em "Gupeva" (romance) e em "A Escrava" (conto), aliás, bem conforme ao seu estado de espírito.

A VERDADEIRA MARMOTA.

ANNO II. MARANHÃO 12 DE MAIO DE 1861. NUMERO 14.

He periodico para todos lerem sem reserva, por que trata de—Sciencias—Artes—Commercio—Politica interna e externa—bons e maos costumes—etc. *A assignatura é de 1$000 reis por serie de 8 numeros.*

A AUTHORA DA URSULA.

Raro é ver o bello sexo entregar-se a trabalhos do espirito, e deixando os prazeres faceis do salão propor-se aos afans das lides litterarias.

Quando, porem, esse ente, que forma o encanto da nossa perigrinação na vida, se dedica ás contemplações do espirito, surde uma Roland, uma Stael, uma Sand, uma H. Stowe, que vale cada uma d'ellas mais do que bons escriptores; porque reune á graça do estylo, vivas e animadas imagens, deliciosos quadros, e esse sentimento delicado que só o sexo amavel sabe exprimir.

Se é, pois, cousa peregrina ver na Europa, ou na America do Norte, uma mulher, que, rompendo o circulo de ferro traçado pela educação acanhada que lhe damos, nós os homens, e indo por deante de preconceitos, appresentar-se no mundo, servindo-se, da penna e tomar assento nos logares mais proeminentes do banquete da intelligencia, mais grato e singular é ainda ter de apreciar um talento formoso, e dotado de muita imaginação, despontado no nosso ceu do Brasil, onde a mulher não tem quasi educação litteraria, onde a sociedade dos homens de lettras é quasi nulla.

O apparecimento do romance *Ursula* na litteratura patria foi um acontecimento festejado por todo o jornalismo, e pelos nossos homens de lettras, não como por indulgencia, mas como homenagem rendida a uma obra de merito.

Em verdade que o é esse livro, que se apresentou sem nome de authora, modestamente e ainsem apregoadores.

As suas descripções são tam naturaes e poeticas, que arrebatam; o enredo tão intrincado que prende a attenção e os sentidos do leitor; o dialogo é animado e facil: os characteres estão bem desenhados—como o de Tulio, do commendador, de Tancredo e Ursula.

Sua authora, D. Maria Firmina dôs Reis, professora de portuguez na villa de Guimarães, revela um grande talento litterario, porquanto com poucos e acanhadissimos estudos, ainda menos leitura do que ha de bom e grandioso na litteratura franceza e ingleza, o que fez, devo-o a si, a seu fertil e prodigioso engenho, e a mais ninguem.

A nossa comprovinciana não é só romancista, tambem conversa com as musas.

Offerecemos hoje aos nossos leitores algumas de suas producções, que vem dar todo o brilho e realce á nossa *Marmota*, que ufana-se de poder contar de ora avante com tam destincta collaboradora, que servirá por certo de incentivo ás nossas bellas, que talvez com o exemplo, cobrem animo, e se atrevam a cultivar tanto talento que anda acaso por ahi occulto.

A poesia é dom do ceu, e a ninguem dotou mais largamente a divindade do que ao ente delicado, caprichoso e sentimental—a mulher.

O bello sexo não deve viver segregado de tam sublime arte—os encantos e ornatos do espirito são sua partilha;—tome a senda que lhe abre com tam bons auspicios, rodeada de applausos merecidos, D. Maria Firmina dos Reis, e siga-lhe os brilhantes vôos.

OS GAUDERIOS DE JORNAES.

Antes de entrar na materia apresentamos o pobre entregador cançado e suado de carregar a volumosa pasta (olhem que não é ministerial!), e andar de porta em porta, entregando o jornal; para depois... é o que vamos demonstrar...

.....

Muitos são os gauderios de jornaes, e neste artigo dividiremos estes meus senhores em duas classes: a primeira é d'aquelles que não assignam nenhum, nem compram, ai por vistosa, ou por que nunca os pagaram, e os respectivos editores lhes suspenderam a entrega. Os desta primeira classe invadem as typographias e com a maior sem cerimonia se fartam em ler tudo quanto é jornal, não só os que ahi se publicam, como os que se trocam; entulham as boticas, hoteis, lojas e quantas casas elles sabem que assigna ou recebe cada um daquelle periodico: desta tambem são os que os mandam pedir aos visinhos, para ler uma cousa, que ouviram gabar, para ver as noticias depois da chegada dos vapores, etc. etc.: a esta tambem pertencem os que pedem aos escravos para lerem, antes de os irem entregar a seus senhores.—Vista deste grande numero já veem nossos paes leitores, que o exercito é muito grande e bem podia ser arregimentado, e auxiliar no serviço a guarda

Agradecimentos

NOTULAS

Como sói acontecer, não poucas vezes, em obras desta natureza, acrescentamos agora essas "notas de pé de página", ou como o "em tempo" das cartas...:

1) O "Publicador Maranhense" de 16 de 12 de 1875, registando a doação por Maria Firmina dos Reis de um exemplar de Ursula ao Ateneu Maranhense.

2) As duas poesias de Maria Firmina publicadas no "Parnaso Maranhense" encontram-se publicadas também, no mesmo ano, na "Verdadeira Marmota"

3) Só dez anos depois de Ursula, aparece o segundo romance brasileiro abordando a escravidão negra em nossa pátria: "Vitimas Algozes" de Joaquim Manuel de Macedo, em 1869, conforme Sacramento Blake. Bernardo Guimarães viria ainda depois de autor do autor de "Moreninha".

4) Sacramento Blake regista "A Escrava" como romance, nós registramos como conto. Quer seja, porém, romance ou conto não vamos brigar por isto; não o publicou em livro, assim como romancete "Gupeva" - O PRIMEIRO SUCESSO LITERARIO DE UM AUTOR MARANHENSE NO MARANHÃO - publicado três vezes em quatro anos.

5) "Faz de conta" que a poesia "No Album de uma Poetisa" é uma das páginas perdidas dos restos do seu álbum...

6) Assim também não pertence ao álbum o que sobrou da composição "Lágrimas da Velhice"... Está em papel almaço

7) O álbum nos revela, entre outras coisas, o haver pensado em suicidio para escapar ao meio hostil, a revolucionária e arauto da liberdade.

8) Embora não altere o sentido do texto, registramos o salto no Cap. IV de "Gupeva" no trecho que termina por "Perdoar-me?" e o que começa por "Fala". E o seguinte: "Oh! ele adivinhava já o que restava a dizer a essa infeliz mulher; mas era-lhe necessário ouvir de seus lábios aquilo mesmo, que daria mil vidas para nunca ouvir".

9) Também, no mesmo romance, há um salto no Cap. I. Assim, devemos ler no trecho entre "Jura-me pela honra" e "O comandante estava em terra":....."com acento doloroso, com indefinivel expressão".

10) Em "Gupeva", lemos "sumiú" (2ª edição) e "sismiú" (3ª edição), no Cap. II. O dicionário de Cândido de Figueiredo só regista essas duas formas: simum e cimune e observa: "cimune o mesmo ou melhor que simum".

11) Em "Gupeva" lemos:... "eu podia prender-te: aqui está a suçurrama". Mas Gonçalves Dias em "I Juca Pirama": "E a Muçurana Funeral rompeste?" Será aquela outra maneira ou erro de revisão?

12) Ainda em nossos dias, em Guimarães, a uma mulher inteligente instruida chamam: Maria Firmina.

Quando a gente respondia à pergunta que a outra não sabia, revelou-nos D. Aldira Fonseca, minha mãe dizia: "Olha essa Maria Firmina!" "E também com despeito, àquela que se sobressai ou deseja: "Só quer ser Maria Firmina!"

13) Quando Maria Firmina aniversariava, lembro-me bem, eu era criança, as nossas mestras levavam-nos até à sua residência, onde cantávamos à porta na sua presença, já velhinha, um hino escolar que diziam ser dela. Depois entrávamos e ela numa cadeira recebia os nossos abraços e dava a bênção que lhe pediamos. (Colhida de D. Antônia Pimenta por D. Alice Nogueira)

14) Ao levantar pela manhã, alimentava-se com sopa de leite com beiju curuba (bolo de massa de farelos com pedaços de coco miúdos) e no almoço frango assado (Nhazinha Goulart).

15) Maria Firmina vestia-se com roupas escuras. Usava chale preto colorido, sandálias de marroquim furta-cor. Não usava jóias, embora as tivesse.

16) A Introdução deste livro com a sua posição histórica na cultura maranhense e na literatura brasileira foi por nós publicada em 11 de 10 e 11 de 11 do corrente ano nos jornais de São Luís.

17) A valsa Rosinha nasceu de um pedido que umas senhoritas lhe fizeram homenagear uma jovem, de São Luís, que se chamava Rosinha Almeida, a qual sempre ia passar as férias na cidade de Guimarães (Nhazinha Goulart).

Maria Firmina é, atualmente, o nome mais popular de nossa terra. E a sua popularidade levou além de nossas fronteiras o nome do Maranhão transformando-o em notícias nos maiores jornais de nosso país.

Graças à nossa pesquisa e pregação, a desaparecida Ursula reapareceu e "Cantos à Beira-Mar" desencantou-se do mar dos tempos, (anunciou um jornal da terra, recentemente), com a indicação, conforme nos informaram, de 1871 a data de sua publicação: dentro do período determinado por nossa pesquisa.

Também, pelas comemorações, em Guimarães, pelo seu Sesquicentenário de Nascimento, duas senhoras octogenárias - Cristina Tavares e Maria Talhamangas recompuseram uma música de nossa Primeira Compositora dedicada à praia de Cumã - famosa praia vimaranense em tempos idos... e a qual conseguimos colocar ainda neste livro.

E o mais sensacional: sua sepultura considerada perdida, foi encontrada!!!

Todos estes descobrimentos (e mais com que outros poderão, aqui ou noutros lugares, surpreender-nos), são troféus que acrecentamos à nossa pesquisa!

Agradecimentos

Talão n. ___ vias n. ___

República dos Estados Unidos do Brasil

ESTADO DO MARANHÃO

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL De Guimarães

COMARCA DE Guimarães

O OFICIAL

ÓBITO N.º 339 Petina Furtado Cavalcnac

CERTIFICO que às folhas 111 a 111 v. do livro n.º 4 do Registro de Óbitos, foi lavrado o assentamento de Maria Firmina dos Reis falecido ao 8 11 de novembro de 1917 às 10 horas, em cidade de Guimarães - Ma. de sexo feminino, de côr ---, profissão ---, natural de Maranhão, estado civil solteira c/ 92 anos de idade, domiciliado em cidade de Guimarães - Ma., filho de João Pedro Rateviço e de Leonor Reis

não consta a cor no C.O.

Foi declarante Manfredo Olimpio da Costa, sendo o atestado de óbito firmado Orcenil Coutinho e Daniel de Jesus Cardoso, que de --- como causa da morte ---, o sepultamento foi feito no cemitério público desta cidade de Guimarães - Ma.

Observações: O registro foi feito no dia 11 de novembro de 1.917.

O referido é verdade e dou fé

Guimarães - Ma. 17 de setembro de 1923

Petina Furtado Cavalcnac
OFICIAL

SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL
Praça Dom Pedro II, s/nº
GUIMARÃES — MARANHÃO

Registro Geral de Imóveis e Hipotecas

1ª ZONA

OFICIAL
Antonio Augusto Rodrigues
SUBSTITUTO
Bel. Raimundo Nonato Carvalho Oliveira
São Luis - Maranhão

Cartório de Registro Geral de Imóveis
e Hipoteca da Comarca de São Luis
Capital do Estado do Maranhão

C E R T I F I C O, que revendo o livro de transcrição das transmissões sob o nº3-L, dele às folhas 229, consta a transcrição nº7.495, feita em 25 de maio de 1939, no seguinte teor:- Cada de sobrado inteira nº49 (quarenta e nove), à Rua do Santa Anna, hoje José Augusto Corrêia, nesta Capital; de propriedade de CELINA MARIA MACHADO VASCONCELLOS, proprietária, domiciliada nesta Cidade; adquirido no Espólio dos bens deixados por JOSÉ MARIA DE FREITAS VASCONCELLOS; conforme certidão passada nesta Cidade a 25 de maio de 1939, pelo escrivão João de Matos Pereira, no valor de cinco contos de Réis.- O referido é verdade e aos citados livros e folhas me reporto e dou fé.- Dada e passada a presente Certidão, nesta Cidade de São Luís, Capital do Estado do Maranhão, aos dezesseis dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e setenta e cinco (1.975).- EU, , Oficial do Registro, subscrevi e assino.-

(ANTONIO AUGUSTO RODRIGUES)

1º CARTÓRIO DE REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS E HIPOTECAS
OFICIAL
Antônio Augusto Rodrigues
SUBSTITUTO
Bel. Raimundo Nonato Carvalho Oliveira

Agradecimentos

"É o fim que coroa a obra"

FINIS CORONAT OPUS

(Agradecimentos)

O provérbio - ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO - é uma síntese lírica de filosofia popular que traduz uma verdade tão antiga quanto a vida do homem em grupo.

A palavra - EQUIPE - dos nossos dias é a conclusão lógica e concisa contida na advertência poética dos nossos antepassados longínquos.

Jamais se transformaria numa apoteose as homenagens tributadas à ínclita maranhense que surge inesperadamente no cenário histórico de nossa terra, se não praticássemos a lição das andorinhas...

Formada a Equipe da Boa Vontade, tudo seria possível!...

Assim, dentro de suas possibilidades, cada um foi cumprindo a sua tarefa determinada pelo Supremo Comando - o Idealismo e o Dever Cívico.

depoimento histórico

No entanto, neste depoimento histórico, queremos ressaltar algumas figuras pela importância da missão:

confecção do busto

- CELSO COUTINHO, que, desde os primeiros momentos do nosso descobrimento de Maria Firmina dos Reis, não mediu esforços para o mais retumbante êxito dessa jornada cívica que culminou com o haver ele conseguido do Poder Legislativo, encarnado na pessoa do digno Presidente, Deputado Alexandre Colares Moreira, os recursos financeiros para a confecção do busto de nossa conterrânea ilustre e também o projeto, aprovado por seus companheiros da Assembléia Legislativa, considerando o dia 11 de 10 (onze de outubro) o DIA DA MULHER MARANHENSE.

11.10 - Dia da mulher maranhense

"descobrimento do século" XX

- ANTÔNIO DE OLIVEIRA, que, ao revelar-lhe o "descobrimento do século" para usarmos a expressão do eloquente discurso de um jovem nas solenidades do lançamento do "Carimbo Comemorativo", revelou-nos o "paradeiro" de Úrsula e quem o seu Senhor, além do permanente estímulo moral e intelectual ao nosso estudo e em divulgar a vida e a obra de nossa conterrânea e "arregaçar as mangas" para também pesquisar!...

GUIMARÃES MARTINS - maranhense fora de série - sobre o qual o notável polígrafo maranhense Antônio Lopes, em 1942 (Diário do Norte", São Luís) escreveu essa crônica:

"Viriato Corrêa disse que Guimarães Martins é o "maranhense profissional", pela sua alta dedicação às glórias da nossa terra.

Realmente o Maranhão conheceu, nos últimos tempos, dois grandes de-

fensores dos seus lauréis insignes na história intelectual do País.

O primeiro foi Francisco Guimarães, que levou, numa constante propaganda, a fama da nossa terra ao estrangeiro.

O segundo é Guimarães Martins, a sentinela avançada, hoje, em dia, da campanha encetada pelo primeiro.

Trabalhador incansável, sinceramente possuído de uma fé extraordinária, Guimarães Martins está sempre atento a todos os instantes que se oferecam para lembrar as grandes figuras da Atenas Brasileira.

Tem dedicado a essa tarefa a sua mocidade. E acreditamos que, cem anos que viva, morrerá na trincheira, como seu estandarte panejando em triunfo.

O que mais impressiona ao lado da sua fé e tenacidade é a ausência de qualquer fim de interesse material na ação que dinamicamente vem desenvolvendo. O móvel da sua atividade ardorosa e infatigável é o seu amor à terra berço, de que ele nunca se esquece, esteja no Rio ou nas selvas do Acre.

O que ele tem feito pela memória de Apolônia Pinto e outras notáveis figuras maranhenses como Catulo da Paixão Cearense e Ignácio Raposo é bem conhecido pelos nossos conterrâneos. E, estamos certos, não há maranhense que não faça justiça a esse esfôrço nobilíssimo.

Guimarães Martins é cristão e sabe que é dever cristianíssimo o de amar a Deus. É poeta e adora a beleza. É tão amigo da verdade como Platão. Mas, acima de tudo, - ama o Maranhão, adora o Maranhão, é amigo do Maranhão".

Mencionar o que fez - de 1942 a 1975 - pelo Maranhão Intelectual seria falar muito e não dizer tudo, mas atestará eloquentemente o seu amor à terra berço e às suas glórias a sua presença marcante no êxito das homenagens à mais expressiva figura feminina de nossa terra.

A ele devemos o "Sequestro de Úrsula" para coroar as homenagens de seu ressurgimento. A ele o "Sequestro" de Flory Gama, laureado escultor maranhense, para confeccionar gratuitamente o busto que ornará três praças: do Patheon em (São Luis), Maria Firmina (em Guimarães) e uma no Rio de Janeiro.

HORÁCIO DE ALMEIDA - O distingui-lo com o título de "Presidente Nacional das Comemorações do Sesquicentenário de Nascimento de Maria Firmina dos Reis" demonstra eloquentemente o reconhecimento dos promotores deste movimento literário e cívico.

"Sequestrado" no entanto, pelo guerrilheiro Guimarães Martins, libertou ÚRSULA, mas escravizou o Povo Maranhense pelo seu espírito de renúncia.

MONSENHOR BENEDITO ESTRELA - pelo cumprimento de sua tarefa: divulgar, religiosamente, pelo seu muito ouvido programa da Rádio Educadora a vida e obra de Maria Firmina dos Reis, dando assim vigoroso

impulso à popularidade de seu nome e a evidência de seu valor.

Outros maranhenses, porém, sentiram-se contagiados com a individualidade invulgar de Maria Firmina dos Reis e engajaram-se no Movimento de seu Renascimento.

JOSÉ SARNEY - Cumprindo a missão que lhe deu o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (do qual é membro): entregar ao Sr. Ministro das Comunicações Quandt de Oliveira a mensagem que pedia a emissão de um "Selo Comemorativo" do nascimento de nossa conterrânea. Tarefa que se desincumbiu com êxito. Embora a exiguidade do tempo não permitisse a emissão pedida, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos satisfez o desejo do Sr. Ministro das Comunicações, determinando a criação de um CARIMBO COMEMORATIVO, que solenemente foi lançado em 11 de 10 (onze de dez) no jardim do Museu Histórico, com a presença do Governador do Estado.

PROF. RAMIRO AZEVEDO - "Sabe Deus como!", com sacrifício fez uma "brecha" no seu tempo para "uma vista d'olhos" a nosso pedido, na maior parte dos originais, antes de remetê-los para a composição.

SARAIVA NETO - que, com originalíssima capa deste livro, enriquece com seu cintilante talento de poeta e ilustrador o patrimônio artístico maranhense.

ANTÔNIO DE JESUS GARCÊS - dos mais notáveis pintores da nova geração - criando o desenho da Medalha HONRA AO MÉRITO, instituído pela Prefeitura de São Luís. O desenho apresentado neste livro, embora definitivo, não está com o acabamento. A urgência e o dessejo de documentar a sua criação, não permitiram esperar o requinte do artista.

LOPES BOGÉA - que, não só compôs a biografia musicada de nossa homenageada, mas convocou, a nosso pedido, os também consagrados compositores maranhenses: AGOSTINHO REIS E ANTÔNIO VIEIRA, para que, do mesmo modo, abrilhantassem, mais uma vez o nosso repertório musical.

MAESTRO ZEQUITA - que, "sequestrado" por Lopes Bogéa, pôs a nossa disposição o seu admirável ouvido e conhecimento ao solicitarmos dele que transpusesse para partitura as músicas de Maria Firmina.

CLÓVIS RAMOS - poeta e grande pesquisador, em que encontramos estimulante alegria pelo nosso descobrimento e por Maria Firmina dos Reis. No seu último livro - "Nossas Várzeas Têm Mais Flores" - a ela se refere com justificável entusiasmo.

JOSÉ JANSEN - o grande pesquisador do teatro maranhense, cujo nome escapou, na entrevista que concedemos a "O Imparcial" (1973), quando revelamos o nosso descobrimento,como um dos maranhenses a quem recorremos, para informar-nos algo sobre nossa conterrânea, e cuja resposta nos remeteu no correio seguinte ao que nos trouxe a de Antônio Oliveira, e da mesma fonte: Sacramento Blake.

DOMINGOS VIEIRA FILHO - Pedindo-lhe que nos verificasse se não havia produção no "Almanaque de Lembranças Brasileiras", de César Marques, do ano de 1863, não só a encontrou, como também teve a gentileza de obsequiar-nos com uma cópia.

JORGE NASCIMENTO - brilhante poeta e contista. Revisor nato, reviu-nos com dedicação as provas tipográficas. Mas, por isto, nem as "gralhas" deixaram de "atirar terra nos seus olhos"...

JAMIL JORGE - que, pedindo licença à poesia e ao teatro, "traduziu" pacientemente com uma filha sua os originais do álbum quase diário.

EUCLIDES SIQUEIRA - o famoso documentarista, que me reviu a "tradução", "para ninguém botar defeito"...

NADIR DO NASCIMENTO MORAES - que prestigiou as comemorações, oferecendo um prêmio (Troféu "Maria Firmina dos Reis"), para ser disputado entre quatro equipes de basquetebol feminino - categoria juvenil - em nome do Colégio "Zoé Cerveira", de propriedade e sob a direção da conhecida educadora maranhense, num torneio que tomou o nome da homenageada promovido pela Secretaria de Educação.

REGINA CÉLIS LUNA - interpretando o pensamento do Secretário de Educação esforçou-se para se tornar marcante a presença da Secretária de Educação nas festividades do Sesquicentenário de Nascimento de Maria Firmina dos Reis, através do entusiasmo e eficiência de Deuris Dias Carneiro e José Luis Silva e Carlos Alberto Pinheiro.

O IMPARCIAL, JORNAL PEQUENO E O ESTADO DO MARANHÃO - dando criteriosa cobertura jornalística ao nosso descobrimento e divulgação da obra de Maria Firmina dos Reis.

A AGÊNCIA MERIDIONAL - que, ainda em 1973, deu a primeira divulgação de âmbito nacional de Maria Firmina dos Reis, transformando a nossa entrevista em minucioso e amplo noticiário para todos os jornais da "Cadeia Associada".

PREFEITURA DE IMPERATRIZ - sob a chefia do atuante Interventor Carlos Alberto Barateiro - pelo valioso apoio à glorificação da nossa conterrânea.

JOSÉ RIBAMAR FIQUENE - O Apóstolo da Educação de Tocantins - pela solidariedade antecipada a qualquer movimento de caráter cívico ou literário.

ooo

Esta relação de agradecimento dirigida à "Equipe da Boa Vontade" não estaria completa se não registrássemos a dedicação efetiva destes jovens operários de uma nova era técnica em pleno desenvolvimento que, num esforço diuturno e munidos de eficiente capacidade de especialização, compuseram este livro.

São eles:

EQUIPE TÉCNICA:

Inolan Silva (Montagem e Retoque)

Edvaldo da Silva (Fotolito)

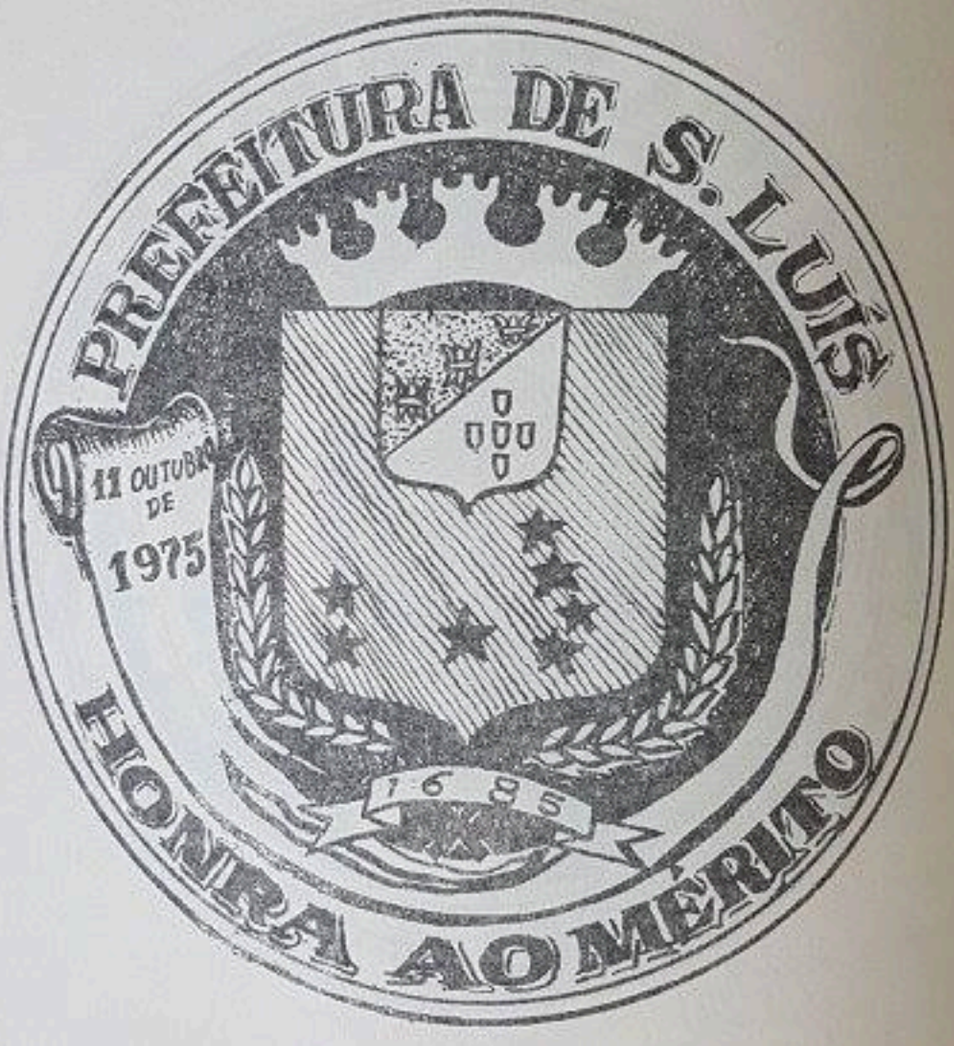
Francisco das Chagas B. Maciel (Impressor de Off-Sett)
Josué Minervino Ferreira (Impressor de Off-Sett)

Francisco de Assis Sousa Cavalcante (Diagramador)
Maria de Lourdes Santana da Silva (Tecladora)
Rozângela Maria dos Santos Barros (Tecladora)
José Carlos Franco da Silva (Teclador)
Maria da Graça Mendes Guilhon (Tecladora)
Conceição de Maria Silva Santos (Tecladora)

E especial homenagem ao mestre desta equipe: o jovem belga JACQUE WAMENNENN

E finalmente o nosso agradecimento extensivo às Senhoras e Senhoritas de Guimarães, quando das comemorações singelas, mas significativas que realizaram naquele Município em homenagem à inesquecível MESTRA RÉGIA dos seus avós: Maria Firmina dos Reis!

MARIA FIRMINA DOS REIS
11-10-1825 • 11-11-1917



Medalha Honra ao Mérito

Algumas apreciações

O que é o que é ? Iº vol. (Enigmas Populares), de Nascimento Morais Filho.

L'auteur de *Vencidos e degenerados*, trouva dans son fils un continuateur lorsque celui-ci publia *Clamor da hora presente* en 1955. Ce recueil de poèmes était un cri de révolte contre l'exploitation dont étaient victimes les pays dominés par les grandes compagnies pétrolières. C'était un appel passionné à la lutte pour un monde meilleur.

L'éloignement de São Luís do Maranhão des grands centres culturels et intellectuels du Brésil explique en partie la notoriété restreinte de cette œuvre.

Depuis lors, hormis la publication de quelques petits recueils de poèmes, la tâche principale de Nascimento Morais Filho a été de recueillir la littérature orale du Maranhão et en particulier la poésie.

O que é o que é ? publié en mars 1971 est le fruit de patients efforts. Nascimento Morais Filho y a consigné et répertorié en 300 pages, près de 1 000 devinettes, historiettes, jeux de mots, avec leurs variantes. Transmises par tradition orale depuis des siècles dans le Maranhão, ces poésies populaires traduisent la sensibilité profonde et la philosophie de toute une province. C'est une contribution essentielle, non seulement à la connaissance du folklore et du langage, mais à l'étude sociologique du mélange des cultures européennes, africaines et indiennes dans le Maranhão. *J.-Y. M.*

O seu conceito de liberdade não é o que nos foi imposto, pelo modelo de um mundo mecano-casual do século dezenove e princípios deste, mergulha profundamente na realidade da vida interior: liberdade é condição necessária ao processo criador do espírito - tudo que caracteriza, pois, a liberdade é a sua poderosa potência criadora.

Bacelar Portela

"Azulejos" é um marco, uma bandeira desfraldada, um troféu de batalha. Você venceu na Província tão hostil - as mãos, os pés, a alma sangrando na grande escalada para a glória do Olimpo. Um poeta autêntico. Líder de uma geração largada ao seu próprio destino.

Celso Bastos

A preocupação do estudioso conterrâneo foi, visivelmente, a de expor nas páginas do livro (O que é, o que é ?)

palpitante e viva, a alma do povo sofrido, mas filosoficamente despreocupado e sempre disposto à galhofa e à ironia sem recalques. Um grande livro nos dois sentidos.

Fernando Viana

O Clamor da Hora Presente ficará marcando a revolução social-cristã e será, não tenho dúvidas, o Clamor da Hora Futura.

Cônego Ribamar Carvalho

Nascimento Morais soube plasmar em estrofes admiráveis (Clamor da Hora Presente), a angústia tremenda em que se debate a pobreza de todos os povos.

Otaciano Rego

Nascimento Morais Filho nasceu poeta, com aquele dom mágico de, no malabarismo estético das palavras, recriar símbolos e transmitir mensagens.

... Todas as visões oníricas da sua meninice, todas as rememorações diluídas no tempo se conjugaram na poesia lírica, com traços de entendimento para grandes e pequenos no seu GRANDE LIVRO AZULEJOS. E' preciso ser poeta para relembrar, homem e chefe de família, as ternuras perdidas com a boneca Valsiba, e as molecagens brejeiras com os peraltas da rua, de viveu e criou-se.

... Vejo "Esfinge do Azul", sobretudo como o "Hinário da Liberdade", disfarçado em simbologia mítica no começo e terminando com a convulsão de um grito trágico ou na expressão dramática de um gesto, que é o "Clamor da Hora Presente".

Erasmo Dias

... O enamorado do nosso patrimônio de adivinhas quis mostrar que hospeda dentro de si um poeta, original poeta aberto às criativas experiências da sensibilidade. O dono de "Esfinge do Azul" não é apenas um sonoro cantor da palavra,

mas é também um caloroso arauto da Liberdade, e com isso um mensageiro capaz de apontar um caminho à juventude de sua ' terra.

João Mohana

... Livro que enfoca, além do complexo eclodir de belezas raras e profundas, um sentido comum às causas de coração-intelecto. "Azulejos" poderia, como pode, significar um tratado psi-' cológico-poético da infância.

Pena vivermos nós alijados das nossas mais caras tradições. ' Não fora assim e "Azulejos" estaria sendo discutido e estudado à luz da exegese e das fórmulas literárias.

O tempo, contudo, dará a "Azulejos", como Nascimento Morais Filho deu à infância o imperecível valor dos que reconhecem e perpetuam além do efêmero e perecível, o peso eterno das bênçãos maternas e do reconhecimento divino.

Nauro Machado

Nascimento Morais Filho, com a publicação de "Esfinge do Azul", se faz adentrar mais e mais na maravilhosa incursão a que se ' propôs realizar.

Na poesia ou na pesquisa folquelórica, lá está ele sem sofismas e mistificações, dono de uma cultura adulta e coerente. Tem a ' certeza do que quer quando escreve.

Fernando Braga

A tua Esfinge, que de tão Azul é poesia pura. O ouro da capa ' ' também exprime o valor do livro ! Riqueza de sonho, de liberdade, o tema central de tudo o que fazes. Ótimo, irmão ! Um livro lindo. Folheei-o e já vi o quanto significa. Da década de 40 à década de 70 és, sempre, à maneira do teu pai, no passado: o ' Chefe.

Clóvis Ramos

... Verifiquei que (O que é, o que é ?) tem muito interesse e o material foi colecionado com carinho especial que vem de pessoas que realmente sentem o espírito autêntico do povo e sabem aproveitá-lo, conservá-lo e publicá-lo para futuras gerações.

Frederick G. Williams

"Esfinge do Azul" não é mais um livro de versos, mas uma mensagem de vida e liberdade feito poema.

Jornal Pequeno

Nascimento Morais Filho é poeta de nascença. Tem arroubos magníficos (Clamor da Hora Presente).

J. (Gazeta de São Paulo)

Achei "Esfinge do Azul" de uma força expressiva contundente.

José Maria Nascimento

Nascimento Morais Filho - o descobridor e glorificador de Maria Firmina dos Reis.

Guimarães Martins

Pertencendo a uma família de intelectuais e educadores, José Nascimento Morais Filho, mantém acesa a chama da tradição de luta do seu pai.

Eyder Paes

Em revistas estrangeiras

Le Thyrse

IV Serie (mensuelle) 1 mai. 1956 nº 5

Revue d'Art et de Litterature

Bruxelles - Belgique

Gaston Henry Aufrère

Nouvelles Études
Luso-Brésiliennes
Travaux de L'Université
de Haute Bretagne J. Y. M. (Jean-Yves Mérian)

NASCIMENTO MORAIS FILHO

endereço:

BECO DO COUTO - nº 56

SÃO LUÍS -MARANHÃO - BRASIL

"CLAMOR DA HORA PRESENTE"

Inspirou-se grande simpatia. Agradeço a oportunidade de entrar em contato com a alma de um poeta realmente generoso, e forte.

Otto Maria Carpeaux
1955

É a primeira vez que nos versos de um poeta brasileiro encontro esta visão áspera e profundamente dolorosa dos trabalhadores exprimida com tal vigor e paixão.
Agrada-me traduzir o poema final do livro.

Gaston-Henry Alfrere
(Bruxelas, 1956)

Apreciei os poemas sociais, tão bem elaborados e de tanta atualidade. Trata-se, a meu ver, de uma poesia forte e substancial, que diz o que quer e como quer, sem dar a sensação de artificial, mesmo nos trechos declamatórios.

Henri de Lanteuil

"PÉ DE CONVERSA"

Escritor maranhense cuja obra merece minha admiração e o meu apreço, como nenhum outro aqui já por mim lido e analisado.

Nunes Pereira
São Luís, 1970

"AZULEJOS"

Nascimento Morais Filho é um artista.

Abdias Lima

Livro excepcional - do qual muito falo e muitíssimo terei de falar ainda. Se fosse publicado em inglês ou francês seria "best-seller".

Angel Herrera
(da Livraria El Alameo do Brasil)

O novo livro de Nascimento Morais Filho é original.

Félix Aires

"O QUE E O QUE É?"

... Fico muito agradecido por haver divulgado a minha opinião sobre a sua capacidade intelectual de pesquisador e de verdadeiro Mestre, senão discípulo de Smith Tompson.

Nunes Pereira

Nascimento Morais Filho cartesiano pela clareza das idéias e método com que as expõe.

Ivan Lins

Li com maior interesse O que é O que é? e acredito-o do maior valor, para estudo do folclore brasileiro.

Rossini Tavares de Lima

O sr. entrou na literatura folclórica de maneira definitiva e honrosa. Não se pode mais falar nem escrever sobre adivinhas no Brasil sem citá-lo.

Veríssimo de Melo

"ESPERANDO A MISSA DO GALO"

de Nascimento Morais Filho revela um contista consumado.

Abdias Lima

Índice das fotos (por intervalos de linhas)

Intervalo de linhas: Conteúdo

1-2: Capa; Pré-textuais

2-3: Apresentação

3-4: Apreciação da crítica da época

4-5: Síntese Bibliográfica

5-11: "Cantos à Beira Mar"

11-12: "Outros Acordes"

12-13: Poemas em prosa

13-16: "Gupeva" (1865?)

16-17: "A Escrava"

18-19: "Enigmas"

19-23: "Álbum"

23-25: Composições Musicais

26: (Documentos e Notas/Figura)

26-27: "Gupeva" (1ª ed. 1861)

27-33: Seguem notas de pesquisa e documentos cartoriais

33-34: Agradecimentos

Índice de imagens

Linhas: Imagens

1 – **fig.1:** Capa; **Fig.2:** Busto de MFR na Praça do Pantheon (11/11/1975); **Fig. 3:** (Ilegível Freire (esposa do Governador Oswaldo Nunes Freire)

4 – **Fig.4:** Nascimento Morais Filho, Nhazinha Goulart, Monsenhor Estrela e Senhora Alice

5 – **Fig.5:** Nascimento Morais Filho e Leude Guimarães/ Autógrafo de MFR; **Fig.6:** Lançamento do Carimbo comemorativo (Museu Histórico e Artístico do Maranhão); **Fig. 7:** Sra. Eurídice Barbosa Cardoso (remanescente da Escola de Maçaricó); Casa em que MFR viveu quase toda sua vida (Guimarães)

23 – **Fig. 8:** Dona Nhazinha Goulart, Nascimento Morais Filho, Maestro Zequita e os compositores (da esq. para a dir.) Agostinho dos Reis, Antônio Vieira e Lopes Vieira

26 – **Fig. 9:** Nascimento Morais Filho (gravando o Hino de Libertação dos Escravos de MFR) entre Celso Coutinho e Leude Guimarães e sua esposa Vespertina Guimarães.

29 – **Fig.10:** Travessa da passagem (ilegível); **Fig.11:** Atual (ílegível

33 – **Fig. 12:** Carimbo Oficial(?)

34 – **Fig. 13:** Medalha Honra ao Mérito

Índice Documentos Cartoriais

Linhas: Doocumento

4 – **Doc.1:** Autógrafo com assinatura de Maria Firmina dos Reis

33 – **Doc.2:** Atestado de óbito de MFR (11/11/1917); **Doc.3:** Registro Geral de Imóveis e Hipoteca

Índice Partituras Musicais

Linhas: Partituras

24 – **Part. 1:** Boi Caramba – MFR (Cop. Zequita; **Part.2:** Valsa – Letra de G. Dias/Música MFR (Cop. Zequita); **Part.3:** Hino à Mocidade - MFR; **Part.4:** Hino à Libertação dos Escravos - MFR; **Part.5:** Rosinha – Valsa de MFR.

25 – **Part. 6:** **Part.7:**Chamada dos Pastores – Pastoral MFR/Valsa - MFR; **Part.8** Canção à Praia do Cumá – Letra e Música MFR (Cop. De O. R. Serra)